

SEBASTIÃO ANTUNES RIBEIRO FILHO

**Tolerância e Intolerância Religiosa:
sua percepção e vivência em espaços e práticas do espiritismo kardecista**

Versão original

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades do DIVERSITAS Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

Orientadora: Prof.^a Dra. Margarida Maria Moura

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

RIBEIRO FILHO, Sebastião Antunes
Rt Tolerância e Intolerância Religiosa: sua percepção e vivência em espaços e práticas do espiritismo kardecista / Sebastião Antunes RIBEIRO FILHO ; orientadora Margarida Maria Moura. - São Paulo, 2018. 219 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Interdisciplinar.

1. CH763.5.5 . 2. CH763.5.5.1 . 3. CB360.9.16.4.3.36. 4. CB360.9.16.4.3.49. 5. CH763 . I. Moura, Margarida Maria, orient. II. Título.

RIBEIRO FILHO, Sebastião Antunes. **Tolerância e Intolerância Religiosa: sua percepção e vivência em espaços e práticas do espiritismo kardecista.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Eu dedico esse trabalho a

Deus, “Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas”, que me permitiu chegar até aqui, antes que a senilidade pudesse se transformar em mais um impeditivo;

Aos meus pais, *in memoriam*, Sebastião Antunes Ribeiro, que me deu o seu nome, um lavrador meeiro do interior de São Paulo que, buscando melhores condições de vida para a sua família veio para a capital, indo trabalhar como vigia noturno em um laboratório farmacêutico e, Margarida Lopes Ribeiro, mãe dedicada ao lar e aos filhos, que acompanhou o esposo. Uma mulher que não teve a possibilidade e permissão de seus pais para frequentar a escola, mas que não poupou esforços para que *todos* os seus estudassem;

Ao amigo Milton Saraiva, que me apontou a rota do “horizonte”, sugerindo um caminho possível para o objetivo que eu estava procurando, nos instantes de minha vida em que todas as “certezas” eram incertas.

À minha esposa Sueli Yukie Kagohara, companheira que em todas as horas esteve ao meu lado, me criticando e assim me corrigindo, me incentivando a persistir, principalmente nos momentos mais difíceis e,

A todos os companheiros “invisíveis” que estiveram comigo nesta viagem.

Agradecimentos

Registro aqui, os meus mais profundos agradecimentos,

Em especial e primeiramente, à Prof.^a Dra. Margarida Maria Moura, livre docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, poeta bissexta, autora de *Ser Tão Sertão – Testemunho de um trabalho de campo*, prefaciado pelo Prof. Antonio Cândido e de *Ser TÃO no Mundo – Testemunho de uma vida de amor* (2018), prefaciado pelo antropólogo e poeta Carlos Brandão. Muito me honra que seja minha professora, orientadora, conselheira, parceira, e principalmente, grande amiga nessa jornada acadêmica, sem o apoio da qual eu não teria chegado aqui. Coordena o GAIA – Grupo de Antropologia e Interdisciplinaridade em Ambientes

À Prof.^a Dra. Lídice Meyer Pinto Ribeiro, Coordenadora de Pós-Graduação Lato Sensu e Extensão, do Centro de Educação, Filosofia e Teologia – CEFT, da Universidade Presbiteriana Mackenzie,

À Prof.^a Dra. Eliane Hojaj Gouveia, do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, líder do Núcleo de Pesquisa Religião e Sociedade e editora responsável da revista eletrônica NURES, Núcleo de Estudos Religião e Sociedade e,

À Prof.^a Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Coordenadora do DIVERSITAS - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos e do Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

Aos demais professores que ministraram as disciplinas de mestrado, Prof.^a Dra. Silvana Nascimento; Prof. Dr. Francione Oliveira Carvalho; Prof. Dr. Marcelo Arno Nerling, Prof.^a Dra. Eucenir Fredini Rocha e ao Prof. Dr. Gilson Schwartz, pelo muito que me transmitiram no muito que eu tenho que aprender.

A Jorge Scarpí, presidente do Centro Espírita Irmão Alfredo, a Alessandra Longhi, presidenta do Centro Espírita Luz da Esperança e, a Márcia Solange Bortoleto, presidenta do Centro Espírita Beneficente Seara de Luz, pela atenção e colaboração dedicada à pesquisa e ao pesquisador, franqueando as portas e os trabalhos espirituais, sempre que solicitados.

Aos entrevistados nesta pesquisa, hoje amigos e novos companheiros das lides espíritas que não pouparam esforços e tempo para colaborar comigo e, principalmente pelo carinho fraternal que me ofertaram.

Aos integrantes do GAIA – Grupo de Antropologia, Interdisciplinaridade em Ambientes, que tanto me incentivaram com suas reflexões, críticas, sugestões e apoio nos momentos de maior inquietação.

Aos companheiros de mestrado com quem convivi nesta empreitada.

E, a tantos outros... Muito obrigado!

“A história da humanidade é, também, a história da sua inabilidade para conviver com o outro, com o diferente. Os preconceitos que geram a intolerância nutrem-se de alimentos abundantes como o desconhecimento, o desrespeito e a indiferença. A intolerância religiosa, por sua vez, está entre as formas mais violentas, pois ferem o homem no seu aspecto moral mais profundo ao rejeitar sua concepção ontológica, gerando reações muitas vezes imprevisíveis. Nestes casos, as religiões podem deixar de ser “caminhos para os céus” para se tornarem verdadeiros “atalhos para o inferno” ao se proporem o monopólio da “verdade” ou da noção de deus.”

Rita Amaral – Antropóloga (1958-2011)

RESUMO

RIBEIRO FILHO, Sebastião Antunes. Tolerância e Intolerância Religiosa: sua percepção e vivência em espaços do espiritismo kardecista. Dissertação

(Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Tolerâncias e intolerâncias acontecem em qualquer âmbito do convívio social, principalmente no religioso. A presente dissertação aborda uma aproximação ao tema, nos ambientes (centros espíritas) de prática religiosa do espiritismo kardecista. Essa tarefa começa por volta de 2013, quando ainda persistiam e já se avolumavam consideravelmente as situações de intolerância religiosa neste tão múltiplo religioso Brasil, e começa a se consolidar a partir de 2015. Busco explicitar o que é o espiritismo kardecista, sua chegada ao Brasil, como se instala, o surgimento dos primeiros locais de cultos, a sua disseminação, a sua criminalização e a sua luta para se legitimar como religião na sociedade brasileira. Isto feito, apresento a noção do que seja tolerância ou intolerância em sentido lato, restringindo-se, entretanto, ao entendimento no âmbito das Ciências Sociais. Noções e conceitos estabelecidos, descrevo o ambiente de prática, ou seja, a instituição espírita, sua filiação ao órgão representativo, seus ritos, orientações e recomendações. Realizando pesquisas prévias em três centros espíritas para a verificação da existência das intolerâncias e, em seguida, entrevistas com colaboradores desses centros espíritas onde, de maneira mais próxima, tento observar se o discurso da tolerância se confirma na prática. O que se verifica ao final, é a existência de ambas: tolerância e intolerância coexistindo nos centros espíritas, não como forças antagônicas, mas como uma particularidade individual dos estados vivenciais, onde o esforço próprio dos colaboradores voluntários parece ser um dos caminhos que podem ser utilizados no sentido de reduzir, ou até mesmo eliminar, as intolerâncias externas e internas. Ao espírita kardecista cabe a responsabilidade e a disposição para demonstrar se isso é possível ou não, neste seu ambiente.

Palavras-Chave: espiritismo kardecista, tolerância, intolerância, religião.

ABSTRACT

RIBEIRO FILHO, Sebastião Antunes. Religious Tolerance and Intolerance: Their perception and experience in spaces of kardecist spiritism. Dissertação

(Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Tolerances and intolerances happen in any social life sphere, especially in the religious one. This article proposes an approach to the subject, regarding the religious practice of Kardecist spiritism. This task begins around 2013, when the situations of religious intolerance in this so religiously diverse Brazil continue to grow considerably and begin to be consolidated in 2015. I will seek to make explicit what Kardecist spiritualism is, how it came and settled in Brazil, the emergence of the first places of worship, its dissemination, its criminalization and its struggle to legitimize itself as a religion within the Brazilian society. This being done, I will present a notion of what tolerance or intolerance is, in broad sense, while restricting the matter to its sense within the scope of the Social Sciences. Once notions and concepts are established, I will describe the practice environment – that is, the spiritism institution –, its membership to the representative body, its rites, guidelines and recommendations. I carried out previous research in three spiritist centers aiming at verifying the existence of intolerances and, then, interviews with collaborators of those spiritist centers, when I tried, more closely, to verify if the tolerance discourse is confirmed in practice. What will be seen at the end is the existence of both: tolerance and intolerance coexisting in the spiritist centers – not as antagonistic forces, but as an individual particularity of experiential states, where the volunteer collaborators' own effort seems to be one of the ways to be used to reduce or even eliminate external and internal intolerance. It is up to the Kardecist spiritist the responsibility and the willing to demonstrate whether this is possible or not in this environment.

Key words: Kardecist spiritism, tolerance, intolerance, religion.

RESUMEN

RIBEIRO FILHO, Sebastião Antunes. **Tolerancia e Intolerancia Religiosa: su percepción y vivencia en espacios del espiritismo kardecista.** Dissertação

(Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Tolerancias e intolerancias se dan en cualquier ámbito de la convivencia social, principalmente en el religioso. La presente tesis aborda una aproximación al tema, en los ambientes (centros espíritas) de práctica religiosa del espiritismo kardecista. Esta tarea comienza hacia 2013, cuando aún persistían y ya aumentaban considerablemente las situaciones de intolerancia religiosa en el sincrético Brasil, y comienza a consolidarse a partir de 2015. Torno de explícito lo que es el espiritismo kardecista, su llegada a Brasil, como se instala, el surgimiento de los primeros lugares de cultos, su diseminación, su criminalización y su lucha para legitimarse como religión en la sociedad brasileña. Luego, presento la noción de tolerancia o intolerancia en sentido amplio, restringiéndose, sin embargo, al entendimiento en el marco de las Ciencias Sociales. Nociones y conceptos establecidos, yo describo el ambiente de práctica, es decir, la institución espírita, su afiliación al órgano representativo, sus ritos, orientaciones y recomendaciones. Llevé a cabo investigaciones previas en tres centros espíritas para la verificación de la existencia de las intolerancias y, enseguida, pasé a entrevistas con colaboradores de dichos centros donde, de manera más cercana, intenté observar si el discurso de la tolerancia se confirma en la práctica. Lo que se encuentra al final, es la existencia de ambas: tolerancia e intolerancia coexistiendo en los centros espíritas, no como fuerzas antagónicas, sino como una particularidad individual de los estados vivenciales, donde el esfuerzo propio de los colaboradores voluntarios parece ser uno de los caminos que pueden utilizarse para reducir, o incluso eliminar, las intolerancias externas e internas. Al espírita kardecista le cabe la responsabilidad y la disposición para demostrar si eso es posible o no, en su ambiente.

Palabras Clave: espiritismo kardecista, tolerancia, intolerancia, religión.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Capa de O Livro dos Espíritos, 1ª Edição, 1857	30
Imagem 2 - Capa de O Livro dos Espíritos, 2ª Edição, 1860	30

Imagem 3 - Sala de Espera e de Preleções do CEIA – Frente	75
Imagem 4 - Sala de Espera e de Preleções do CEIA – Fundos	75
Imagem 5 – Dr. Bezerra de Menezes – Jovem	80
Imagem 6 – Dr. Bezerra de Menezes – foto divulgada pela ANM	80
Imagem 7 – Roteiro para preparação dos ambientes de trabalho	89

Lista de Abreviaturas e Siglas

Algumas siglas e abreviaturas utilizadas nesta dissertação.

ALIANÇA – Aliança Espírita Evangélica

CEIA – Centro Espírita Irmão Alfredo
CELE – Centro Espírita Luz da Esperança
CF 88 – Constituição Federal de 1988
FEB – Federação Espírita Brasileira
FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SAPSE – Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita
SEARA – Centro Espírita Beneficente Seara de Luz
SEARA BENDITA – Seara Bendita Instituição Espírita
USE-SP – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo
VIVÊNCIA – Vivência do Espiritismo Religioso (Livro)
EAE – Escola de Aprendizes do Evangelho
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

Palavras ressignificadas

As palavras abaixo são utilizadas no espiritismo com outros significados.

Casa: casa espírita: nome dado por alguns médiuns ao centro espírita: “o centro que frequento” ou a “casa que frequento”

Centro: centro espírita: o próprio centro espírita

SUMÁRIO

1	Introdução	14
1.1	Um pouco sobre o autor	14

1.2	A intolerância surgindo como objeto	16
1.3	Este trabalho	18
2	O método	21
3	O espiritismo kardecista	26
3.1	Breve histórico	26
3.2	A chegada ao Brasil	32
3.3	A legitimação	35
3.4	O espiritismo proscrito	37
3.5	O código sanitário de 1904	41
3.6	A religião	47
3.7	Disseminação: retrospectiva panorâmica.....	51
3.8	A plurirreligiosidade brasileira	57
4	Tolerância e intolerância	59
4.1	O sistema jurídico brasileiro e a intolerância	67
5	O centro espírita	70
5.1	Um dia no centro espírita	72
6	As práticas espíritas	83
6.1	Os ambientes de prática	86
6.2	Roteiro para a preparação dos ambientes de trabalhos espirituais	87
6.3	O passe de limpeza (ou harmonização)	91
6.4	O passe P2	93
6.5	O autopasse	95
6.6	Encerrando as atividades	95
6.7	Vínculo de atividade	96
6.8	Trecho de “O Livro dos Médiuns”.....	97
6.9	Acerca das fraternidades	99
6.10	Os trabalhos Pasteur	103
7	A pesquisa prévia	104
7.1	O questionário	104
7.2	A elaboração do questionário	104
7.3	Os locais de pesquisa	106
7.4	A análise dos resultados da pesquisa	110
8	As entrevistas – Relatos de casos	118
8.1	Entrevista 1 – Beatriz	120

8.2	Entrevista 2 – Adriano	128
8.3	Entrevista 3 – Maria Serena	131
8.4	Entrevista 4 – José Ribeiro	132
8.5	Entrevista 5 – Aline	140
8.6	Entrevista 6 – Marcos	147
8.7	Entrevista 7 – Nadir	154
8.8	Entrevista 8 – Angélica	162
8.9	Entrevista 9 – Saturnino	169
8.10	Entrevista 10 – Valter	175
8.11	Uma entrevista especial	183
9	Pontos e Contrapontos	188
10	Conclusões	192
	Referências	196
	Glossário	203
	Apêndice A – Os acontecimentos de Hydesville	207
	Apêndice B – O catolicismo hegemônico no Brasil (1500-1891).....	209
	Apêndice C – Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti:	
	Uma biografia resumida	210
	Apêndice D – Edgard Armond: Uma biografia resumida	211
	ANEXO A – Questionário da pesquisa	212
	ANEXO B – Ficha de Assistência Espiritual – CEIA	216
	ANEXO C – Ficha de Entrevista – CEIA	217
	ANEXO D – Lei nº 9608 de 18/02/1988 – Lei do Voluntariado	218
	ANEXO E – Termo de Adesão ao Serviço Voluntário	219

1 Introdução

1.1 Um pouco sobre o autor

Meus pais vieram para São Paulo em outubro de 1956 oriundos da zona rural de Pirajuí, onde nasci na condição de filho caçula em uma prole de dez irmãos, dos quais três eu não cheguei a conhecer. Eram “colonos meeiros” em uma fazenda de café. Contava eu com dois anos e meio de idade. A família humilde, se instala na zona sul de São Paulo e logo todos estão empregados. Meu pai foi trabalhar como vigia noturno interno em um laboratório farmacêutico, onde ficou até falecer no final de 1962, quando eu tinha oito anos de idade e havia passado do segundo para o terceiro ano primário (atual fundamental). Com apenas duas irmãs casadas, a família sente o baque da perda da figura paterna. Um irmão sai de casa e vai morar sozinho, uma irmã vai morar com o namorado, a outra engravida e sai de casa, ficando minha mãe, um irmão e eu morando na mesma casa. Minha mãe, analfabeta e sem qualquer possibilidade de trabalho externo, assume o lar, e com a pensão previdenciária deixada pelo esposo, vende uns móveis e adquire um terreno, para pagar a prazo, em um loteamento na periferia. Com muito esforço, constrói uma casa de três cômodos, onde moraríamos até 1977, quando ela vem a falecer.

Meus estudos foram realizados em escola pública até o antigo ginásio, que hoje corresponderia aos três últimos anos do fundamental. Em 1972, vim a conhecer minha primeira esposa, que tinha o colegial (hoje ensino médio) como grau de instrução. Antes do casamento em 1976, concluí o colegial supletivo (na época era possível fazer esse estudo na metade do tempo) e interrompi, com o casamento, a minha formação acadêmica. Minha esposa era portadora de Diabetes Mellitus tipo 1, uma doença autoimune, que vai “atacando” órgãos do corpo humano com o passar do tempo. Em meados dos anos 90, sua saúde entra em declínio e começam a surgir outros agravantes: fica hipertensa, sua visão começa a sumir, primeiro em um olho e depois no outro, seus rins param de funcionar e, em 11/09/2001, ele faz a sua primeira sessão de hemodiálise. Logo fica totalmente cega e, dependendo de atenção constante, me leva a tomar uma decisão: sair de uma empresa da qual era sócio, deixar de lado todos os meus sonhos e planos de vida e, usando os recursos acumulados ao longo da vida, passei a ser um “cuidador”. Minha vida se resumiria ao “Hoje”.

No primeiro semestre de 2008, após um longo período no hospital, minha esposa veio a falecer. Eu que já não tinha perspectiva de “Futuro” havia ficado sem o “Presente”. Um cuidador que não tinha mais de quem cuidar. Após os trâmites do falecimento comecei a pensar no que iria fazer. Sem o “Hoje”, precisava de um projeto para o “Futuro”, precisava de um horizonte, mas que não fosse utópico¹. Como era espírita, pensei em estudar Teologia.

A ideia de um bacharelado em Teologia começou a tomar vulto. Conversando com um grande amigo ele me perguntou: “Por que você não faz Antropologia antes de fazer Teologia? Você vai ter outra perspectiva religiosa!” Segui a orientação e fui procurar o curso de Antropologia. Encontrei-o dentro das Ciências Sociais. Longe da escola desde 1976, tentei o vestibular para Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica, PUC/SP, e fui o 48º classificado em cinquenta vagas disponíveis. Ia cursar Antropologia! O custo era proibitivo e consumia 50% da minha parca aposentadoria. Em 2009, tentei transferência para a USP, no mesmo curso, mas não tinha horas acadêmicas suficientes. Em 2010, com horas mais que suficientes tentei novamente a transferência para a USP, e dessa vez, participei do processo seletivo e fui aprovado. Deixei de ser “Filho da PUC” para ser “Uspiano”. Em 2011, inicio meus estudos “na melhor Universidade da América Latina”, concluindo o bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais em 2015 e no mesmo ano sou aceito para o Mestrado em Antropologia no DIVERSITAS - Núcleo de Estudo das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, por meio do programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, através do qual, tenho a oportunidade de elaborar essa dissertação. Sou também pesquisador do GAIA – Grupo de Antropologia, Interdisciplinaridade em Ambientes.

Creio ser interessante mencionar duas situações análogas, mas opostas, vividas enquanto cursava o bacharelado. A primeira aconteceu na PUC/SP. Nos dois anos que estive lá (2009 e 2010), em várias situações, nas relações acontecidas entre mim e funcionários da instituição em seus diversos setores e, entre mim e os funcionários terceirizados da instituição, fui confundido com “professor”, talvez pela idade (56 anos) na época, e/ou pela aparência. No começo me incomodou ser

¹ Uma digressão atual para um fato do passado. Fernando Birri (1925-2017), cineasta argentino, numa palestra em uma universidade de Cartagena de Indias (COL), ao lado de Eduardo Galeano, quando lhe coube a pergunta de um aluno: “¿Para qué sirve la utopía? Birri respondió: “La utopía está en el horizonte. Camino dos pasos, ella se aleja dos pasos y el horizonte se corre dos pasos más allá. ¿Entonces para qué sirve la utopía? Para eso, sirve para caminar”. Fonte: <http://vientosur.info/spip.php?article13367> – Acesso em 21/06/2018 – 14h47.

chamado de “professor”, mas depois me cansei de explicar e permiti que a situação transcorresse sem qualquer intervenção. Confesso que, em algumas situações, essa confusão permitiu que os trâmites acadêmicos ocorressem de maneira mais rápida, beneficiando a mim e aos grupos de alunos que eu integrei na faculdade.

Essa confusão também ocorreu na USP, mas de outra maneira e, por duas vezes. Creio que foi na disciplina Antropologia IV, em determinado momento de uma aula, fiz uma pergunta ao professor e, antes de ele responder, perguntou-me se eu era aluno regular. Ao responder para ele que eu era aluno regular, ele respondeu ao que eu havia perguntado. Passadas algumas aulas a situação se repetiu com o mesmo questionamento por parte dele e, em uma terceira vez o fato ocorreu novamente. Decidi não perguntar mais nada e terminei a disciplina sem mais diálogos com o professor. Numa outra oportunidade, também em Antropologia e, dessa vez em uma disciplina sobre parentesco, ao anunciar uma avaliação de meio de semestre, o professor disse, olhando para mim, que os alunos “especiais” – idosos – não precisariam participar da atividade avaliativa. Eu não disse nada a ele e, no dia da prova, lá estava eu, preparadíssimo. Antes de distribuir as provas ele olhou para mim e perguntou: “Eu não disse que alunos especiais não precisam fazer a prova?” Como ele perguntou olhando fixamente para mim, eu respondi: “Disse, só que eu sou aluno regular!” E ele respondeu: “Ah... É? Então tudo bem. Vamos fazer a prova.” Dessa situação não houve desdobramentos. Logo na Antropologia eu fui passar por isso! São fatos superados.

1.2 A intolerância surgindo como objeto

Além de antropólogo, considero-me espírita, pois frequento regularmente essa doutrina desde 1985, onde sou colaborador voluntário com professor, palestrante, expositor e preletor. Cheguei ao espiritismo através do convite de uma parente, num momento de tensão familiar provocada pela doença severa que acometeu minha esposa. O espiritismo kardecista não “curou” ou resolveu o problema no qual me encontrava, porque a situação era de degeneração progressiva e nada – medicina, medicamentos, tratamentos médicos ou alternativos, alopáticos ou homeopáticos, religiosos ou psicológicos – pôde oferecer os resultados buscados. O que obtive foi o entendimento espiritual dos fatos, para aprender a conviver com a situação. O exercício foi observar os acontecimentos por uma perspectiva mais transcendente que a do momento e, sob a óptica espírita kardecista, adequar-me da melhor maneira

possível para vivenciar essa experiência. Se, de um lado, o sofrimento se instalou sem qualquer possibilidade de solução, por outro lado, aprendi que a superação se fazia necessária.

Entre 2011 e 2015, o tema intolerância religiosa surgiu em meus estudos e foi se instalando como um possível objeto de análise – o objeto me escolheu. Percebi que em qualquer âmbito do convívio social é possível encontrar ou surgir situações de tolerâncias e intolerâncias, e o meio religioso é terreno fértil para essas situações. Esse tema sempre me instigou na medida em que a opção religiosa de cada pessoa é inerente à sua compreensão do que seja religião, e a sua prática está diretamente relacionada com o desejo e a intensidade que essa pessoa queira e possa dedicar à essa atividade. Decorre que nem sempre essa opção coincide com as escolhas que determinada parcela da população tenha assumido em comum, fato que origina discriminações, isolamentos e intolerâncias para com aqueles que tenham optado por outro caminho. As dissensões vicejam em quase todas as instituições religiosas, mesmo entre aquelas que professam um mesmo deus ou uma mesma ética, como por exemplo, é a situação do cristianismo. Católicos, evangélicos, protestantes, batistas, presbiterianos, pentecostais e neopentecostais professam a mesma linguagem cristã, mas as rupturas entre essas correntes religiosas não só perduram, como em alguns casos recrudescem. E, no espiritismo também.

No dia 12 de outubro de 1995, um episódio de intolerância religiosa chocou o país. Durante um programa religioso na Rede Record de Televisão, o então bispo Sérgio Von Helde, representante da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, congregação neopentecostal, segundo Ricardo Mariano (MARIANO, 2004),² em sua prédica evangélica sobre a adoração de ídolos, execrou a adoração à imagem de Nossa Senhora Aparecida, ícone representativo da Igreja Católica Apostólica Romana e, segundo essa religião, a Padroeira do Brasil. No calor de sua pregação, o bispo Von Helde chutou a imagem da santa, e as imagens se difundiram massivamente nos meios de comunicação, causando imensa comoção nacional e internacional.³ Mais recentemente, em 2015, no Rio de Janeiro, a menina Kayllane Campos de onze anos de idade, foi apedrejada e ferida quando saía de um culto de Candomblé em companhia de sua avó e de outros participantes. Os agressores, dois rapazes, aos

² Disponível em <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028/11600>. Acesso em 20/06/2018 - 13h30.

³ Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/chute-na-imagem-da-padroeira-do-brasil-choca-pais-e-reprovado-por-religiosos-17738478> – Acesso em 21/6/2018 – 14h48.

gritos de “É o diabo, vai para o inferno, Jesus está voltando”, fugiram de ônibus e não foram identificados.⁴

Ainda em agosto de 2017, Maria da Conceição Cerqueira da Silva, 65, foi agredida a pedradas quando saía de casa para ir ao mercado, na cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro⁵. Foi ferida no rosto e no braço esquerdo. Segundo a filha, Eliane, 42, a mãe é candomblecista,⁶ “ela veio da Bahia, do interior com essa cultura dos ancestrais, da família e seguiu a educação que recebeu lá”. A agressão não foi registrada como intolerância religiosa, mas como crime de lesão corporal e injúria.

Como se percebe, essas rupturas adquirem maiores dimensões quando se observa as relações entre as igrejas cristãs e as religiões de matrizes africanas como o Candomblé ou a Umbanda. O culto aos deuses dos afrodescendentes em solo brasileiro se processa desde o século XVI, com a chegada dos primeiros escravos, ainda que essas religiões tenham sido aceitas como realmente legitimadas a partir do final do século XIX e início do século XX. São religiões de possessão que conquistaram seu espaço através de lutas e resistências, e mesmo assim, até os dias de hoje ainda se tem notícias de situações de intolerância religiosa para com elas. Outra religião de possessão, que em nada se assemelha às religiões de matriz africana, mas que também se instala no Brasil no final do século XIX é o espiritismo kardecista, oriundo da França. Embora com menos intensidade, o espiritismo kardecista também se depara com situações de intolerância e tolerância. E é essa relação de tolerância e intolerância com o espiritismo pouco explícita ou divulgada que atrai a atenção.

1.3 Este trabalho

O que se propõe neste trabalho é verificar a existência de situações de intolerância ou de tolerância religiosa em ambientes de prática religiosa do espiritismo kardecista, ou seja, nos centros espíritas. Rumores de situações de intolerâncias para com o espiritismo kardecista são comuns e talvez seja possível encontrarmos tais

⁴ Fonte: <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/menina-apedrejada-fanatismo-e-intolerancia-religiosa-no-rio-de-janeiro.html> – Acesso em 21/06/2018 – 14h50.

⁵ Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2017-08-20/idosa-agredida-rio.html> - Acesso em 21/06/2018 - 14h50.

⁶ Candomblecista: Que ou aquele que acredita no candomblé e o segue como religião. Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/candomblecista/> - Acesso em 21/06/2015 – 14h52.

situações dentro desse ambiente e de dentro desse ambiente para com as outras religiões. É necessário verificar a existência dessas situações e qual a sua intensidade. Preliminarmente, buscarei explicitar o que é o espiritismo kardecista, como chega ao Brasil, como se instala, o surgimento dos primeiros locais de cultos, a sua disseminação, a sua criminalização e a sua legitimação na sociedade brasileira. Isto feito, buscarei a noção do que seja tolerância ou intolerância em sentido lato, restringindo-se, entretanto, ao sentido que procurou se efetivar no âmbito das Ciências Sociais. Noções e conceitos estabelecidos, descreverei o ambiente de prática – assim entendida a instituição espírita –, sua filiação ao órgão representativo, suas orientações e recomendações. Descreverei as práticas mais usuais, oferecidas à comunidade e a preparação de ambientes e colaboradores antes, durante e após as sessões espíritas.

Sendo um estudioso da Doutrina Espírita e, frequentador de um centro espírita há tanto tempo, temi, no início deste trabalho, a minha capacidade de manter o necessário afastamento para que as análises não pudessem ter qualquer viés, pró ou contra qualquer atitude ou fato que pudesse encontrar. Exigiu bastante esforço “estranhar o natural e naturalizar o estranho” ou, segundo expressão de Roberto da Matta, “tornar o exótico familiar e o familiar exótico”. O centro espírita que eu sempre frequentei e ainda frequento não é filiado a nenhuma federação ou instituição coordenadora de movimentos espíritas e, as suas práticas mediúnicas não seguem o padrão orientado por qualquer entidade corporativa. Esses fatores me inclinaram a buscar as respostas que procurava em outros centros espíritas. E, dentre as instituições mais conhecidas, optei por realizar a pesquisa em centros espíritas filiados à Aliança Espírita Evangélica, uma instituição criada em 1973, por um grupo de espíritas que frequentavam a Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Além das pesquisas em clássicos da Antropologia e da Sociologia, de historiadores e da obra kardecista, busquei atualizar as bases deste trabalho através de obras de autores contemporâneos, notícias midiáticas, realizando leituras e entrevistas nos locais de práticas espíritas. A verificação da existência de intolerâncias e tolerâncias no desenvolvimento das práticas mediúnicas vai se apresentar com alto nível de dificuldade, afinal, quem ou quantas pessoas sentem-se à vontade para se declarar intolerante? Essa premissa foi motivo de preocupação desde o início deste trabalho. Posso dizer que o trabalho desenvolvido foi instigante. A cada instante surgiam situações e fatos que me incentivavam a continuar cada vez mais dedicado

e me impeliam sobremaneira. E, os resultados foram compensadores. Mas isso não pode ser feito sem um método que consigne ao trabalho a sua necessária legitimação.

2 O método

Um dos grandes desafios desta dissertação foi descrever o método que seria observado e que nortearia todo este trabalho. A existência de muitos métodos de pesquisa acaba sendo um complicador a mais na construção do documento. Muitos são os percalços entre o início dos trabalhos até que a formatação final seja alcançada e, se o método de trabalho não estiver o tempo todo pulsando como se fosse um painel luminoso, diante do caminho, os riscos de se perder nos meandros do enredo são inúmeros. Ao pesquisar métodos de trabalho, um atraiu sobremaneira a minha atenção. Foi a descrição do método de trabalho utilizado e formulado por Tereza Pires do Rio Caldeira, em *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo* (2000). Destarte, o valor inquestionável da obra segmentada em quatro partes chamou a atenção pelo cuidado que a autora dedicou à metodologia. Por ser esta uma das orientações que pude apreender para o meu trabalho de pesquisa, utilizei essa obra como paradigma de método para elaborar esta dissertação.

A bibliografia abordou os clássicos das Ciências Sociais com temática religiosa, mas não restrita a eles. Várias foram as perspectivas – filosófica, antropológica, sociológica, política, histórica etc. – que serviram de escopo para o trabalho que aqui se desenvolve. Além dos livros, teses, dissertações, artigos acadêmicos, documentários e filmes integraram o referencial, uma vez que todos foram elaborados de acordo com os procedimentos requeridos e comprovadamente aceitos. Ressalvo, entretanto, o necessário uso de materiais doutrinários indicados pela comunidade espírita kardecista. Sites, blogs, reportagens e outras fontes públicas também fizeram parte da pesquisa.

A combinação de metodologias e tipos de informações com a excelência do método da observação participante foi extremamente importante para a viabilidade do estudo. Em primeiro lugar, porque a observação participante foi facilitada pela possibilidade de trânsito nos locais de prática escolhidos, por serem ambientes já de conhecimento do pesquisador, onde em situações no passado próximo estivera, a convite da instituição, para estudar e pesquisar assuntos religiosos. Devo reiterar que frequento o espiritismo kardecista desde 1985, primeiro como assistido, depois como estudioso e colaborador e, essa observação participante só foi possível após a realização dos cursos promovidos pelos centros da Aliança Evangélica Espírita. Despendi, para isso, cerca de duzentas e cinquenta horas, distribuídas entre o Curso Básico de Espiritismo, a Escola de Aprendizes do Evangelho, o curso de Passes e o

curso de Médiuns, além do curso de Expositores e Preletores e do curso de Entrevistador.

Elaborei um questionário – adicionado em “ANEXO A” - e o apliquei nos três centros espíritas escolhidos. Durante a elaboração do questionário da pesquisa, além do imprescindível direcionamento da orientadora, pude fazer uso dos conhecimentos adquiridos em disciplinas da graduação, onde a elaboração de roteiros de pesquisas e de elaboração de questionários se mostraram bastante úteis. Optei também por incluir algumas questões que permitissem uma análise socioeconômica do entrevistado e a influência dessas condições nas respostas. Essa pesquisa teve como objetivo verificar a existência ou não de situações de intolerância, a princípio, de espíritas para com outras religiões, e se seriam reportados casos de percepção de intolerância religiosa de outras religiões para com os adeptos do espiritismo.

Embora o estudo não seja uma etnografia de uma ou de regiões específicas da cidade, foi necessário observar o espaço que as pessoas frequentavam em três áreas da cidade, mas na mesma região. Os ambientes de prática do espiritismo kardecista foram localizados na Zona Sul de São Paulo que, embora próximos, localizavam-se em regiões de diferentes condições econômicas e de acesso. Ainda que possam ser denominados grupos, fraternidades ou ainda templos (AUBRÉE, 2009, p. 207), os ambientes de práticas espíritas são comumente denominados “centros espíritas”. Para observação dos trabalhos práticos, escolhi o Centro Espírita Irmão Alfredo (CEIA), localizado no bairro do Brooklin, um local de classe média-alta.

Para a realização das pesquisas, além do citado, escolhi mais dois centros espíritas: o Centro Espírita Luz da Esperança (CELE ou Luz), na região central do bairro de Santo Amaro, um local de fácil acesso para qualquer pessoa, pela quantidade de terminais de ônibus nas proximidades do local, e que poderia ser considerado um local de classe média-média; e o outro, Centro Espírita Beneficente Seara de Luz (Seara), no bairro Jardim Monte Azul, considerado um local periférico, de classe média-baixa. Essa pesquisa poderia oferecer resultados diferenciados, em função da região do colhimento das entrevistas e, com a adoção de três locais distintos, os resultados podem estar mais próximos da realidade. A maioria desses espaços são antigas residências adaptadas para atendimento pessoal e individualizado dos frequentadores. As salas e garagens são utilizadas como espaço de recepção e os demais cômodos, como salas de atendimento.

A união ou a soma dos resultados irá oferecer um panorama mais homogêneo à pesquisa, uma vez que os locais apresentaram diferentes condições de pesquisa. Enquanto a periferia – economicamente mais carente e com vida pública viária mais pujante – se mostra mais acolhedora e receptiva ao trabalho do pesquisador, permitindo a observação participante, os bairros mais centrais, notadamente de classe média e classe média alta, possuem um quadro de relações sociais mais restrito, mais interiorizado e privatizado, com pouca atividade pública. Enquanto na periferia, o observador passa a ser mais um, ainda que conceitualmente “de fora”, nos bairros mais centrais, o pesquisador é visto com desconfiança e, realmente um estranho. Em todos os ambientes, o questionário aplicado foi o mesmo, pois a utilização de métodos distintos em áreas populares e em áreas ricas seria “primitivizar as classes trabalhadoras e negligenciar as relações entre classe e espaço público”. (CALDEIRA, 2000, p. 14). Vale lembrar que as pesquisas foram realizadas no interior dos centros espíritas e não na residência dos entrevistados, nos respectivos bairros, como pode ser entendido.

Essa variedade foi importante por três razões que se inter-relacionam: primeiro, por ser um estudo de intolerância religiosa que pode ocorrer tanto no âmbito social quanto no âmbito espacial; segundo, pela possibilidade de haver diferença de entendimento e de comportamento em função das desigualdades econômicas e sociais; e, em terceiro, por que a intolerância pode atravessar as linhas das classes mais diversas. Concentrar em um grupo ou região limitaria a compreensão dos fenômenos das relações entre os grupos e a interação entre as pessoas de diferentes classes nos espaços estruturados da cidade. A investigação em contextos sociais diferentes foi necessária para a apreensão da diversidade de experiências de tolerância e intolerância em ambientes diversos social e ambientalmente.

A combinação de métodos com outros tipos de informações para entender a tolerância e a intolerância religiosa passou pela análise do crescimento da religião espírita no Brasil, onde as informações do IBGE foram a base principal das observações. Mas, os números frios do instituto só permitiram quantificar a população espírita kardecista e o seu crescimento nas últimas décadas. Os indicadores demográficos e socioeconômicos não apresentavam análises de padrões de tolerância ou de intolerância religiosa onde o espiritismo kardecista fosse a agência principal. As notícias sobre situações de tolerância e intolerância veiculadas pela mídia impressa e televisada e pelos meios sociais (*facebook, twiter, blogs* etc.) da

internet são as mais diversas. Lembramos os já citados casos do bispo Sérgio Von Helder em 1995 e da menina Kayllane Campos em 2015. Em um tempo, a Igreja Católica foi a vítima e em outro, uma religião de matriz africana. E isso num interregno de vinte anos. Para verificar se essa intolerância ou tolerância se faz presente no âmbito do espiritismo kardecista, as entrevistas abertas com frequentadores dos centros espíritas foram o principal objeto da pesquisa e, mais ainda, a base dessa dissertação.

Uma importante dissociação de atividades dos frequentadores dos centros espíritas teve que ser observada para a realização das entrevistas. Foi percebida a existência de dois tipos principais de frequentadores de centros espíritas: os chamados “assistidos”, assim compreendidos aqueles que frequentam o centro espírita de maneira esporádica ou que o frequentam costumeiramente, mas apenas para ouvirem preleções evangélicas, ou como usuários dos atendimentos espirituais oferecidos nesses locais, e os “colaboradores”, assim entendidos os frequentadores assíduos dos centros espíritas que ali comparecem uma ou mais vezes por semana, para exercerem atividades de colaboração no atendimento ao público. Os primeiros, embora possam se declarar espíritas kardecistas, podem frequentar outras religiões e não têm um compromisso de adesão ou de comparecimento ao centro espírita. Frequentar o espiritismo kardecista sendo de outra religião, não significa necessariamente conversão, mas pode ser tão somente uma situação de comunicação. É lícito que o fiel – ou neste caso não tão fiel – possa estar presente em outros âmbitos religiosos quando a religião de sua predileção ou tradição não corresponde às suas dúvidas existenciais. Sua presença nesta situação, na concepção de Alejandro Frigerio (2008)⁷, é a de “consumidor”, e é desprovida da intenção de colaborar com os “trabalhos espirituais” que se desenrolam antes, durante ou depois das “sessões espíritas”.

Diferentemente desses “consumidores”, os segundos são aqueles que dedicam uma parte de seu tempo, qualquer que seja este, para participar das atividades do centro espírita, de maneira regular e metódica. São esses colaboradores o objeto de desejo da pesquisa. Em alguns momentos foi possível utilizar as experiências de quando fui colaborador de centros espíritas em locais diferentes e dissociados dos

⁷ Alejandro Frigerio, antropólogo da UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles, autor de “*O paradigma da escolha racional: mercado regulado e pluralismo religioso*” analisa as disputas inter-religiosas pela preferência do fiel, através da oferta de maiores e melhores “serviços”.

locais pesquisados. Embora esse fato possa ser considerado um facilitador na condução da pesquisa, pude constatar, durante as entrevistas, que na realidade é um complicador. O esforço para o necessário afastamento do objeto foi denodado.

A pesquisa através da aplicação de questionário demonstrou a existência, nos três centros, tanto de intolerâncias quanto de tolerâncias. Após a realização da pesquisa, escolhi aleatoriamente um mínimo de três pessoas de cada centro, para uma entrevista individualizada, onde o tema intolerância pudesse ser abordado com mais objetividade e profundidade. Todas as entrevistas foram realizadas sob a condição de anonimato. Nenhuma entrevista foi registrada por meio visual, mas todas foram gravadas. Para a realização das entrevistas resolvi estabelecer um filtro mínimo: abordar colaboradores que “atuassem” como voluntários no centro espírita há, pelo menos, cinco anos. Tive o privilégio de ser recepcionado com muita cordialidade por todas as pessoas com quem interagi. As entrevistas foram realizadas entre junho de 2017 e abril de 2018. Todas foram transcritas e estão arquivadas em meu poder. Ainda, no final das entrevistas, surgiu uma personagem especial: uma colaboradora de Cairbar da Silva Schutel (1868-1938), eminente espírita brasileiro e homem público da cidade (e campo) de Matão-SP. O depoimento de Adalgisa Antunes Rosito, 95 anos, foi objeto de registro, como uma participação especial. Flores que encontrei ao longo do caminho.

3 O espiritismo kardecista

3.1 Breve histórico

Tentar fixar uma data para as primeiras notícias de aparições de uma força inteligente e exterior com maior ou menor elevação moral ou intelectual, interagindo sobre as relações humanas é uma caminhada árdua e provavelmente utópica. As manifestações de inteligências incorpóreas perdem-se no tempo. Consultas à pitonisa do oráculo de Delfos e o relato de que um “*daemon*” (δαίμων)⁸ socrático, companheiro de longa data do filósofo ateniense, frequentemente se opunha à realização dos menores atos que não fossem para o bem, é uma presença marcante no texto platônico da Apologia de Sócrates⁹. A Bíblia, livro sacro para os fiéis das religiões judaico-cristãs traz, com prodigalidade, relatos de comunicações com anjos e demônios, mas o presente escopo deve prescindir dessa fonte, neste momento. Embora Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), em *A História do Espiritismo* (DOYLE, 2013) afirme que os espíritas oficializaram o dia 31/03/1848 como a data em que o movimento espírita se iniciou devido aos fatos ocorridos com a família Fox em Hydesville - uma pequena cidade dos Estados Unidos –, prefere entender que o espiritismo começa com Swedenborg. (Em “APÊNDICE A” incluí uma sinopse dos acontecimentos de Hydesville).

Emanuel Swedenborg (1688-1772), sueco de Estocolmo, é tido como um polímata: cientista, filósofo, teólogo, inventor, artífice, literato, poliglota, místico e espiritualista. Doyle acrescenta que Swedenborg fora engenheiro de minas e engenheiro militar, autoridade em metalurgia, física e astronomia, zoologista e anatomista, financista e político e, como teólogo, um profundo conhecedor da Bíblia, o que lhe permite afirmar que Swedenborg possui “bons títulos para ser considerado o pai do nosso novo conhecimento dos fenômenos supranormais.” (DOYLE, 2013, p. 33). Tinha ele a capacidade de “ver à distância”, segundo a qual, “parece que a alma deixa o corpo e vai buscar uma informação à distância, voltando com notícias do que se passa alhures.” (DOYLE, 2013, p. 36). Suas visões começaram na infância, mas foram abafadas pelas forças viris que o dominavam. Celebrizou-se com o caso de

⁸ Transliterado para o latim, daímôn (divindade, espírito) deu origem à palavra demônio, “gênio inspirador, bom ou mau, que presidía o caráter e o destino de cada indivíduo” (FERREIRA, 1986, p.534)

⁹ Esse personalidade incorpóreo surge em várias obras filosóficas como Fedro, Simposio e em A República de Platão.

Gothenburg, em 1759, onde o vidente observou e descreveu com exatidão um incêndio que ocorria a 300 milhas¹⁰ do local onde estava. Antes de chegar à Hydesville, Doyle ainda passa pelos “shakers” escoceses e pelo profeta americano Andrew Jackson Davis, citando Allan Kardec apenas no capítulo XXI de sua obra, onde trata do espiritismo francês, alemão e italiano.

Reginaldo Prandi (2012), como muitos outros escritores, aceita também que o episódio embrião do surgimento do espiritismo ocorreu com as irmãs Fox em Hydesville. (PRANDI, 2012, p. 21). Dali, o movimento se desloca para a Europa e, Célia Graça Arribas (2010) assim descreve o seu surgimento: “espectros rondavam a Europa e dessa vez não era o espectro do comunismo. Mesas giravam e barulhos estranhos eram ouvidos por pessoas que se reuniam em sessões de entretenimento justamente para ver o espetáculo.” (ARRIBAS, 2010, p. 27). Era o fenômeno das mesas girantes: “*table volante* ou *table tournante* para os franceses, *table-moving*, para os ingleses ou *tischrücken*, para os alemães.” (WANTUIL, 1969, p. 310).

O “espiritismo”, tanto etimologicamente como doutrina, nasce na França em meados do século XIX como uma filosofia espiritualista. Preconiza: 1) a existência de Deus como inteligência suprema, ser eterno e criador; 2) a crença na imortalidade dos espíritos e os entende como almas dos homens que já viveram na Terra e na possibilidade de sua comunicabilidade com os homens; 3) a teoria das reencarnações sucessivas (a volta do espírito em outros corpos, diferentemente da “ressurreição” dos católicos e da “transmigração” dos hindus) para a evolução do espírito imortal em sua ascensão moral, numa pluralidade de existências; e, 4) a possibilidade de vidas em outros planetas – multiplicidade de mundos habitados.

Seu organizador foi um pedagogo nascido em Lyon, cujos estudos foram concluídos no renomado Instituto Pestalozzi, do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça. Nascido Hippolyte Léon Denizard Rivail, em 1804, filho de advogados e juristas, optou por seguir outra profissão que não a de seus pais. Editou vários livros dedicados ao ensino infantil e indicados para o ensino das mães aos filhos, sendo nisso, partidário¹¹ de Rousseau que orientava “a primeira educação é a que mais importa; e essa primeira educação compete incontestavelmente às

¹⁰ Milha, medida itinerária inglesa e norte-americana equivalente a 1.609 metros. Neste caso, o acontecimento se desenrolava a mais de 480 km.

¹¹ Johann Heinrich Pestalozzi foi um pedagogo suíço e se dedicou à compreensão das ideias de Jean Jacques Rousseau. Rivail, sendo discípulo de Pestalozzi, adere também ao pensamento do filósofo suíço.

mulheres.” (J. J. Rousseau *apud* WANTUIL, 1969, p.20). Dava ainda aulas de química, matemática, física, astronomia, fisiologia, retórica, anatomia comparada e língua francesa. Aos 13 anos, chegou a substituir Pestalozzi nas aulas, quando este se ausentava do instituto. Foi homenageado pela *Académie Royale des Sciences d'Arras*.

Nas cortes europeias, em especial na França oitocentista, pessoas se reuniam em torno de mesas comuns e, apoiando as mãos sobre estas, dirigiam perguntas a esses móveis que, por meio de movimentos e de batidas convencionais (batidas pré-definidas, tipo “sim” uma batida e “não” duas batidas) respondiam às questões realizadas. O único objetivo dessas reuniões era então o divertimento. “Em Paris de 1853, principalmente, a recreação mais palpitante e mais original eram as ‘mesas girantes’, havendo uma preferência quase absoluta pelas mesas feitas de acaju¹²”. (WANTUIL, 1969, p. 31). Essas mesas foram substituídas pela “cesta escrevente” – uma cesta suspensa por um fio à qual era amarrado um lápis que tocava um papel, e que se movia, escrevendo neste papel, ao ser impressionada pelo espírito comunicante. Zêus Wantuil informa que “em 1856, a 30 de abril, em casa do Sr. Roustan, a médium Japhet, utilizando-se da “cesta”, transmitiu a Rivail a primeira revelação positiva da missão que teria de desempenhar...” (WANTUIL, 1969, p. 36). Outras práticas foram desenvolvidas para essas comunicações, como o tabuleiro Ouija¹³. Karl Marx (1818-1883), que se mantinha distante de tais crenças, menciona, ainda que de passagem e em nota de rodapé, estar ciente da ocorrência desses fenômenos.¹⁴

Rivail foi convidado a presenciar esse evento social diferenciado, que à época ocorria em diversos ambientes da sociedade francesa. Rivail não era um crédulo e esteve por várias vezes tentado a se afastar desses acontecimentos porque “não era positivamente um entusiasta das manifestações espíritas.” (WANTUIL, 1969, p. 37). Entretanto, sua verve cientista se impôs e entregou-se ao “árduo trabalho de compilar,

¹² Madeira avermelhada semelhante ao mogno ou “designação comum à várias madeiras parecidas à do mogno verdadeiro” (Ferreira, 1986, p. 20).

¹³ Tábua ou prancheta onde são colocadas letras em ordem alfabética e números de 0 a 9, além das palavras “sim” e “não”, desenvolvida para a comunicação com os espíritos. No Brasil, esse método também é utilizado para essa finalidade, na conhecida “brincadeira do copo”. <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/10/conheca-verdadeira-origem-do-tabuleiro-ouija.html> – Acesso 21/06/2018 – 14h55.

¹⁴ Em *O Capital* (1867), Livro I, Seção I, Capítulo I – A mercadoria, item 4 - O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo, cita: “Após as revoluções de 1848, a Europa entrou num período de reação política. Enquanto nos círculos aristocráticos e burgueses europeus surgiu um entusiasmo pelo espiritismo, por práticas com o ‘tabuleiro Ouija’...” (MARX, 2013, p. 146, rodapé).

separar, comparar, condensar e coordenar as comunicações espíritas recebidas” (WANTUIL, 1969, p. 38), e estabeleceu um método positivista: o método empírico – observar, analisar e inferir. Com o decorrer do tempo recebeu “o concurso de mais de uma dezena de médiuns” sob a assistência dos espíritos superiores, direta ou indiretamente, que contribuíram para que ele desenvolvesse, completasse, e remodelasse “aqui e ali, o seu trabalho”. (WANTUIL, 1969, p. 38). Em uma dessas sessões de trabalho, um espírito que se manifestou, disse a Rivail que, em uma vida anterior, este fora um sacerdote druida entre os celtas, na Gália pré-romana, de nome Allan Kardec. Percebendo que essa pesquisa se distanciava de seu mundo acadêmico e profissional, adotou esse pseudônimo, que viria a ser conhecido – reverenciado pelos espíritas ou odiado pelos opositores do espiritismo – em quase todo o globo. (WANTUIL, 1969, p. 39).

Foi assim que em 18 de abril de 1857, sai do prelo a primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, um livro que continha 501 questões formuladas por Kardec e 501 respostas ditadas pelos espíritos. (WANTUIL, 1969, p. 39). Em muitas respostas Kardec acrescentou, algumas observações de cunho pessoal. No frontispício desse livro, Kardec afirma: Filosofia Espiritualista. Acabava de nascer o espiritismo, ou como Kardec afirmava: a doutrina dos espíritos. O ano de 1857 passou a ser a

Data do aparecimento d’«O Livro dos Espíritos» - sentenciou a *Revue Spirite* de 1869 – a fundação do espiritismo que, até então, só contava com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera compreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção de homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em poucos anos, aquelas ideias conquistaram numerosos aderentes em todas as camadas sociais e em todos os países.¹⁵ (WANTUIL, 1969, p. 39-40). Destaques do original.

Esse livro é reeditado em 1860, revisto e ampliado para 1019 questões, sendo essa a sua última e atual versão. Sequenciando esse livro surgem outros quatro que iriam formar o pentateuco kardecista: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno*, ou *A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865) e, *A Gênese* (1868). Pode-se afirmar que a base dessa filosofia espiritualista está em *O Livro dos Espíritos*, sendo os demais livros, um acervo complementar e explicativo a esta obra primeira.

Capa do 1º Livro dos Espíritos, Edição 1857

¹⁵ A expressão “homens sérios”, utilizada por Wantuil, provavelmente faça referências a pessoas que passaram a ver os fenômenos sob outras perspectivas que não a de divertimento e recreação.

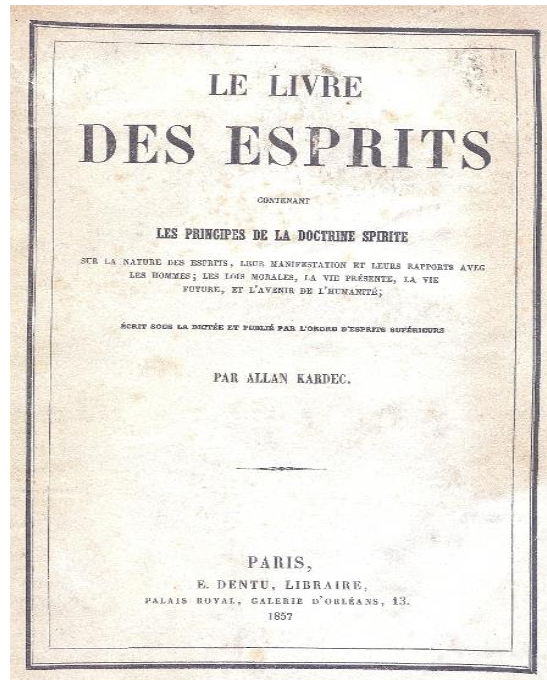


Imagem 1 Fonte: <http://espiritismocomentado.blogspot.com/2007/12/uma-livraria-em-um-palacio.html> -

Acesso em 21/06/2018 - 14h57;

Capa de O Livro dos Espíritos, Edição 1860

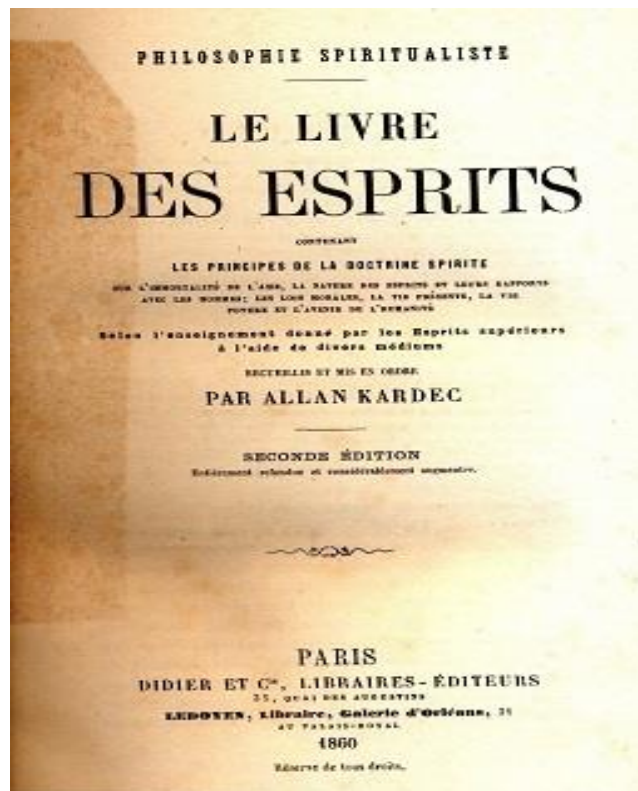


Imagem 2 – Fonte: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=resgate-historico-da-2a-edicao-de-le-livre-des-esprits-1a-impressao-rara-de-1860> – Acesso em 21/06/2018 – 14h59.

Allan Kardec fazia questão de responder pessoalmente a todas as cartas que recebia. A correspondência avolumou-se de tal forma que ele decidiu criar uma revista onde divulgaria as questões e dúvidas surgidas a respeito do espiritismo, economizando tempo, pois muitas destas eram comuns. Assim sendo nasce a Revista Espírita (*Revue Spirite*), publicada mensalmente durante 12 anos, entre 1857 e 1869. Outros opúsculos menores também vieram a lume, como o livreto “*O que é o Espiritismo?*”, e algumas obras foram publicadas após o seu falecimento. Kardec falece (ou desencarna) em 31/03/1869, vitimado pela ruptura de um aneurisma, vindo a se consolidar como o codificador do espiritismo para todos os países latinos que seguem essa doutrina. Daí então, o termo espiritismo kardecista. Um olhar distanciado mostra uma doutrina engajada, orientada e estruturada, ao menos em uma primeira visão, e de maneira panorâmica. As obras citadas estruturam essa doutrina e fixam os seus pressupostos.

Segundo a filosofia espírita, a reencarnação sustenta que cada vida terrena (mas não somente a vida neste planeta) é um estágio transitório onde o espírito aprende e evolui. Neste estágio, o espírito está em um corpo de carne e por isso chamado de “encarnado”. A sucessão de existências é chamada de “reencarnações” de um espírito e como a evolução é tida como uma lei divina, a cada encarnação, o espírito evolui sempre, seja intelectual ou moralmente, embora esta última tenha maior importância que a outra. Ainda que esse postulado reencarnacionista esteja também presente na filosofia hindu¹⁶, dela se distingue pelo evoluir constante: na reencarnação kardecista, o espírito sempre estará mais evoluído moralmente receberá um corpo melhor que a encarnação anterior, enquanto que na hindu, existe a possibilidade de o espírito voltar à vida material animando um outro corpo humano ou animal, qualquer que seja este, o que se conhece como transmigração ou metempsicose¹⁷. A filosofia hindu referente ao *karma* também traz semelhanças com o que no espiritismo kardecista recebe a denominação de Lei de Ação e Reação, ou Lei de Causa e Efeito. Toda causa gera um efeito e todo e todo efeito tem uma causa. De certa forma pode-se entender – ainda que somente como similar – como a terceira lei da Física de

¹⁶ Religião dos povos indianos, “resultante de uma evolução secular do vedismo e do bramismo, que se transformaram pela especulação filosófica e pela integração dos cultos locais. Constitui o hinduísmo ampla manifestação cultural, expressando-se por uma riquíssima literatura no sentido poético-religioso, na qual se cristalizaram numerosos preceitos relativos à vida cotidiana e à organização social, e se desenvolveram, através dos séculos, vários sistemas teológico-filosóficos.” (FERREIRA, 1986, p. 896).

¹⁷ Metempsicose é a doutrina que postula que uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos. (FERREIRA, 1986, p. 1127)

Newton, que prescreve que “a toda ação corresponde uma reação, de mesma intensidade, em sentido contrário”. (KARDEC, 1857, 1861, 1864, 1865 e 1868). Claro que essa exposição sintetizada não reflete todo o histórico do surgimento do espiritismo pois é, como falamos – panorâmica. Um olhar mais aproximado, como o sugerido por Guilherme Magnani (MAGNANI 2002), “de perto e de dentro”, irá por certo desdobrar e ampliar essa perspectiva.

A obra de Doyle é inestimável para se obter outra perspectiva sobre o espiritismo. Embora possa parecer que a figura de Allan Kardec seja secundária em sua obra, e com reduzida influência no mundo anglo-saxão, será através do mestre de Lyon que o espiritismo romperá as fronteiras europeias e se disseminará pelo mundo. Esta difusão lenta é característica do movimento espírita, onde as definições vão ocorrendo paulatinamente. Os termos “espiritismo”, “espírita” ou “espiritista” surgiram com Kardec. Em tese, quando se fala de espiritismo, deveria se entender como o espiritismo codificado pelo lionês, mas como o Brasil é um país de muitos brasis, assim também o espiritismo no Brasil é formado por muitos espiritismos. Além do kardecista encontramos o “chiquista”, referenciado ao médium Francisco Cândido Xavier; o “divaldista” relacionado ao médium baiano Divaldo Pereira Franco; o “ramatista”, que nos remete ao espírito Ramatis; o “mesa branca”, que referencia os centros espíritas que recebem mensagens dos espíritos através de sessões onde uma mesa com uma toalha branca acomoda os médiuns durante as sessões; o “alto espiritismo” e o “baixo espiritismo” e o que se quer que se entenda por isso. Nesse turbilhão, para se falar no ou do espiritismo de Kardec, foi necessário precisar o termo “espiritismo kardecista.”

3.2 A chegada ao Brasil

Salvador, que já foi a capital do Brasil, impressiona Ubiratan Machado – onde “o grande contingente de população negra tinha disseminado em todos, os gostos pelas soluções mágicas” (*apud* AUBRÉE, 2009, p. 139) –, foi onde se instalou o berço do espiritismo, ao ver realizar-se a primeira sessão espírita nos moldes kardecistas, em 17 de setembro de 1865¹⁸, sob orientação de Luís Olímpio Teles de Menezes, ex-militar e jornalista, que funda, a partir desse evento, o – como tal (re) conhecido – primeiro centro espírita do Brasil: o Grupo Familiar do Espiritismo. Teles de Menezes

¹⁸ Marion Aubrée (AUBRÉE-2009, p. 139) menciona esse episódio como sendo em 1895, enquanto Reginaldo Prandi (2012, p. 50) menciona o ano de 1865. Outras fontes concordam com Prandi e eu, da mesma forma.

fundaria também, em 1869, o jornal “O Echo d’Além Tumulo” (O Eco do Além-Túmulo na grafia atual) o primeiro jornal espírita do país. Exemplares enviados à Kardec, foram divulgados na Revue Spirite de outubro de 1869, onde ele felicitava o editor de O Eco do Além-Túmulo, entendendo que aquela era uma “iniciativa corajosa” e acrescenta: “É necessário, com efeito, uma grande coragem, a coragem da opinião, para lançar num país refratário como o Brasil, um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos” (KARDEC, 1869, p. 212). Teles de Menezes desempenhou importante papel nessa fase pioneira do espiritismo em terras brasileiras.

Marion Aubrée afirma que “é provável que numerosos intelectuais da Corte, que deveriam também ter lido *O Livro dos Espíritos* em francês percebiam o que ele continha de subversivo à religião católica, a qual continuava a ser, até então, oficial e hegemônica no império”.¹⁹ (AUBRÉE, 2009, p. 139). Esses intelectuais mantinham suas tendências em segredo, o que levou o deputado liberal Saldanha Marinho, maçom e simpatizante do espiritismo, a afirmar: “Tais homens, falsos católicos, indiferentes, deístas ou ateus, não eram capazes de modificar a situação vigente, o *modus vivendi* em que se arrastavam as relações entre o catolicismo e o Império” (História Geral da Civilização Brasileira, tomo II, vol. [sob a direção de S. Buarque de Holanda], Rio, 1960-1984, p. 323, apud AUBRÉE, 2009, p. 140)²⁰.

Os primeiros espíritas foram atraídos pelo espiritismo pelas explicações e pelos estudos das “manifestações ‘magnéticas’, sonambúlicas e hipnóticas, [...] fortemente marcado pela influência científicista.” (ARRIBAS, 2010, p. 94-95). Nas reuniões se obtinha a explicação dos diferentes eventos dos mais simples como ruídos estranhos, assombrações, aparições, movimentos de objetos até dos processos naturais definidores e determinantes da vida e da morte. Os grupos se formavam segundo os interesses, uns espíritas cientistas, outros espíritas filósofos e outros se interessavam pela sua parte moral, que embora cristã, não inibia o repúdio da Igreja Católica. Segundo Célia Arribas (2010), diversas foram as perspectivas espiritualistas que surgiram com o espiritismo: “kardecistas, místicos, espíritas puros,

¹⁹ Ao final desta dissertação apresento em “APÊNDICE” breve histórico do catolicismo no Brasil e a sua relação com o Estado Brasileiro.

²⁰ O Estado Brasileiro se declarava católico apostólico romano, situação que iria se alterar apenas na Constituição de 1891 e, posteriormente, em todas as demais, assumindo-se como Estado laico.

roustainguistas²¹, científicos, swedenborguistas²² entre outros, eram as subdenominações dos diversos agrupamentos que o esposaram, cada qual enfatizando uma de suas facetas”. (ARRIBAS, 2010, p. 95). Assim, os kardecistas estudavam toda a obra de Kardec; os psiquistas e ocultistas se interessavam pelos fenômenos, os espíritas puros se identificavam com a parte filosófica do espiritismo, sem se interessarem pela parte científica, pelo místico ou religioso, enquanto que os espíritas místicos ou religiosos, mais numerosos se interessavam pelo moral cristã e assim se aproximavam do lado religioso. Eis os vários espiritismos à época.

O grupo dos científicos, formado pelos estudiosos dos demais livros de Allan Kardec, no Brasil,

Estava exclusivamente preocupado com o que chamava de experiência fenomenológica, sua atenção estava voltada para os “fenômenos” espíritas, ou seja, para as aparições dos espíritos e seus efeitos (materialização, sonambulismo, hipnotismo). Desprezavam a filosofia espírita e principalmente o seu aspecto religioso. (ARRIBAS, 2010, p. 96).

Já o grupo dos que se dedicavam a olhar o espiritismo como filosofia, se encontrava no centro das duas definições (ciência e religião) e não tinha força – simbólica – na disputa pela definição do que era o espiritismo, ou do que não era. Célia Arribas afirma que o espiritismo filosófico,

Talvez por ser o mais tolerante, não investiu pesadamente nesse jogo assim como fizeram os científicos e os místicos. Além disso, o campo filosófico era bastante precário no Brasil, não chamando o espiritismo a atenção dos quase inexistentes adversários filósofos, diferentemente dos muitos adversários cientistas e católicos. (ARRIBAS, 2010, p. 96).

A primazia do discurso espírita foi disputada entre os diversos grupos e nesta peleja, os cientistas espíritas e os filósofos - enquanto “partículas num campo de forças” – foram pulverizados pelo espiritismo religioso através da produção de instrumentos pelos agentes especializados. Assim o espiritismo se organizava e se adequava à “... transmissão e inculcação de uma doutrina cada vez mais assumidamente ‘doutrina’, ou seja: cada vez mais ‘inventada’ como religião”. (ARRIBAS, 2010, p. 97).

²¹ Seguidores de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879) espiritualista contemporâneo de Allan Kardec, autor de *Os Quatro Evangelhos – Espiritismo Cristão ou a Revelação da Revelação*, obra que defende a tese da natureza do corpo fluídico de Jesus Cristo. Segundo ele, Jesus teria sido um agêner.

²² Emmanuel Swedenborg (1688-1772) filósofo e teólogo suíço defensor e disseminador de muitas noções místicas paralelas inerentes aos cultos cabalísticos herméticos.

3.3 A legitimação

No final do século XIX, já havia um razoável intercâmbio franco-brasileiro tanto na área dos costumes quanto do conhecimento. “Pessoas e ideias francesas se faziam sentir em suas influências na academia, nas artes e mesmo na política brasileira. (ARRIBAS, 2009, p. 53) Livros franceses eram trazidos para o Brasil e traduzidos para o português. Essa nova doutrina chega ao Rio de Janeiro e os franceses que aqui estavam, participavam dessas reuniões que se organizavam à época.

Ela, [a doutrina] penetrava nos meios franceses do Rio que entraram naturalmente nas experimentações pregadas pela nova “filosofia”, reavivando assim seus laços de identidade com a mãe-pátria. No entanto as reuniões tinham caráter discreto e não criaram o vasto movimento de entusiasmo, único capaz de catalisar uma corrente social em torno da “revelação” kardecista. (AUBRÉE, 2009, p.139). Destaque meu.

Foi nessa cidade que o espiritismo se assume definitivamente como religião – ainda que “se assumir” não signifique ser aceito como tal – e como um movimento organizado, através da fundação da Sociedade de Estudos Espíritas, do Grupo Confúcio em 1873, cujos objetivos eram a tradução dos livros de Allan Kardec, divulgação da doutrina, propagação da medicina homeopática, tendo como lema o princípio de que *fora da caridade não há salvação*²³. Atendeu muitas pessoas que buscavam “... no espiritismo a cura para males do corpo, da alma e da vida cotidiana.” (PRANDI, 2012, p. 51).

Em 1884, surge a Federação Espírita Brasileira (FEB) como instituto agregador dos espíritas, reunidos em diferentes grupos e como referência básica das condutas religiosas dos espíritas. Para Aubrée (2009),

Ela correspondia, de fato, a uma necessidade de unificação de um movimento dinâmico, mas ainda difuso, cujos adeptos representavam já um potencial sócio-político relativamente importante em número. Tratava-se de determinar qual seria, dali para frente, o “verdadeiro” conteúdo da doutrina e acabar de uma vez por todas com as tergiversações sobre o caráter religioso ou científico do kardecismo. Os fundadores da Federação se inclinavam, sem nenhuma dúvida, para o primeiro. (AUBRÉE, 2009, p. 146).

Flávio Pierucci (GAARDER, 2000, p. 314) não considerava o espiritismo kardecista como uma religião cristã, e o cita como minoritário no universo religioso

²³ Lema, ou epígrafe, que o espiritismo adotou e que norteia as suas ações sociais.

brasileiro, embora possua uma expressividade maior dentre outras também não cristãs, como o judaísmo, o budismo, o Islã, Hare Krishna, xintoísmo e outros cultos vindos do Japão e da Coréia: Seicho-No-Iê, Soka Gakkai, Igreja Messiânica, Perfect Liberty etc. Afirma Pierucci:

Fora do campo propriamente cristão, vamos encontrar no Brasil uma infinidade de organizações religiosas, todas, no entanto bastante minoritárias. Entre elas, as mais bem representadas em termos numéricos são as chamadas religiões de transe (ou de possessão): o espiritismo kardecista, que se propaga principalmente entre as camadas médias urbanas e escolarizadas, e o conjunto multifacetado das religiões afro-brasileiras, também denominadas religiões dos orixás. (GAARDER, 2000, p. 314)

De outro lado, Célia Arribas afirma que tendo o espiritismo chegado ao Brasil não como religião, mas como doutrina filosófica e ciência e como essas duas práticas não conseguiram firmá-lo enquanto tais, precisou então ser – adaptando o neologismo usado pela autora – “religiosificado” para a sua legitimação. Em uma arena onde já havia um estado de disputas entre forças religiosas múltiplas, a legitimação do espiritismo como religião foi

A maneira vitoriosa de viabilizá-lo no Brasil como prática coletiva desenvolvida em uma forma, também esta em desenvolvimento, de agrupamento comunitário religioso. Houve, é verdade, outras tentativas de introduzi-lo sustentavelmente, respeitando outros moldes; mas aqueles que assim o tentaram e para isso trabalharam não reuniram as mesmas condições – entre as quais uma suficiente carteira de capitais²⁴ – para o conseguir. (ARRIBAS, 2010, p. 272).

Como as outras formas de legitimação tentadas não prosperaram, segundo a autora, o caminho possível foi a via religiosa e, dessa forma, “venceu a peleja, o espiritismo religioso, representando-se nomeadamente como cristão: ‘espiritismo cristão’. Desde então todo espírita no Brasil se entende como praticante de mais uma religião cristã.” (ARRIBAS, 2010, p. 272) (Destques do original). A religião foi então uma das “afinidades eletivas” – como mencionou Max Weber (WEBER, 2013, p. 83) – utilizadas pelo espiritismo para se firmar no Brasil.

Enquanto Pierucci afirma em Gaarder (2000) que o espiritismo não é uma religião cristã, Arribas (2010) afirma, contrariamente, que o espiritismo além de ser religioso é cristão. Ambos os autores são representantes do pensamento sociológico

²⁴ Célia da Graça Arribas refere-se ao *capital simbólico* mencionado por Pierre Bourdieu em *A economia das trocas simbólicas*. (BOURDIEU 2011).

e talvez seja necessário buscar nas bases sociológicas, as interpretações clássicas para essa definição.

3.4 O espiritismo proscrito

Além do interesse da sociedade brasileira, o espiritismo vai atrair também um número expressivo de opositores. Na época de sua chegada, o solo nacional era um latifúndio religioso único, homogêneo, e a administração das almas estava à cargo da Igreja Católica Apostólica Romana, desde a chegada dos portugueses, no longínquo século XVI. Ainda que no século XIX a constituição imperial vigente desde 1824 permitisse o culto doméstico de outras religiões que não o catolicismo, a Constituição imperialista determinava que “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permittidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de Templo.” (Constituição Imperial de 1824, art. 5º, grafia original).²⁵ Nesse artigo, o culto doméstico, privado, foi permitido no âmbito das residências ou “nas casas para isso destinadas” e “sem forma alguma exterior de templo.”

O trabalho de Teles de Menezes na Bahia, foi constantemente atacado pelo clero brasileiro. Em 1867, o arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, emite uma Carta Pastoral atacando a doutrina que se expandia e, em seu cerne, a obra de Kardec. Chamando-a de doutrina perniciosa e acusando-a de práticas de superstições perigosas e reprovadas. (ARRIBAS, 2010, p. 69). A querela de Dom Manuel com o espiritismo era de ordem dogmática: incomodava-lhe o postulado da reencarnação, a manifestação dos espíritos e a invocação dos mortos. Esta última já praticada pelos negros nas senzalas, se preparava para invadir a “casa grande” e, pela porta da frente. (ARRIBAS, 2010, p. 71). Às cartas da Igreja, Teles de Menezes contrapunha com outras correspondências, rebatendo e explicando o que era o espiritismo. (ARRIBAS, 2010, p. 73).

No Rio de Janeiro, a situação se repete. O Grupo Confúcio como já citado, começou seu trabalho de divulgação do espiritismo e traduziu a obra de Kardec do francês para o português. A Garnier²⁶ publicou, em 1875, *O Livro dos Espíritos*, O

²⁵ Fonte: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf - link para download – Acesso em 21/06/2018 – 15h01

²⁶ Livraria e Editora do Rio de Janeiro que atuou entre meados do século XIX até meados da primeira metade do século XX.

Livro dos Médiuns e O Céu e o Inferno e no ano seguinte *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Propaganda intensificada, o espiritismo começa a se “infiltrar” nos meios políticos e sociais, e a reação da igreja católica não se fez esperar... Através do periódico da igreja, *O Apóstolo*, de propriedade dos padres João Scaligero, Augusto Maravalho, José Alves Martins do Loreto e Leandro Pereira, radicaliza a sua oposição ao movimento espírita. (GOMES, 2013, p. 35). A redação do jornal que circulou entre 1866 e 1901, foi redigida destemidamente pelo cônego José Gonçalves Ferreira. A exemplo da Bahia, *O Apóstolo* também publica duas cartas pastorais, distribuídas pelo Bispo do Rio de Janeiro ao Episcopado Brasileiro em 1881 e 1882 (Idem, idem) onde a hostilidade não foi poupada.

Esses ataques, a exemplo de “O Eco do Além-Túmulo” de Teles de Menezes, leva o fotógrafo Augusto Elias da Silva a criar, em 1883, o periódico espírita *O Reformador* com dois objetivos definidos: “divulgar a doutrina e ir para o embate com a Igreja Católica”. (GOMES, 2013, p. 36). *O Reformador* também se envolveu com a mídia impressa comum quando esta ironizava ou degradava o espiritismo. Um dos embates ocorreu com a *Gazeta de Notícias*. Sendo os recursos de Augusto Elias escassos, *O Reformador* passou a ser administrado e dirigido pela FEB no ano seguinte. Essa luta entre os periódicos *O Apóstolo* e *O Reformador* bem demonstra o esforço do espiritismo em firmar-se numa sociedade onde o catolicismo prevaleceu por quase quatro séculos e o domínio de nascimento, casamento e morte era prerrogativa da igreja.

Um alívio vai surgir no horizonte, em 1890, através do Decreto nº 119-A, conduzido por Ruy Barbosa e assinado pelo chefe do governo provisório da república, Marechal Deodoro da Fonseca. Esse decreto proibia a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa e consagrava a plena liberdade de cultos,²⁷ extinguiu o padroado e estabelecia outras providências. A proibição da intervenção ainda iria demorar para se materializar no cotidiano. A possibilidade de um espiritismo livre, liberado, autônomo e independente vai arejar a doutrina em terras brasileiras, mas o que se cria fosse uma ventania, vai virar calma em nove meses. O decreto assinado a 7 de janeiro, vai sofrer um revés poucos meses depois. A 11 de outubro do mesmo ano, o mesmo Marechal Deodoro assina o decreto 847, promulgando o Código Penal. Neste aparato legal, o espiritismo passa a ser

²⁷ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm - Acesso em 21/06/2018 - 15h03

criminalizado e é constringido em suas atividades em três artigos, 156, 157 e 158, dos quais o 157 o proíbe totalmente. Na grafia da época podemos ler:

CAPITULO III
DOS CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

Penas - de prisão cellualar por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Parapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas - de prisão cellualar por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas:

Penas - de prisão cellualar por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

Art. 158. Ministrare, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fórma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro:

Penas - de prisão cellualar por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Parapho unico. Si o emprego de qualquer substancia resultar á pessoa privação, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funcções physiologicas, deformidade, ou inhabilitação do exercicio de orgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma enfermidade:

Penas - de prisão cellualar por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

Si resultar a morte:

Pena - de prisão cellualar por seis a vinte e quatro annos.

(Câmara dos Deputados, Legislação Informatizada, Decreto 847.)²⁸

O artigo 157 é uma ducha fria no movimento espírita. Praticar o espiritismo é crime. O apenamento era a prisão por seis meses e a multa, entre 100 e 500.000

²⁸ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html> - Acesso em 21/06/2018 - 15h03.

Réis²⁹. A lei colocava na mesma mesa (que não era girante) o espiritismo, a magia e seus sortilégios, os talismãs e as cartomancias. Podia se notar que os redatores da lei não conheciam a doutrina que execrava exatamente essas mesmas coisas. Através da Federação Espírita Brasileira - FEB e de vários expoentes da sociedade local, como Leopoldo Cirne, os advogados Ernesto Silva, Oliva Maia e Antonio Luiz Sayão, além do médico Dias da Cruz, buscou-se incessantemente reagir a essa criminalização. Através de *O Reformador*, o espiritismo proscrito se defendia, explicando o que era o espiritismo e promovia debates e discussões no sentido de evidenciar a incoerência da lei. As ações surtiram efeito. O criminalista João Batista Pereira buscou o *Jornal do Commercio* para expor a sua interpretação aos artigos por ele elaborados. Na defesa de seus artigos, o legislador escreveu na edição de 23/12/1890, do referido jornal, que “não discutimos espiritismo e menos censuramos aqueles que o abraçam: como ciência especulativa sem descerem as suas práticas experimentais [...] sabemos respeitar a liberdade de crenças, ainda as mais extravagantes...” (Jornal do Commercio, 23/12/1890, p. 2, apud GOMES, 2013, p. 88). Pronto. O espiritismo era uma crença! Ainda que extravagante.

Mas, ao espiritismo estava reservado um lugar ao sol. Ainda que por pouco tempo. E, pelo menos em termos legais isso ocorreria a 24 de fevereiro de 1891, na promulgação da primeira Constituição Republicana do Brasil. Essa constituição traz como um dos marcos principais a laicização do estado, ou seja, o estado deixa de estar atrelado à igreja. Agora, nascer, casar e morrer eram situações de competência do Estado; os cemitérios passaram a ser administrados pela autoridade municipal e a educação seria ministrada nos estabelecimentos públicos. Entretanto, para o espiritismo, a maior benesse estava no artigo 72, parágrafo 3º que determinava: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto associando-se para esse fim, adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.”³⁰ O Estado laico permitia a liberdade de culto a todas as confissões religiosas. Todas as religiões poderiam se estabelecer livremente. Chegava ao fim,

²⁹ Réis, derivada do “real” português, era a moeda utilizada no Brasil após o descobrimento e continuou a ser usada após a independência (1822) até 1942. “Mil réis era a unidade monetária e réis os valores divisionários (sistema de base milésimal)”. A multa de 100\$ Réis e 500\$000 Réis equivaleria em cálculos não oficiais algo entre R\$6,50 e R\$33.000,00 na época atual (2018). Entre o começo do século XVI e hoje, o país adotou nove tipos de unidades monetárias, do Réis ao Real. Fonte: <http://www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf> link para download. Acesso em 21/06/2018 – 15h08

³⁰ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html> - Acesso em 21/06/2018 - 15h12.

pelo menos no texto da 1ª Carta Constituinte Republicana, a centenária hegemonia da Igreja Católica. Ainda que as pesquisas ora mencionadas, dentro de um contexto histórico posterior, evidenciem que o espiritismo se legitima como religião cristã, ficou latente também que a oposição realizada por significativa parte da sociedade, pelo clero, pelos periódicos da época e ainda por importante parcela das autoridades, não aceitava o espiritismo como crença religiosa. E, uma grande questão social vai surgir neste contexto: O espiritismo é uma religião? Ainda que se apresente como tal, a sociedade da época irá aceitá-lo como religião?

3.5 O código sanitário de 1904

Antes de tentar responder essas questões, seria interessante apresentar um outro fato complicador que surgiu à época, e que vai causar mais transtornos às atividades dos centros espíritas. Como mencionamos anteriormente, citando Prandi (2012, p. 51), o Grupo Confúcio, criado em 1873, tinha como objetivo, além da divulgação do espiritismo, a “propagação da medicina homeopática, tendo como lema o princípio de que *fora da caridade não há salvação*”. Atendeu muitas pessoas que buscavam “... no espiritismo a cura para males do corpo, da alma e da vida cotidiana”. (Idem) Além da tradução das obras kardecistas, o Grupo Confúcio atendia a comunidade gratuitamente (fora da caridade não há salvação), fazia tratamento homeopático através do princípio “*Similia Similibus Curentur*”³¹, ou seja, “semelhante curando semelhante”, desenvolvido por Hahnemann e ainda, através dos tratamentos espirituais, contribuía para a “cura” dos males físicos, espirituais e do cotidiano. De graça, com medicamentos extremamente diluídos e ainda promovendo a recuperação da saúde mental, corporal e ajudando na solução dos problemas mundanos? Isso chama realmente a atenção.

Essa atividade prescritiva foi entendida como exercício ilegal da medicina, uma vez que o processo civilizatório, pelo qual passava o país, levaria os agentes sociais envolvidos na criminalização do espiritismo a atribuir a essa doutrina parcela da responsabilidade relativa “aos problemas sanitários e de saúde pública, pelos quais algumas cidades foram submetidas, sobretudo a capital federal.” (GOMES, 2013, p.

³¹Sistema terapêutico criado pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), que consiste em tratar as doenças por meio de substâncias ministradas em doses diluídas, a ponto de se tornarem por vezes infinitesimais, capazes de produzir em indivíduos sãos, (quando aplicados em doses elevadas), quadros clínicos semelhantes aos que apresentam nos doentes a serem tratados. (Ferreira, 1986, p. 904).

66). A atividade científica medicinal surge em 1829 através da criação da Sociedade de Medicina e em 1832, “por decreto, as academias médicos-cirúrgicas foram transformadas em “escolas” ou “faculdades de medicina” que concederiam o direito ao título de doutor na prática médica.” (SCHWARCZ, 1933, p. 222, *apud* GOMES, 2013, p. 67 – Destaques do original). Essa iniciativa diferenciaria a atividade médica das atividades realizadas pelos curandeiros. Apenas para conhecimento, a população do rio de janeiro contava com pouco mais de 520.000 habitantes em 1890.³²

Entre 1886 e 1895 havia o registro de doenças como tuberculose, malária, febre amarela, varíola, febre tifoide, beribéri e difteria. Entre 1896 e 1900 surgem mais doenças: gripe, peste, sarampo, coqueluche, escarlatina e lepra.³³ Na gestão do presidente Rodrigues Alves,³⁴ efetivou-se de forma mais intensa as obras de reformulação urbana e sanitária, através do trabalho do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906, a quem foi concedido amplos e plenos poderes para colocar em prática os projetos de remodelação da cidade. Implementou-se a investigação de crimes e a tipologia criminal, a instituição policial foi reformada, “o Conselho Municipal teve os seus trabalhos suspensos de janeiro a julho de 1903, para que a prefeitura pudesse formular decretos que viabilizassem obras emergenciais, possibilitando demolições, construções e criando novos impostos sem a anuência do poder legislativo.” (GOMES, 2013, p. 71).

Nesse período (1903), o sanitarista Oswaldo Cruz³⁵ realiza, através de brigadas sanitárias constituídas por médicos, inspetores sanitários e acadêmicos de medicina, um trabalho de profilaxia e higiene defensiva no combate à febre amarela. O Serviço de Profilaxia da Febre Amarela, através de disposições regulamentares, estabeleceu “medidas repressivas enérgicas contra sonegadores e focos da doença. Esses eram os principais alvos para a erradicação da enfermidade na cidade.” (BENCHIMOL, 1992, p. 296-297, *apud* GOMES, 2013, p. 71). Oswaldo Cruz elabora nesse ano um projeto de lei para regularizar o serviço sanitário que viria a ser assinado

³²Fonte: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>, Tabela 1.6 - População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010. Acesso em 21/06/2018 15h14

³³Fonte: Anuário de Estatística demógrafo-Sanitária, 1895, p. 186 e 1910, p. 71-72. (DAMÁZIO, 1996, p. 75, *apud* GOMES, 2013, p. 68.)

³⁴Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919), natural de Guaratinguetá-SP, foi o terceiro presidente republicano civil a ocupar o cargo de presidente do Brasil, no período 1902-1906. Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/biografias/rodrigues-alves/> - Acesso em 21/06/2018 – 15h15

³⁵Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) paulista de São Luiz do Paraitinga, formado em medicina em 1872, especializou-se em microbiologia, soroterapia e imunologia no Instituto Pasteur, em Paris. Fonte: <https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia> - Acesso em 21/06/2018 - 15h17

no ano seguinte, em 8 de março de 1904, pelo presidente Rodrigues Alves: o Decreto 5156. O decreto regulamentava a higiene nos domicílios, a atuação da polícia sanitária através da Diretoria Geral de Saúde Pública para uma repressão rápida contra a falta de higiene e contra as irregularidades da salubridade pública. (GOMES, 2013, p. 71). Foram criados os cargos de delegados sanitários, auxiliados por uma equipe composta pelos mesmos tipos especialistas convocados por Osvaldo Cruz, e a estes delegados cabia apoiar e atender às reclamações e fiscalizar a cidade, dividida em distritos sanitários.

O Decreto 5156, através dos artigos 250, 251 e 252, regulamentou as exigências legais para a prática da medicina e, tendo por base o Decreto 847, que promulgou o Código Penal, (já mencionado) vai desferir outro golpe no espiritismo. Ao regulamentar a atividade médica, o art. 251, parágrafo único proíbe a prática do espiritismo “e da magia”, mesmo se realizados por médicos, farmacêuticos, dentistas e parteiras, incorrendo-os nas penas do art. 157 do Código Penal.

Parte IV

Da fiscalização do exercício da medicina e da pharmacia

Art. 250. Só é permittido o exercicio da arte de curar, em qualquer de seus ramos e por qualquer de suas fórmãs;

I. A's pessoas que se mostrarem habilitadas por titulo conferido pelas Faculdades de Medicina da Republica dos Estados Unidos do Brazil;

II. A's que, sendo graduadas por Escolas ou Universidades estrangeiras oficialmente reconhecidas, se habilitarem perante as ditas Faculdades, na fórmula dos respectivos estatutos;

III. A's que, tendo sido ou sendo professores de Universidade ou Escola estrangeira oficialmente reconhecida, requererem licença á Directoria Geral de Saude Publica para o exercicio da profissão, a qual lhes poderá ser concedida si apresentarem documentos comprobatorios da qualidade alludida, devidamente certificados pelo agente diplomatico da Republica, ou, na falta deste, pelo consul brasileiro;

IV. A's que, sendo graduadas por Escola ou Universidade estrangeira oficialmente reconhecida, provarem que são autores de obras importantes de medicina, cirurgia ou pharmacologia e requererem a necessaria licença á Directoria Geral de Saude Publica, que a poderá conceder, ouvida a Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro.

§ 1º As disposições deste artigo serão tambem applicadas ás pessoas que se propuzerem a exercer as profissões de pharmaceutico, de dentista e de parteira.

§ 2º A pessoa que exercer a profissão medica em qualquer de seus ramos, a de pharmaceutico, de dentista ou de parteira, sem titulo legal, incorrerá nas penas comminadas no art. 156 do Codigo Penal.

Art. 251. Os medicos, pharmaceuticos, dentistas e parteiras que commeterem repetidos erros de officio serão privados do exercicio da

profissão, por um a seis meses, além das penalidades em que puderem incidirem no art. 297 do Código Penal.

Parágrafo unico. Os que praticarem o espiritismo, a magia, ou anunciarem a cura de molestias incuráveis, incorrerão nas penas do art. 157 do Código Penal, além da privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, si forem médicos, pharmaceuticos, dentistas ou parteiras.

Art. 252. Os médicos, pharmaceuticos, dentistas e parteiras da Capital Federal deverão matricular-se na Directoria Geral da Saude Publica, apresentando os respectivos títulos ou licenças, afim de serem registrados. O registro se fará em livro especial e consistirá na transcrição do título ou licença com as respectivas apostillas. Feito o registro, o secretario lançará, no verso do título ou licença, a indicação da folha do livro em que a transcrição tiver sido effectuada, datará, assignará e submeterá ao visto do director.

§ 1º A secretaria organizará e publicará uma relação dos profissionais matriculados, a qual será, annualmente, revista e publicada com as alterações que se tiverem dado.

§ 2º Os profissionais que não registrarem seus títulos na Directoria Geral de Saude Publica incorrerão na multa de 100\$; o dôbro nas reincidencias.

(Fonte: Câmara dos Deputados, Legislação informatizada, Decreto 5156 de 8 de março de 1904, publicação original.)³⁶

Essas infrações foram regulamentadas através do Decreto 5224 de 30/04/1904.

Assim, como no Código Penal, o Decreto 5156 entende que espiritismo e magia são similares em suas atividades. No combate ao charlatanismo, todas as práticas ilegítimas de saúde pública, que não fossem autorizadas através da habilitação do exercício de atividade seriam criminalizadas. Dessa forma, atividades como as desempenhadas pelo Grupo Confúcio foram colocadas na cesta da ilegalidade tanto pelo Código Penal de 1890, como pelo Decreto 5156. O exercício da prática mediúnica, assim como o receituário homeopático eram atividades consideradas juridicamente como charlatanismo. A partir disso, o espiritismo seria uma prática antissocial e à margem da lei e, assim, estaria sob vigilância, sujeita a invasões policiais e processos criminais. Estavam fora dos projetos de salubridade e saneamento do país. (GOMES, 2013, p. 77). As práticas terapêuticas populares estavam proibidas pelos seus praticantes e pelos seus usuários.

O Decreto 119-A, ainda estava em vigor e nisso se apegam os grupos espíritas para verem prevalecer a liberdade de culto e de consciência. A Constituição de 1891 também oferecia base para o questionamento às proibições dos artigos 156,

³⁶ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-5156-8-marco-1904-517631-publicacaooriginal-1-pe.html> - Acesso em 21/06/2018 - 15h23

157 e 158. Havia entre as legislações, uma inconsistência de ordem técnica. O art. 72, parágrafo 24, determinava que “é garantido o livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial.” (CF 1891), sem mencionar a necessidade da habilitação profissional. O art. 72, parágrafo 3 (já citado) dava a todas as pessoas e religiões o poder de “exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim, adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.” (CF 1891). Se o espiritismo se apresentava como religião, não poderia ser criminalizado. O grande imbróglio no qual o espiritismo foi inserido, foi a sua associação com as práticas mágicas que não possuem legitimidade de exercício e, a sua atividade não poderia ser aceita como religiosa, diferentemente, portanto, dos protestantes que possuíam representatividade já na época do império. (GOMES, 2013, p. 84).

Ao longo da Primeira República coube às confissões não católicas o ônus de demonstrar ao Estado brasileiro que eram religiões, portanto livres para professarem a sua fé. E as práticas populares religiosas mediúnicas tiveram de suplantar ainda mais adversidades. Para serem aceitas como religião, tiveram que demonstrar ao Estado que não eram uma ameaça à saúde e à ordem pública. Ainda que tivessem em suas práticas procedimentos que, no caso do espiritismo, pudessem suscitar a cura através de passes ou de prescrições de receitas homeopáticas por um médium... (GOMES, 2013, p. 84).

A FEB começou a reagir. Em sua sede funcionava o Centro Espírita do Brasil, que também fora atingido pela legislação, e como unificadora do movimento espírita no Brasil, convocou todos os centros espíritas e os principais expoentes espíritas do Rio de Janeiro. Reuniões foram realizadas para redigir representações contra as disposições do código. Participaram novamente desse novo movimento, o espírita Leopoldo Cirne, os advogados Oliva Maia, Antonio Luiz Sayão e o médico Dias da Cruz. Dessa vez houve também a participação do médico e político Dr. Bezerra de Menezes. Carta aberta foi enviada ao Ministro Campos Sales, da Justiça, questionando o art. 157, que cerceava a liberdade de culto dos espíritas, ressaltando a conduta ordeira dos espíritas. (O Reformador, 1/11/1890, p. 1, *apud* GOMES, 2013, p. 86). Todas as solicitações desse movimento, apesar da presença constante de senadores, deputados e ministros, autoridades militares e intelectuais no Centro Espírita Brasil, foram ignoradas. (GOMES, 2013, p. 87).

O Centro Espírita do Brasil oferecia à comunidade um trabalho de assistência aos necessitados onde eram emitidas receitas de medicamentos. Além de médicos diplomados, como Dr. Bezerra de Menezes e Dias da Cruz entre outros, várias pessoas (médiums) que não possuíam habilitação para o exercício da atividade faziam

atendimento e emitiam receitas, tornando-se vulneráveis à ação da polícia. Intensos debates foram realizados para se construir as interpretações dos artigos 156, 157 e 158. A prática do espiritismo foi definida “como um crime individual com consequências coletivas, como são os casos de falsificação de documentos, incêndios provocados, atentados aos meios de transporte, alterações de medicamentos, falsificações de comestíveis...”. (GIUMBELLI, 1997, p. 81, apud Gomes, 2013, p. 82). Os artigos publicados eram incoerentes, segundo os juristas,

“pois o crime que poderia ter sido cometido pelos espíritas exploradores era contra a pessoa e não um crime contra o bem público, como estava estabelecido na legislação” [...] “... em caso de necessidade (deveriam) punir os religiosos que explorassem os crentes, mas enquadrando-os nos crimes de estelionato, como qualquer outra falsificação de identidade e exploração com fins lucrativos.” (GOMES, 2013, p. 96).

Nina Rodrigues, médico criminalista, apoiava a criminalização do espiritismo e achava que ele deveria ser extirpado da sociedade; o jurista Gabriel Luiz Ferreira, entendia que tanto a prática médica quanto a prática religiosa deveriam ter um limite: “nem toda magia e nem todo espiritismo eram prejudiciais” (Gomes, 2013, p. 96). O espiritismo “verdadeiro” e os seus praticantes (não associados à magia) deveriam ser protegidos. O jurista Francisco Viveiros de Castro entendia que

“o criminoso poderia causar dano a uma pessoa se ela fosse iludida e forçada a pagar por algo oferecido. Mesmo que ocorresse a cobrança por parte dos curandeiros, estes não estariam agindo criminalmente, tendo em vista que os pacientes tiveram a livre iniciativa de procurá-los por acreditarem naquele tipo de cura.” (GOMES, 2013, p. 96 e 97).

Gomes (2013), citando fontes de GIUMBELLI (1997), elenca vários processos judiciais que foram abertos contra médiuns entre 1891 e 1901 em função da aplicação do disposto nos artigos 156, 157 e 158. Mais precisamente 22 processos, dos quais apenas dois processos resultaram em condenação. Nos demais casos (20) ocorreram arquivamentos, prescrições e absolvições (GOMES, 2013, p. 98 a 103). Outros casos são descritos pela autora com mais detalhes, onde as defesas dos acusados se esmeraram em provar as deficiências das investigações, falsidades das acusações e a ausência da veracidade dos depoimentos das testemunhas e até a ocorrência, durante o julgamento, das ausências das testemunhas relacionadas nos processos. Até a FEB foi alvo de processos judiciais em 1904 e em 1905, mas absolvida em todos eles.

Como se percebe, entre a Lei 119-A de 1890 e o Código Sanitário de 1904, o espiritismo navegou por mares revoltos. Ora calmaria, ora tempestades não permitiram que a doutrina se acomodasse e “deitasse em berço esplêndido”. Seja a igreja, seja a imprensa ou seja a legislação, em nenhum momento, o espiritismo pode se sentir confortavelmente instalado em terras brasileiras. A Primeira República se mostrou autoritária e contraditória em muitos momentos. A República havia prometido, entre outras a liberdade de culto pleno e a laicidade – separação entre o Estado e a Igreja. Promessas cumpridas. Os contraditórios surgem no Decreto 847 que reforma o regime penal brasileiro e no Decreto 5156, que regulamenta o Código Sanitário, ocasionando por força destes últimos, as perseguições, “a prisão, as arbitrariedades e, sobretudo, disseminou o medo entre os cidadãos espíritas em professar sua fé.” (DEL PRIORE, 2014, p. 158). Expostos os efeitos da ação do Código Sanitário de 1904 (Decreto 5156), creio ser possível retornarmos às questões formuladas em páginas anteriores: O espiritismo é uma religião? Ainda que se apresente como tal, a sociedade da época irá aceitá-lo como religião?

3.6 A religião

Definir religião é um desafio dada a complexidade desse fenômeno, e o viés que se pretende adotar neste trabalho é a abordagem da religião enquanto fenômeno social. Muitos estudiosos têm-se debruçado sobre o assunto tentando dissolver os limites entre as disciplinas. Na sociologia clássica, os destaques são Durkheim e Weber. Alexandre Massela afirma que “... a concepção de religião própria dos estudiosos é eivada de pressupostos de ordem teórica e prática.” E que “Durkheim situa-se numa perspectiva afirmativa.” (MASSELA, 2009, p. 159). Durkheim afirmava, em 1912, que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja e que a religião é um sistema solidário de crenças.

Chegamos, pois, à seguinte definição: uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem. O segundo elemento que participa assim de nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois ao mostrar que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, ele faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1996, p. 32). (Destaques do original).

Durkheim afirma que a religião cria signos e práticas que geram afinidades sentimentais entre os indivíduos e promove o surgimento de representações coletivas, fundamentando as classificações – a religião é um fenômeno coletivo, “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas [...] que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem.” (DURKHEIM, 1996, p. 32) que, embora prescindida de um deus transcendente, necessariamente ela precisa ser dotada de uma moral e de um caráter sagrado. Igreja é então a “comunidade moral” onde se reúnem todos aqueles que aderem a esta ou aquela religião. Uma maneira mais simples de se entender esse termo oriundo do grego “*eklesía*” (assembleia), seria talvez afirmar que “é o conjunto de fiéis ligados pela mesma fé e sujeito aos mesmos chefes espirituais.” (FERREIRA, 1986, p. 915).

Enquanto Durkheim vê a religião como um fato coletivo, Weber se posiciona de forma agnóstica (MASSELA, 2009, p. 159) e a define como sendo um estilo de vida. A sociologia de Weber se atomiza no indivíduo, pois é o único que pode dar significado à cultura e, como a religião é um campo privilegiado da cultura, o sujeito confere valor tanto a uma como a outra. Quando o indivíduo fomenta seu estilo de vida religioso, interfere nas práticas de conduta de um grupo ou de uma determinada coletividade. Júlia de Souza Rodrigues (2000) afirma que a religião é um caminho para o entendimento de processos culturais mais amplos e, entre esses processos, o de encantamento ou desencantamento do mundo e a secularização. Esse estilo de vida religioso próprio, qualquer que seja a religião, que se identifica com a visão de mundo, é fruto de uma ação social orientada de acordo com o comportamento do agente/sujeito, conduzindo no ápice, às representações de mundo. Afirma ainda que Weber referencia a religião a valores passíveis de compreensão racional sociológica e, encobre o encantamento ou desencantamento do mundo, quando as religiões ditas universais – como o protestantismo e o judaísmo – eliminam a magia oriunda dessa prática. Quando o ato mágico some, resta ao indivíduo ser “escolhido” por Deus e essa escolha permite ao sujeito trabalhar e ser bem-sucedido nos seus afazeres. Mas para tanto é preciso ter uma religião e,

Isso implica dizer que a religião é um estilo de vida ou visão de mundo, fruto de uma ação social, cuja intenção é fomentada pelo sujeito (agente religioso)”. Esse mesmo sujeito vai interferir na conduta do grupo, fazendo com que seus integrantes orientem suas ações de acordo com a conduta do agente religioso. Isso irá fornecer aos

seguidores as “representações de mundo que têm como gênese a própria religião. (RODRIGUES, 2000, p. 129-130).

Essa concepção sociológica de mundo dominante pode ter permitido a outro autor compreender a agência de uma dada orientação religiosa. Pierre Bourdieu, ao elaborar seu conceito de campo, afirma que “... Weber encontra os meios de correlacionar o conteúdo do discurso mítico (inclusive sua sintaxe) aos interesses religiosos daqueles que o produzem, que o difundem, e que o recebem.” (BOURDIEU, 2011, p. 32). Se o pecado é uma transgressão de um preceito religioso (FERREIRA, 1986, p. 1289), isso é racionalizado de forma que o caráter mágico seja suprimido da religião para que esta se constitua, assim, uma doutrina desenvolvida como fonte de conhecimento com caráter moral e ético. Assim o corpo sacerdotal produziria o simbólico sistematicamente, através de suas práticas e rituais, de forma a tornar mais eficaz e forte a potência material ou simbólica.

A religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbítrio que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma função lógica e gnosiológica consistente em reforçar a força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe. (BOURDIEU, 2011, p. 46.) (Destques do original).

Mesmo quando não percebido ou invisível, o bem simbólico para Bourdieu é legítimo e eficaz. Considera importante tanto o local onde os bens simbólicos são produzidos, consumidos e assim consagrados, quanto a sua posição no momento de sua produção e reprodução e distribuição.

Por outro lado, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, a partir do censo de 2000, inclui a espiritualidade kardecista como uma das opções religiosas. Até 1991, o IBGE não distinguia os “diversos” espiritualismos, incluindo na categoria espírita todas as religiões de transe e possessão, por assim dizer. A separação ocorrida em 2000 traria maior visibilidade ao espiritualismo kardecista. Em 2010, o instituto verifica o crescimento do espiritualismo:

Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de

15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. [...] A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas... (Fonte IBGE)³⁷

Em outro *site*,³⁸ o IBGE detalha as alterações ocorridas entre 1991 e 2010. Apresenta o catolicismo romano indo de 83% em 1991 para 73,6% em 2000, chegando em 2010 com 64,6%, queda de 18,4%; os pentecostais foram de 3% em 1991 para 10,4% em 2000, chegando em 2010 com 13,3% (mais que quadruplicou). O grupo espírita apresentou crescimento positivo no período, dobrando nessas duas décadas, representando 2% da população, em 2010. Em valores numéricos, o censo de 2010 registra mais de 3.800.000 espíritas. Entre 1970 e 2010, a população espírita dobra em termos percentuais, mas quadruplica em números reais, pois no período, a população passa de 94 milhões para 200 milhões de habitantes. Mas a população real não pode ser mostrada pelo Censo, uma vez que o órgão faz uma captação de “superfície”, de acordo com Faustino Teixeira (TEIXEIRA & MENEZES, 2013, p. 10), sendo muito comum ainda, o simpatizante espírita não declarar a sua preferência religiosa, exatamente pelo enraizamento da intolerância religiosa na sociedade brasileira, virose psíquica cujo tratamento ainda se realiza em doses homeopáticas.

Kardec considera que a palavra *religião* quer dizer *laço* e que “... o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos...*”. No entender de Kardec, a religião “... é um laço que religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças.” (KARDEC, 2007, p. 386-387). Baseado nestas premissas Kardec afirma:

No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é uma doutrina que funda os elos de fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza. (KARDEC, 2007, p. 387).

Mas, Kardec afirma também que o espiritismo não pode ser considerado uma religião enquanto esta palavra for indissociável da palavra culto, “porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável de culto; desperta exclusivamente uma ideia de forma que o Espiritismo não tem.” (KARDEC, 2007, p. 388). Nele (no espiritismo) não há classe ou casta

³⁷ Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao.html> - Acesso em 21/06/2018 - 15h27

³⁸ Disponível para download em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000093_5250612_2012255229285110.pdf - Acesso em 21/06/2018 - 15h29

sacerdotal, hierarquias, cerimônias, rituais, símbolos, vestimentas especiais, cânticos e privilégios, nem união com ideias de misticismo. Kardec se nega a usar o termo *religião* como definidor do espiritismo:

Não tendo o espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (KARDEC, 2007A, p. 388)

Coerentemente prossegue, “o espiritismo, que se funda no conhecimento de leis até agora incompreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los dando-lhes uma explicação racional.” (KARDEC, 1990, p. 44). Em *A Gênese* afirma, “do mesmo modo que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual” (KARDEC, 2005, p. 17), e mais à frente: “Não é que o *sobrenatural* seja necessário às religiões, mas sim o *princípio espiritual*, que erradamente se confunde com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.” (KARDEC, 2005, p. 229.) (Destaques do original). Kardec define o espiritismo como uma doutrina filosófica e moral.

Ainda que Kardec afirme que “o espiritismo é, antes de tudo, uma ciência e não se ocupa com questões dogmáticas...” e que “seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência e não de uma religião”, (KARDEC, 1999, p. 89-90), no Brasil, ele se legitima como tal e pode ser considerado, seguramente, religião. Sua base ética e moral, firmada sobre o “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, (KARDEC, 2007), onde se encontram destacadas as orientações cristãs emanadas do Novo Testamento, permite ao espiritismo assumir-se como uma religião. E cristã, apesar de Pierucci ter afirmado em Gaarder (2000) que o espiritismo não é uma religião cristã.

3.7 Disseminação: retrospectiva panorâmica

O citado “Grupo Confúcio”, criado no Rio de Janeiro em 1873, tinha também por finalidade “o estudo dos fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, históricas e psicológicas”. Esse grupo queria ser também uma escola prática e teórica de estudos espíritas. Através de, assim denominados, médiuns curadores ou receiptistas, dentre os quais destacavam-se Bittencourt Sampaio e João Gonçalves do Nascimento, emitiam-se as receitas homeopáticas orientadas por espíritos “desencarnados”. Essa atividade, como já

mencionado anteriormente, teve prosseguimento em outros centros espíritas, sendo motivo de perseguição ao espiritismo pelo Código Sanitário de 1904, instituído pelo Decreto 5156. Em 1876, dá lugar à Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade. Por volta de 1882, essa sociedade contava com cerca de 800 participantes. (WANTUIL, 1969, p. 390). Cisões marcaram esse início da difusão espírita no Brasil. Desse grupo surge, em 1877, a Congregação Anjo Ismael; em 1878 o Grupo Espírita Caridade; e em 1880, o Grupo Espírita Fraternidade, sob o comando de João Gonçalves do Nascimento e, no mesmo ano, o Grupo Ismael, também chamado pelos amigos de o Grupo dos Humildes. Havia um trânsito de espíritas entre esses grupos, com alguns participando em mais de dois grupos. Aubrée escreveu: "... a mobilidade de um grupo para outro e a dupla ou tripla filiação era uma constante nesse universo, assim como é, no Brasil de nossos dias, em relação a uma, duas ou três religiões." (AUBRÉE, 2009, p. 145)

Além dos citados grupos, outros foram sendo criados para o estudo dos escritos espíritas e para a comunicação com os mortos. Surge entre estes o Grupo Menezes, criado e comandado pelo fotógrafo profissional Augusto Elias da Silva que viria a criar também, no mesmo ano de 1883 o periódico *O Reformador*. Em 2 de janeiro de 1884, por iniciativa de Augusto Elias, nasce a FEB com o objetivo de unificar o dinâmico, mas ainda difuso movimento espírita brasileiro e "oferecer a Doutrina Espírita ao ser humano por meio do seu estudo, prática e difusão, pela união solidária dos espíritas e unificação das instituições espíritas, contribuindo para a formação do homem de bem"³⁹. Dali para frente a FEB assume a direção de *O Reformador* e busca se posicionar como a casa *mater* do espiritismo kardecista no Brasil, direcionando o conteúdo doutrinário através de um viés estritamente religioso, em detrimento do caráter científico que tinha sido, até aquela data, motivo de tergiversações.

De 1884 a 1895, a FEB passou por inúmeros percalços e dificuldades, mudando de endereço várias vezes e chegando a suspender suas atividades. Em 1895, o fracasso era iminente e a dissolução da sociedade era o futuro próximo. Recorreram então, como último recurso, ao Dr. Bezerra de Menezes, que já havia sido presidente da organização em 1889. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900)⁴⁰ foi eleito presidente da FEB, saneou financeiramente a entidade e reorganizou os

³⁹ Fonte: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/missao/> - Acesso em 21/06/2018 – 15h30

⁴⁰ No final dessa dissertação, em "APÊNDICE C", incluí uma síntese da biografia de Adolfo Bezerra de Menezes.

trabalhos, reconstruindo a entidade e imprimindo o caráter evangélico doutrinário ao qual a instituição se mantém fiel até os dias de hoje. Consolidava-se assim a mais importante e influente organização representativa do espiritismo kardecista no Brasil e no mundo.

A partir dessa estabilização irão surgir as Federações Espíritas, os Conselhos Espíritas, as Ligas Espíritas, as Uniões de Sociedades Espíritas e as associações nos âmbitos nacional, estadual e municipal. Grandes nomes ligados à imprensa, à medicina e ao direito irão se posicionar dentro das hostes espíritas defendendo e difundindo o espiritismo kardecista. A plêiade é vasta, mas alguns foram imprescindíveis, pois como diz Bertold Brecht, “lutaram a vida toda”: Eurípedes Barsanulfo, Antonio Gonçalves da Silva Batuira, Leopoldo Cirne, Anália Emília Franco, Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, Luís Olimpio Guillon Ribeiro, Antonio Luís Saião, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Cairbar de Souza Schutel e, o maior expoente espírita brasileiro Francisco Cândido Xavier, ou mais popularmente conhecido como Chico Xavier. Este escreveu, por meio da psicografia, mais de quatrocentos livros espíritas⁴¹ e doou todos os direitos autorais para instituições de beneficência, federações e centros espíritas.

As cisões do século XIX ocorreram também no século XX. O movimento espírita kardecista paulista não foi hegemonia da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Em 1947 havia quatro instituições espíritas que se destacavam no cenário paulista: a Federação Espírita do Estado de São Paulo, a União Federativa Espírita Paulista, a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, e a Liga Espírita do Estado de São Paulo. Em um congresso, naquele ano, decidiram unificar o movimento e, em um gesto de renúncia criaram, com o apoio das associações do interior do estado, a União Social Espírita, que posteriormente se denominaria União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE-SP. Seu principal fundamento era não se colocar como um centro espírita, mas ser a soma deles; a instituição espírita é a base da USE-SP e, por isso, “é ela que delibera sobre o que é melhor e mais conveniente para o movimento espírita estadual.” Suas finalidades eram a união das instituições espíritas,

⁴¹ O blog <https://dirceurabelo.wordpress.com/2011/12/09/chico-xavier-obra-completa-em-ordem-cronologica/> (Acesso em 21/06/2018 – 15h31) informa que, até 1999, Chico Xavier escreveu, através da psicografia, 412 livros. O blog <http://www.chicoxavieruberaba.com.br/biografia.html> fala em 416. O jornal O Estado de Minas afirma serem 500 obras. (https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/06/25/interna_gerais,878873/reportagem-especial-a-heranca-de-chico-xavier.shtml - Acesso em 21/06/2018 - 15h36) Como alguns foram publicados após a sua morte em junho de 2002, esse número pode não ser correto em 2018. É um assunto controverso

a difusão do espiritismo no seu tríplice aspecto (ciência, filosofia e religião) e, contribuir para a realização dos trabalhos que não podem ser realizados individualmente pelos centros espíritas.⁴² Mas, enquanto três federações aceitaram o acordo e cumpriram a sua parte, a FEESP não o fez. Durante os trabalhos de pesquisa, verificamos uma situação interessante e que talvez mereça uma atenção maior.

Analisando seu Estatuto Social, de 12/09/2011, registrado no 3º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Capital, notamos que a FEESP, tem como subtítulo a frase “Entidade Federativa e Orientadora do Espiritismo Estadual” e, tem como objetivo “o ensino, o estudo, a prática e a difusão do espiritismo” além de, entre outros, “...federar e orientar os Centros Espíritas associados com metodologia e diretrizes vigentes na Federação...”. Enquanto isso, a USE-SP, de acordo com o seu Estatuto Social registrado no 1º Oficial de Registro Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo, em 14/12/2014, se apresenta com a finalidade de unir as instituições espíritas no Estado de São Paulo e unificar direcionada e organizadamente o movimento espírita estadual. Esta última cita em seu *site*⁴³ que suas atividades são “divulgar, estimular e promover o estudo e aplicação do texto Orientação ao Centro Espírita, aprovado Pelo Conselho Federativo Nacional da FEB” e “divulgar, estimular e promover o estudo e aplicação do Manual de Apoio ao Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita – SAPSE, elaborado pela Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita do Conselho Federativo Nacional da FEB”. Como se pode perceber, a USE-SP adota os programas de trabalho da FEB, enquanto a FEESP sequer menciona a casa máter do espiritismo. Parece-nos que há, entre essas três instituições algo que não se coaduna. Um fator que pede uma análise mais ampla – em tempos com mais paz e dedicação – é o fato de a FEESP, ser a única federativa estadual que não é filiada à FEB. Wilson Garcia, jornalista e escritor espírita, analisa o movimento espírita brasileiro e tece, no *site* www.espirito.org.br⁴⁴, interessantes considerações sobre as idas e vindas do movimento espírita brasileiro e os esforços de seus adeptos na busca da unificação do movimento. Segundo Garcia, que é ligado a USE-SP, as divergências abrangem objetivos similares, porém diferenciados por poder político e questões doutrinárias. Toda essa celeuma pode vir

⁴² Fonte: <http://usesp.org.br/a-use/> - Acesso em 21/06/2018 – 15h37.

⁴³ <http://www.usesp.org.br/Associacao/Departamentos> - Acesso em 21/06/2018 - 15h38

⁴⁴ <https://espirito.org.br/artigos/as-federacoes-e-seu-papel-no-movimento-espirita-2/> - Acesso em 21/06/2018-15h39.

a ser objeto de estudo mais aprofundado no futuro. Esse trabalho não objetiva esclarecer a situação mencionada e apenas a relata por ter se deparado com ela. Mas, será da FEESP que irá vicejar uma instituição espírita de características disciplinadoras.

Do seio da FEESP surge outra instituição que irá difundir o espiritismo evangélico de maneira mais incisiva. Novamente, uma cisão no movimento espírita brasileiro. Trata-se da Aliança Espírita Evangélica, ou Aliança. Falar da Aliança requer apresentar o seu idealizador, Edgard Armond. Seus nomes não se dissociam, assim como o nome de Allan Kardec está ligado ao espiritismo. A vida de Armond está narrada por Edelson da Silva Jr., na obra *No Tempo do Comandante*, e cuja síntese apresento no fim dessa dissertação em “APÊNDICE D”. Edgard Armond, como militar que era, tentou normatizar os trabalhos e não foi aceito. Diante da negativa, Armond optou por sair da FEESP. Essa situação, assim como a anterior, não são o objetivo deste trabalho e, não me deterei na sua análise.

Armond irá se destacar de maneira fundamental no espiritismo paulista, em um primeiro momento, e nacional e internacionalmente no decorrer dos decênios seguintes. Em 1973, Armond é procurado em sua casa por um grupo de dirigentes (oito, mais exatamente) de Centros Espíritas filiados à FEESP que lhe pedem orientação de como proceder para manter em atividade as sessões espíritas, em função da falta de colaboradores. Armond sugeriu que elaborassem um programa de auxílio mútuo com equipes de expositores, dirigentes e trabalhadores, compartilhando uma agenda comum, para fazer juntos, o que não estavam conseguindo fazer isoladamente. Um mesmo programa de ensino, as mesmas metas, as mesmas formas de trabalho, ou seja, um *modus operandi* homogêneo, onde todos os centros espíritas que o seguissem, poderiam compartilhar os voluntários. Os grupos formariam uma aliança. Dessa reunião nasce a Aliança Espírita Evangélica. (ALIANÇA, 2014, p. 25). Dezenas de centros espíritas perceberam a vantagem dessa forma de trabalho e aderiram à ideia, proporcionando um rápido crescimento dessa instituição. Em 1988, em franca expansão a instituição passa a ser dirigida por um conselho composto por 15 espíritas e a integração entre os centros se amplia, aumentando a difusão do movimento espírita. Em 2000 os coordenadores regionais começam a atuar em grupo, estabelecendo novas áreas de atuação como evangelização infantil, mocidade espírita, cursos, revisões doutrinárias programadas e formas de divulgação, conforme a necessidade de cada centro espírita.

O site da Aliança apresenta uma relação com 314 centros filiados no Brasil, e onze centros no exterior, sendo um em Portugal, um na Bélgica, dois na Alemanha, um no México, três em Cuba, um em New Jersey e dois na Argentina⁴⁵. Talvez se possa afirmar que a Aliança seja a maior instituição agregadora e coordenadora de centros espíritas do mundo, ultrapassando com larga vantagem as federações regionais e as demais instituições. A proposta de unificação do movimento espírita evangélico encetada por ela se consolidou na elaboração de uma estrutura operacional organizada em várias obras diretoras, das quais a principal é o livro *Vivência do Espiritismo Religioso (o Vivência)*. Este livro explica no capítulo 1 o que é Aliança, como ela se estrutura e as suas normas; o capítulo 2 trata dos programas e das atividades de evangelização abrangendo as faixas etárias infantil, pré-mocidade, mocidade e a de adultos; o curso básico de espiritismo, a escola de aprendizes do evangelho, o curso de médiuns, as orientações para trabalhos de vibração, evangelho no lar e as diretrizes para a assistência espiritual. E, o capítulo 3 trata da propagação do ideal espírita, através do apoio às casas no Brasil e no exterior.

Outros livros estão direcionados para atividades mais específicas como o livro *Passes e Radiações*, onde se ensina a aplicação de passes (tratamento padrão que será mais detalhado adiante); os livros *Entendendo o Espiritismo*, *Iniciação Espírita* e *O Redentor* para o curso da Escola de Aprendizes do Evangelho e para o curso de médiuns da instituição são indicados os livros *Mediunidade*, *Desenvolvimento Mediúnico*, *Métodos Espíritas de Cura*, entre outros. Os livros aqui mencionados são de autoria de Armond ou da Editora Aliança, que disponibiliza os seus livros e os de várias editoras e autores em uma loja no bairro da Bela Vista, em São Paulo - SP⁴⁶. Todos os cursos são oferecidos através de aulas semanais de 90 minutos e o curso de maior duração é o de aprendizes do evangelho com cento e trinta e quatro aulas, baseado nos livros *O Redentor*, *Iniciação Espírita* e *O Livro dos Espíritos*. Embora o acervo bibliográfico das obras da Aliança seja extenso, o livro *Vivência do Espiritismo Religioso* seria, por assim dizer, e se é que podemos dizer, a estrutura ritualística espírita orientada para os centros filiados. A não observação das diretrizes orientadas nesse livro pode ensejar a desfiliação da casa espírita da instituição. A Aliança vem

⁴⁵ Disponível para download em http://alianca.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Casas_site_set_15.pdf. - Acesso em 21/06/2018 - 15h41. Atualizado em junho/2018.

⁴⁶ O catálogo completo pode ser visto em <https://www.aliancalivraria.com.br/vitrines/13-editora-alianca> - Acesso em 21/06/2018 - 15h45.

conseguindo orientar, num processo que se encontra em andamento, unificar e consolidar o movimento espírita brasileiro, em uma estrutura de evangelização. Esse mesmo processo foi tentado no final do século XIX por Bezerra de Menezes. Como já foi dito, Bezerra de Menezes foi militar, médico e político, declarando-se espírita somente em 1886. (DAMAZIO, 1994, p. 118, *apud* Gomes, 2012, p. 118). Quando assumiu a presidência da FEB, Bezerra de Menezes fazia parte da corrente mística e,

...não conseguia compreender como alguns espíritas só se interessavam pelas ‘comunicações com o além’ ou mesmo só se interessavam pela filosofia espírita sem a orientação evangélica. Porém, mesmo com o seu posicionamento doutrinário, ele tentou convergir os espíritas e acabar com a celeuma entre místicos e os científicos.” Se confirma, assim mais uma vez que o espiritismo praticado no Brasil é o espiritismo kardecista. O espiritismo cristão. Contudo, as divergências eram mais acirradas do que pressupunha Bezerra de Menezes. Os espíritas místicos não aceitavam a inclusão dos científicos, mesmo em sessões especiais que enfatizassem a fenomenologia do espiritismo. Com a persistência das divergências e dissidências, Bezerra de Menezes decidiu deixar a presidência da FEB no final do ano de 1889 com uma sensação de fracasso, pois não havia conseguido congregar os espíritas (DAMAZIO, 1994, p. 119-120, *apud* Gomes, 2013, p. 44). Destaques do original.

Essa padronização das atividades espíritas encetada pela Aliança foi o diferencial que orientou a escolha dos três centros a ela afiliados. Em função das práticas seguirem uma orientação única, uma linha mestra geral e, ressaltando-se pequenas e eventuais particularidades pessoais de alguns dirigentes introduzidas na condução das sessões espíritas – que em nada desfiguram as atividades - foi possível homogeneizar a descrição das práticas espíritas. Descrevendo a prática espírita em um dos centros, ao menos em tese, descreve-se as práticas espíritas em todos os centros espíritas. A realização da pesquisa sobre tolerância e intolerância que estará detalhada mais à frente, será realizada com exclusividade nestes centros espíritas afiliados.

3.8 A plurirreligiosidade brasileira

Expressiva parcela da população brasileira declara ser adepta de mais de uma religião. Lísias Negrão analisa as vinculações e “suas afinidades com uma ou mais tradições religiosas mediante a partilha de suas crenças e adoção de suas práticas” (NEGRÃO, 2009, p. 39), detectando a existência de um trânsito permanente e/ou alternado de fiéis – que ele denomina “mutantes” – entre as diversas religiões e, dentre as inúmeras variantes possíveis, Negrão se detém sobre os “dúpliques”

católicos-espíritas, católicos-protestantes, católicos/afro-brasileiros. Entende o autor que há uma proximidade entre o espiritismo e as afro-brasileiras, apesar das diferenças entre si, dentro do campo religioso. Afirma ainda que o espiritismo tem uma procura razoavelmente grande como religião intermediária, ainda que os “os espíritas constituem o terceiro maior grupo de exclusivos”. (NEGRÃO, 2009, p. 44).

Negrão acredita que esse trânsito ou essa plurirreligiosidade estejam ligados a outros fatores que não somente à própria fé, ou ainda por encontrar em outras religiões, rituais, os pressupostos que fortalecem ou complementam suas necessidades religiosas.

Vai-se por curiosidade ou necessidade a outros cultos, procura-se conhece-los. A passagem por eles, mesmo rápida ou encerrada é julgada como experiência espiritualmente enriquecedora. No caso dos que frequentam missa, volta-se à comunhão, mas nem sempre se confessa ao padre o desvio. Eles sentem-se legitimados pela tradição (por exemplo, acredita-se que o ‘católico pode ir ao pai-de-santo’). Acredita-se na teoria da reencarnação e prefere-se aprofundar os conhecimentos religiosos em literaturas de outras fontes. [...] No limite, forjam a própria religião. (NEGRÃO, 2009, p. 53-54).

Esse trânsito religioso, ao ampliar as perspectivas religiosas sobre esta ou aquela religião, pode conduzir o “mutante” ao universo das múltiplas religiões, proporcionando-lhe maior entendimento sobre as outras religiões, de onde talvez se possa deduzir que esse conhecimento, adquirido numa “participação observante”, possa incutir-lhe o sentimento de respeito para com a sua(s) religião(ões) anterior(es) e com as demais religiões. Em se pensando que aqueles que permanecem no espiritismo, optando por esta religião como sua opção religiosa (temporalmente) definitiva, é possível também deduzir que esses fiéis, ao deixarem de ser mutantes, possam aceitar ou tolerar não só as estruturas de sua religião anterior, como também aceitar e tolerar o convívio, agora harmonioso, com os seus ex-pares.

4 Tolerância e intolerância

A tolerância e a intolerância são condutas e situações individuais ou coletivas que fazem parte da atividade social. Seja de etnia, gênero, classe, condição econômica, cultural, regional ou religiosa, inúmeras situações de intolerância são registradas e noticiadas pelos meios de comunicação, ou testemunhadas pessoalmente pelos indivíduos da e na sociedade. A intolerância religiosa é bastante comum no cotidiano brasileiro. Em 2016, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, usou como tema de redação, "Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil". Mais de oito milhões de candidatos se debruçaram sobre o tema⁴⁷. Em novembro do mesmo ano, notícia do jornal o Estado de São Paulo afirma que as “denúncias de intolerância religiosa cresceram 3.706% nos últimos 5 anos”, segundo relatório da Secretaria de Direitos Humanos, vinculada ao Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. Segundo a antropóloga Christina Vital, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense – UFF, o Brasil vive, a partir da década de 1990, um incômodo cultural. Afirma ela que a Igreja católica, ao longo de sua história promoveu a intolerância entre as religiões, em função de sua acomodação social, o que ajudou a provocar um aumento no número de igrejas e fiéis pentecostais. Vital afirma que apesar da ampla divulgação sobre a “conscientização do que é o crime de intolerância religiosa”, [...] a maior incidência desses crimes é contra as religiões africanas.”⁴⁸

Manchete de O Estado de São Paulo de 12/11/2017⁴⁹ informa que um levantamento realizado pelo Ministério dos Direitos Humanos, entre janeiro de 2015 e o primeiro semestre de 2017, aponta que, no Brasil, uma denúncia de intolerância religiosa acontece a cada 15 horas, ou seja, foram registrados 759 casos de intolerância religiosa nesse período. Mas pode ser possível que casos de convivência religiosa harmoniosa entre fiéis de diferentes correntes religiosas também possam existir e essas situações não sejam veiculadas pela mídia escrita, falada e televisada. Ou seja, podem existir, ainda que não divulgadas ou pouco divulgadas, situações de

⁴⁷ Fonte: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/11/06/intolerancia-religiosa-e-o-tema-da-redacao-do-enem-2016.htm> - Acesso em 21/06/2018 - 15h48

⁴⁸ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/11/06/denuncias-de-intolerancia-religiosa-crescem-3706-nos-ultimos-5-anos.htm>. Acesso em 16/05/2018 – 12h02.

⁴⁹ Fonte: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>. Acesso em 07/03/2018 – 16h50.

tolerância religiosa. Antes de iniciar a exposição de argumentos e fatos, buscarei algumas noções e definições que talvez permitam visualizar o campo de atuação e um entendimento do que se pretende buscar.

A etimologia da palavra “tolerância”, [do Latim *tolerantia*], em detrimento de outras significações que não se adequam ao objeto de nosso estudo, é, segundo Ferreira (1986), uma qualidade de quem é *tolerante*, ou ainda, o ato ou efeito de tolerar. O dicionário apresenta tolerância como *qualidade* e isso já é um bom início. Mas o sentido de tolerância vem mais bem delineado como “tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos” (FERREIRA, 1986, p. 1686). Se a etimologia da palavra nos dá essa acepção, que em princípio já nos atende em nossas necessidades de entendimento fica, entretanto, superficial ou incompleta se não for acrescida do entendimento que a ela é conferido pelos clássicos das Ciências Sociais.

Contrariamente ao senso popular, os gregos, muito religiosos e com muitos deuses (politeístas), entendiam como saudável a ideia de os epicuristas negarem a Providência e a existência da alma. O julgamento de Sócrates, relatado por Platão⁵⁰, foi considerado um fato social de exceção, pois que a acusação de perverter a juventude e adorar outros deuses foram fatores de somenos importância diante de um partido furioso, composto por sofistas, oradores e poetas, a quem ele atacou, numa conduta “aparentemente indigna” – pelo menos no entendimento de seus acusadores – de um homem considerado o mais sábio de todos os homens pelo oráculo de Delfos. Em sua acusação estavam um sacerdote e um conselheiro dos Quinhentos. De seu lado ficaram 220 filósofos. Mas, após a sua morte, os atenienses perceberam o erro incorrido e se voltaram contra seus acusadores. “Melito, o principal autor da sentença foi condenado à morte por essa injustiça” (VOLTAIRE, 2000, p. 37) e os outros foram banidos. Posteriormente, Atenas tenta se redimir erigindo um templo em homenagem a Sócrates.

Robert Wolff⁵¹ (1933-), é uma autoridade em Kant, mas “é alérgico a todas as emanções do espírito de Hegel” (*In* prefácio de a Crítica da Tolerância Pura, Zahar, 1970). Dentre as várias abordagens que faz acerca da tolerância, nos oferece

⁵⁰ Voltaire acreditava que a Apologia de Sócrates havia sido relatada aos juízes.

⁵¹ Robert Paul Wolff é filósofo político e professor emérito na Universidade de Massachusetts. Especialista em filosofia política e marxismo, escreve sobre tolerância, contra o liberalismo e a favor do anarquismo, da política e da democracia. Wolff é um estudioso de Immanuel Kant.

uma perspectiva da qual me apropriar para ampliar a análise dessa qualidade humana. Wolff afirma que a tolerância é a virtude da democracia moderna, assim como “a virtude da faca é o gume, a do cavalo de corrida a agilidade de suas patas. Do mesmo modo, as virtudes cardeais da sabedoria, coragem, temperança e justiça, são as excelências da alma...”. (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 11). Wolff afirma que as mesmas competições que existem na esfera econômica (empresas concorrendo pelo mercado e o trabalho concorrendo com o capital), existem entre as várias religiões e que, neste caso, o governo atua como “árbitro”. Afirma também que há uma espécie de “toma lá, dá cá”, onde as pressões dos partidos e dos grupos (religiosos incluídos) modelam as leis promulgadas pelo governo. Essa pressão impacta, de maneira importante, “a consciência americana da heterogeneidade religiosa, étnica e racial”. (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 19). Essa diversidade traz consigo os costumes religiosos (santos especiais, dias de guarda, rituais) que influenciam a opinião pública e os legisladores, impactando a vida plurirreligiosa da sociedade, surgindo (no caso americano) os conflitos religiosos entre católicos e protestantes, não conformistas e anglicanos. Entende o autor, que “a tolerância de práticas religiosas divergentes constitui um mal necessário, imposto a uma sociedade que ou não pode suprimir a dissidência ou julga excessivamente altos os custos sociais da repressão”. (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 22-23).

Para Wolff, a tolerância não é apenas uma virtude, mas o remédio para uma doença que pode ser fatal. Citando Morton Grodzins, no sumário de *The Loyal and the Disloyal*⁵², e talvez parafraseando “*laissez faire, laissez aller, laissez passer*”⁵³, afirma que “a tolerância é o próprio viva-e-deixe-viver”. (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 28). Em “*Além da Tolerância*” conclui afirmando que “devemos renunciar à imagem da sociedade como um campo de batalha de grupos concorrentes e formular um ideal mais alto do que a mera aceitação de interesses opostos e costumes diversos.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 58).

Barrington Moore Jr.⁵⁴ (1913-2005), “é um sociólogo educado na tradição que considera toda a Filosofia como absurda e perigosa.” (*In* prefácio de a *Crítica da Tolerância Pura*, Zahar, 1970). Moore analisa a tolerância sob o ponto de vista secular

⁵² *The Loyal and the Disloyal*, em português, “Os leais e os desleais”), não editada no Brasil. Obra de Morton Grodzins (1917-1964), professor de Ciência Política e decano da Universidade de Chicago.

⁵³ Expressão francesa que, literalmente quer dizer: “deixai fazer, deixai ir, deixai passar”.

⁵⁴ Barrington Moore Jr. é um sociólogo norte-americano formado na Universidade de Yale, New Haven, Connecticut, EUA.

e científico, porque essa perspectiva não produz a aceitação do mundo como o conhecemos: nem a tolerância diluída de todas as doutrinas e nem a fanática obstinação doutrinária. Vai abordar como concepção científica que, “tudo aquilo que for provado por raciocínio válido e pela prova pode pertencer à ciência. Intuições da literatura e filosofia tornam-se parte da ciência logo que são provadas. [...] Somente no momento em que esses pensadores recusam submeter-se à verificação eles se separam da ciência.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 61). Partindo da premissa de que “ninguém jamais convence ninguém de coisa alguma” Moore Jr. declara que “todo conhecimento contém um componente subjetivo, sem aceitar a conclusão de que o acordo é impossível sobre questões importantes.” (Idem, p. 62). Entende que essa subjetividade é importante dada a infinidade de perguntas que podem ser formuladas a respeito da realidade, ainda que somente algumas justifiquem respostas. Moore Jr. entende que há uma verdade significativa e uma verdade trivial e que um dos critérios que as distingue é a quantidade de benefícios ou danos que sua descoberta pode ocasionar. Discorre também sobre a estética da verdade, que interessa aos seus amantes. Ele busca a beleza, a ordem e a simetria. Mas, esse critério não implica que a estética seja válida para a distinção entre verdades significativas e verdades triviais. Talvez a grande dúvida originada por essas noções seja determinar a concepção sobre o que é bom para a humanidade, de acordo com a idade e a época.

As realidades de outrora e as do presente possuem estruturas e significados particulares que se expõem para as descobertas do explorador. A estrutura sempre existe e as teorias, ao mesmo tempo em que as ocultam, nos permitem vê-las. “Nas Ciências Sociais e na História os fatos significativos forçosamente serão partidários no sentido de perturbar as concepções acalentadas de *alguém*.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 67 – destaque do autor.) Considerando que os indivíduos têm interesse em ocultar as origens das posições que desfrutam, a ordem estabelecida não subverte a verdade, mas é o contrário. Por isso, “o investigador honesto deve estar preparado para a possibilidade de que seus achados e concepções políticas não se ajustem”. (Idem, idem). São dessas atitudes que derivam as conclusões posteriores sobre o papel da tolerância. Embora sejam palavras subjetivas, “importante”, “interessante”, “significativo”, “inútil” e “trivial”, elas, na voz do especialista, adquirem caráter objetivo, sempre que os padrões se aplicarem aos trabalhos de síntese e de explicação geral. Cientificamente, “todas as

ideias, incluindo as mais perigosas e aparentemente absurdas, têm o direito de ter as suas credenciais examinadas.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 69). E isso não significa aceitar a ideia, uma vez que a tolerância requer procedimentos diferenciados para testar as ideias. “Um crescente e mutável procedimento de verificação de ideias situa-se no âmago de todas as concepções de tolerâncias vinculadas ao ponto de vista científico. Isso é que é tolerância autêntica.” (Idem, idem).

Por outro lado, a crítica racional só é possível no nível técnico, quando se afirma que certos males produzem os desejados resultados. O fato de certas tendências tentarem cada vez mais controlar o mundo físico, não significa necessariamente que se deve aprovar ou desaprovar, ou lutar contra ou a favor dessas tendências. Fazer isso envolve a valoração humana, e um conjunto de valores pode ser supostamente tão válido quanto o outro. Quando se usa componentes subjetivos, corre-se o risco de resultados não arbitrários. Moore Jr afirma que “valores são exigências humanas feitas ao meio humano” e que “estabelecê-los não é tarefa que se conclua de uma vez para sempre”, pois os valores mudam “como mudam as mutáveis condições históricas.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 74). Embora poucos cientistas sociais façam dessa forma, esse é o método de trabalho que o autor sugere. Cabe ao intelectual encontrar e revelar a verdade, independente das consequências que possam advir dessa ação. “*Tout comprendre c’est tout pardonner*⁵⁵ é uma dessas frases de efeito que, sob estudo, verifica-se ser apenas uma meia verdade piegas.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 84). Segundo o autor, é absurdo pensar que “a atitude científica [...] induz à tolerância conservadora da ordem existente ou que priva os pensadores da intuição de importantes problemas do passado e do presente”. (Idem). Mas ela deve ser sempre tolerante com a razão e intolerante com o irracional e com o que não é verdadeiro, com o que é falso. É uma luz tênue, mas já é alguma coisa.

Herbert Marcuse⁵⁶ (1898-1979), especialista em Hegel, “considera perigosa a tradição analítica moderna, quando não puro absurdo”. (In prefácio de a Crítica da Tolerância Pura, Zahar, 1970) afirma que “a realização do objetivo da tolerância exige a intolerância em relação às políticas, atitudes e opiniões predominantes, e a aceitação tolerante das políticas, atitudes e opiniões reprimidas e postas fora da lei.”

⁵⁵ Literalmente: “Tudo compreender é tudo perdoar.”

⁵⁶ Herbert Marcuse foi um sociólogo e filósofo alemão pertencente à Escola de Frankfurt. Escreveu vários livros, entre eles Razão e Revolução (1941), Ideologia da Sociedade Industrial (1964) e O fim da Utopia (1967).

(WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p 87). Acrescenta que a tolerância, tanto em suas origens, quanto hoje, é um objetivo partidário, de práticas e ideias subversivas e libertadoras: serve à causa da opressão. Ela é um fim em si mesmo, razão pela qual é uma tolerância repressiva e que deve ser substituída pela tolerância libertadora. Em nome da tolerância surgem as mais sórdidas medidas de retaliação, violência e repressão. Toleram-se tudo o que não deveria ser permitido, porque impede e destrói as possibilidades de se viver sem medo e sem miséria. Os estudos de Marcuse analisam a tolerância do racialmente mau que parece um bem. A tolerância da imbecilização sistemática de crianças e adultos pela mídia, o espírito destrutivo por trás dos volantes, a preparação de forças militares especiais, a fraude do comércio, no desperdício e na obsolescência programada. A reclamação das autoridades em educação, moral e filosofia acerca da delinquência infantil é bem mais atenuada que o orgulho sentido pelas imagens de mísseis e bombas, divulgadas pela delinquência da civilização adulta.

O simples exercício dos direitos, segundo Marcuse, tais como votar, escrever para jornais ou para políticos já fortalece a administração. O reconhecimento dessas liberdades democráticas “a liberdade de opinião, de assembleia, de expressão transforma-se em instrumento de servidão absolvedora.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 89). E o valor da tolerância estará intrinsicamente ligado à igualdade que predominar na sociedade onde ela seja praticada. Para a existência da intolerância, ela deve estar sujeita a critérios indisputáveis, ou seja, a sociedade não pode estabelecer seus limites e o seu alcance. Ela só terá valor se não estiver condicionada pela sociedade que a pratica, mas extrapolar os seus limites.

Em outras palavras, a tolerância é um fim em si mesma apenas quando realmente universal, praticada tanto por governantes quanto por governados, pelos senhores e pelos condenados, pelos delegados de polícia e por suas vítimas. E a tolerância universal é possível apenas quando nenhum inimigo real ou suposto exige, no interesse nacional, a educação e a instrução do povo na violência e destruição militares. Enquanto não prevalecerem essas condições, as condições de tolerância estarão “viciadas”: são determinadas e definidas pela desigualdade institucionalizada (o que é certamente compatível com a igualdade constitucional), isto é, pela estrutura de classes da sociedade. (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 90) Destaque do autor.

Nesse raciocínio, o autor afirma que existem dois tipos de tolerância: a *passiva*, que comporta as atitudes e as ideias tradicionais e enraizadas, ainda que estejam evidenciados os seus efeitos nocivos, seja ao homem, seja à natureza e, a *ativa*,

disseminada e permitida à direita e à esquerda, engendrando motivos de guerra e paz aos grupos de ódio e aos grupos humanitários. Se a tolerância se abster de tomar partido, ela pode também ser considerada “abstrata” ou “pura”, mas a liberdade que amplia a estrutura e o conteúdo da liberdade “sempre foi partidária – intolerante para com os protagonistas do *status quo* repressivo.” (WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 91). Para Marcuse, entretanto, nem nas mais livres das sociedades existentes foi criada a liberdade. Entende o filósofo que “liberdade é libertação, um processo histórico específico na teoria e na prática e, como tal, tem o seu direito e o seu erro, a sua verdade ou a sua falsidade”. (Idem, p. 93).

Essa incerteza impõe a necessidade, não só da liberdade de pensamento e de expressão como também impõe a tolerância. Juntas, a tolerância e a liberdade de expressão são a senda do melhoramento e do progresso no caminho da libertação, porque “há uma verdade objetiva que pode ser descoberta, verificada, aprendida ao se conhecer e compreender aquilo que é e aquilo que pode ser feito para melhorar o destino da humanidade.” (WOLFF, MOORE Jr & Marcuse, 1970, p. 95). Se o *telos* da tolerância é a verdade – ainda que em certo sentido a verdade limite a liberdade, pois que a define –, os porta-vozes da tolerância, historicamente, tinham em suas mentes mais verdades que a teoria acadêmica e a lógica proposicional. A tolerância exige a audição de todos os pontos de vista, sejam quais forem e, da mesma forma, requer espaço igual, nos meios de comunicação, ao que é dado a quaisquer opiniões, sejam elas estúpidas ou inteligentes, sensatas ou insensatas, posto que a verdade não é privilégio exclusivo de ninguém e tampouco alguém pode subsumir que tenha a certeza do que é certo ou errado, ou do que seja a noção de bom ou de mau.

Marcuse vai-se entranhando nos meandros da política democrática até onde se pode supor, demonstrando as incoerências existentes nas diversas formas de interpretação da intolerância, concluindo, numa primeira situação, que em uma estrutura social alterada, existe a tendência de se encontrar a eficácia da tolerância debilitada. A tolerância a pequenos grupos antagônicos consiste em limitá-los em estreitos limites, tornando-os impotentes. Numa segunda situação, Marcuse – entendendo que a democracia é a tirania da maioria – afirma que a tolerância é o elemento vital, símbolo da sociedade livre, que jamais será oriunda da condescendência dos poderes constituídos, mas que será conquistada pelo esforço constante das minorias radicais, “de minorias intolerantes, militantemente intolerantes, e desobedientes às normas de conduta que toleram a destruição e a repressão.”

(WOLFF, MOORE Jr & MARCUSE, 1970, p. 126). Como se percebe, o emaranhado cipoal das tentativas de definição do que seja tolerância está longe de ser desenrolado. Cabe então seguir por caminhos menos congestionados e simplificar, ou pelo menos tentar, o entendimento do termo.

José Sérgio Carvalho, em palestra proferida na FEUSP, afirma que “a noção de tolerância, inicialmente vinculada ao plano da tolerância religiosa, constituiu a base em torno da qual se edificaram os ideais do pensamento liberal moderno.” E citando Karl Popper, acrescenta “... mais tarde – sobretudo nos séculos XVII e XVIII – vieram outros fundamentos ideológicos para justificar a perseguição, a crueldade e o terror: nacionalidade, raça, ortodoxias políticas, outras religiões”. (CARVALHO, s/data)

Reginaldo Prandi menciona Paulo Barreto, que assinava como João do Rio, e a sua publicação *As Religiões do Rio*, uma coletânea de artigos publicados acerca das religiões praticadas na então capital federal (1904), uma obra identificada como “um repositório de preconceito e intolerância contra as crenças que surgiram em um Brasil em que o catolicismo reinava como religião oficial e era a única tolerada.” (PRANDI, 2012, p. 47). Prandi cita trechos do livro onde é explícita a intolerância do autor contra – neste caso – o espiritismo, como: “O Brasil, pela junção de uma raça de sonhadores como os portugueses com a fantasia dos negros e o pavor indiano do invisível, está fatalmente à beira dos abismos onde se entrevê o além.” (Idem, p. 48); ou “os que não praticam a parte moral aceitam a parte fenomenal. É ao chegar a essa esfera que se começa a temer a frase do católico: ‘O espiritismo é um abismo encantador; foge ou de lá nunca mais sairás’” (Ibidem, p. 49)

A obra organizada por Vagner Silva, *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro* (2007) traz nas “orelhas” da capa frontal, importantes observações de Rita Amaral (1958-2011) acerca da intolerância:

A história da humanidade é, também, a história da sua inabilidade para conviver com o outro, com o diferente. Os preconceitos que geram a intolerância nutrem-se de alimentos abundantes como o desconhecimento, o desrespeito e a indiferença. A intolerância religiosa, por sua vez, está entre as formas de preconceito mais violentas, pois fere o homem no seu aspecto moral mais profundo ao rejeitar sua concepção ontológica, gerando reações muitas vezes imprevisíveis. Nestes casos, as religiões podem deixar de ser “caminhos para os céus” para se tornarem em verdadeiros “atalhos para o inferno”, ao se proporem o monopólio da “verdade” ou da noção de deus. (SILVA, 2007, orelha)

Nesta obra, Silva elenca vários artigos que transitam sobre a intolerância religiosa, que se antes eram episódios isolados e de pouca repercussão, hoje ganham a esfera da visibilidade pública, deixando o âmbito das esferas restritas às relações cotidianas. Notícias nas diversas formas de mídia – como já registrado anteriormente – dão conta não só dessas transgressões éticas como também das reações a estes casos se, “antes apenas um esboço isolado e tímido de algumas vítimas, agora se faz em termos de processos criminais levados adiante por pessoas físicas ou instituições públicas, como ONGs e até mesmo a Promotoria Pública.” (SILVA, 2007, p. 10)

Na mesma obra, Ricardo Mariano conceitua intolerância e tolerância com riqueza de detalhes em seu artigo “*Pentecostais em ação: A Demonização dos Cultos Afro-brasileiros*”. Mariano, destaca que Norberto Bobbio, em *A Era dos Direitos*, assevera “que o significado histórico predominante da noção de intolerância se refere ao problema da convivência entre confissões religiosas diversas, controvérsia suscitada pela ruptura do cristianismo católico com as cismas protestantes.” (SILVA, 2007, p. 120). Cita também Jürgen Habermas, em artigo da Folha de São Paulo de 5/01/2003, no Caderno Mais, intitulado “*Teoria da Adaptação*”, afirmando que “as leis sobre a liberdade religiosa e a tolerância recíproca entre os diferentes grupos religiosos são consideradas precursoras da democracia moderna” (Idem). Prossegue Mariano, citando Ítalo Mereu (2000) que a intolerância reside na certeza da posse da verdade absoluta e na obrigação de impor essa verdade a todos, ainda que pela força, numa expressão da vontade popular ou divina. Interessante também destacar em seu artigo que “a tolerância, por fim, pode se basear no dever moral de respeito à liberdade do outro, ao reconhecer o ‘direito de todo homem a crer de acordo com a sua consciência’ tendo como pressuposto que o ‘outro deve chegar à verdade’ por ‘convicção íntima e não por imposição.” (SILVA, 2007, p. 120-121).

Se, ser tolerante é ser uma pessoa que tolera, que desculpa, que é indulgente e benigna, e ainda, que admite e respeita opiniões contrárias às suas, então podemos partir da perspectiva que a intolerância é a falta desses atributos e qualidades, ou ainda, a sua insuficiência em qualquer proporção. Embora pareça exaustivo, nem de longe se esgotaram as argumentações acerca do entendimento do que seja tolerância ou intolerância. Dezenas de outros autores já dedicaram muito tempo e tinta a este instigante assunto. Mas, talvez seja possível acreditar que o exposto possa ser suficiente para a apreensão do conteúdo almejado por este trabalho.

4.1 O sistema jurídico brasileiro e a intolerância

Já se sabe que a liberdade de crença, juntamente com a criação do Estado laico, no Brasil, só ocorreu a partir da Constituição Republicana de 1891. As leis em vigor proíbem a discriminação religiosa, mas nada acrescentam acerca da intolerância. A Lei 9459, de 13 de maio de 1997, alterou os artigos 1º e 20º da Lei (anterior) 7716, de 05/01/1989, que trata dos crimes de discriminação religiosa. Determina a Lei 9459 que

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

A mesma lei (9459) tipifica o Código Penal em seu artigo 140, parágrafo 3º que “se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião ou origem” a pena será “reclusão de um a três anos e multa.”⁵⁷. O art. 20 ainda especifica que, se os crimes de discriminação forem cometidos por “intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza,” a pena será a “reclusão de dois a cinco anos e multa.” Na mesma via, mas sem que se consiga vislumbrar um efeito prático no combate à intolerância, a Lei 11635, de 27/12/2007, inclui no Calendário Cívico da União o “Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa a ser comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 21 de janeiro.”⁵⁸ Assim, observando-se nua e cruamente a legislação brasileira, encontramos a proibição contra o preconceito e a discriminação religiosa, mas nada há de legal, de maneira literal, que penalize a prática da intolerância religiosa. Alguns casos de intolerância religiosa, quando atendidos em plantões das delegacias policiais são registrados como lesão corporal ou injúria, conforme relatamos no capítulo 1 Introdução, página 17 deste trabalho.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário desde 1948, pode se encontrar em seu item XVIII, artigo 18: “todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou

⁵⁷ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1 – Acesso 21/06/2018 – 15h55.

⁵⁸ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111635.htm - Acesso em 21/06/2018 - 15h54.

crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.” E, na CF de 1988 encontramos no artigo 5º, inciso VI, a ratificação desse direito: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.”

Tolerâncias e intolerâncias vistas, passo então para a fase seguinte da proposta e, como já associei o termo à religião, tenho o objeto que irei desenvolver: tolerância ou intolerância religiosa. Conforme direcionado na introdução, a existência dessa tolerância ou intolerância religiosa será verificada, nos ambientes de práticas do espiritismo kardecista. E é para esse campo que me dirijo: o centro espírita.

5 O centro espírita

As atividades espíritas estão permeadas nas relações sociais. Como já mencionamos e citado por AUBRÉE (2009), as sociedades espíritas usualmente se apresentam como “fraternidades”, “grupos”, “templos”, “casas espíritas” ou “centros espíritas” e, talvez pelo fato de o Estado não conseguir assumir a totalidade dos encargos sociais da saúde, educação, da cultura, entre outros, as sociedades espíritas tentam substituí-los nas ações assistenciais. “Escolas profissionalizantes, creches, oficinas de costuras, orfanatos, clínicas, hospitais, asilos, centros de distribuição gratuita de medicamentos homeopáticos” e alopáticos, casas de repouso para idosos, bem como “institutos culturais, bibliotecas, clubes do livro, editoras e órgãos de imprensa” são alguns dos setores nos quais o espiritismo kardecista vem se empenhando em atuar. (AUBRÉE, 2009, p. 205). A organização de um centro espírita requer elaboração tanto quanto qualquer empreendimento. Há uma hierarquia não sacerdotal, mas de poder – mediúnica e moral – e cooperativa, onde as funções são definidas nos níveis estatutário e operacional. Os centros espíritas estão identificados – ou pelo menos deveriam estar – juridicamente através de uma sociedade constituída segundo as leis nacionais, através de estatutos oficializados em cartório de registro de títulos e documentos, e possuem inscrição junto ao órgão federal, o Ministério da Fazenda. Outras permissões municipais (alvará de funcionamento) e securitárias (vistoria e laudo corpo de bombeiros) costumam ser exigidas para o pleno funcionamento da instituição e das atividades dos colaboradores espirituais.

A diretoria executiva e uma espécie de conselho deliberativo ou fiscal, eleitos ou reeleitos de tempos em tempos, quase sempre se subordinam a uma entidade espiritual (um grupo de espíritos ou um espírito desencarnado), sob a responsabilidade de quem se encontra o funcionamento do centro espírita, a partir do plano espiritual. Se é um grupo, pode receber o nome do grupo ou do local que acomoda esse grupo na espiritualidade. A denominação do centro espírita varia sem uma fórmula definida. Pode ser identificado pelo nome de um espírito ou de uma organização espiritual. Se espírito, o nome dado à instituição é o nome com o qual o espírito se apresentou. Esse espírito recebe a denominação de “patrono” ou “mentor”, podendo ser um vulto de destaque pelos seus feitos e testemunhos, abnegação em favor do próximo ou da causa espírita, quando em vida ou pós vida, numa espécie de

homenagem. Segundo Suely Caldas, a escolha desse mentor reflete a “afinidade espontânea entre o grupo que projeta a fundação com determinado espírito”. (SCHUBERT, 2015, p. 34). Essa tutela espiritual ocorre pelo fato de a direção e a coordenação das atividades espirituais serem sempre realizadas pelo “outro lado”. Segundo a autora, “a fundação de uma casa espírita não é obra do acaso, portanto, sempre a Espiritualidade Maior se fará presente através das Entidades Espirituais que se vinculam por afinidade às instituições sérias, que têm como objetivo a divulgação do Espiritismo e a prática da caridade.” (SCHUBERT, 2015, p. 35).

Outra situação comum é a denominação da casa ser diferente do nome do mentor espiritual, sem que isso altere as relações entre o mentor e a instituição. Assim é possível encontrar centros espíritas com denominações espiritualmente sugestivas como “Seara Bendita”, “Luz Divina”, “Redenção” etc. Neste trabalho, um dos centros pesquisados tem o nome do mentor espiritual: Centro Espírita Irmão Alfredo e, os outros dois, nomes diferenciados como Centro Espírita Beneficente Seara de Luz e Centro Espírita Luz da Esperança. Diversos departamentos são instituídos para a execução das práticas espíritas: doutrinário, orientação mediúnica, assistência espiritual, divulgação, ensino, assistência social. Esses departamentos se reúnem de tempos em tempos para a programação das atividades que se desenvolvem diuturnamente ou semanalmente. Algumas outras reuniões se destinam ao atendimento espiritual à comunidade, normalmente residente próxima ao centro, ainda que em algumas situações, os frequentadores se desloquem de outros bairros ou zonas da cidade para frequentarem seus centros espíritas de preferência.

Por mais que se tente definir teoricamente o que seja o centro espírita, deve-se acompanhar a dinâmica e a estrutura do local para saber como funciona. Essa dinâmica e a estrutura podem ser percebidas, ainda que com certas restrições, com uma ou várias visitas ao local, com o objetivo exclusivo da observação participante. Essa atividade, foi desenhada por José Guilherme Magnani em *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana* (2002) e, além da observação, a atividade deve ser permeada com esclarecimentos de alguma pessoa representante ou colaboradora da casa. A leitura e a interpretação dessa dinâmica não podem ser “autoritárias” no sentido em que só a interpretação do pesquisador seja considerada. É necessário ouvir o pesquisado para não incorrer na tentação de entender e apresentar o que se pesquisa como fatos incontestes. Ainda que, no dizer de Clifford Geertz em *A Interpretação das Culturas* (2002), a colheita dessas informações – ouvindo o

pesquisado, seja considerada “de segunda mão”, por que neste caso, este último passa a ser o etnógrafo – Roy Wagner, em *A Invenção da Cultura* (2012), na mesma linha de raciocínio de Geertz, afirma que essa voz do pesquisado transforma-o também em um antropólogo, no que ele chamou de “antropologia reversa”.

5.1 Um dia no centro espírita

O centro espírita escolhido para essa observação foi o Centro Espírita Irmão Alfredo - CEIA, filiado à Aliança, localizado à Rua Ribeiro do Vale, nº 120-A, no bairro do Brooklin, zona sul de São Paulo – SP, e a visita foi precedida dos necessários entendimentos prévios com o presidente do centro, Sr. Jorge Scarpi. O pedido foi feito por e-mail e obtive a permissão no mesmo dia, ainda que com restrições: “Você poderá ser observador, mas em trabalhos de grupos mediúnicos, não.” Esse impedimento seria em função de eu “não estar apto” para os trabalhos. Fui autorizado a participar dos trabalhos de Assistência, da Evangelização Infantil, do programa Mocidade e Pré-Mocidade. O CEIA possui extensa atividade semanal, além de cursos complementares (de passes, de médiuns, de expositores e preletores, de entrevistadores, de dirigentes de escolas de médiuns etc.) programados durante o ano. De acordo com a programação do centro, ajustei-me aos horários das atividades e optei por observar a dinâmica dos trabalhos de assistência espiritual em um domingo pela manhã. O horário previsto para início era 9hs. (Fonte: <http://www.irmaoalfredo.org.br/index.php>).

Cheguei ao centro às 8h40 e já havia uma fila de pessoas sentadas em um banco de madeira localizado à direita de um extenso corredor com cerca de 15 pessoas. Logo na primeira porta à direita desse corredor há uma livraria/biblioteca onde fui atendido por Dona Dalila, colaboradora do centro na livraria e nas atividades espirituais. Perguntei quem era o dirigente dos trabalhos e ela, prontamente, informou ser o Sr. Jorge e me acompanhou para as dependências mais internas do centro. O Sr. Jorge me recebeu e me convidou a participar da reunião de oração e de abertura dos trabalhos do centro. Antes orientou que eu me preparasse para o ingresso no centro, através da aplicação de um auto passe⁵⁹, após o que me encaminhou para

⁵⁹ Auto passe é uma modalidade de passe onde a própria pessoa ou o doente se aplica, sendo entendido como um recurso para a cura da própria pessoa. Assemelha-se muito ao passe de limpeza e devem os médiuns fazer uso dele “para a limpeza psíquica de si mesmos e o recarregamento de energia dos plexos e centros de força”, conforme o capítulo 18 do livro *Passes e Radiações*. Esse procedimento está mais detalhado no capítulo

outra sala, onde já estavam reunidas cerca de vinte pessoas, todas sentadas. Era uma sala pequena e ficou lotada. Foi lida uma mensagem espírita – número 60 – do livro *Fonte Viva*, do Espírito Emmanuel através da psicografia do médium Francisco Candido Xavier (Chico Xavier), que abordava a perspectiva de “dar a esmola que se tem e não necessariamente a esmola do que se detém”. Feito isso, o Sr. Jorge proferiu a oração de abertura dos trabalhos do centro onde foram citadas diversas personagens espirituais, entre elas Razim⁶⁰ e Bezerra de Menezes, além de Maria de Nazaré (mãe de Jesus de Nazaré), Jesus e Deus. Integrou essa abertura a seguinte prece⁶¹:

Nosso Divino Mestre e Salvador,
fortalecei-nos e amparai-nos, para que possamos lutar
contra as forças do mal, que tentam dominar o mundo.
Veneráveis mensageiros celestes, auxiliares de Jesus,
fortalecei-nos e...
Pai Nosso, Criador Nosso, fonte eterna de amor e de luz,
fortalecei-nos e...

Após a oração, a Sra. Nádia Gabriel Scarpi, diretoria espiritual do CEIA, passou a questionar quais pessoas estavam se dispondo a colaborar nas atividades do dia e em quais locais, de acordo com a necessidade da estrutura: recepção, passes de limpeza, entrevistas, passes dos tipos P3B, P2, CH⁶², além das quatro leituras e da última leitura. Feito isso, a reunião se dissolve e cada pessoa se dirige para os locais onde irão desempenhar suas atividades. A partir de então, a recepção será motivo de observação.

Às 9hs em ponto, começa o atendimento e as pessoas que estão na fila inicial, começam a ser acolhidas. A recepção consiste em uma mesa onde há uma caixa de madeira no formato aproximado de 12cm x 12cm x 100cm e uma caixa menor, com aproximadamente 15cm x 15cm x 30cm. Três pessoas sentadas, sendo uma do sexo feminino, recepcionam as pessoas que se identificam pelo nome e apresentam uma pequena Ficha de Assistência Espiritual onde está anotado e se registra a presença nos dias em que o assistido comparece e o tipo de passe que está recebendo. O atendimento para pessoas com necessidades especiais, bem como, gestantes, idosos

“Práticas”. Para executá-lo há necessidade de ter o conhecimento de sua autoaplicação, o que se consegue após participar de um curso de passes, que – como já mencionei – fez parte do meu trabalho de pesquisa.

⁶⁰ Entidade espiritual ligada à Aliança Espírita Evangélica.

⁶¹ Depois fui informado que essa prece precede a abertura de todos os trabalhos espirituais deste centro e de todas as atividades da Aliança Espírita Evangélica.

⁶² P3B, CH e P2 são alguns dos tipos de passes oferecidos pelo serviço de Assistência. Neste trabalho discorreremos sobre os passes P2, passe de limpeza e auto passe.

e obesos é preferencial. Os que chegam pela primeira vez recebem uma ficha nova e é aberta outra ficha de registro das orientações. Nessa identificação – em “ANEXO B”, há um exemplar em cópia dessa ficha, que “controla” os dias em que o assistido comparece para “tomar” o passe – o recepcionista anota a data do dia e entrega uma outra ficha (tipo senha) onde está escrito o tipo do passe que a pessoa irá tomar e o número da ordem de chegada/atendimento. De posse do número de ordem a pessoa é orientada por outra colaboradora do centro a se dirigir ao local onde estão sendo dados os *passes de limpeza*⁶³. Esse local é também um pequeno corredor sem saída, com três cadeiras de um lado, onde os visitantes se sentam para receber o passe de limpeza aplicado por outras três pessoas, sendo também uma do sexo feminino⁶⁴. O visitante senta em uma das cadeiras, o passista se aproxima e orienta: “Pensa em Jesus” e aplica o passe, que demora cerca de um minuto. Após o passe, as pessoas são encaminhadas para uma sala mais ampla, chamada sala de espera ou sala de preleção onde, sentadas, permanecem à espera do início dos atendimentos.

Essa sala mais ampla mede aproximadamente 4m x 10m e dispõe de cerca de oitenta cadeiras. O teto da sala e a parte superior das paredes estão pintados com tinta de látex (PVA⁶⁵) na cor branca fosca e a parte inferior das paredes na cor verde clara, pintadas em esmalte sintético⁶⁶ brilhante. Ao longo das paredes quatro luminárias de cada lado têm as lâmpadas acesas, na cor verde clara. Em um dos lados da sala situa-se a porta de entrada e uma lousa branca e, na parede oposta, ao fundo, duas janelas (tipo vitral de correr) de vidro estão abertas e emolduradas por cortinas em tecido de renda na cor branca. Mesmo com as janelas abertas e a iluminação verde suave, o ambiente fica em meia penumbra. Ouve-se muito suavemente acordes de músicas clássicas que proporcionam calma e tranquilidade ao ambiente. A sala vai se enchendo de pessoas aos poucos. A mais ou menos cada cinco minutos um voluntário entra na sala, pega um livro que está sobre uma mesinha localizada no canto e na parte da frente da sala, e pergunta quem gostaria de escolher a leitura, abrindo o livro. Feito isso, o voluntário faz a leitura da mensagem do livro. No final, constatei que o livro era *Caminho, Verdade e Vida*, de autoria de Emmanuel

⁶³ O passe de limpeza ou harmonização está descrito no tópico “Práticas”, deste trabalho.

⁶⁴ Questionado, um dos colaboradores disse não haver uma orientação específica para que uma ou apenas uma pessoa seja do sexo feminino, seja na mesa de recepção seja no local dos passes de limpeza. No dia “aconteceu”.

⁶⁵ PVA – Poliacetato de Vinila é um composto químico (polímero) utilizado na fabricação de tintas. (Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/polimero-pva.htm> - Acesso em 21/06/2018 - 15h57).

⁶⁶ De acordo com a NBR 15494:2015, esmalte sintético e tinta a óleo são as tintas à base de solvente.

e psicografia de Francisco Cândido Xavier. Vários avisos sinalizam que “Silêncio é Prece” e se posicionam em locais visíveis para o público presente.

Sala de Espera e de Preleções do CEIA - Frente



Imagem 3 – Autor: Sebastião Antunes R. Filho
Sala de Espera e de Preleções - Fundos



Imagem 4 – Autor: Sebastião Antunes Ribeiro Filho

Neste íterim, outros colaboradores vão chamando os nomes de algumas pessoas e os conduzem às salas privativas onde ocorrem as entrevistas. Essas entrevistas ocorrem: a) na primeira visita da pessoa ao centro. Nessa entrevista, um colaborador especialmente treinado conversa com a pessoa e se informa sobre o que a trouxe ao centro, qual o seu problema o que ela busca etc. Neste momento é aberta uma *ficha de entrevista* (um exemplar em cópia, dessa ficha, em frente e verso, está inserido em “ANEXO C”) de cerca de 12cm x 12cm, onde é anotado o nome da pessoa e alguns dados; e b) após a quarta visita da pessoa à casa. Essa entrevista, e daí em diante, segundo o método orientado pela Aliança, se repete a cada quatro passes (quatro semanas seguidas ou não). Quando a pessoa chega ao centro, após a entrevista inicial, ela é orientada a tomar uma série de quatro passes do tipo P2⁶⁷. Ou seja, o P2 é um passe padrão: em todas as situações, em todo tratamento, é com esse tipo de passe que o assistido começa o seu atendimento. Após o quarto passe (quarta semana), a ficha de atendimento é encaminhada para um grupo de médiuns, chamado *Grupo de Avaliação*. Esse grupo avalia espiritualmente como a pessoa está se sentindo, o que ela está precisando e qual tratamento deve receber. Nessa ficha (de entrevista) são anotadas as orientações que devem ser transmitidas à pessoa, assim como o tipo de passe que deve tomar ou continuar a tomar. Na quinta vez que o assistido vai ao centro, é entrevistado novamente, e as orientações recebidas pelo grupo de avaliação lhe são transmitidas. Esse procedimento – após os quatro passes e no quinto, uma entrevista – é repetido até o fim do tratamento, sendo que a finalização do tratamento também é definida pelo grupo de avaliação. Não me foi autorizado observar os procedimentos desse grupo, apenas me foi relatada a existência e a função dele. Talvez porque eu não estivesse apto.

Durante as leituras das mensagens que foram em número de quatro, tive a oportunidade de conversar com o Sr. Ubiraci de Souza Leal, frequentador do CEIA há mais de trinta e cinco anos que me prestou vários esclarecimentos. Fazendo uso da orientação de Roy Wagner (2015), dei voz ao “nativo”. Indaguei ao Sr. Ubiraci como era chamado o serviço oferecido à comunidade – tratamento, terapia, consulta etc. Com muita disposição, foi respondendo às perguntas e me esclarecendo. O CEIA oferece o tratamento espiritual (*assistência*) que é composto de cinco atividades: recepção, passe de limpeza, entrevista (na primeira visita e após o quarto passe

⁶⁷ O passe P2 (Pasteur 2) está detalhado em “Práticas”.

semanal), preleção evangélica e o passe, de acordo com a indicação espiritual, caso a caso, mas sempre iniciando pelo passe P2. As leituras das mensagens evangélicas são extraídas sempre do livro *Caminho, Verdade e Vida*, já mencionado. A definição dos temas básicos das preleções ocorre por meio sorteio anual e é realizado no mês de novembro do ano anterior ao ano em exercício. (O tema que estava no quadro na data da visita havia sido sorteado em novembro do ano anterior.) Os temas aleatórios, escolhidos pelos presentes são lidos de cinco em cinco minutos. Nessa proporção, tivemos quatro temas lidos (9h05, 9h10, 9h15 e 9h20) antes do tema do dia – agora, sabidamente semanal, ou seja, o tema do dia é também o tema semanal e é substituído todos os domingos, pela manhã. A pessoa que irá ler o tema final, ou o tema da semana, é definida no dia da semana anterior. A pessoa encarregada de fazer a preleção (exortação) evangélica que dura entre dez e quinze minutos também é definida uma semana antes. Se o preletor escolhido não puder vir, ele tem o compromisso de avisar o dirigente do dia, que providenciará que outro faça essa preleção ou, ele mesmo (o dirigente) a faz. Os temas lidos de cinco em cinco minutos não suportam comentários por parte dos presentes, mas o tema final, caso alguém queira comentar ou questionar, essa intervenção é permitida. Nesta ocasião, o tema do dia não foi motivo de comentários pelos presentes.

O Sr. Ubiraci informou também sobre os cuidados que os médiuns devem observar no tocante aos hábitos alimentares para que sejam admitidos nos trabalhos. O médium colaborador deve abster-se de alimentos à base de carnes vermelhas, brancas e até de peixe, no mínimo vinte e quatro horas antes da apresentação para os trabalhos. Assim, quem estava colaborando neste dia, deixou de ingerir carne desde a manhã de sábado. Não há restrições para a ingestão de ovos e produtos lácteos. Outro cuidado é com a ingestão de bebidas alcoólicas. Se o médium beber socialmente, ele deve abster-se da ingestão de álcool quarenta e oito horas antes da sessão. Caso a pessoa seja alcoolista, será impedida de trabalhar até que o vício seja eliminado. As pessoas que fumam também são interditas aos trabalhos. O tabagista só pode colaborar após ter transcorrido quatro meses de haver deixado o hábito. Recidivas, ou seja, se por qualquer motivo o médium passista fumar um cigarro, exigem o cumprimento do período “probatório” estipulado de quatro meses.

Durante a observação da circulação dos presentes, foi-me esclarecido que a caixa de madeira maior, que estava sobre a mesa da recepção, contém as fichas com os registros de todos os *assistidos* que estão em tratamento. A caixa menor contém

as fichas dos *médiuns da casa* que estão fazendo tratamento. Havia outra caixa grande, em outra mesa, distante da recepção. Sr. Ubiraci informou que ela contém fichas de assistidos que não vêm ao centro há mais de um e há menos de três anos, acrescentando que as fichas dos assistidos que não vêm na casa a mais de três anos, são destruídas. Disse que esse cuidado é necessário, considerando que o CEIA recebe em média trezentos e cinquenta assistidos por semana.

Outro fato destacado foi que os médiuns que estão em tratamento não são atendidos nos dias em que colaboram no centro. Esse impedimento de que o voluntário colabore no dia de seu atendimento pessoal está afeto à necessidade de que o tratamento cumpra as cinco fases já descritas. Se ele estiver colaborando, não tem como cumprir as cinco fases. Dependendo ainda do tratamento, o médium fica impedido de trabalhar ou, sujeito a autorização espiritual que seria dada pelo mesmo grupo de avaliação já citado. Por exemplo, voluntários em tratamento com o passe CH ou P3B não podem colaborar e, voluntários em tratamento com o passe P2, só podem colaborar se forem autorizados na reunião do grupo de avaliação. Em média, seis a sete por cento dos colaboradores estão em tratamento. Há ainda a determinação de que todo colaborador deve colocar a sua ficha para avaliação espiritual no mínimo uma vez por ano. Caso não a coloque por dois anos seguidos, estará impedido de exercer as suas atividades mediúnicas.

As entrevistas são os momentos de acolhimento de maior contato entre alguns médiuns voluntários (em especial, os entrevistadores) e as pessoas assistidas. É neste momento que saberão se estão melhorando do ponto de vista espiritual ou não, sempre existindo ainda a possibilidade de receber uma mensagem vinda do “outro lado”. As entrevistas ocorrem durante os trabalhos, a partir do momento em que o assistido acessa a sala de preleções e seguem até o último atendimento, seja quando for. Quando a leitura do tema do dia se inicia, todos os entrevistadores interrompem as atividades de entrevista e participam como ouvintes tanto da leitura como da preleção. Após a preleção, iniciam-se os passes e os entrevistadores voltam a chamar as pessoas individualmente. Antes que os trabalhos da recepção se encerrem e, considerando minha observação participante, pedi para “tomar” um passe. Abriram uma ficha para mim e o número do meu passe foi P2-72. Ainda chegaram mais duas pessoas antes que a porta de entrada fosse fechada. Neste dia, só para o passe P2, vieram 74 pessoas.

Voltando à sala de preleções. A quinta leitura foi realizada por outra pessoa e era o tema que estava anotado na mencionada lousa branca fixada na parede da sala. O tema do dia era: “*Examina-te: Nada faças por contenda ou por vanglória, mas por humildade.*”⁶⁸. Esse é o terceiro tema do livro *Caminho, Verdade e Vida*. O preletor do dia foi o Sr. Jorge, presidente do centro. Após a preleção, onde a exortação para o exercício da humildade foi ressaltada, iniciam-se os passes.

Foram formadas três salas de atendimento e as pessoas começaram a ser chamadas de acordo com a ordem de chegada e pelo tipo de passes. CH-1, P2-1 e P2-2...; Ch-2, P2-3 e P2-4...; P2-5, P2-6 e P-7... e assim, sucessivamente. Conforme as pessoas entravam nas salas para receber o passe, as próximas eram chamadas, entregavam suas senhas e eram encaminhadas para aguardar ao lado de uma das três portas.

Como só havia dois passes do tipo CH, a sala que atendia esse tipo de passes, após alguns minutos começa a atender os passes tipo P2. As pessoas, após tomarem o passe, retiram-se do centro, dando por terminado o tratamento naquele dia. Eu, devo aguardar minha vez e o meu passe é o de número 72. Enquanto aguardo ser chamado fico observando os presentes e a sala. Algumas pessoas leem livros ou apostilas com temas espíritas. Outros conversam em voz baixa e outros ainda consultam seus telefones celulares. E alguns se mantêm em silêncio mesmo. De maneira geral, pode-se dizer que a sala se mantêm silenciosa. O aviso (ou pedido) de que “Silêncio é Prece” surte algum efeito. Dois quadros icônicos ocupam lugar de destaque nessa sala: um correspondente à imagem de Jesus e outro correspondendo à imagem do Dr. Bezerra de Menezes. Detalhe interessante: a imagem do Dr. Bezerra de Menezes exposta nesta sala é diferente de outra imagem que se encontra em outra sala. Segundo o Sr. Jorge, aquela imagem é do Dr. Bezerra de Menezes jovem.⁶⁹

Depois de certo tempo e, na sequência de atendimento, sou chamado: “P2-72”. Sou orientado a aguardar, como os demais já haviam feito, ao lado de uma sala que logo abre a porta, sai uma pessoa e eu entro em seguida. Cumprimento os médiuns e sou cumprimentado também. A sala está imersa em uma semipenumbra, apesar de

⁶⁸ Essa frase está referenciada na epístola de Paulo aos Filipenses no capítulo 2, versículo 3.

⁶⁹ Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti converteu-se ao espiritismo somente em agosto de 1886, dias antes de completar 55 anos, e no espiritismo passou a ser conhecido como Dr. Bezerra de Menezes. (WANTUIL, 1969, p. 233).

À esquerda a imagem do Dr. Bezerra de Menezes quando jovem na sala de Preleções do CEIA e, do lado direito e abaixo, imagem comumente divulgada do Dr. Bezerra de Menezes.⁷⁰

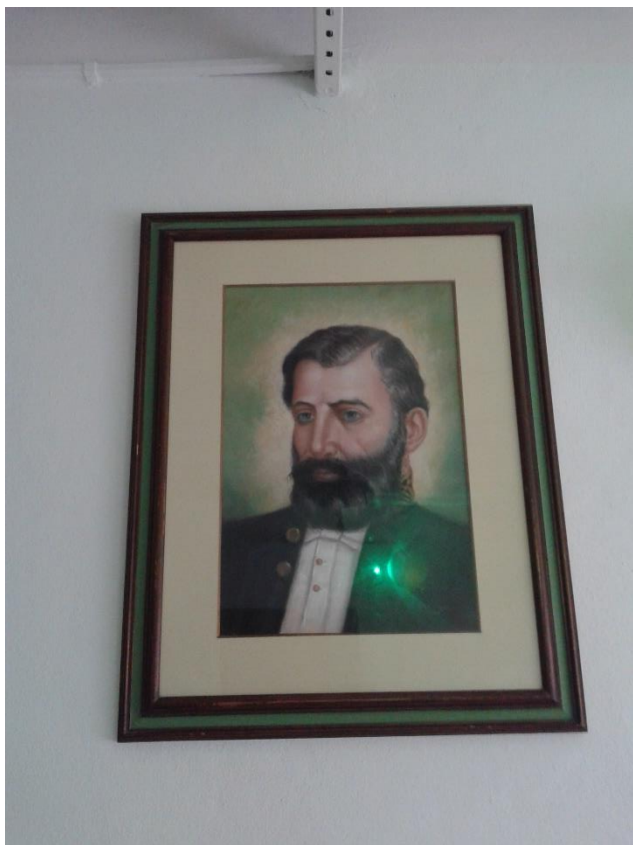


Imagem 5 - Autor: Sebastião Antunes Ribeiro Filho



Imagem 6 - Fonte: AMN

ser durante o dia. A janela por onde deveria entrar a luminosidade diurna está com as cortinas cerradas. A luminária da sala difunde uma luz verde por todo o ambiente. Há uma cadeira sem encosto lombar, tipo banco. Foi-me indicada e eu me sento. Um dos médiuns se aproxima do meu lado esquerdo enquanto os demais dão as mãos formando um círculo em torno de nós - eu e o médium. O médium orienta: “Pensa em Jesus”. Como é uma participação, fecho os olhos e penso em Jesus. Não vi a aplicação do passe, mas o rito do passe P2 está descrito em “Práticas”. Em alguns segundos o médium profere: “Graças a Deus e a Jesus”, encerrando o passe. A porta se abre, eu me levanto, agradeço e saio da sala. Encerra-se a minha participação no passe. O Sr. Ubiraci se aproxima e me encaminha para a sala de preleções, agora preparada para uma segunda reunião.

⁷⁰ Essa foto foi obtida junto à Academia Nacional de Medicina – AMN. O site a baixo foi acessado em 21/06/2018 – 15h59. http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=120&descricao=Adolpho+Bezerra+de+Menezes+Cavalcanti

As portas das salas dos passes vão se abrindo e de lá saem os médiuns que estavam dando os passes e vão se acomodando perto de mim e também aguardam o início da reunião. Ao meu lado, o Sr. Ubiraci, um *antropólogo reverso*, vai me dando detalhes. Essa reunião ocorre sempre após os trabalhos e tem duas finalidades: a primeira é saber como foram os trabalhos e a segunda, transmitir orientações e acertar os detalhes da reunião do próximo domingo. A reunião é aberta pela Sra. Nádia e, questionados, todos os colaboradores vão informando como foi a atividade em cada setor. A recepção informa que tiveram dificuldade para encontrar a ficha de um assistido, mas ela foi localizada fora da ordem alfabética e a situação foi controlada. Os passes de limpeza transcorreram sem qualquer intercorrência. No “meio de campo”⁷¹ também foi tudo bem. As entrevistas, num total de vinte e cinco, ocorreram em um clima de tranquilidade, com as orientações sendo transmitidas a cada pessoa de acordo com as instruções do Grupo de Avaliação. Algo que se pode entender como uma situação desejada. As leituras, num total de quatro, abrangeram os temas evangélicos que falavam sobre mãos limpas (74), a espada simbólica (104), pretensões (138) e, o ouro intransferível (135)⁷². O colaborador teve o cuidado em anotar os temas que ele leu. O encarregado da leitura do dia informa que as leituras do dia, na sua opinião, foram feitas de modo satisfatório. A coordenadora da reunião, Sra. Nádia, alerta esse colaborador e os demais para o fato de que a leitura da mensagem do dia fosse realizada próximo da porta de entrada da sala de preleções, de maneira que quem estiver nas outras salas próximas, também possa ouvir.⁷³ O colaborador diz não haver percebido que havia pessoas na outra sala. Na sequência, os grupos de passes P2, P3B, CH informam que tudo transcorreu bem. É aberta a palavra aos presentes para saber se havia alguma dúvida e ninguém se manifestou. O Sr. Jorge pede a palavra para informar que as inscrições para a RGA⁷⁴ de 2017

⁷¹ Ao final da reunião perguntei o que seria o “meio de campo”. Fui informado que era o espaço físico compreendido entre a recepção e a sala de preleções, abrangendo também o local onde são aplicados os passes de limpeza. No “meio de campo”, um ou mais voluntários, conhecedores da estrutura de atendimento, orientam as pessoas que chegavam para o local dos passes e, após isto, os encaminhava para a sala de preleções.

⁷² A numeração corresponde à mensagem evangélica extraída do livro *Caminho, Verdade e Vida*.

⁷³ Neste dia, a sala de preleções fora pequena para a quantidade de pessoas que afluíram ao CEIA. Em situações assim, salas menores, próximas à sala de preleções são franqueadas para que os assistidos possam aguardar com o mesmo relativo conforto que os outros que estão na sala de preleções.

⁷⁴ Reunião Geral da Aliança – RGA é um evento que a Aliança realiza anualmente no domingo e na segunda-feira de carnaval, onde milhares de médiuns se reúnem para trocas de experiências e para a realização de dinâmicas de grupo evangélicas. O CEIA irá participar do evento como integrante da Região Sul de São Paulo, que reúne os centros espíritas localizados nessa área, mais os centros localizados nos litorais sul, centro e norte de São Paulo e os centros da Argentina.

estão abertas e que serão aceitas até o dia 15 de novembro. Encerrando a reunião a Sra. Nádia pergunta quem ficará para o outro trabalho (avaliação espiritual – análise de fichas) e diante da confirmação de oito pessoas, dá-se por satisfeita pelo fato de haver quantidade necessária de participantes. O Sr. Ubiraci informa que à noite haverá mais atividades no CEIA: assistência espiritual e uma aula para a turma da Escola de Aprendizes do Evangelho e que os eventos ocorrerão simultaneamente. Neste fim de reunião todos os presentes assinam a lista de presença do dia. O que se percebe é que o voluntário só pode registrar a sua presença como colaborador após o término de todas as atividades. A reunião encerra-se às 10h30 e junto, os trabalhos de observação.

Estes foram os momentos das atividades (sessão) de um centro espírita em um dia de domingo. No mesmo dia, iniciando-se às 8h30, acontecia uma aula da Escola de Aprendizes do Evangelho em outro ambiente do CEIA. Como o foco desse trabalho são as atividades mediúnicas nas salas de passes com atendimento a pessoas externas ao centro, o que não ocorre na EAE, optei por não participar como observador, das aulas oferecidas na escola e, se o fizesse teria que ser em outro dia ou horário. Como a existência das tolerâncias e intolerâncias serão buscadas nas salas de atendimento do centro espírita, nos locais de prática, é para lá que eu sigo, para observar e descrever essas práticas.

6 As práticas espíritas

Nos centros espíritas quase sempre as reuniões abertas ao público são as de divulgação doutrinária, evangelização, ensino mediúnico, desobsessão e, as mais comuns, as sessões de passes.

O passe não é uma prática exclusivamente espírita. No catolicismo ele aparece durante a liturgia do casamento e do batismo, por exemplo, onde os presentes e/ou os padrinhos são instados pelo sacerdote a fazer a imposição das mãos, direcionadas para o casal ou sobre quem está sendo batizado e abençoa a criança ou o casal. Ele (o passe) está “identificado na imposição de mãos dos padrinhos, em certos momentos das cerimônias de casamento e de batismo. Vamos encontrá-lo, também nos exorcismos e nas bênçãos de um modo geral.” (CAMPETTI SOBRINHO, 2008, p. 662). A Igreja Messiânica Mundial do Brasil, refere-se ao passe como “johrei”, uma “canalização de energia espiritual (luz divina) para purificação do espírito” que é transmitida para o semelhante “por meio da imposição de mãos”⁷⁵. Também na Umbanda, religião brasileira de raízes africana, hindu-europeia, indígena e católica, o passe é um ritual adotado, senão em todos, na maioria dos terreiros.

Se abstrairmos a conotação religiosa, iremos encontrar o passe como uma alternativa de tratamento holístico sob a denominação de “Reiki”. O “Reiki é uma técnica japonesa de relaxamento do corpo e da mente que, segundo seus adeptos, também promove a cura. Baseia-se na ideia de que uma “energia de força vital” não conhecida flui através de nós.” Os terapeutas que utilizam essa técnica acreditam que essa energia pode ser “canalizada através da imposição de mãos realizada sobre determinada pessoa.”⁷⁶ Em 2006, o Sistema Único de Saúde – SUS –, através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), permitiu que se realizassem experiências com o intuito de se conhecer e apoiar práticas que já ocorriam em vários hospitais, criando a oportunidade de os gestores e profissionais da saúde fazerem o uso do Reiki como instrumento terapêutico e alternativo no combate ao estresse e ao medo e na busca do bem-estar dos usuários. (STUMM, 2013, p. 7).

⁷⁵ Fonte: <http://www.messianica.org.br/colunas-da-salvacao/johrei> - Acesso em 06/12/2016 - 12h29.

⁷⁶ Fonte: <http://www.reikieterapia.com/reiki/> - Acesso em 08/06/2018 - 09h17.

No espiritismo, os passes são o tipo de tratamento terapêutico espiritual oferecido em quase todas as casas espíritas. Através da imposição de mãos sobre o frequentador, “fluídos curativos” são transmitidos para o assistido, através de uma sequência própria, e repetidos semanalmente durante o tempo em que esse “tratamento” se faça necessário. Essa atividade não está explícita na obra kardecista, mas o mestre lionês dedicou atenção ao assunto em *O Livro dos Médiuns*⁷⁷ para a descrição do que ele chamou de magnetismo espiritual, em complemento ao que Mesmer chamou de magnetismo animal.

Mesmer havia estabelecido as bases do magnetismo animal, e Kardec descobre que há um magnetismo espiritual. Mesmo que este último consagre inúmeras páginas de sua obra (em particular no *Livro dos Médiuns*) aos “fluidos curativos”, ele não desenvolve esse aspecto da doutrina. Ao contrário, o espiritismo brasileiro é – e isso desde as origens – um movimento com vocação terapêutica, que se preocupa em fornecer soluções não apenas para as questões metafísicas, que se colocam não somente para a gestão individual e coletiva dos “bens de salvação (Max Weber), mas à gestão do que podemos chamar de bens de saúde”. A popularidade incontestável de que goza o espiritismo no Brasil, a atração que ele exerce sobre boa parte da população, vem do fato de ser um recurso terapêutico possível e, além disso, um recurso terapêutico que se apresenta totalmente compatível, por um lado, com as descobertas da ciência e, por outro, com os princípios da fé cristã. (AUBRÉE, 2009, p. 215-6). (Destques do original)

Se, tecnicamente o passe é uma transmissão mental de energias animais e espirituais, essa atividade não pode ser vista apenas na sua mecanicidade. Suely Caldas Schubert afirma que o passe é um ato de amor com o apoio da espiritualidade. Ainda que alguns médiuns não estejam totalmente conscientes do que ocorre na dimensão espiritual ou ainda que seu preparo físico e espiritual não tenha sido realizado com o devido cuidado, a atividade da espiritualidade no ambiente, segundo a autora, é bastante movimentada. Quanto mais o médium tiver consciência dessa atividade, melhor será a sua participação e mais produtiva e eficiente será a aplicação da terapia. Ainda que a complexidade dos trabalhos do “outro lado” seja grande, a participação do médium deverá ocorrer da maneira mais simples possível e com sentimento de amor ao próximo. Segundo ela, não é a cor da roupa ou da sala, que irão ditar a qualidade da transmissão energética no momento do passe, “mas sim a sua mente impulsionando e direcionando as energias fluídicas, o seu desejo de servir,

⁷⁷ No final deste capítulo transcrevo um trecho de “O Livro dos médiuns” onde a transmissão dessas energias está delineada de maneira mais explícita pelo codificador do espiritismo.

a sua capacidade de ser solidário com aquele que ali está e de amá-lo como a um irmão. Por isso que a simplicidade deve ser a tônica no momento do passe, já que este é, essencialmente, um ato de amor.” (SCHUBERT, 2015, p. 59).

Essas energias magnéticas se apresentam no estado “fluídico”, ou seja, não perceptível aos olhos físicos e vão do agente “encarnado” – no caso o médium passista – para o receptor ou assistido, também encarnado que, em estado de prece, posta-se em expectativa passiva perante o operador. Mas, essa “doação” de energias não se origina apenas no médium passista. Ela é controlada pelo médium encarnado e é influenciada por entidades desencarnadas (espíritos benfeitores).

A transmissão energética do passe, todavia não se restringe exclusivamente à ação magnética, pois se encontra sob o controle da mente de quem doa – neste caso, o passista encarnado e o desencarnado que, unidos, realizam um trabalho de cooperação mútua. Há, portanto, dois tipos básicos de energias envolvidas no processo, como ensina Emmanuel: O passe é transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação. (MOURA, 2013, p.100).

A transmissão dessas energias fluídicas, ainda que seja um processo mental, se processa através da imposição de mãos. São estas, elementos direcionadores magnéticos, que potencializam os efeitos do passe. Afirma Wenefledo de Toledo que

As mãos dos médiuns, quando concentrados, no momento em que transmitem o passe, tomam uma coloração azul-clara com nuances de verde, emitindo raios muito fosforescentes, que atingem alguns centímetros de espessura. Das pontas dos dedos são emitidos pela vontade do médium, formando um chuveiro magnético, na direção que lhes for imprimida. (TOLEDO, 2014, p. 89-90).

Armond classifica os passes em dois grupos: os passes *materiais* (magnéticos), correspondendo àqueles que são aplicados por pessoas se dedicam a isto “mesmo não sendo médiuns” (ARMOND, 1997, p. 83). Esses passes são portadores apenas do fluido animal do operador; e os passes *espirituais*, aqueles aplicados pelos espíritos desencarnados com o auxílio dos médiuns. Os passes materiais são destinados às curas materiais e os passes espirituais às perturbações espirituais. E, quanto à aplicação, Armond classifica os passes em *individuais*, “quando as aplicações são feitas para cada atendido individualmente”. (Idem, idem). Em *coletivos* – quando o número de médiuns passistas é reduzido, inviabilizando a aplicação dos passes individuais e em *padronizados*, indicados quando as casas espíritas recebem grande afluxo de assistidos e, por estabelecerem uma sequência de movimentos

específicos que os torna mais eficientes e produtivos – corrigindo-se eventuais gestos espetaculares, ridículos, ofensivos, resultantes do despreparo, da ignorância ou do misticismo (ARMOND, 1997, p. 86)– e os passes *livres*, quando não há método no procedimento o que, segundo o autor, favorece a indisciplina, os vícios e os defeitos de aplicação, influenciando negativamente a transmissão dos fluidos energéticos. (ARMOND, 1997, p. 83-6). Os passes aplicados nos centros espíritas filiados à Aliança Espírita Evangélica podem ser materiais ou espirituais, quase sempre individuais (às vezes podem ser coletivos) e, são sempre do tipo padronizado.

6.1 Os ambientes de prática

Como já dissemos, os centros espíritas costumam se instalar quase sempre em imóveis residenciais – térreos ou assobradados – adaptados para as práticas mediúnicas e costumam ser bem estruturados. Normalmente há um serviço de recepção onde os que chegam recebem as orientações de procedimento e os que já frequentam a casa são identificados e encaminhados para o tratamento em andamento. Outra sala maior onde se realizam as palestras ou preleções, durante as quais o viés evangélico se apresenta de maneira intensa. Há também uma ou várias salas onde grupos de médiuns previamente selecionados e orientados desenvolvem suas atividades mediúnicas de acordo com o tratamento terapêutico oferecido. Além das necessárias instalações sanitárias, outras instalações quase sempre comuns são as livrarias ou bibliotecas, bazares de artigos espíritas ou brechós de roupas usadas e eventualmente uma pequena lanchonete com doces e salgados, chás, sucos etc. A renda obtida desse pequeno comércio interno quase sempre é revertida para a manutenção das despesas do centro e para o apoio financeiro das obras assistenciais.

As salas de tratamento terapêutico que abordarei aqui serão as salas de passes. Como já vimos, é possível resumir que o passe é uma combinação do magnetismo espiritual emanado pelos espíritos curadores e captados pelo médium passista, que combina essas energias com o seu magnetismo animal e os transmite para o assistido através da imposição das mãos, com a mentalização ou concentração espiritual para que essas energias possam ser direcionadas para o organismo espiritual e físico do visitante. O ambiente deve ser preparado energeticamente antes do início dos trabalhos e envolve ritos de procedimento que devem ser rigorosamente observados, como as formas de preparação dos médiuns, do ambiente espiritual e da

transmissão estão orientadas na p. 370 do livro *Vivência*. A preparação do ambiente segue um roteiro especial e que aqui descrevo.

6.2 Roteiro para a preparação dos ambientes de trabalhos espirituais

Além do dirigente do grupo, qualquer médium pode fazer a oração de elevação espiritual do ambiente, mas é necessário que siga o roteiro determinado. O detalhe é que a pessoa que faz a oração é a única que irá falar. Todos os demais permanecem em silêncio e acompanham mentalmente o que está sendo dito. Após a sala estar reunida com todos os colaboradores, é feita a oração de preparação. O roteiro pode ser feito como o descrito abaixo, na transcrição da fala de um médium:

Primeira Esfera - Protetores Pessoais: Segurança e Auxílio

- Vamos nos acalmando, respirando lentamente, esquecendo os nossos problemas materiais e físicos, e buscando entrar em sintonia com o nosso mentor espiritual, agradecendo a este companheiro de todas as horas por toda ajuda e amparo que nos tem dado e convidando-o a participar conosco dos trabalhos de hoje.

- Cumprimentamos e agradecemos a presença das equipes de higiene e limpeza, pedindo aos seus representantes Pena Branca, Brogotá e Itaporan⁷⁸ que possam retirar desse ambiente todas as energias negativas que possam estar presentes, remanescentes dos trabalhos anteriores e que essas energias possam ser transformadas em positivas e redistribuídas ao Universo.

- Cumprimentamos e agradecemos a presença das equipes de vigilância e proteção, pedindo a eles que possam reforçar os laços fluídicos e magnéticos de energia em todos os ambientes desta casa, postando em todas as entradas e saídas seus valorosos guardiães, impedindo que entrem nesta casa todos aqueles que não estejam autorizados.

Segunda Esfera – Instrutores-Guias: Trabalhos Práticos

Cumprimentamos e convidamos a todos os instrutores e guias das equipes espirituais que hoje estarão desenvolvendo atividades conosco, pedindo que nos orientem para que os trabalhos possam transcorrer com eficiência e consigam os objetivos traçados.

Cumprimentamos a mentora espiritual desta casa agradecendo-a pelo acolhimento e amparo que nos tem oferecido.

Cumprimentamos Dr. Bezerra de Menezes e toda a sua equipe médica do espaço⁷⁹ pelos trabalhos aqui desenvolvidos e pedimos que

⁷⁸ Pena Branca, é uma entidade espiritual que se apresenta como indígena, muito provavelmente participante da Umbanda que colabora na limpeza espiritual dos ambientes dos centros espíritas. Uma das entrevistadas informou ser Pena Branca um colaborador do CEIA. Já, Itaporan integra a Corrente Índia nº 1 (brasileira), enquanto Brogotá é integrante da Corrente Índia Nº 2 (hindu). Estas correntes ou fraternidades estão destacadas no final deste capítulo. São considerados espíritos prestativos e dedicados, tratados com especial deferência e carinho pelos médiuns.

⁷⁹ Dr. Bezerra de Menezes dirige a Fraternidade dos Humildes que reúne “médicos e cientistas em geral, orienta trabalhos de cura e pesquisa, visando a mais ampla distribuição de benefícios a necessitados.” (VIVÊNCIA, 2014, p. 339). Integram essa fraternidade Pasteur, André Luiz, Eurípedes Barsanulfo e ainda, Hilarion e Ramatis, em caráter pessoal, além de muitos outros.

possam dar sequência aos que estão em andamento, encerrar aqueles que já chegaram ao seu final e iniciar os novos casos que chegam, necessitando de sua intervenção.

Terceira Esfera – Fraternidades: Auxílio e Colaboração

Cumprimentamos todas a fraternidades com a prece:

Nosso Divino Mestre e Salvador,
Fortalecei-nos e amparai-nos para que possamos lutar contra as forças do mal que tentam dominar o mundo.
Veneráveis Mensageiros celestes, auxiliares de Jesus,
Fortalecei-nos e amparai-nos...
Pai Nosso, Criador Nosso, fonte eterna de amor e de luz
Fortalecei-nos e amparai-nos...

Quarta Esfera – Ismael e Ricardo: Direção Nacional⁸⁰

Cumprimentamos o Anjo Ismael, espírito protetor do Brasil e nosso protetor também, e a Ricardo e seus cruzados pela proteção a nós dirigida.

Quinta Esfera– Maria de Nazaré e Castelã: Proteção e Patrocínio⁸¹

Cumprimentamos Maria, mãe de Jesus que sempre acolhe aos nossos pedidos, nos envolve amorosamente em seu manto azul-claro⁸² e nos encaminha a Jesus.

Sexta Esfera – Jesus: Esfera Crística

Diante de Jesus, nós agradecemos pelo amparo e proteção, pelos seus ensinamentos e pela sua moral e ética. Pelo envio do Consolador prometido, do qual participamos, e pedimos ao Mestre que nos leve ao Pai.

Sétima Esfera – Deus: Plano Divino

Diante de Deus, nos ajoelhamos e agradecemos pela Vida, por tudo que fomos e por tudo que somos, pelo ontem, pelo hoje e pelo amanhã e, agradecemos com a prece:
(Reza-se o Pai Nosso)

Conclusão da oração:

Assim, elevados e agradecidos, pedimos a permissão para iniciar os trabalhos de hoje, dando graças a Deus e a Jesus.

Concluída a oração de elevação, os trabalhos já podem ser iniciados. Para que se possa ter ideia mais exata, reproduzimos esse roteiro através de um esquema, que está disponibilizado na página 370 do livro *Vivência*.

⁸⁰ O Anjo Ismael dirige a Fraternidade dos Cruzados e sua sede está sobre a FEESP. Atua na proteção da Federação, dos lares e dos trabalhos e trabalhadores do campo mediúnico. (Fonte: <http://fraternidadesuniversais.blogspot.com/2014/09/anjo-ismael-e-o-guia-espiritual-do.html> Acesso em 21/06/2018 - 16h10)

⁸¹ Maria de Nazaré é a dirigente da Fraternidade da Rosa Mística de Nazaré orientando a evangelização no Brasil e a caridade nas duas dimensões e, Castelã (Grupo Castelã) atua no “atendimento de doentes que encarnam com resgates pesados, inclusive jovens leprosos ao tempo de Jesus. Preparação de criança para encarnações de regate. Espírito de atividade ligada aos planos crísticos.” (VIVÊNCIA, 2014, p. 338 e 339)

⁸² A cor azul-clara produz efeitos repousantes. (ARMOND, 1999, p. 104)

ROTEIRO PARA A PREPARAÇÃO DOS AMBIENTES DE TRABALHOS ESPIRITUAIS

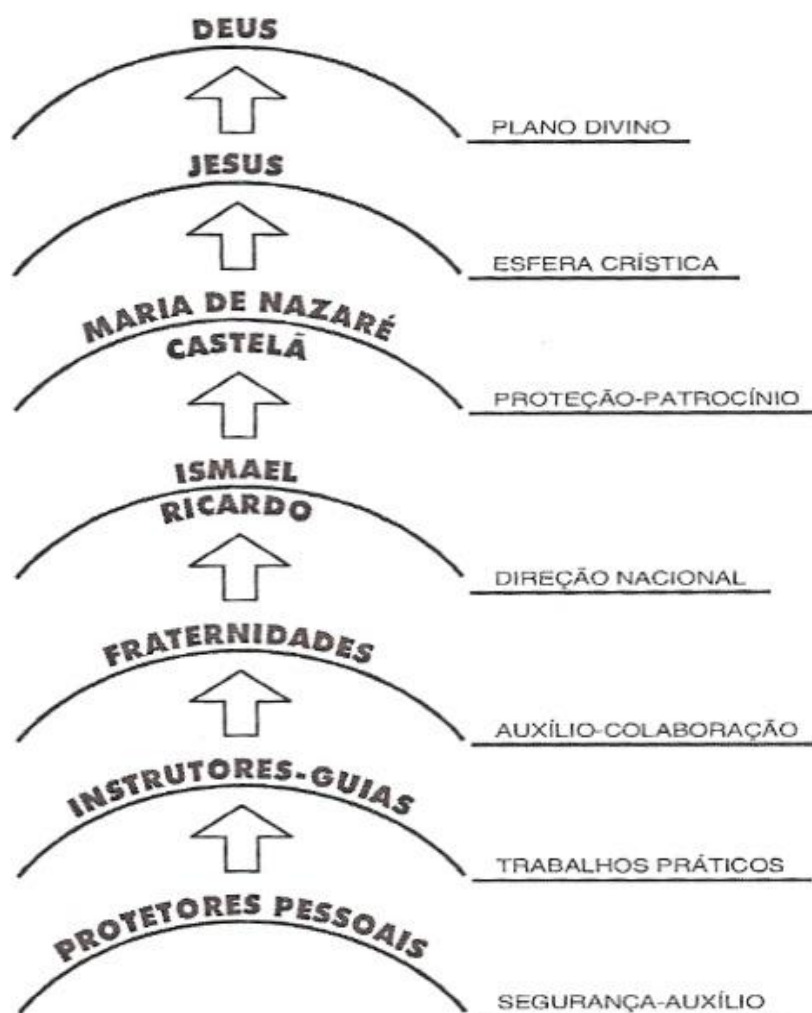


Imagem 7 – Fonte: Vivência do Espiritismo Religioso – ALIANÇA

Como se percebe, a oração começa na parte de baixo do roteiro com os Protetores Pessoais e segue até o topo, no Plano Divino. É uma prática padronizada e o texto reproduzido pode sofrer pequenas alterações, em uma ou outra palavra, em uma ou outra frase, mas a estrutura básica precisa seguir necessariamente o roteiro

orientado. Esse rito é adotado não só na abertura dos trabalhos, mas com pequenas variações em todas as atividades realizadas pelos centros filiados à Aliança, tais como: reuniões espirituais, RGAs, aulas da EAE, encontros de reciclagens, revisões e cursos em geral. A participação nesse momento da abertura das atividades é muito importante para o voluntário da Aliança. Neste momento, as energias espirituais – segundo informações de um médium – penetram o recinto e os corpos físicos dos integrantes do grupo, tonificando-os e fortalecendo-os, proporcionando indizível bem-estar.

O acesso a esses ambientes está restrito às pessoas autorizadas e somente para quem tenha um mínimo de conhecimento das práticas espíritas, ou seja, 1) é necessário fazer um curso específico para a aplicação dos passes, com duração de aproximadamente quinze horas (dez semanas). Mas, para fazer esse curso, existe outro requisito: 2) estar frequentando o curso da Escola de Aprendizes do Evangelho. Assim, só pude ser admitido nos ambientes de práticas espíritas, como pesquisador ou observador, após me inscrever e fazer os cursos necessários e, cumpridas as formalidades, fui finalmente declarado apto a participar de algumas atividades espíritas.

Vários são os tipos de passes aplicados nos centros filiados à Aliança e a sua aplicação está condicionada a realização de um curso de passes, ministrado pelos centros sob a orientação de dois livros em especial: *Passes e Radiações*, de Armond e *Vivência do Espiritismo Religioso*, o Vivência, ambos editados pela Editora Aliança. A aplicação de passes é denominada “trabalhos Pasteur”⁸³ e, apesar de terem sido criados na FEESP, Armond se propôs a aperfeiçoá-los e padronizá-los. Afirma, em seu trabalho, que os médiuns agem individualmente ou em grupo, através da formação de “correntes” e que estes operadores, não sendo necessariamente de efeitos físicos, “podem oferecer aos espíritos que agem no Plano Espiritual os elementos de que carecem para as realizações que têm em vista.” (ARMOND, 1997, p. 99). Os passes são denominados Pasteur 1, Pasteur 2 até o Pasteur 4, que na prática foram abreviados para P1, P2 até o P4. Além desses ainda existe o passe “CH”⁸⁴ e o passe de limpeza, aplicado no frequentador logo que ele chega ao centro

⁸³ Ao final deste capítulo transcrevemos o capítulo 11 do Livro *Passes e Radiações* (ARMOND, 1997, p. 99) onde se detalha os trabalhos Pasteur.

⁸⁴ O passe “CH”, é conhecido como “choque anímico” e destina-se ao tratamento de processos obsessivos. Detalhado no livro *Passes e Radiações*, p. 105-112.

espírita. Os mais comuns no cotidiano do centro são o passe de “limpeza” e o passe P2. Existe ainda um tipo de passe que o médium passista aplica em si mesmo: o *autopasse*. Considerando os objetivos deste capítulo, optei por descrever as técnicas – ou ritos – de aplicação dos passes de limpeza, do passe P2 e do *autopasse*. Para entender mais profundamente a mecânica desses passes, pode-se consultar o cap. 18 do livro *Passes e Radiações – Métodos Espíritas de Cura*, (ARMOND, 1997, p. 137-140) ou, fazer o curso de passes em um centro filiado à Aliança.

O *passe de limpeza* ou *passe de harmonização* é administrado a todos que acessam as dependências do centro espírita: diretores, colaboradores, expositores, assistidos, visitantes etc. É utilizado como preparação, juntamente com a preleção, para o atendimento que será oferecido posteriormente. Sua aplicação visa impedir a perturbação da harmonia dos trabalhos “e para que os necessitados possam assimilar com maior proveito os tratamentos que irão receber.” (ARMOND, 1997, p. 125). De acordo com o site do Centro Espírita Aprendizes do Evangelho – CEAE localizado no bairro de Santana, em São Paulo - SP, o passe de limpeza “serve para limpar as energias densas e negativas que porventura tenhamos gerado pelos nossos próprios pensamentos invigilantes (tristeza, desânimo, ciúme, etc.), pelas energias densas e negativas trazidas da rua ou dos lugares por onde passamos.”⁸⁵ Assim o passe de limpeza é, literalmente um passe de limpeza, só que espiritual. Ele está descrito no capítulo 17 do livro *Passes e Radiações – Métodos Espíritas de Cura*. (ARMOND, 1997, p. 127-136).

6.3 O passe de limpeza (ou harmonização)

O passe de limpeza é aplicado em todos os que chegam ao centro espírita, logo após a sua chegada e em um local apropriado, definido anteriormente, mas ainda fora da sala de espera ou de preleções.⁸⁶ Para a sua aplicação o médium aplicador de passes (passista) deve observar uma série de movimentos orientados e coordenados que segue sempre a mesma sequência, dividida em seis movimentos ou tempos. O visitante se posiciona, sentado ou em pé, diante do médium passista para receber o passe. Em nenhum momento desse processo haverá o contato físico

⁸⁵ Fonte: <http://www.ceaasantana.com.br/calendario-de-eventos/perguntas-frequentes/> - Acesso em 18/06/2015 – 14h28.

⁸⁶ Esse local de passe de limpeza normalmente fica localizado, espacialmente, entre o local de recepção e a sala de preleções. Para acessar a sala de preleções, necessariamente, há que se passar pelo local onde estão sendo aplicados os passes de limpeza.

entre o passista e o assistido. As mãos do passista se aproximam até certa distância do corpo do assistido, mas jamais haverá o contato físico. No primeiro movimento, o médium eleva os seus braços na vertical com as mãos abertas e com os dedos fechados, uma palma virada para a outra, o que se denomina como “captação de fluidos”. Neste momento o passista orienta: “Pense em Jesus!” ou “Vamos pensar em Jesus!”, ou ainda, “Pensemos em Jesus!”. No segundo movimento, ele fecha as mãos, descendo a esquerda para junto do próprio corpo e com a direita espalmada sobre a parte superior do crânio do assistido e ali permanece por alguns segundos. No terceiro movimento, com as mãos fechadas, o médium passista direciona as suas mãos para a testa do assistido, cruzando a esquerda com a direita, abrindo simultaneamente as mãos e os dedos, como se estivesse jogando energias neste local (imagine o movimento de tentar retirar a água da mão molhada juntando as pontas dos dedos e separando os dedos ao mesmo tempo em que impulsiona as mãos para frente). Esse movimento é feito também sobre o peito e sobre o estômago do assistido. É o que se chama de “quebrar” ou “destruir” energias. Em seguida esses três movimentos se repetem ainda mais uma vez e nos mesmos locais do organismo do assistido. No quarto movimento, como se estivesse pegando ou retirando alguma coisa que tenha permanecido nesses três locais, num movimento circulatório de fora para dentro, o passista “retira” essas energias desses locais e as “joga” para trás de suas pernas, no chão. Esse processo é realizado duas vezes. No quinto movimento, o passista impõe as duas mãos (lado a lado) sobre a cabeça do paciente, mas distanciadas e vai descendo com certa lentidão até logo abaixo do joelho. Esse movimento é repetido também por duas vezes. No sexto e último movimento, o médium fecha a mão esquerda e a aproxima de seu corpo com os braços baixados, enquanto a mão direita se abre sobre a cabeça do assistido ali permanecendo por curto tempo, após o qual, o médium passista pronuncia: “Graças a Deus e a Jesus!”. Está encerrado o passe e o assistido pode acessar o interior do centro espírita para as outras atividades e, outro assistido toma o seu lugar, assim acontecendo até que o último visitante receba o passe.

Após o passe de limpeza, o visitante está autorizado a acessar a sala de preleções, onde irá aguardar o momento de receber o passe que lhe foi indicado. Antes do passe, é necessário ouvir a preleção evangélica que será ministrada. Essa preleção é apresentada por um colaborador preparado para essa função,

através de um *curso de preletores e expositores* oferecido pelo centro espírita, o qual, tive a oportunidade de cumprir.

Normalmente, essa preleção também obedece um roteiro de execução. O preletor do dia (ou noite) cumprimenta a todos, agradece a presença e pede: “Jesus seja entre nós”. Após algum aviso sobre as atividades sociais da casa, esse colaborador faz uma prece onde agradece a Deus, a Jesus, ao mentor espiritual da casa e a toda a espiritualidade presente, informando que esses espíritos estão presentes naquele local, desde as primeiras horas da manhã. Feito isso, esse colaborador abre um livro de mensagens na mensagem bíblica que estava programada para o dia. Após a leitura, o preletor discorre sobre o texto lido por cerca de dez a quinze minutos, expondo a interpretação espírita daquela passagem, com foco nos ensinamentos do Evangelho. Após isso, faz uma prece de encerramento e informa que os passes serão iniciados. As pessoas serão chamadas de acordo com a ordem de chegada, pelo número constante na ficha recebida na recepção e de acordo com o tipo de passe indicado. O passe P2, mais comum, está descrito no capítulo 12 do livro *Passes e Radiações – Métodos Espíritas de Cura* (ARMOND, 1997, p. 101-103) e é aplicado conforme segue.

6.4 O passe P2

Esse passe, como os demais, é aplicado de forma individual em cada pessoa, uma por vez em cada sala. A sala do passe P2 é formada por no mínimo 5 pessoas, sendo que uma delas é chamada dirigente da sala. É ele que coordena toda a atividade desse ambiente. Eles se dispõem em círculo tendo ao centro um banco ou uma cadeira sem encosto. Quando o assistido entra na sala, ele é orientado a sentar-se nessa cadeira. Um dos médiuns se aproxima do lado esquerdo do assistido, enquanto os demais se dão as mãos e permanecem em silêncio. O visitante e o passista ficam dentro desse círculo. O médium passista pede ao assistido para “pensar em Jesus” e eleva seus braços ao alto, com as mãos abertas e os dedos estendidos e unidos. Esse é o primeiro movimento do passe P2 quando se captam as energias e ocorre a sintonia com o mentor do médium passista. Fechando as mãos, o passista desce suas mãos até a cabeça do assistido e as abre, impondo-as sobre o topo da cabeça do assistido. Esse é o segundo movimento. Em seguida, no terceiro movimento, o médium desce sua mão direita até o cóccix da pessoa, - sempre lembrando que em nenhum momento haverá o contato físico entre o passista e o

assistido - mantendo a mão esquerda sobre a cabeça. No quarto movimento, ele fecha as duas mãos, subindo a mão direita até a nuca, e abre a mão, enquanto a mão esquerda é fechada e desce até o estomago, na altura do umbigo, quando é aberta sobre este, num movimento tipo pêndulo. No quinto movimento, a mão direita que estava na nuca desce até o cóccix, enquanto a mão esquerda que estava no estomago desce até a região pubiana ou vira-se para ela. Após alguns segundos, o médium passista retira as mãos e pronuncia "Graças a Deus." Está encerrado o passe para essa pessoa, que se levanta, e sai da sala. O próximo a entrar irá receber o mesmo tratamento, porém o médium passista que irá aplicar o passe será outro integrante do círculo. Esse revezamento vai sendo efetuado de maneira sequencial permitindo que no final dos trabalhos todos deem mais ou menos a mesma quantidade de passes. Outra orientação percebida é que, havendo possibilidade, as médiuns do sexo feminino dão passes em pessoas do sexo feminino e, médiuns do sexo masculino dão passe em pessoas do sexo masculino. Como foi dito, essa orientação é seguida dentro das possibilidades do grupo que foi formado; caso o grupo seja formado por médiuns de apenas um sexo (masculino ou feminino) essa orientação não tem como ser aplicada.

Se todos os ingressantes que entram no centro têm que tomar o passe de limpeza, inclusive os próprios colaboradores, como fica a situação da primeira ou das primeiras pessoas que entram no centro nos dias de atividade? Para essa situação, faz-se uso do *autopasse*. Muito semelhante ao passe de limpeza, essa técnica está detalhada no capítulo 18 do livro *Passes e Radiações - Métodos Espíritos de Cura*, (ARMOND, 1997, p. 137-140). Essa prática "é uma modalidade bastante útil por que permite ao próprio doente e aos médiuns trabalharem em sua própria cura e utilizarem os recursos imensos que estão à disposição de todos pela misericórdia de Deus, Criador e Pai". (ARMOND, 1997, p. 137). Analisando essa orientação pode-se perceber que o passe de limpeza não tem a sua indicação específica para o ingresso às dependências do centro espírita. Ele pode e "deve" ser utilizado pelos médiuns sempre que assim julgarem necessário, conforme indica Armond, "justamente por causa das contaminações diretas que sofrem a todos os momentos, devem os médiuns se utilizar, sobretudo eles, do autopasse para a limpeza psíquica de si e o recarregamento de energias dos plexos e centros de força." (Idem, idem). Pode ser autoaplicado em casa, no trabalho, na escola etc. Talvez seja aconselhável fazer essa autoaplicação em um local isolado quando estiver em outro ambiente.

6.5 O autopasse

A aplicação do autopasse é relativamente simples e independe da presença de outro médium passista para a sua realização. Num primeiro momento, o médium se concentra e se prepara para a autoaplicação. Num segundo momento, faz a “ligação” – entra em sintonia – com o protetor individual e aguarda a sua presença. Os médiuns passistas entrevistados disseram que é possível sentir essa aproximação após algumas tentativas e treinamentos. Num terceiro momento, o médium ergue os dois braços com a palma da mão aberta e os dedos fechados e estendidos para o alto e aguarda a descida da força fluídica. Num quarto momento, ele fecha as mãos e projeta-as sobre si de maneira que as mãos se cruzem primeiro sobre os olhos, depois sobre o peito e por último sobre o estômago. Esse cruzar de mão é idêntico ao descrito no passe de limpeza, “explodindo” os dedos sobre os locais, só que voltado para si. Quando se cruza as mãos sobre os olhos e sobre o peito, as mãos estão com os dedos para cima, mas quando se vai fazer essa operação sobre o estômago, vira-se as mãos de maneira que os dedos estejam voltados para baixo. É difícil cruzar as mãos sobre o estômago com os dedos voltados para cima. Essa operação é repetida e, em seguida, o passista executa outros gestos nesses mesmos locais e na mesma ordem, fazendo como se estivesse retirando alguma coisa que estivesse nessas regiões, através de movimentos circulatorios de fora para dentro e jogando-as no chão, atrás de seu corpo, na região das pernas. Essa operação também é feita duas vezes. Em seguida, o médium junta as pontas dos dedos da mão esquerda com a ponta dos dedos da mão direita, com as mãos abertas, coloca-as sobre a sua própria cabeça encostando, literalmente, as mãos na cabeça e desce alisando seu corpo até abaixo dos joelhos. Repete duas vezes essa operação. Depois, por duas vezes, leva as duas mãos às costas, acima dos quadris subindo até onde alcançar e desce as mãos tocando o corpo até abaixo dos joelhos. Finalmente, encosta a mão direita no ombro esquerdo e desce alisando até a mão esquerda. Faz a mesma coisa com a mão esquerda sobre o ombro direito. Repete ainda uma vez e encerra com a frase “graças a Deus e a Jesus”. O livro de Armond orienta encerrar o autopasse fazendo uma prece de agradecimento (ARMOND, 1997, p. 140). Nas observações realizadas, não foi percebido se os médiuns que aplicavam o autopasse faziam essa oração.

6.6 Encerrando as atividades

Ao término das atividades, é o momento de agradecer o apoio e a presença da equipe espiritual que orientou e auxiliou no atendimento aos assistidos que participaram da reunião. Nesse instante, os médiuns se preparam para a dispersão e isso só ocorrerá após a prece final, a ser proferida por um dos participantes. Se a elevação ocorrida no início da sessão era uma rogativa, um pedido às esferas espirituais, a oração de encerramento é um louvor e um agradecimento e, é conhecida como “vibrações de encerramento”. E, como tudo na Aliança, essas vibrações também possuem um roteiro que deve, sempre que possível, ser observado. Ainda que possa ter pequenas variações, a estrutura das vibrações de encerramento é mais ou menos a seguinte, na voz de um médium que profere a oração:

Agradecemos a Deus, Nosso Pai, pela oportunidade de hoje e a Jesus, Nosso Mestre, por tudo que nos foi concedido até este momento.
 Ao encerrarmos as atividades de hoje,
 Pedimos a permissão para vibrarmos muito Amor e muita Luz:
 Para o equilíbrio universal, pela Paz na Terra, nas nações e entre elas
 Pela Paz entre os homens
 Pelo nosso país, o Brasil e pelos nossos dirigentes instituídos
 Pelo nosso estado, pela nossa cidade, pelo nosso bairro, pela nossa rua
 Pelos nossos vizinhos, amigos, parentes e companheiros de jornada
 Pela união das filosofias e religiões em torno do Mestre Jesus
 Pelas instituições hospitalares e assistenciais e pela humanidade sofredora
 Pelas crianças e pelos idosos desamparados.
 Pelos espíritos em sofrimento no Umbral, nas trevas e pelos suicidas
 Pelas pessoas que estão em situação de rua
 Pelos nossos lares, por nós mesmos, em nossa caminhada
 ... (Pode-se acrescentar, neste momento, pedidos especiais ou particulares)
 E assim, concluímos as atividades e essas vibrações,
 Dando graças a Deus e a Jesus.

Como já mencionado, essas orações de abertura e de encerramento, assim como qualquer outra prece proferida nas reuniões espíritas dos centros filiados à Aliança, apesar da estrutura orientativa, baseia-se também na espontaneidade e na sensibilidade daquele que ora, com a sugestão de que a prece esteja carregada de sentimentos. Não se valoriza a forma em detrimento do conteúdo, mas o conteúdo em detrimento da forma. Após o término das vibrações finais, a atividade do grupo se encerra e os médiuns se dispersam retornando às suas atividades outras.

6.7 Vínculo de atividade

Esta atividade mediúnica não é remunerada, sendo oferecida voluntariamente por todos os colaboradores do centro espírita. O vínculo do médium com as atividades só ocorre após a realização de cursos, e mediante autorização da espiritualidade do centro espírita. Essa autorização ocorre no grupo mediúnico de avaliação, já descrito no capítulo 16, “O Centro Espírita”. Assim, para colaborar em uma sala de passes, além do curso, o colaborador precisa estar autorizado espiritualmente. Esses colaboradores são instados a participar de reuniões anuais chamadas de “reciclagem”, onde as normas são reiteradas e eventuais problemas ocorridos durante o ano são discutidos.

Considerando que o centro espírita é uma pessoa jurídica legalmente estabelecida no país, ela pode eventualmente vir a ser questionada sobre a existência de trabalho não remunerado em suas dependências. Diante disso vários centros espíritas adotaram a prática de pedir ao colaborador que assine um documento em conformidade com a Lei nº 9.608, de 18/02/1998, que dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Essa declaração de trabalho voluntário é renovada anualmente. O site da FEB – Federação Espírita Brasileira (http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/06/ficha_voluntariado.pdf) disponibiliza o documento que o voluntário deve assinar antes de colaborar com o centro espírita.⁸⁷

Vistos os centros espíritas como locais de atividades práticas e as atividades práticas como são executadas nestes locais, chega o momento de saber se durante essas atividades ou se nessas atividades encontramos tolerâncias e intolerâncias. Ou se elas aparecem em qualquer outro instante. Para isso elaborei uma pesquisa prévia nos três centros e os resultados obtidos estão expressos no próximo capítulo.

==

Trecho de “O Livro dos Médiuns”

Na segunda parte de “O Livro dos Médiuns”, capítulo VII. “Laboratório do Mundo Invisível”, acerca da teoria de como ocorrem as materializações dos objetos, Allan Kardec afirma: “O espírito age sobre a matéria: tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, como quiser, objetos com a aparência dos diversos corpos da Terra. Pode também operar, pela vontade, sobre a matéria elementar, uma transformação íntima que lhe dê certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce muitas vezes de maneira instintiva e, portanto, sem o perceber,

⁸⁷ A Lei 9608 de 18/02/1998 está inserida em “ANEXO D” e um modelo do Termo de Adesão ao Serviço Voluntário estão inseridos no “ANEXO E”.

quando se faz necessário. Os objetos formados pelo Espírito são de existência passageira, que depende da sua vontade ou da necessidade: ele pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. Esses objetos podem, em certos casos, parecer para os vivos perfeitamente reais, tornando-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis, Trata-se de formação e não de criação, pois o Espírito não pode tirar nada do nada.

A existência de uma matéria elementar única é hoje quase admitida pela ciência e os Espíritos a confirmam, como acabamos de ver. Essa matéria dá origem a todos os corpos da natureza. As suas transformações determinam as diversas propriedades dos corpos. É assim que uma substância salutar pode tornar-se venenosa por uma simples modificação. A Química nos oferece numerosos exemplos nesse sentido.

Todos sabem que duas substâncias inofensivas, combinadas em certas proporções, podem resultar numa deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambas inofensivas formam a água. Basta acrescentar um átomo de oxigênio e teremos um líquido corrosivo. Mesmo sem alterar as proporções, muitas vezes é suficiente uma simples modificação na forma de agregação molecular para mudar as propriedades. É assim que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa.

Desde que o Espírito, através de sua vontade, pode agir tão decisivamente sobre a matéria elementar, compreende-se que possa formar substâncias e até mesmo desnaturar as suas propriedades, usando a própria vontade como reativo.⁸⁸

Essa teoria nos dá a solução de um problema do magnetismo, bem conhecido, mas até hoje inexplicado, que é o fato da modificação das propriedades da água pela vontade. O espírito agente é o do magnetizador, na maioria das vezes assistido por um Espírito desencarnado. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como já dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica ou elemento universal. E se ele pode produzir uma modificação nas propriedades da água, pode fazê-lo no tocante aos fluidos orgânicos, do que resulta o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida.

Sabe-se o papel capital da vontade em todos os fenômenos magnéticos. Mas como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é uma entidade, uma substância e nem mesmo uma propriedade da matéria mais eterizada: é um atributo essencial do Espírito, ou seja, um ser pensante. Com a ajuda dessa alavanca ele age sobre a matéria elementar e, em seguida, reage sobre os seus componentes, com o que as propriedades íntimas podem ser transformadas.

“A vontade é atributo do Espírito encarnado ou errante. Daí o poder do magnetizador, que sabemos estar na razão da força de vontade. O Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar e, portanto, modificar as propriedades das coisas dentro de certos limites, Assim se explica a faculdade de curar pelo contato e a imposição de mãos, que algumas pessoas possuem num elevado grau.” (Kardec, 1861)

⁸⁸ Na edição há uma nota do tradutor que não agreguei a este trabalho, por discorrer sobre os avanços científicos dos últimos anos e estenderia este excerto em demasia.

Kardec ainda sugere consultar outras obras suas e, o tradutor complementa o texto com um longo parágrafo onde cita o hipnotismo, o magnetismo, a explicação dos parapsicólogos e cita o metafísico Rede Sudre.

6.9 Acerca das fraternidades

As fraternidades mereceram um destaque especial no livro *Vivência*. Armond se estende da página 326 até a página 344, iniciando pela Fraternidade dos Discípulos de Jesus – FDJ, “que não é uma instituição particular, mas um organismo integrado nos programas de evangelização do Plano Maior – é um complemento da Escola de Aprendizes do Evangelho, que participa da mesma ressalva.” (*Vivência*, 2014 p. 326). Como já foi mencionado, qualquer aluno que concluir a EAE, pode postular o seu ingresso nessa fraternidade, mediante avaliação espiritual que ocorre na Aliança uma ou duas vezes por ano. Armond discorre sobre as “Fraternidades” (p. 327); sobre “Fraternidades do espaço e sua influência doutrinária no movimento espírita” (p. 330); sobre “As Cruzadas” (p. 335); e sobre as “Fraternidades protetoras da Aliança Espírita Evangélica, nesta data (30/07/1978),” (p. 337). Tomei a liberdade de transcrever abaixo as fraternidades protetoras da Aliança, disponibilizadas no *Vivência* entre as páginas 337 e 343.

Fraternidade dos Cruzados

Desde 1940, atendeu e colaborou em todas as necessidades de assistência e segurança da FEESP. Incluiu vários membros que tomaram parte ativa nas históricas cruzadas da Idade Média.

Fraternidade do Santo Sepulcro

Desde 1940, auxiliou a organização da Casa através de seus membros: Britânico-Lorenense-Lusitano, dos quais permanece até o presente, o primeiro citado.

Fraternidade do Trevo

Seu venerável é o orientador espiritual da Fraternidade dos Discípulos de Jesus e das Escolas de Aprendizes do Evangelho. Esta fraternidade adota extremo rigor na exigência de evangelização de seus membros e na distribuição de tarefas espirituais a executar nos dois planos.

Fraternidade dos Essênios

Venerável Hilarion do Monte Nebo. Inclui muitos dos antigos membros da fraternidade do mesmo nome existente ao tempo de Jesus, na Palestina, e que colaboraram na implantação do Cristianismo Primitivo. Sua sede era no Monte Moab. Hilarion é autor de valiosas obras de pré-história.

Fraternidade da Rosa Mística de Nazaré

Patrocínio de Maria de Nazaré influi sobre as atividades de vários outros agrupamentos dedicados ao serviço do Bem do Planeta e na difusão evangélica em nosso País, bem como no exercício da caridade espiritual nos dois planos.

Fraternidade do Cálice

Venerável Maria de Magdala, que abandonou sua posição e suas riquezas para seguir a Jesus, juntando-se aos Apóstolos. A primeira a quem Jesus se manifestou após a sua morte para anunciar sua ressurreição. Dedicou-se ao atendimento de leprosos nos arredores de Jerusalém e morreu abandonada em gruta da Judéia.

Fraternidade dos Irmão da China

Venerável Ling Fo. Inclui vários membros da antiga Fraternidade do Profundo Conhecimento. Dedicou-se ao setor cultural e evangélico.

Corrente Índia número 1 (brasileira)

Dirigente Itaporã. Dedicou-se a proteção e auxílio a trabalhadores em geral desde o início da organização da FEESP.

Corrente Índia número 2

Dirigida por Brogotá, com as mesmas atribuições e antiguidade da anterior.

Fraternidade dos Irmão Humildes

Venerável Bezerra de Menezes. Agrupa médicos e cientistas em geral, orienta trabalhos de cura e pesquisa, visando a mais ampla distribuição de benefícios a necessitados. Colaboram neste setor, entre outros: Pasteur, André Luiz, Eurípedes Barsanulfo e ainda, Hilarion e Ramatis⁸⁹, em caráter pessoal.

Fraternidade dos Irmão da Esperança

Dedicou-se à salvação dos sofredores nas regiões de trevas.

Fraternidade dos Filhos do Deserto

Formada por antigos nômades que seguiram o Precursor João Batista ao tempo de Jesus e foram reunidos no Plano Espiritual por um deles que os orienta. São beduínos da antiga Arábia Pétria e se dedicam a trabalhos pesados e socorros em geral. São mais ou menos numerosos segundo as necessidades. Servem de escudo entre o bem e o mal aos corações valorosos que se dedicam ao serviço do Senhor. Acostumados às intempéries, às vigílias, aos ataques de emboscadas, a trilhar caminhos perigosos e areias movediças, não se iludem com miragens. Aproximam-se agora do plano físico e fazem parte da cúpula da Aliança, porém, são mais diretamente ligados à Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

Fraternidade do Samaritanos

⁸⁹ Enquanto a FEB e a FEESP desconsideram a divulgação das obras do Espírito Ramatis, por considerá-lo espiritualista (e não espírita) a Aliança resgata, através da reverência que a ele faz pela Fraternidade dos Humildes, todo o respeito que essa entidade faz jus no movimento espírita brasileiro. Ramatis é o autor espiritual de cerca de 50 livros, dos quais a metade foi psicografada por dois médiuns: Ercílio Maes e Norberto Peixoto. Outros oito médiuns psicografaram as demais obras. Fonte: <http://ramatis.org/> - Acesso em 21/06/2018 – 16h20.

Filiados à Rosa Mística de Nazaré dedicam-se ao auxílio a sofredores do umbral inferior.

Grupo de Judas

Filiado à Rosa Mística de Nazaré, socorrem suicidas e auxiliam encarnações de Espíritos a evoluir em corpos doentes, com mente reduzida (mongolismo). Patrocínio de Maria de Magdala.

Grupo da Castelã

Atendimento de doentes que encarnam com resgates pesados, inclusive jovens leprosos ao tempo de Jesus. Preparação de criança para encarnações de regate. Espírito de atividade ligadas aos planos crísticos.

Fraternidade do Triângulo e da Cruz

Venerável Ramatis. Antigos membros de uma fraternidade hindu, ávidos de conhecimentos novos e mais amplos, pediram reencarnação em várias regiões do globo que ofereciam condições para valiosas experiências. Unindo-se a esses novos companheiros, criaram o símbolo do Triângulo e da Cruz. São agora 5000 e encontram-se espalhados pelo globo, razão pela qual são poucos conhecidos. Ramatis é autor de preciosas obras doutrinárias que muito têm auxiliado a divulgação de conhecimentos espirituais em nosso País.

Fraternidade dos Irmão Hindus

Dedica-se ao desenvolvimento das forças psíquicas e morais dos Aprendizes. Trabalhos de atendimento no setor de curas espirituais.

Fraternidade da Lei Áurea

O esforço que se desenvolve em nosso plano denso no sentido da evangelização pela Reforma Íntima, é fortemente apoiado no Plano Maior onde, em torno de Ismael, se agrupam inúmeros colaboradores que cumprem compromissos assumidos desde o tempo de Jesus e durante o Cristianismo Primitivo e, aqui em nosso País, prosseguem lutando no mesmo alevantado escopo de serviço aos semelhantes.

Secundado esse trabalho atual, organizou-se junto a Ismael, entre outras, a Fraternidade da Lei Áurea, que congrega várias legiões, cada qual com seu dirigente responsável e diferentes classes profissionais de Espíritos que já serviram o País, quando encarnados, entre eles Rui Barbosa, Duque de Caxias, Isabel de Bragança, Humberto de Campos, José do Patrocínio, Gonçalves Dias, Escragnole de Taunay, inclusive companheiros que trabalharam na seara espírita anteriormente, como: Cairbar Schutel. Leopoldo Machado, Djalma de Faria, Militão Pacheco etc.

Nessa Fraternidade há legiões de índios, negros, bandeirantes, médicos, juristas, escritores, militares, todos compromissados a lutar por um Brasil melhor, mais feliz e evangelizado.

Observam-se também grupos de enfermeiros ostentando uniforme antigos e modernos, formando as equipes de Ana Néri, Scheila e Florence Nightingale, que desenvolvem valiosa cooperação em vários setores de atendimento.

Cada uma desta legiões possui seu distintivo próprio e uma insígnia especial de identificação e reconhecimento.

Fraternidade do Profundo Conhecimento

Há muitos séculos, por ocasião da primeira invasão mongol na China, um missionário difundia o conhecimento da existência da essência divina em cada ser humano. Dirigia-se mais de perto aos jovens, na esperança de que as sementes não se perdessem no tumulto da violência, da morte e do materialismo.

Foram os primeiros a utilizar a cromoterapia; e alguns dos que lhes herdaram o nome e o ideal continuam a trabalhar hoje, agrupados na esfera de Ismael, condutor espiritual de nosso País. São velhos servidores que aderiram anteriormente à Fraternidade dos Irmãos da China.

Fraternidade dos Ucrânicos

Trabalham na Rússia na orientação espiritual do povo, mas lutam com imensas dificuldades devido ao ambiente refratário e hostil. São algumas centenas, que se uniram após a última guerra. Dedicam-se, preferentemente, aos fenômenos físicos e recorrem ao nosso País para suprimentos de fluídos e ectoplasma de que sempre carecem.

Legião de Joana d'Arc

Desde os trabalhos iniciais de 1940, esta Legião foi uma das primeiras a trazer seu precioso concurso e proteção espiritual. Reapresentou-se novamente agora e seus sinais físicos são cabelos castanhos claro, estatura mediana, olhos azuis-acinzentados.

Informou que antes de ser uma guerreira serviu como vivandeira no Exército Francês, confortando os que morriam, cuidando dos feridos, socorrendo todos os necessitados ao seu alcance e, mais tarde, muitos desses Espíritos vieram a servir no exército que comandou para expulsar os ingleses e repor no trono o rei Carlos VII.

Antes de ser aprisionada pelos ingleses, muitos dos Espíritos que acudiu a aguardavam no plano etéreo, por serem gratos e sentirem-se atraídos por sua vibração espiritual. Após sua morte localizaram-na e juntaram-se a ela, elegendo-a novamente sua orientadora, adotando com o símbolo uma flor-de-lis brotando ao pé de uma cruz Lorena.

Atualmente, dedica-se a tentativas de harmonização, para evitar derramamento de sangue nas batalhas. Juntamente com seus homens, luta para abrandar os golpes, desestimulando os lutadores com a lembrança momentânea de Deus, porque ela já viu de perto como os homens se transformam em feras quando obrigados a combater, com a coragem nascida muitas vezes do terror, e com a audácia gerada pela cegueira momentânea proveniente da loucura coletiva da guerra.

E já viu também com se transformam nos êxitos, nas vitórias e como a bravata e o exibicionismo vêm à tona, juntamente com a ambição a embriagá-los, porque o poder intoxica e transforma o caráter humano, degradando-o.

Sobre a sede de suas atuais atividades informou que se situa no Vale do Loire na França, destacando-se nestes dias para um determinado ponto do Atlântico, mais perto do Brasil, passando o Loire a ser um simples local de repouso. Ao se despedir, fincou sua bandeira na Aliança, com o dístico conhecido de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, desenhado ao centro e em volta de um globo. E foi captado seu pensamento final quando se afastava: "Esse dístico é a representação de um ideal elevado, início de um movimento universal

de redenção espiritual muito amplo, que corresponde ao chamamento de Jesus".

Fraternidade dos Irmãos do Egito

Dedica-se ao fortalecimento psíquico dos Aprendizes e Discípulos. Nação que guarda muitas das reminiscências da iniciação atlante antiga e na qual o grande missionário crístico Moisés nasceu e viveu.

Grupo dos Irmãos de Saturno

Cooperação para o transcurso do milênio; utiliza aparelhagem eletrônica avançada, de grande poder de ação, sobretudo, contra as malélicas influências dos trabalhos pesados. Venerável: Eros.

Observações:

Além destes, existem no nosso Plano Espiritual outros grupos de Servidores de outros orbes que dão franco apoio ao setor de evangelização e se dedicam ao atendimento de necessidades de curas espirituais em geral, utilizando processos mais avançados, não só na técnica empregada, como nos recursos intermediários (naturais, eletromagnéticos, fluídicos e vibratórios), através de aparelhagem altamente eficiente, inclusive, para eliminação dos referidos envoltórios malignos.

O número de fraternidades e grupos protetores de instituições espiritualistas, sobretudo, de Casas Espíritas bem organizadas em bases evangélicas, não é permanente e altera-se segundo as necessidades, tornando-se conveniente a providência de atualizações periódicas.

6.10 Os trabalhos Pasteur

O Espiritismo, para atendimento do povo sofredor, age aplicando processos que lhe são próprios, através de médiuns dotados de faculdades curadoras: capacidade espontânea de doação de fluidos magnéticos e de ectoplasma, e teor vibratório suficientemente alto para produzir efeitos benéficos nos organismos doentes. Nestas curas, os médiuns agem individualmente (quando amplamente capazes) e em grupos, formando correntes cujos membros, mesmo não sendo propriamente médiuns de efeitos físicos, podem oferecer aos Espíritos que agem no Plano Espiritual os elementos de que carecem para as realizações que têm em vista. O conceito normal para a realização de fenômenos físicos sempre tem sido a presença de médiuns de efeitos físicos, que são os que fornecem os elementos para sua produção, e isto é plenamente certo. Mas no espiritismo religioso, em que a produção de fenômenos não é assunto de maior interesse, a utilização dos médiuns dessa espécie é de grande valor nas curas, nas quais se incluem as operações mediúnicas. Como os médiuns desta espécie rareiam, e o atendimento dos necessitados não pode sofrer interrupção, desde há vários anos vimos tentando substituir o médium de efeitos físicos, no seu trabalho individual, pelas correntes de cura; ao invés de um amplo fornecimento de ectoplasma feito por um só médium, opomos a soma de pequenos fornecimentos feitos por vários médiuns. Os trabalhos denominados "Pasteur", criados para isso na Federação Espírita do Estado de São Paulo, são uma aplicação do processo e os resultados têm sido bons, conquanto devam ainda sofrer aperfeiçoamentos. (ARMOND, 1997, p. 99)

7 A pesquisa prévia

Como já antecipado, a primeira pesquisa buscou saber se havia tolerância e intolerância no ambiente de práticas do espiritismo kardecista, ou seja, nos centros espíritas. Essa primeira pesquisa abordou quarenta e uma pessoas, sendo treze no Centro Espírita Irmão Alfredo (CEIA), treze no Centro Espírita Beneficente Seara de Luz (Seara) e quinze pessoas no Centro Espírita Luz da Esperança (Luz). Dois questionários foram desconsiderados – um no CEIA e outro no Seara – em função dos entrevistados não terem respondido boa parte das questões, o que prejudicou a coleta de informações. Assim, foram considerados todos os demais questionários, num total de trinta e nove entrevistas. Elas foram realizadas em dias diferentes da semana: no CEIA, ocorreram em uma segunda-feira, no Seara aconteceram em uma sexta-feira e, no Luz, em uma terça-feira. Todas foram realizadas no horário noturno e, respectivamente, nos dias 05, 09 e 20 de setembro de 2016.

7.1 O Questionário

O questionário⁹⁰ foi apresentado com o título “Pesquisa de opinião: Religião” e o objetivo era evitar qualquer pré-disposição para o pesquisado e, não explicitar os objetivos da pesquisa. Foi elaborado com dezesseis questões e nenhuma se classificava como certa ou errada: foi explicado que o importante era a opinião sincera do entrevistado. Além das questões, deixamos espaços para que o entrevistado indicasse seu primeiro nome, sexo, idade, centro espírita e o bairro.

7.2 A elaboração do questionário

A elaboração do questionário demandou dias de trabalho. Recorri não só e principalmente à minha orientadora, Prof.^a Dra. Margarida Maria Moura, como às anotações de cursos da graduação e dos cursos do mestrado, que pudessem nortear o formulário de questões. A releitura dos métodos etnográficos de Feldman-Bianco (2010) e Teixeira & Menezes (2006), e das descrições densas de Geertz (2008); Caldeira (2000), Guerra (2015) e Lopes (1978); Queiroz (1979) e Moura (1988) entre outros, obras distintas da Antropologia Social e Cultural e esteios das pesquisas de campo foram de importância primeira. Os diários de campo de anteriores etnografias,

⁹⁰ Uma via do questionário está inserida em “ANEXO - A”.

as diversas reuniões presenciais no GAIA – Grupo de Antropologia, Interdisciplinaridade e Ambientes, do DIVERSITAS – Núcleo de Estudo das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos e, por que não citar também, as reuniões de antropologia e metodologia dedicadas ao assunto, realizadas no decorrer do período de graduação contribuíram eficazmente para o desenvolvimento desse trabalho. A Oficina de Survey realizada no segundo semestre de 2016, junto ao LAPS – Laboratório de Pesquisa Social do Departamento de Sociologia da USP, também foi proveitosa. Saber perguntar se me apresentou mais difícil que responder. Por várias vezes foi preciso rever as questões e fazer reformulações. Foi necessário estruturar o questionário de acordo com os objetivos, desenhando e redesenhando os procedimentos e visualizando com antecipação as situações de coleta *face to face* e ensaiando o discurso de aproximação. As questões fechadas, tipo “sim”, “não” e “não sei” se impunham a todo instante. Seria necessário deixar em aberto o espaço para outras informações que o entrevistado pudesse ou quisesse adicionar. A formulação de uma pergunta dúbia, para aquilatar como o entrevistado iria discernir nesta situação, também se me apresentava a todo instante.

As três primeiras perguntas do questionário verificaram o grau de instrução, as relações de convivência e a renda familiar do entrevistado. Esses dados poderiam indicar uma possível relação entre tolerâncias e intolerâncias com essas condições socioeconômicas. As questões de quatro a sete (incluída uma questão de nº 7-A, pois eu errara na numeração das questões) abordaram a multiplicidade de religiões, tempo de frequência no espiritismo, atuação no centro espírita, intensidade de frequência ao centro espírita e, a religião do pesquisado antes de frequentar o espiritismo kardecista. A questão que indagava se o entrevistado era intolerante para com alguma religião ou para com os seguidores de qualquer outra religião se apresentou extremamente delicada. Foi pensada a dificuldade de o entrevistado se declarar intolerante, por que, em alguma medida, eu entendia que assumir-se intolerante poderia ser constrangedor para o entrevistado. Assim, pensei em apresentar algumas questões que predispuessem o entrevistado a responder essa questão de maneira mais confortável. Algumas perguntas enveredaram o entrevistado a declarar se havia percebido ter sido discriminado por ser espírita, ou se sentiu que o espiritismo kardecista, sua religião, havia sido discriminado em alguma ocasião. Uma eventual situação reversa talvez pudesse incentivar o entrevistado a responder se ele também sentiu ou sentia algum tipo de intolerância perante outras religiões ou aos seus fiéis.

Outra questão indagava se ele se sentia desconfortável perante alguma religião ou perante o adepto de outra religião, ou no compartilhamento de espaços em comum com esses fiéis. Antes da pergunta final, insistimos ainda com duas questões que indicariam simpatia ou rejeição do entrevistado por outra religião: qual religião ele optaria para seguir na hipótese de não haver mais o espiritismo e qual religião ele não escolheria de forma alguma, na mesma situação. Após saber se ele havia percebido intolerância de outros para com ele e para com o espiritismo e, saber se ele rejeitava alguma outra religião – e somente após isso – entendi ser apropriado fazer a pergunta objetiva: se o (a) entrevistado (a) se considerava em alguma medida intolerante para com alguma religião ou para com algum seguidor (a) de outra religião.

Na realização dessa pesquisa ocorreu um fato muito interessante senão, inusitado: a disposição das pessoas em participar, respondendo ao questionário. Se é comum o relato de dificuldades que os pesquisadores encontram em entrevistar as pessoas e, como exemplo ideal disso citamos Clifford Geertz em *A Interpretação das Culturas*⁹¹ (Geertz, 2008, p. 185/213), no meu caso, aconteceu exatamente o oposto. Diferentemente de outras pesquisas que participei (opinião pública, intenção de voto, condições socioeconômicas etc.) onde alguns entrevistados relutavam em participar, nesta pesquisa, muitos colaboradores dos centros espíritas reclamaram de que queriam participar diante da minha informação de que a cota de entrevistas daquele centro, bem como os formulários, já havia se encerrado. Se soubesse que a receptividade seria assim, teria preparado mais questionários. No CEIA e no Seara, levei treze questionários e, no Luz, levei quinze, todos rapidamente distribuídos.

7.3 Os locais de pesquisa

A pesquisa nos âmbitos das práticas espíritas (centros espíritas) exigiu a verificação de sua constituição jurídica legal e seus objetivos. Para validação da pesquisa, confirmei que os centros espíritas escolhidos estão legalmente constituídos segundo as leis do país, ou seja, têm um estatuto registrado e inscrição no órgão governamental. A essência de uma religião está em seus objetivos e estes estão explícitos em seus estatutos ou regimentos. A religião no Brasil é institucionalizada, isto é, é uma organização estabelecida em consonância com uma legislação

⁹¹ A referência se aplica na dificuldade encontrada pelo antropólogo estadunidense em conseguir entrevistar o nativo de Bali em seu relato “Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”, capítulo 9, Parte V de seu livro.

específica que ordena e regulamenta o exercício das atividades, enquanto personalidade jurídica, o que nos leva a crer que não há uma religião individualizada, isto é, uma religião de um só indivíduo. Neste ordenamento exige-se a emissão e posse de estatutos onde a instituição é identificada e os seus objetivos, direção, formas de atuação, direitos e deveres, impedimentos, e uma série de outros requisitos estão detalhados. O estatuto do centro espírita precisa estar devidamente registrado e autorizado. Tivemos permissão para acessar e divulgar partes do estatuto dos três centros espíritas kardecistas escolhidos.

O primeiro, fundado em 1976, está localizado a Rua Ribeiro do Vale, 120-A, bairro Brooklin, tendo por denominação Centro Espírita Irmão Alfredo, chamado por seus frequentadores de “Irmão Alfredo” ou CEIA, se apresenta como “associação civil, religiosa e filantrópica sem fins lucrativos” (CEIA, 2003, art. 1º), cujos objetivos são

- I - O estudo, a prática e a divulgação da doutrina espírita como religião, filosofia e ciência, nos moldes da Codificação de Allan Kardec e segundo os programas da Aliança Espírita Evangélica, contidos no Livro "Vivência do Espiritismo Religioso";
- II - A evangelização do ser humano, conforme preceitua "O Evangelho Segundo o Espiritismo";
- III - A atuação na área de assistência social, a prática da caridade como dever social e princípio da moral cristã e como exercício pleno da solidariedade e respeito ao próximo. (CEIA, 2003, art. 2º, 1973)

Embora não expresse explicitamente a prática não discriminatória, o CEIA afirma ter como finalidade “a evangelização do ser humano conforme preceitua ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, tendo na prática da caridade um dever social e princípio da moral cristã e como *exercício pleno da solidariedade e respeito ao próximo*” (CEIA, 2003, art. 2º, destaque meu). Credita sua ação na moral cristã e no respeito ao próximo, o que permite entender que há a determinação do respeito às demais religiões, o que se pode caracterizar como tolerância religiosa institucionalizada.

O segundo, fundado em 1986, estava localizado na Rua João de Gênova, nº 25, próximo ao Largo Treze de Maio, no bairro de Santo Amaro⁹². Tem como denominação CELE - Centro Espírita Luz da Esperança, mas é conhecido como “Luz”. Sua atuação jurídica está estabelecida como “associação civil e sem fins lucrativos”

⁹² Durante a elaboração desta dissertação, o Luz mudou-se para a Rua Joaquim dos Reis, 65, Vila Cruzeiro, ainda próximo ao antigo local, cerca de 1 km do endereço, e mantendo boas condições de acesso por meio de transporte público, visto ser bem próxima da Av. João Dias, importante artéria que liga o bairro de Santo Amaro à periferia dos bairros além ponte e com expressiva quantidade de linhas de ônibus.

e, para fins tributários assume-se como “Templo de Culto Religioso da Doutrina Espírita” conforme determina o artigo 150, VI, “b”⁹³, da Constituição Federal. Seus objetivos estatutários, entre outros, são:

I. Dedicar-se ao estudo e à prática do espiritismo, divulgando-o no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, com base na orientação da ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA, à qual é filiado, bem como nas obras da codificação Kardequiana, com vistas à vivência do EVANGELHO DE JESUS CRISTO pelos homens; de maneira voluntária, consciente e permanente, buscando sempre a transformação moral do homem, através da reforma interior.

II. Difundir a Doutrina Espírita por todos os meios possíveis e admissíveis.

III. Fundar, manter e colaborar, quando possível e pelos próprios meios, obras assistenciais de caráter filantrópico e beneficente de amparo à infância, ao enfermo e à velhice, a todos assistindo com amor e sem distinção de classe, sexo, cor, nacionalidade ou religião. (CELE, Art. 2º, 1986).

O “Luz” já se apresenta como partidário do acolhimento incondicional ao não fazer distinção de “classe, sexo, cor, nacionalidade e religião”, ou seja, preconiza em seus estatutos a tolerância para com outras religiões, ainda que não explicitada.

O terceiro, fundado em 1993, está localizado na Rua João Batista Jordão, 316, bairro do Jardim Monte Azul, próximo ao terminal João Dias. Denominado Centro Espírita Beneficente Seara de Luz, é mais conhecido como “Seara” ou “Seara de Luz”. Seus estatutos em vigor têm como finalidades “dedicar-se ao estudo e a prática do espiritismo evangélico e a sua divulgação no seu tríplice aspecto, científico, filosófico e religioso, com base nas obras da codificação kardequiana... [...] e, “fundar e manter, quando possível e pelos próprios meios, obras assistenciais de caráter filantrópico e beneficente de amparo a todos os necessitados, assistindo-lhes, sem distinção de classe, sexo, cor, nacionalidade ou religião.” (Seara, estatutos, art. 5º par. 3º, 1993). A exemplo dos dois outros centros espíritas (CEIA e Luz), também o Seara não se preocupa com a religião dos assistidos que frequentam suas sessões.

Ao observarmos as datas de fundação dos três centros espíritas CEIA em 1976, CELE em 1986 e Seara em 1993, além da ordem cronológica, além de todos serem afiliados à Aliança Espírita Evangélica, existe ainda um outro elo entre estas instituições e, para demonstrar esse elo, precisamos recorrer à plataforma da Aliança. Como já mencionado, o livro *Vivência* (2014), estrutura todos os procedimentos

⁹³ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, “Art. 150. Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, VI - instituir impostos sobre, b - templos de qualquer culto.

técnicos e práticos das atividades espirituais dos centros afiliados à Aliança e, entre estes o principal curso dessa instituição, a Escola de Aprendizes do Evangelho, páginas 198 a 204. Nas aulas 34 e 35, o dirigente do curso é orientado a comentar sobre a Caravana de Evangelização e Auxílio⁹⁴, estruturada nas páginas 209 a 211 do *Vivência*. Nas aulas 40 e 41, a orientação é para que o dirigente acompanhe a caravana e, repete-se nas aulas 48 a 52. Nas 118 aulas, o *Vivência* orienta em uma aula específica (94) – que inicia o terceiro e último módulo do curso – “como abrir um centro espírita” e, em cinco aulas seguidas (95 a 99) orienta o dirigente da turma a abordar como assunto pré-aula⁹⁵ “Novas frentes de Trabalho, Abertura de novo centro espírita” (*Vivência*, 2014, p. 203).

São abordados os aspectos espirituais e jurídicos para a abertura de um novo centro espírita no cap. 1.3 do *Vivência* (*Vivência*, 2014, p. 62 a 70) e no site da Aliança, (<http://www.alianca.com.br>), onde orientações sobre a fundação e sobre a administração do centro espírita são sugeridas. Nas páginas 360 e seguintes, o assunto será abordado com mais profundidade e determinações, sob o título “Multiplicação de Centros Espíritas”. O texto inicia discorrendo sobre a necessidade de os alunos se empenharem na abertura de um novo centro espírita, proporcionando uma nova frente de trabalho para as atividades espíritas. Recorda que o programa das Caravanas de Evangelização e Auxílio foram realizadas em bairro necessitado da cidade⁹⁶. Prossegue afirmando que os centros espíritas devem abrir suas portas aos necessitados e que os alunos não devem permanecer no centro espírita que estudaram, “pois, nosso próprio aprendizado nos obriga a multiplicar a mensagem”. (*Vivência*, 2014, p. 361)⁹⁷

⁹⁴ As caravanas de evangelização e auxílio são atividades externas ao centro, que tem como objetivo levar aos lares o evangelho de Jesus e consolar os sofredores através da ajuda espiritual e material aos necessitados. São atividades executadas pelos alunos da EAE e são acompanhadas pelo dirigente nas três ou quatro primeiras visitas. Após isso, só quando julgarem conveniente ou for solicitado. (*Vivência*, 2014, p. 209 e 211)

⁹⁵ Pré-aula é o espaço de tempo que há entre o início da aula (elevação evangélica) e a aula, propriamente dita, onde um expositor irá apresentar o tema-aula do dia. Normalmente essa pré-aula se estende de 20 a 30 minutos. As aulas da EAE estão determinadas em 90 minutos. O tempo médio oferecido ao expositor oscila entre 45 e 55 minutos, jamais devendo exceder o tempo delimitado.

⁹⁶ Mais à frente, um dos entrevistados vai questionar esse procedimento da Aliança, no que tange à realização das Caravanas de Evangelização e Auxílio “somente” em bairros onde haja necessitados.

⁹⁷ “*Multiplicar a mensagem*” muito possivelmente tem algo a ver com a frase estereotipada “A maior caridade que podemos fazer pela Doutrina Espírita é a sua própria divulgação”, atribuída erroneamente à Allan Kardec e muito comum e divulgada nos meios espíritas. Essa frase é encontrada no livro *Estude e Viva*, de Emmanuel e André Luiz, através da psicografia conjunta de Francisco Candido Xavier e Waldo Vieira e é atribuída à Emmanuel. “Lembra-te deles, os quase loucos de sofrimento, e trabalha para que a Doutrina Espírita lhes estenda socorro oportuno. Para isso, estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra, recordemos que o espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação.” (Xavier e Vieira, 2005, p. 229)

Orienta que os alunos que participaram das Caravanas de Evangelização e Auxílio devem “procurar um lugar adequado para (abrir) um centro espírita no bairro que vem sendo visitado”, como um testemunho de boa vontade dos alunos. Essas orientações vão se repetindo: “a nova casa espírita, por sua vez, deve colaborar na difusão, ajudando outra que deseja o mesmo progresso...” e, “a nova casa espírita que se formar, repetirá o mesmo sistema de propagação, criando a Caravana, as escolas e os elementos de assistência...” (Vivência, 2014, p. 361). Afirma ser essa a forma capaz de multiplicar a mensagem evangélica e que o “centro espírita deve se preocupar em formar *soldados do Evangelho*⁹⁸, capacitados a disseminar a Doutrina.” Justifica essa forma de disseminação dos centros espíritas da Aliança, afirmando que “será preferível termos um pequeno centro espírita em cada quarteirão do que um só grande centro espírita em bairro populoso.” (Idem, idem) (Destaque meu).

Delineada a estrutura para a formação dos novos centros da Aliança, posso agora revelar o outro elo existente entre os centros espíritas escolhidos. O Seara formou-se a partir do Luz e o Luz formou-se a partir do CEIA. Temos assim que há uma correlação mais direta entre eles e, essa relação de origem costuma ser tratada carinhosamente entre os espíritas desses centros como “filhote”. O Seara é “filhote” do Luz e o Luz é “filhote” do CEIA.

7.4 A análise dos resultados da pesquisa

A elaboração e aplicação de pesquisas sociais são ferramentais utilizados mais amplamente na Sociologia do que na Antropologia. Ainda que os dados *quantitativos* sejam considerados mais “frios” que os *qualitativos* – mais ricos em suas nuances pessoais e em seus relatos – a pesquisa pode eventualmente ser utilizada para obter uma imagem sociológica da situação, do contexto, do ambiente e do universo da pesquisa. A sua aplicação exige análise prévia do campo para se entender o lugar de onde discursam, a tentativa de compreensão dos discursos, as fórmulas, opções e rejeições; as observações de Bourdieu (1983) trazem à compreensão os discursos dos intelectuais, o lugar de onde falam, suas formulações, escolhas e recusas.

⁹⁸ O termo “soldado” aparece em outros momentos do aprendizado da Aliança, como por exemplo, no “Hino do Servidor”, onde o termo se define: “Servidor é o soldado do Cristo, O que marcha com fé, com ardor! Trabalhar é a sua divisa. Eis o lema do bom servidor.” (Vivência, 2014, p. 371). Muito provavelmente por influência de Edgard Armond, fundador da Aliança e que foi militar, integrante da antiga Força Pública de São Paulo.

O questionário foi elaborado com o objetivo de se apurar a existência de intolerâncias ou de tolerâncias nos centros espíritas mencionados (CEIA, Seara e Luz), e apresentava dezesseis questões. O pesquisado não sabia, qual era o objetivo das questões, e a informação passada pelo pesquisador era de que se destinava a integrar o escopo de um trabalho acadêmico, de uma dissertação de mestrado. Antes de entregar o questionário, foi lido para todos os participantes o Termo de Consentimento, cujo teor é o seguinte:

Antes de começar, gostaria de informar três coisas:

1º. Que as suas respostas não serão identificadas, elas vão ser somadas com as das outras pessoas que estamos entrevistando nos demais centros espíritas;

2º. Que, sempre que preferir, você pode não responder as perguntas feitas, é só passar para a pergunta seguinte, e

3º. Que nenhuma pergunta tem resposta certa ou errada, o que vale é a sua opinião, o que você pensa sobre cada coisa que for perguntada e que esses dados só serão divulgados como pesquisa acadêmica.

O mais importante, então, é que você seja sincero (a). Você aceita participar dessa pesquisa?

Somente após a concordância do entrevistado, o questionário era entregue para ser respondido. Importante ressaltar também que não foi concedido ao entrevistado nenhuma orientação ou explicação sobre as questões formuladas. Nas ocasiões em que surgiram dúvidas, foi informado ao entrevistado que ele deveria responder à questão de acordo com o seu entendimento sobre o que estava sendo perguntado. Esse cuidado foi necessário para que não houvesse qualquer influência do pesquisador sobre as respostas dadas.

Das observações realizadas, verifiquei que as informações obtidas me permitem pensar que essa proposta de pesquisa prévia foi importante para as análises das entrevistas que foram realizadas no segundo momento dos trabalhos de campo. Ao analisar as respostas mais detidamente, inclusive sob a perspectiva socioeconômica, alguns dados se destacam no universo dos trinta e nove personagens entrevistados, dos quais dezessete (43%) eram homens e vinte e três (57%) eram mulheres. A média de idade dos entrevistados foi de 51 anos assim distribuídos:

Distribuição dos Entrevistados por Idades

20 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80
2	8	9	10	8	2

Quanto ao grau de instrução, 67% dos entrevistados possuem formação superior, divididos em graduados, pós-graduados e pós-doutorados; 29% possuem o ensino médio e 4% possuem o ensino fundamental.

Grau de Instrução dos Entrevistados

Fundamental	Ensino Médio	Superior	Pós-Graduação	Pós-doutorado
2	11	16	2	8

Quanto ao convívio familiar, a maioria (77%) declarou morar com familiares (pais, cônjuges, filhos, netos etc.), e nove entrevistados afirmaram serem solitários, alguns por opção e outros por situação momentânea. No que concerne à renda, foi apresentado quatro faixas de renda mensal familiar (em salários mínimos à época) para que os entrevistados se posicionassem: até 1 SM, entre 1 e 3 SM, entre 4 e 6 SM 3 e acima de 7 SM. A maioria declarou ter renda acima de 3 salários mínimos. Os resultados foram os seguintes:

Renda Mensal Familiar em Salários Mínimos⁹⁹

Até 1 SM	1-3 SM	3-6 SM	Acima de 6	Não respondeu
2	16	6	15	1

A análise dos resultados da pesquisa socioeconômica nos indicam que, a quantidade de mulheres que colaboraram na pesquisa é maior que a quantidade de homens. O fator idade também chama a atenção, com a média de idade na faixa dos cinquenta anos: vinte e sete entrevistados, (70%) tinham entre 40 e 70 anos. Próximo à proporção das idades, mas superando-a, o grau de instrução chama a atenção ao revelar na amostragem que quase 75% dos entrevistados, ou seja, vinte e nove pessoas, possuem curso superior, pós-graduação ou doutorado. Talvez isso nos permita afirmar que o espiritismo kardecista vem conseguindo atrair intelectuais ou pessoas com maior grau de instrução. Se nos remetermos ao capítulo 14, algumas páginas atrás, veremos os nomes de intelectuais como Antonio da Silva Neto, Luiz Adolfo Bezerra de Menezes, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, entre outros (Valle, 2010) – personagens da intelectualidade brasileira que atuaram na consolidação do espiritismo kardecista no Brasil. Segundo Ubiratan Machado (1996), o espiritismo kardecista despertou e desperta a atenção de um número relevante de intelectuais simpatizantes (ou não). E, por fim, é possível notar que mais de 50% dos

⁹⁹ O valor do salário mínimo à época de aplicação dos questionários era de R\$880,00 (oitocentos e oitenta reais).

entrevistados (21) afirmaram ter renda familiar acima de três salários mínimos e desses, dezesseis (16%) declararam renda mensal familiar acima de seis salários mínimos. Resumindo, as respostas à parte socioeconômica da pesquisa revelaram, nesta amostragem, que o espírita kardecista tem um bom nível de instrução e possui qualidade de renda econômica superior ao padrão da maioria dos brasileiros.

Mas, o objetivo principal da pesquisa não era saber as características socioeconômicas dos espíritas kardecistas entrevistados e sim, se havia intolerância e tolerância entre eles. As questões socioeconômicas formuladas tiveram também o objetivo de proporcionar uma espécie de panorama sobre a situação social do entrevistado. Entendi que iniciando o questionário dessa forma, antes de entrar nas questões sobre religião, talvez o entrevistado já estivesse acostumado a responder questões e o restante do questionário fosse respondido com mais tranquilidade. Não percebi nenhuma intranquilidade dos entrevistados em responder às perguntas, mas isso não garante que as questões iniciais tenham proporcionado isso a eles. Mas o que interessava eram as respostas às questões seguintes. Sobre religião.

Questão: Além do espiritismo, você frequenta outras religiões? Se sim, qual?

A essa questão, 90% (35 pessoas) responderam que têm no espiritismo a sua única religião, enquanto quatro pessoas (10%) declararam também frequentar outras religiões. Ainda que o número de multirreligiosos seja pequeno, apareceram o catolicismo, a umbanda ou o candomblé e a maçonaria/rosa-cruzes¹⁰⁰ como segunda religião. Dois dos entrevistados afirmaram que participavam em mais de uma religião diferente do espiritismo kardecista.

O tempo de frequência/colaboração no espiritismo kardecista também foi o objetivo de uma das questões. Era uma pergunta que apresentava quatro faixas de tempo e descobrimos que 85% dos entrevistados frequentam o espiritismo kardecista há mais de 10 anos.

Tempo de Colaboração nas Atividades Espíritas

Até 3 anos	Entre 3 e 6 anos	Entre 6 e 10 anos	Mais de 10 anos
1	3	2	33

A frequência no espiritismo kardecista conduz a outra questão também importante: Você colabora como voluntário no centro espírita há quanto tempo? Para

¹⁰⁰ Na opinião dos entrevistados, a maçonaria e a o movimento rosa-cruz aparecem como instituições religiosas. Na página 115, acrescentamos informações sobre essas instituições.

essa resposta, propusemos três faixas de tempo, sendo a primeira até 5 anos, a segunda entre 5 e 10 e a terceira mais que 10 anos. Os resultados foram aproximados ao tempo de frequência com 33 pessoas colaborando no centro espírita há mais de 5 anos.

Tempo de colaboração no centro espírita

Até 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Mais de 10 anos
6	11	22

A intensidade semanal demonstra quão dedicado é o espírita ao seu centro, porque indica quanto tempo de voluntariado ele dedica às atividades espirituais. Nessa questão, indicamos quatro faixas de intensidade semanal sendo uma, duas, três ou mais que três vezes por semana. Pode ocorrer de ser duas vezes em um dia, mas a prática costumeira é de uma vez por dia e a cada vez, entre 2 e 3 horas de trabalho voluntariado. Quantidade significativa de voluntários (66%) colaboram entre duas e três vezes por semana, o que acaba perfazendo entre 4 e 9 horas de trabalho voluntariado semanal.

Intensidade de comparecimento semanal ao centro espírita

1 vez	2 vezes	3 vezes	Mais que 3 vezes
8	16	10	5

A partir da pergunta 7 do questionário, começamos a preparar o entrevistado para a pergunta que realmente irá responder aos nossos interesses. Iniciamos essa fase perguntando: Antes de ser espírita você frequentava a) Igreja Católica; b) Igreja Evangélica; c) Igreja Pentecostal; d) Umbanda; e) Candomblé; e f) Outra (s) religião (ões). As respostas a essa questão foram múltiplas, surgindo espíritas que frequentaram várias religiões antes de se decidirem (ao menos momentaneamente) pelo espiritismo. A religião anterior que predominou, tendo sido frequentada por mais de 64% dos entrevistados foi o catolicismo. Mas foram citadas a Umbanda, a Evangélica e o judaísmo. Apareceu nessa questão uma informação que carece de maiores detalhamentos: sete pessoas declararam que não haviam frequentado nenhuma religião antes de optarem pelo espiritismo kardecista. Como o objetivo da pesquisa não era se aprofundar no trânsito religioso do espírita kardecista, a questão não previa uma análise mais detalhada sobre isso. Mas algumas questões podem ser levantadas sobre essas pessoas: Eram ateias? Eram de outra religião, mas por serem

“não praticantes”¹⁰¹, não se rotulavam como participantes de uma religião? Já haviam nascido em lares espíritas e por isso não frequentaram nenhuma outra religião anterior? São questões que ficarão em aberto para uma eventual análise em uma futura oportunidade.

As perguntas 8 e 9 abordaram a discriminação religiosa no sentido de o espírita ter sido discriminado ou ter sofrido alguma intolerância religiosa pelo fato de ter se declarado espírita, ou se em alguma ocasião havia percebido que a sua religião, o espiritismo kardecista, sofreu alguma discriminação ou percebeu sinais de intolerância para com esta. Vinte e seis entrevistados (66%) disseram que em nenhum momento de suas vidas tiveram a sensação de estarem sendo discriminadas ou sofreram algum tipo de intolerância por terem se declarado espíritas kardecistas. Mas um bom número (30%) de entrevistados afirmou que em algum momento de suas vidas se sentiram discriminados como espíritas kardecistas. Já, no que concerne à discriminação contra a doutrina espírita, 61% (24 pessoas) declararam haver percebido discriminação, enquanto 38,5% nada perceberam.

As perguntas 10, 11 e 12 buscaram saber se o entrevistado se sentia desconfortável ou constrangido perante outra religião ou de seus adeptos e, se ele – espírita – se sentia constrangido ou pouco à vontade em compartilhar espaços mais reservados com pessoas adeptas de outras religiões e, se sim, qual seria essa religião. As respostas para as duas questões foram apresentadas de maneira quase unânime. A maioria dos entrevistados (95%) respondeu *não* a essas duas questões. Apenas duas pessoas fizeram alguma restrição em relação aos evangélicos, mas sem que isso pudesse ser considerado uma intolerância para com esses outros. Salvo uma pequena minoria, o espírita kardecista *não* se sente desconfortável perante as outras religiões ou de seus fiéis e nem se sente constrangido em compartilhar espaços mais reservados com frequentadores de outras religiões, qualquer que seja ela.

Entrando na rota final do questionário e preparando o entrevistado para a pergunta “escatológica”, as questões 13 e 14 tinham a função de pavimentar o caminho para ela e queriam saber: “13. Se, em hipótese, não houvesse mais espiritismo ou centros espíritas e você tivesse que optar por outra religião, qual você

¹⁰¹ Costumam se denominar “não praticantes” aquelas pessoas que se rotulam como seguidores de uma religião, mas só a frequentam em algumas ocasiões e em algumas cerimônias. Por exemplo, um católico “não praticante” é aquele só vai à igreja em batizados, casamentos e missas de 7º Dia, e outros eventos cerimoniais ou festivos. Espírita não praticante é o simpatizante do espiritismo que vai de vez em quando ao centro espírita para receber um passe, ouvir uma prelação ou palestra ou pedir alguma coisa.

escolheria: a) católica, b) evangélica, c) pentecostal, d) umbanda, e) candomblé e f) outra religião: _____? E, na mesma linha de raciocínio, mas invertendo a opção: 14. Na mesma hipótese da questão anterior, qual religião ou quais religiões você não escolheria em hipótese alguma? E, complementando a questão adicionei: Por que? Quanto à opção por outra religião, na ausência do espiritismo, as respostas deram ênfase a Umbanda com 20% de preferências e o catolicismo com 15%. Mas, a surpresa ficou por conta de uma opção não prevista que foi escolhida por 25% dos entrevistados: dez pessoas afirmaram que, na hipótese de não haver mais espiritismo ou centros espíritas, elas não optariam por *nenhuma religião*. Ou seja, ou são espíritas kardecistas ou não frequentam qualquer outra religião. As demais respostas foram pulverizadas entre evangélica, qualquer religião cristã, maçonaria (sic)¹⁰², rosacruz¹⁰³, judaísmo, budismo, taoísmo¹⁰⁴, Seicho-No-Ie¹⁰⁵ e, Candomblé.

As respostas à questão 14 poderiam sugerir uma espécie de intolerância para com determinada religião, mas a rejeição dedicada à uma religião não significa, necessariamente, uma intolerância para com ela, mesmo por que, a questão não visou esse objetivo, mas tão somente saber qual a religião que seria a mais rejeitada. As respostas indicaram que a religião evangélica (33%) e o Candomblé (23%) foram as religiões com maior índice de rejeição. Cinco entrevistados declararam que não escolheriam nenhuma religião, por que têm o espiritismo como a única opção religiosa para as suas vidas. Alguns entrevistados declararam rejeição à várias religiões, mas os resultados, mais uma vez se apresentaram pulverizados.

¹⁰² A maçonaria não é considerada uma religião. Trata-se de uma “sociedade parcialmente secreta, cujo objetivo principal é desenvolver o princípio da fraternidade e da filantropia.” (Ferreira, 1986, p. 1060)

¹⁰³ “A Antiga e Mística Ordem Rosacruz, conhecida pela sigla AMORC, é uma organização internacional, de natureza filosófica, iniciática e tradicional, que perpetua o Conhecimento dos iniciados do antigo Egito e, de um modo geral, a gnose secreta que os grandes pensadores têm transmitido desde a mais remota antiguidade.” Fonte: <https://www.amorc.org.br/quemsomos/>

¹⁰⁴ Do chinês *tao* = ‘caminho’. “Ensino filosófico religioso desenvolvido sobretudo por Lao-Tse (séc. VI a.C.) e Tchuang-Tseu (séc. IV a.C.), filósofos chineses, cuja noção fundamental é o *Tao* – o *Caminho* – que nomeia o grande princípio de ordem universal, sintetizador e harmonizador do *Yin* [q.v.] e do *Yang* [q.v.] e ao qual se tem acesso por meio de meditação e da prática de exercícios físicos e respiratórios.” (Ferreira, 1986, p. 1647). A abreviatura “q.v.” usada por Ferreira significa “queira ver”.

¹⁰⁵ Fundada no Japão, em 1930, por Masaharu Taniguchi, a Seicho-No-Ie “pode ser considerada uma filosofia de vida e uma religião”. “É um ensinamento de amor que prega que o ser humano é filho de Deus, que o mundo da matéria é projeção da mente e, também, nos revela qual é a nossa verdadeira natureza.” Fonte: <http://www.sni.org.br/oque.asp>

A pergunta final, objetivo maior da pesquisa, foi formulada da seguinte maneira:

15. *Considerando que todos nós somos, em alguma medida, intolerantes com alguma coisa, você se considera, ainda que um pouco só, intolerante para com alguma religião ou para com algum de seus seguidores?*

a) Não: _____ b) Sim: _____ Qual (is): _____

As respostas obtidas nos permitiram ir para a segunda fase da pesquisa: as entrevistas individuais com os colaboradores voluntários (médiuns) dos e nos centros espíritas. Das trinta e nove pessoas entrevistadas, vinte e cinco (64%) declararam que *não têm* o sentimento de intolerância para com outra religião ou para com os seus frequentadores. É um número expressivo de médiuns tolerantes. O restante dos entrevistados, três pessoas não responderam à pergunta e, onze pessoas responderam afirmativamente: sim, em alguma medida, possuem intolerância para com outra religião ou para com seus frequentadores. Nesta pesquisa, a religião que mais despertou intolerância foi a evangélica em mais de 50% das respostas, seguidas pelo Candomblé, pelas religiões que “fazem o mal” e pelas religiões que, além de fazer o mal, sacrificam animais em seus rituais. Questionados sobre quais religiões “faziam o mal”, os entrevistados não souberam dizer “com certeza”, mas mencionaram a Umbanda e o Candomblé.

A existência de tolerâncias (em maior percentual) e de intolerâncias não só me indicou o caminho das entrevistas, como me instigou a verificar onde e quando aparecem essas duas situações. Foram escolhidas três pessoas em cada centro espírita, mas em um deles, um dos voluntários se dispôs a participar deste trabalho, primeiro por ser pessoa de minhas relações religiosa e social e segundo pela disponibilidade de tempo e horário que alegou possuir, sendo apenas uma questão de entendimentos. Como o perfil do voluntário atendia ao filtro estabelecido no método da pesquisa, não vi problema em acrescentar mais uma entrevista a esta dissertação. Assim, apresentaremos na sequência, partes selecionadas das entrevistas onde aparecem as situações de intolerâncias e de tolerâncias.

8 As entrevistas – Relatos de casos

Essa segunda fase da pesquisa vai demandar mais tempo e a programação desse tempo. Enquanto pesquisador e, a partir de agora (o tempo de novo) entrevistador, devo me adequar ao horário e ao local escolhido pelo entrevistado. Em raras ocasiões tive que cancelar ou adiar compromissos em função das possibilidades do entrevistado. A quase maioria das entrevistas foram combinadas de acordo com uma agenda negociada, tanto em horário quanto em local. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio (formato de áudio mono M4A, 128kbps, 44.1khz)¹⁰⁶ e depois transcritas para melhor análise. O aparelho utilizado foi um telefone celular da marca Samsung, modelo Galaxy A9 PRO, ano 2017. Os locais foram os mais diversos: lanchonetes, residências (minha e do entrevistado) e centros espíritas, e nos horários mais diversos, nos três momentos do dia: manhã, tarde e noite. Em média, o tempo dispendido para cada entrevista foi de oitenta minutos. Já a transcrição de uma entrevista desse porte demandou cerca de 12 a 15 horas, dependendo da qualidade da fala do entrevistado, uma vez que a qualidade da gravação atendeu as expectativas.

Um cuidado maior do que dar prioridade à fala do entrevistado foi observar que eu, sendo também simpatizante, ou melhor, frequentador assíduo e colaborador da doutrina espírita kardecista – em um centro espírita que não participou da pesquisa, primeiro por ser um centro espírita não filiado a instituição coordenadora e, segundo para manter o necessário distanciamento de qualquer sentimento que pudesse contaminar as análises que seriam elaboradas – tinha conhecimento prévio de vários termos e assuntos relacionados às práticas e situações desses centros e isso, longe de ser um facilitador, impunha o cuidado mais que especial, de indagar o esclarecimento das situações e expressões utilizadas pelo entrevistado, para que ele, o personagem principal, dissesse o significado daquilo que, se para mim, era até certo

¹⁰⁶ O formato M4A é um sistema digital que comprime os dados (áudio) com o objetivo de diminuir o tamanho do arquivo sem redução da qualidade de áudio (*lossless* = baixa perda). Arquivos de áudio em mídia (*wave*) são grandes e exigem muito espaço para armazenamento, cerca de 10 MHZ para cada minuto. Com a compressão, cada minuto de áudio ocupa cerca de 1 MHZ de espaço. A perda da qualidade de áudio é pouco percebida pelo ouvido humano, mas isso depende de cada pessoa. Já 128kbps significa a quantidade de bits comprimida em um segundo de áudio, no caso, 128.000 bits/s. E, 44.1 kHz significa a quantidade de amostras chegando do arquivo de áudio para o alto-falante de seu equipamento de som. No caso, 44.100 amostras de áudio por segundo. Isso tem a ver também com a velocidade para se obter um arquivo de áudio da internet em função da velocidade do sistema de informática disponível. Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/audio/7945-saiba-quais-sao-as-principais-diferencas-entre-formatos-de-audio.htm>

ponto natural, talvez para o leigo que estivesse lendo a transcrição ou os seus resumos, necessitasse de maior e melhor entendimento. Entra aí, o estranhamento do natural e a naturalização do estranho (CUNHA e RÖWER, 2014), premissas educacionais da Sociologia, principalmente, aplicadas às aulas deste componente que ministrei em 2016 e 2017, na ETEC Jardim Ângela, autarquia estadual paulista vinculada ao Centro Paula Souza. As próximas páginas estarão empenhadas em extrair dos discursos, as informações que irão demonstrar a existência de tolerâncias e intolerâncias nos centros espíritas, assim conhecidos os ambientes de práticas espíritas kardecistas.

As entrevistas não obedeceram um roteiro propriamente dito, mas orientei o entrevistado a falar sobre sua vida religiosa. Importante registrar que, antes das entrevistas, não informei e nem dei a entender que o objetivo era verificar se havia, da parte do entrevistado, tolerâncias ou intolerâncias vivenciadas ou observadas por ele no ambiente espírita que ele frequentava. Ao iniciar, perguntava como havia sido a vida religiosa do entrevistado. “Desde quando?” Essa questão foi formulada pela maioria dos entrevistados e a resposta foi sempre a mesma: “Desde o momento em que você se lembra!” Ou, no dizer de um dos entrevistados: “Desde o momento em que eu me entendo por gente?” Sim, desde esse momento. Não pude deixar, entretanto, de intervir nos relatos em alguns momentos, buscando maiores esclarecimentos sobre o que era dito ou para trazer de volta ao assunto o entrevistado que havia se encaminhado para outras digressões. Mas foram poucas as intervenções. Nas vezes em que o entrevistado citava situações e termos de meu conhecimento, mas que esse conteúdo pudesse ser estranho para uma eventual audição ou leitura, também requeri necessariamente que o entrevistado fosse mais explícito. Mesmo assim, é possível que termos e expressões “comuns” ao ambiente espírita kardecista, mas ininteligíveis para o leigo, possam ter passado sem o necessário esclarecimento, fato pelo qual desde já peço desculpas. Em nenhuma das situações, essas intervenções alteraram o discurso ou induziram a outro caminho, que não o objetivo da entrevista: o relato das experiências religiosas do espírita kardecista até aquele momento.

Do material colhido em dez entrevistas, e mais uma entrevista especial que me foi apresentada no final dos trabalhos – que demandaram mais de quatorze horas de gravação, correspondendo a mais de cento e cinquenta horas de transcrição e a duzentos e trinta páginas escritas –, procurei sintetizar os depoimentos escolhendo os

trechos onde se pudesse perceber a existência de tolerâncias e intolerâncias nos locais de prática espírita. As duzentas e trinta páginas das onze entrevistas, foram reduzidas nesta dissertação para sessenta e cinco páginas de conteúdo absorvente. Algumas entrevistas foram tão ricas em detalhes que fui levado a me estender na exposição das falas, ampliando o resumo, porém, sem que isto possa ter transformado – espero – a leitura dos depoimentos em uma atividade enfadonha. A manutenção de uma transcrição um pouco mais intensa, denotou muito mais um respeito para com o entrevistado do que qualquer outra coisa. Resolvi destacar, embora não seja o buscado, mas que poderia ser um indício de eventual intolerância ou tolerância não revelada, os trechos onde aparecem sinais de preconceito. Não há aqui a pretensão de que esses relatos sejam o panorama fiel do universo espírita kardecista, mas uma perspectiva apanhada, ou percebida, na fala dos sujeitos em um recorte realizado em três centros espíritas. Tentou-se buscar também, aquilo que não foi dito, mas que transpareceu nas expressões dos entrevistados, nos silêncios e nas pausas originadas pela busca mnemônica das situações vividas. Foram momentos de emoção e de comoção.

8.1 Entrevista 1 - Beatriz

Já frequentei a Igreja Universal (do Reino de Deus) ali do bairro. Cheguei lá, concordei com algumas coisas e discordei de outras. Eu tiro o que tem de bom e ignoro o que tem de ruim. Quando você pergunta se eu iria em qualquer religião, eu digo que iria sim, porém, não para frequentar.
Beatriz

Era um sábado de manhã ensolarada de junho de 2017 e, atendendo ao combinado previamente, minha primeira entrevistada chegou disposta para a conversa. Disse estar com fome e se eu não me importava que fôssemos à lanchonete de uma padaria próxima, tranquila naquele momento e ela falaria enquanto fazia o seu desjejum. Concordei. Beatriz¹⁰⁷, 37 anos, secretária, casada, dois filhos, o Ni e a Gi, o menino, fruto de uma união temporária provocada por uma gravidez não esperada e a menina, de seu casamento atual com Flávio. A sua vida religiosa começa

¹⁰⁷ Os nomes originais dos entrevistados e dos citados nas entrevistas foram substituídos por nomes fictícios para preservar a privacidade do entrevistado. Somente o pesquisador tem acesso à identidade real das pessoas mencionadas. Essa prática foi adotada em todas as entrevistas, quando não mencionado o contrário.

na fase de transição entre a infância e a adolescência, (dez, onze anos), quando sua mãe a levava em um centro de Umbanda.

(Minha mãe dizia) Vamos no 'Seu' Francisco! Não sei o nome do centro. Ah, vamos lá no Seu Francisco tomar um passe. Então a gente ia sempre, por que meu pai e minha mãe sempre tiveram muita discussão por causa da bebida, sempre." [...] A gente ia de terça e quinta, ou terça e sexta. Onde era (Gira)¹⁰⁸ de Preto Velho e outro dia era (Gira) de Caboclo. Aí, um dos Pretos Velhos falou para ela (mãe): "Por que você não vai estudar? A gente precisa estudar, não é só vir aqui tomar passe."

Sua mãe começou a frequentar a Escola de Aprendizes no Centro Espírita Irmão X, perto da casa onde eles moravam, e que seguia a doutrina de Allan Kardec. Não sabe se era filiado à Federação (Espírita do Estado de São Paulo – FEESP), mas sabia que tinha uma escola de aprendizes lá e isso fez com que sua mãe se distanciasse da Umbanda. Beatriz conta que no começo não ia com a mãe, mas percebeu que sua mãe foi ficando mais calma, foi se modificando.

E a mãe pedia para os filhos irem fazer "tratamento". Ia, por imposição da mãe.

Na adolescência começou a trabalhar (14 anos) e, juntamente com os estudos à noite, surgiu a desculpa para não ir com a mãe ao centro espírita: "Não tinha tempo." Mas, ia de vez em quando. Achava "legal". Ouvia coisas boas, passava pelas orientações e, quando tomava "bronca", deixava de ir. Aos 17/18 anos se matriculou na Escola de Aprendizes do Centro Espírita Irmão X, mas desistiu antes de começar o curso. Nessa idade, conta ela, só queria namorar, sair, beber, *happy hours* e, apareceu um imprevisto: engravidou. Essa situação vai levá-la de volta ao espiritismo. Com o nascimento do Ni, havia mais preocupação em sua vida e ela voltou a fazer tratamento espiritual. Levava o filho ao centro. Fazia os tratamentos e parava de ir. Quando estava chateada, irritada, "muito prá baixo" voltava ao tratamento. Quando foi morar com o pai do Ni, mudou-se para o bairro do Jardim São Luiz, em Santo Amaro e acabou não indo mais ao Centro Espírita Irmão X, que estava localizado no bairro da Saúde. Próximo ao novo lar, não achou nenhum centro espírita. Depois mudou-se para Embu das Artes ("Sou uma nômade!"), e lá então nem se preocupava com isso.

¹⁰⁸ De acordo com Assunção (2010), em *A transgressão no religioso: Exus e mestres nos rituais da umbanda*, gira é o ritual que, nos centros de Umbanda acontece no início dos trabalhos, quando ocorre a 'incorporação' das entidades que irão participar da sessão. Ao som dos atabaques, o médium vai girando sobre si até que em determinado momento, entra em transe e passa a se comportar com as características do espírito manifestante. Por extensão, quando ocorre uma sessão específica de determinada fraternidade ou 'linha espiritual', diz-se que aquela sessão é uma *gira* dessa linha."

Nos contatos com a mãe, sempre era “lembrada” e cobrada de voltar a frequentar um centro espírita.

Mas a vida em comum provoca divergências de relacionamento, surgem as discussões com o companheiro, as irritações, os atritos e as coisas vão piorando. Beatriz entende esses acontecimentos como um chamamento para retornar ao centro espírita. “Chega num ponto em que você fica numa situação em que ou você faz alguma coisa, ou daqui a pouco você vai ter um ‘troço’, vai dar um piripaque em você... mais ou menos isso eu penso.” Por problemas de alcoolismo, acabou separando-se do companheiro e voltou a morar com a mãe e a frequentar o Centro Espírita Irmão X. Namorou um rapaz que morava na rua da casa da mãe, até que apareceu o Flávio, para trabalhar no mesmo emprego que ela. Começaram a ir de carona com o tio do Flávio, que também trabalhava no mesmo local. Foram se conhecendo, se gostando, mas surgiu uma interferência por parte da família dele.

A família de Flávio é fervorosamente católica, bastante religiosos. Quanto ao Flávio, ia à Igreja porque a mãe ia e o convidava, mas por ele, não tinha preocupação em frequentar a religião dos pais. Em ocasiões especiais (por exemplo, a Missa do Galo) a mãe de Flávio o chamava e ele ia. Segundo Beatriz, Flávio era um “católico não praticante”, como ela também se rotulava “espírita não praticante”: só ia ao centro quando precisava. Depois de seis meses de namoro resolveram morar junto. Surgem as dificuldades da vida a dois. “Ele tinha as suas manias e eu tinha as minhas”. E, de novo surge a ideia: “Preciso fazer um tratamento. Preciso voltar a frequentar o Centro Espírita.” Voltou a ir ao Centro Espírita Irmão X e queria levar o companheiro. Queria que ele visse o que era o espiritismo, “por que quando a família dele soube que eu era espírita, ficou muito assustada. Pensaram que era algo assim muito ruim.”

- *Você sentia, da parte da família dele, um certo preconceito?*

- Sim, tinha...

- *Contra você ou contra a sua religião?*

Contra a religião. Uma prima do Flávio havia namorado um rapaz que ia no mesmo centro que eu. “Ah... (a mãe do Flávio pergunta) Você vai no mesmo centro que o Rogério? Mas havia um preconceito sim, por que a minha sogra e todas as irmãs dela (da sogra) sempre foram muito à igreja. [...] Então tinha (preconceito) sim e, no começo, quando a gente é muito jovem, a gente sempre quer ter razão, sempre quer ter não sei o que, então eu queria sempre mostrar que o espiritismo não tinha nada demais. Então eu sempre falava: “Não é macumba, não é nada gente... (o centro espírita) é uma casa de Deus também!” (Eles falavam) “ah... não, tudo bem!”

Enquanto a gente namorava, ninguém nunca se aprofundou muito, da (parte da) família dele, nem questionou muito. Mas, quando a gente falou que ia morar junto, aí eu tive um problema maior, por que não foi

só por conta da religião, mas por conta de já ter um filho. E isso (ir ao centro espírita) nem era um problema assim tão grande – hoje eu vejo. Por que eu não gostava do jeito que tratavam o meu filho e isso era coisa que me fazia cada vez mais (dizer para mim mesma) “não, eu tenho que ir para o centro... eu tenho que fazer tratamento (risos). Eu não gostava do jeito (deles)...

E hoje eu vejo que eles não mudaram nada, eu é que mudei. Eu mudei o jeito de ver, de olhar, de falar e está tudo ótimo. Eu chegava em casa falando, reclamando com o meu marido e isso causava discórdia em casa. Isso foi juntando numa situação para que eu falasse: “Meu, eu preciiiiso fazer um tratamento, por que... fazer alguma coisa... no âmbito religioso.

Mudando-se para longe da família de Flávio, o casal trabalhando juntos, veio morar para os lados de Santo Amaro e distanciaram-se também da família dela. Engravidou da filha Gi e teve mais “desculpas” para se distanciar do centro espírita. Sua vida religiosa se resumia a rezar as orações que a mãe ensinara (Pai Nosso, Ave Maria, a oração do Anjo da Guarda) ... E aprendeu a acender vela na Umbanda. “Você vai fazer uma prova? Acende uma vela para o seu anjo da guarda.” (Risos). Minha mãe falava “ahh não sei o que é difícil... acende uma vela para o seu anjo da guarda.”

Mas, segundo ela, sempre havia o chamamento da espiritualidade: O Ni agitado, a Gi, uma bebê, muito agitada. Aí, próximo à (avenida) João Dias, onde morava, descobriu um centro: o GEEBEM.¹⁰⁹ Foi indicação recebida em um salão de beleza (?!). Conversando sobre espiritismo, a manicure disse: “Tem duas casas que eu conheço, uma é o Seara de Luz, que eu acho que é mais ‘fraquinha’ – eu lembro dela falando assim (risos) – e tem ooooo..., como chama?” A outra (casa) que ela não falou o nome, que é ...

Aí ela me deu mais ou menos a localização e eu falei: “caramba, é lá perto de onde eu moro. Eu tenho que descobrir.” Descobrimo, fiz um tratamento, num dia de sábado. Mas como sempre, assim que levei “um puxão de orelhas”, uma bronca, falei: “ótimo, eu fiz o tratamento, tomei passe, tá bom, obrigada, agradeço, mas não vou mais lá não (risos).” Lá eu recebi a orientação para fazer o evangelho no lar. (E foi outra briga, comigo mesma!) Preciso fazer, preciso fazer, vamos marcar. Marcava e não dava, esquecia. Até que um dia decidi. “Vou fazer hoje tal hora, quem quiser faz, quem não quiser não faz”. Sentei, abri (o livro o Evangelho Segundo o Espiritismo) e fiz. Aí eu falei: “Agora sim!”. Eu sempre arrumava desculpa para não ir ao centro espírita, aliás, como para para tudo (que era espiritual) e, em casa, as discussões eram diárias.

¹⁰⁹ GEEBEM – Grupo de Estudos Espíritas Bezerra de Menezes, a casa espírita kardecista que eu frequento desde 1985, e que não é filiada a qualquer entidade representativa do espiritismo. Um centro independente.

Beatriz narra que, como trabalhava fora, só sobrava os sábados para arrumar a casa e, os filhos não ajudavam. A briga com eles era constante. Ela sentia que precisava arrumar um centro espírita para frequentar ou iria acabar agredindo os seus filhos. Já havia se informado no condomínio que morava e soube que havia um centro perto de sua casa, um tal de Seara de Luz. Certo dia, a avenida que era caminho para o seu trabalho (Estrada de Itapecerica) estava congestionada e o motorista da van¹¹⁰ na qual ela estava, optou por outro caminho e passou em frente a um centro espírita, ainda próximo de sua casa. Ao ver a placa identificativa, ainda conseguiu ler “Seara de Luz – “Assistência Espiritual”. Ficou muito alegre: Havia passado em frente ao centro espírita que procurava. Mas, como não conhecia a região, não sabia o endereço do centro. A partir daquele dia, ficou atenta ao caminho que a “lotação” – nome também dado às vans que faziam o transporte alternativo de passageiros – usava, mas parece que o trânsito na avenida havia melhorado. “Eu podia ter procurado na internet, mas sabe como é... e a vontade?” Até que certo dia o trajeto estava congestionado na avenida e a van, muda o seu itinerário e passou novamente em frente ao centro Seara de Luz. Ela ficou observando e “aí eu gravei o caminho”. Ela combinou com o marido e foram com os filhos.

Foi atendida, entrevistada e narra que estranhou o passe de limpeza (já descrito). Começou o tratamento, mas quando começou a melhorar, sentiu vontade de se afastar de novo, mas dessa vez, sabia onde era e que era perto de sua casa. Tinha consigo que precisava frequentar uma escola espírita. Persistiu e começou a frequentar o Seara de Luz toda semana. Até que num determinado dia, abriram-se as inscrições para uma turma nova. Era a 17ª Turma¹¹¹ e ela se inscreveu. Era no sábado, na parte da manhã e, para ela isso seria bom, trabalhava durante a semana e no sábado podia participar. Logo percebeu que o fim de semana era o único tempo que podia ficar com os filhos e pensou: “Vou parar, depois eu faço de novo.” Mas conta,

O “calo apertou” de novo. Eu não tinha equilíbrio algum. As pessoas falavam: “Mas você é tão calma...” e eu dizia: “Não sou! E nunca fui... nunca tive equilíbrio...” [...] e, naquele desequilíbrio todo falei: “Não! Eu vou prá aula por que a casa vai ficar aqui, vai ter sempre coisas para eu fazer, a casa vai estar sempre suja, sempre vou ter que limpar. Eu vou! Vou fazer (frequentar) a escola sim, por que me faz bem.” Estava me fazendo bem.

¹¹⁰ Van, veículo de porte médio utilizado à época como alternativa ao transporte urbano municipal na periferia de São Paulo. Durante certo tempo foi uma operação clandestina, sendo oficializado pela prefeitura desse município.

¹¹¹ 17ª Escola de Aprendizes do Evangelho do Centro Espírita Beneficente Seara de Luz.

Dessa vez, Beatriz não desistiu mais... Isso aconteceu entre o final de 2010 e o início de 2011. Beatriz fez a escola de médiuns porque a mãe dela fez e, na sua opinião, a mãe mudou bastante.

Se minha mãe se transformou... ela era agitada, desequilibrada, gritava, brigava, batia nos filhos... aí ela se transformou. Eu vi a transformação dela. Ela fez escola no (Centro Espírita) Irmão X. Depois ela começou a trabalhar no Centro Bezerra de Menezes, lá na Lapa. Lá havia tratamento espiritual e homeopático.

A mãe dela queria que ela fizesse tratamento homeopático lá, por que “ela tinha muita fé no tratamento de lá”. Mas Beatriz sempre questionou o valor do remédio homeopático.

É muito caro! Você paga duzentos, duzentos e cinquenta reais por mês e vem seis, sete vidrinhos assim (fazendo o gesto com os dedos) pequenos. Eu acredito sim no remédio, mas acho que não está dentro da realidade. Eu acho ainda hoje, eu sou muito questionadora nisso. Não é possível que seja tão caro assim! Eu falo que sempre foi uma coisa que me incomodou. Falo prá minha mãe que é algo que vai contra o trabalho de caridade. Põe no lápis assim, por ano quanto que dá...

Mas, Beatriz também fez tratamentos lá, porque ia levar a mãe e então participava “para não ficar na rua”. Faz outra crítica a esse centro:

Lá, o médium, as pessoas colaboradoras não chegavam bem, ‘ahh... não estou legal hoje. Orientação: Vai trabalhar que passa! Eu acho que de um lado está certo e de outro não, né? É aquele negócio da gente não... a gente precisa também de um... de um... não de uma atenção especial... a gente precisa se colocar também como doente né? Por que a gente é, né? Eu tenho uma consciência muito grande disso, hoje. Então o desenvolvimento mediúnico lá que é assim: chegou, você passou uma vez lá: ‘vai lá prá sala do desenvolvimento!’ Só que você não tem o estudo né? Se você não tem o estudo, você mais atrapalha do que ajuda, na minha opinião.

As vezes sua mãe comentava que chegavam mensagens da espiritualidade neste centro:

Nossa... a gente recebeu uma mensagem linda do Chico Xavier.” E aí eu falo, olho prá ela... por que eu não sei, eu já sou... escaldada assim... já não sou aquela pessoa de fééé, assim, fé cega. Meu racional é muito forte assim e aí chega, a gente nos cursos aqui ó, espírito superior não vai se manifestar em qualquer lugar, em qualquer médium, não sei o que, e aí ela chegava e falava: “A mensagem é do Chico Xavier.” Aí eu falo: “Mãe – aí eu comecei a falar – Mãe não é assim. Eles são espíritos evoluídos, não que eles não possam passar uma mensagem prá gente, mas eles não vão se manifestar em qualquer hora, em qualquer sala, em qualquer... né?” Eu tenho essa

percepção dentro de mim. Que a gente pode... que a gente tem que desconfiar de algumas coisas.

Quanto aos questionamentos, ela menciona que fazendo a escola, recebeu mensagens de mentores que ela achou muito genéricas: podia ser para qualquer pessoa. Chegava e falava, pensava: “Caramba, essa orientação é genérica, podia ser para qualquer pessoa. Não é específica para mim. Eu sempre tive esse questionamento interno. Nunca falei prá ninguém. E aí eu ficava: “Ahh, sempre vem essas orientações assim que podia ser prá qualquer pessoa não fala...” Eu acreditava desacreditando. Falava: “Pode não ser... Não tem nada que mostre que é específica para mim.” Eu acreditava desacreditando. Falava: “Pode não ser... Não tem nada que mostre que é específica para mim.

Ela acrescenta que nunca disse nada disso para ninguém. Até que um dia...

Aí... em determinado momento da mensagem, a médium passou prá mim que “Olha, sabe esses momentos que você tem dúvida e tudo mais? Não se preocupa, por que eu estou do seu lado, eu sei que você tem essas dúvidas, pode ficar tranquila.” Eu pensei comigo, eu falei: “É verdade!” Por que eu não contei prá ninguém que eu tenho dúvida. Eu estou aqui há um ano, quase um ano, na turma e tudo e nunca falei prá ninguém: “Ah, não sei não, tô meio desconfiada.” Então, ninguém sabe, nem na entrevista. Eu falei: “É verdade!” (risos). Falei: “Caramba, mensagem do meu Mentor!” (Risos). Foi aí, depois da primeira mensagem que eu comecei a me abrir um pouquinho mais e a acreditar um pouquinho mais. Estava fazendo para cumprir algo que eu deixei de cumprir há um tempo atrás, prá agradar a minha mãe, eu achava até né? Por que eu falava: “Eu vou ser uma pessoa... ela talvez ache que eu vou me tornar... vai vendo... vai ter orgulho, por que eu fiz a mesma coisa que ela e tudo o mais.” Mas depois do primeiro exame eu comecei a me abrir um pouquinho mais e realmente acreditar, a desenvolver a minha crença. Isso foi muito legal, foi um divisor de águas. (Feliz).

Mas, Beatriz já passou por momentos, no Seara, em que pensou em desistir, por causa de pessoas. Já teve atritos com a presidente da casa. Já pensou em procurar outra casa, mas afirma que gosta deste centro espírita e é perto da casa dela. E, afirma que não tem afinidade com certos companheiros:

Você entra numa sala de passes e aí você vê uma pessoa que você não tem muita afinidade aí você..., mas hoje, graças a Deus quando acontece isso eu já penso, eu falo: ‘Meu Deus, né?’ A causa (espírita) é muito maior que a minha pequenez aqui, né? Mas, passei por muitas dificuldades. (Já) dirigi trabalhos sem ter preparo nenhum.

Quis saber sobre a restrição de alimentação para os trabalhos espirituais e Beatriz diz que, particularmente, ela não tem restrição alimentar alguma. Come de tudo, é carnívora, mas nos dias que antecede aos trabalhos espirituais não consome carne animal e derivados. Não bebe, não fuma e não faz uso de medicamento

controlado. Quanto a pertencer a outra religião, caso não existisse mais o espiritismo, qual a religião que ela frequentaria, respondeu: “Pergunta difícil... Não sei...”

- *Insisti: Se o Seara de Luz fechar, você vai procurar outro centro para frequentar. Se não houver mais o espiritismo, por qualquer motivo, que religião você procuraria?*

- Com o conhecimento que eu tenho hoje... é uma ideia até meio louca... Fazer alguma coisa sem nome...

- *Você montaria ou você frequentaria?*

- Com o conhecimento que eu tenho hoje, montaria alguma coisa dentro da linha de raciocínio que eu tenho hoje.

- *Você montaria uma instituição religiosa?*

- Montaria! Tempos atrás talvez eu seguisse o catolicismo mesmo. Para mim seria o mais aceitável... com as minhas divergências... Como diz a minha sogra que é católica: “eu também tenho meus questionamentos: Adão e Eva serem os únicos... um dos filhos saiu e se casou com outra pessoa... então, já existia gente.” Hoje eu montaria. Mas, seria cristã.

- *E, qual a religião que você não iria, em hipótese alguma?*

- Nenhuma! Eu iria em qualquer uma!

- *Insisti: Tem alguma que você... Se tivessem dez religiões e só sobrasse uma...*

- Eu nem conheço muito as outras religiões, mas não iria em nada muito extremo...

- *Você frequentou a Umbanda. Você tem alguma coisa contra a Umbanda?*

- Nada! Nada contra.

- *Você iria ao Candomblé? Você sabe como é (o Candomblé)?*

- Sim, sei como é, mas iria também... Não tenho afinidade, mas iria...

- Por exemplo: Já frequentei a Igreja Universal (do Reino de Deus) ali do bairro. Cheguei lá, concordei com algumas coisas e discordei de outras. Eu tiro o que tem de bom e ignoro o que tem de ruim. Quando você pergunta se eu iria em qualquer religião, eu digo que iria sim, porém, não para frequentar. Uma visita, um convite, ou simplesmente para ir a um culto, sem problemas... Mas frequentar assiduamente, não! Ainda que possa ter algum preconceito...

- *De sua parte? Que tipo de preconceito?*

- Não. Na Universal por exemplo: eu nunca tinha ido... Eu fui a um culto e ouvi palavras boas... Parece que tenho um “filtro” na minha cabeça. O que o pastor falou de bom eu absorvi e a parte que eu não concordo, eu “deletei”. A parte que eu não gostei foi no final do culto quando se pedem as contribuições de forma ostensiva e pedem aos fiéis para irem na frente de todos e fazer a doação, para tornar público o quanto você está dando.

Pensando mais um pouco, acrescenta:

- Eu não iria mesmo em uma religião onde acontecem sacrifícios de animais. Eu não aguentaria ver isso não. Eu sinto a energia da dor do animal.

- *Posso dizer então que você não toleraria uma religião onde ocorrem sacrifícios de animais?*

- Não, não pode dizer isso. Se alguém ainda quer fazer isso eu respeito. Eu tolero, só não compactuo. Tolerando, mas não concordo. É o respeito. Se me chamar para ver ou participar eu não vou.

Beatriz é colaboradora voluntária do Centro Seara de Luz, como médium passista e como dirigente de escola de aprendizes na 24ª turma, aos sábados pela manhã. Hoje se declara feliz dentro do espiritismo e acrescenta que está mais controlada e equilibrada, tanto na área profissional como em casa com seu marido e seus filhos. No centro espírita, afirma que faz a sua parte, da melhor maneira possível e não se preocupa com aquilo que não é atinente às suas atividades colaborativas.

8.2 Entrevista 2 - Adriano

Infelizmente os nossos amigos evangélicos, a grande maioria, têm preconceito com o espiritismo, e de qualquer outra religião que não seja a deles. Adriano

Adriano, 36 anos, securitário, possui graduação superior e concluiu recentemente seu *MBA*¹¹², casado, reconhece-se como espírita desde os sete anos, mas se considera realmente praticante a partir dos treze anos, quando começou a sua participação no Curso de Espiritismo da Mocidade Espírita (da Aliança Espírita Evangélica). Seus avós maternos eram espíritas e a sua mãe sempre foi. Seu avô tinha um programa espírita em uma emissora de rádio em Botucatu, estado de São Paulo - SP, de perguntas e respostas. Como os recursos eram poucos, sua mãe lia as perguntas enviadas pelos ouvintes e seu avô respondia. O pai de Adriano, de origem portuguesa era católico, mas respeitava a crença de sua mãe, “não dizendo nem sim e nem não” para a frequência de sua mãe ao centro espírita. Já a família do pai (também católica) sempre demonstrou preconceito para com a sua mãe e para com a religião dela, que apresentava uma mediunidade ostensiva (via os espíritos, ouvia-os e falava com eles).

Ao nascer, Adriano ficou muito doente com problemas no fígado, o que exigiu a sua permanência no hospital por vinte dias. Nesse período, sua mãe recorreu a um tratamento em um centro espírita, o que veio a contribuir – segundo ele – para a sua rápida melhora. Aos sete anos, seu pai havia se convertido ao pentecostalismo e não dormia, passava a noite toda andando pela casa, com a bíblia na mão. Novamente sua mãe recorre ao centro espírita e no dia de sua ida ao centro, seu pai conseguiu

¹¹² Do inglês *Master in Business Administration*, é um curso *lato sensu* voltado para quem quer aprimorar conhecimentos de administração e obter uma visão aprofundada e global do mundo corporativo. É muito procurado por empresários, executivos e gestores. Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/pos-graduacao>.

dormir. No dia seguinte, à noite, sua mãe e sua avó materna levaram-no para o centro espírita, e ao ver a aplicação do passe espírita, Adriano ficou encantado com o rito. Frequentando semanalmente o centro espírita, presenciava as mensagens dos espíritos, recebidas (psicografadas) pelos médiuns e isso o deixava perplexo: “Como era possível aquilo? Um familiar, um conhecido havia falecido e ali se apresentava, através de mensagens para seu ente querido, presente à sessão!”

Na sequência, Adriano começou a ter problemas de saúde física. Foi acometido de psoríase, até então conhecida como ácido úrico (sic). Suas mãos se atrofiaram e não conseguia pegar as coisas. Indo a outro centro espírita começou um tratamento que ajudou a melhorar esse problema. Passou a ter também crises de pânico: ora achava que ia morrer, ora sentia muito medo sem saber de que, ora chorava sem motivo e, quase sempre com fortes crises de enxaqueca. Nessas situações seu pai o levava ao centro espírita, que os atendia, qualquer que fosse o momento, em horários tardios ou fora dos horários normais de sessão. E as recuperações sempre ocorriam, algumas vezes, de maneira imediata. Vivenciando esse espiritismo de cura, a cada melhora se sentia mais admirado por tudo aquilo que presenciava.

Aos quinze anos, foi convidado pelo dirigente do centro espírita para colaborar nas sessões, lendo as mensagens psicografadas para o público presente e, ao notar a aceitação do conteúdo das mensagens pelos seus destinatários, emocionava-se junto com eles. Essas situações levaram-no a se interessar pela psicografia e a pensar em uma maneira de também fazer isso, fato que viria a se materializar num futuro próximo.

Quando começou a namorar com a sua atual esposa, Adriano relata que ela era evangélica e que a princípio ela não aceitou se relacionar com ele porque ele era espírita: “Mas eu sou evangélica, você é espírita.” Adriano se opôs a esse argumento relatando,

Mas o quê que tem a ver isso? A doutrina espírita, ela respeita todas as religiões, né? Claro que a gente vai ter uma certa dificuldade, mas acredito que a dificuldade vai ser mais para você, porque infelizmente os nossos amigos evangélicos, a grande maioria, têm preconceito com o espiritismo, e de qualquer outra religião que não seja a deles.

Tempos depois, durante um almoço, sua então noiva informa-lhe: “Eu... eu estou indo no centro”. Como não esperava por aquilo, Adriano protestou: “Como indo no centro? Por quê? Você não está indo por minha causa? Quero que você vá, que

você continue sendo evangélica, não vá por minha causa, vá se for (pela sua)... não por minha vontade”, ao que a sua noiva respondeu:

Eu senti que realmente o preconceito é muito grande, eles falam que você é do demônio, eles falam para mim ‘larga ele que ele é do demônio, uma entidade demoníaca.’ Como que ele é demoníaco? Ele me faz bem, ele me respeita, ele me indica para vir na igreja. Aquelas conversas que a gente já sabe.

Adriano também conheceu outras casas espiritualistas. Relata que certa ocasião foi convidado para ir a um centro. Meio relutante, mas como dependia da carona de quem o convidara para ir para casa, aceitou. Lá chegando deparou-se com uma mesa branca no centro do recinto e se sentiu bem por estar naquele ambiente que lhe recordava o centro espírita de sua infância. Segundo ele, quando as luzes se apagaram, a situação mudou. Relata ele:

Quando apagou a luz eu ouvi os atabaques. Eles vinham de uma sala reservada, e aí faziam a mesa branca, que tem Casa que é assim, né? E aí os médiuns sentam, mas aí tinham os atabaques, né? No centro. No SEFEC¹¹³ (outro centro que ele conhecia) não era assim, não tinha nenhuma... é... questão de umbanda lá, tal. E... e aí fui e eu fiquei assustado, na primeira experiência, aí eu briguei com a pessoa e tal, falei: “Nossa, mas... onde você me trouxe? Você não falou que era kardecista?”, “É..., mas é que... é... mesa branca...”, aí eu falei: “Mas então, mesa branca, [...] não é assim, né?”. Aí fiquei assustado, com medo, né? Falei: “A gente tem mediunidade, falei, não sei qual é a seriedade da Casa, tal, né?”. Mas foi. Ele chamou... eu não concordo com esse método, ele chamava... era uma sala desse tamanho aqui, tinha uma mesa, e aí o médium incorporado chamava a pessoa lá na frente e começava a falar para a pessoa na frente da gente. Expor demais a pessoa, a ponto de ter uma situação muito constrangedora, que uma moça passou. E falei que se ele me chamar, eu vou mandar ele para o inferno. Porque eu não estou aqui para ser exposto. [...] “Então por que que você veio, né?”. Respeitei, não tenho preconceito, mas não era... não estava na minha essência, né? Eu não via a necessidade daquilo. Veja, essas coisas, para mim, não têm... não tem... valor...

Em outra ocasião, também convidado, foi a outro centro, no bairro do Morumbi (São Paulo - SP) e o que o incomodou foi o uso de charutos durante a sessão espiritualista. Segundo ele, não havia bebida porque era “gira” de “Preto Velho” e de “Baiano” e a bebida surgia na “gira” de “Marinheiro”.

Acho que quando é Marinheiro que bebe, né? Não tenho muito conhecimento para..., mas o charuto me incomodou, “Mas por que o charuto, né? Às vezes a pessoa nem fuma e...” alguns falavam que não fumam, só fumam... falei: “Você está deteriorando o seu corpo

¹¹³ Centro Espírita Seara Espírita Fé, Esperança e Caridade - SEFEC

para... para satisfazer entidade?” Mas respeitei também, fui, né?... Não fui obrigado, né? Fui porque quis. Até para conhecer, né? Para você falar de alguma coisa, você tem que conhecer. Não pode ter preconceito sem conhecer. Aí fui, também assisti lá, tal. Conversei com a médium, foi esclarecedor.

Adriano relata ser espírita por que gosta. Teve oportunidade para conhecer outras religiões e diz saber que já foi padre em reencarnação anterior e que assim, possui uma tendência para o catolicismo. “Eu tenho, confesso, tenho uma Nossa Senhora Aparecida em casa, até porque minha sogra também é devota... Eu tenho. Não acendo vela, tenho a imagem dela ali, se tirar a imagem dela eu sei que minha casa não vai deixar de ser protegida, por não estar a imagem ali.” Vai ao centro espírita uma vez por semana e atua com coordenador de equipes de preletores e expositores. Realiza cursos de reciclagem e de aperfeiçoamento desses colaboradores.

8.3 Entrevista 3 – Maria Serena

A gente pensa que o preconceito está só fora da Casa¹¹⁴, nas outras religiões, e tem dentro da nossa própria Casa, nossa própria religião tem.
Maria Serena

Maria Serena, 50 anos, divorciada é tecnóloga em administração e trabalha como autônoma em um escritório de Intermediação de Agronegócio, sendo frequentadora do espiritismo kardecista há mais de dez anos. Tem formação religiosa católica, por influência dos pais, notadamente do lado paterno. Não se sentia bem na Igreja Católica. Alegou como motivo de sua saída, a forma que o padre da paróquia utilizou para arrecadar valores para a reforma do prédio, junto aos fiéis. O clérigo propôs que cada família assumisse o pagamento de um dos vitrais do prédio (e eram muitos) através de um carnê de pagamentos. Em troca, o padre colocaria o nome da família no vitral. Serena entendeu que aquelas famílias mais pobres que não podiam colaborar estariam sendo discriminadas e ela não entendia isso como justo.

Informa ter tido contato com a religião evangélica através do ex-marido e de seus familiares, que são adventistas¹¹⁵. Mas também não se sentiu atraída para essa

¹¹⁴ Como mencionado anteriormente “Casa”, neste contexto, é o outro nome dado ao centro espírita.

¹¹⁵ Igreja Adventista do Sétimo Dia, ligada ao protestantismo, criada nos EUA em 1863. Creem na Bíblia como revelação de Deus literal para nossos dias e enfatizam em suas pregações a volta de Jesus Cristo à Terra e observam a guarda do dia de sábado em suas atividades. Afirmam ter mais de 17 milhões de membros no

religião. Quando aderiu ao espiritismo kardecista encontrou resistências e oposições por parte do pai – hoje superadas – e por parte de suas ex-cunhadas que, inclusive, deixaram de frequentar a sua casa e cortaram qualquer tipo de contato. Afirma ter simpatia pela Umbanda e tem vontade de conhecer o Budismo, já tendo recebido convites para isso.

Sente-se convicta de que o espiritismo kardecista é a sua religião e, se pudesse, teria sido sempre espírita. Tem amigos (as) católicos (as) e adventistas e se relaciona bem com eles. Acredita que hoje, muitos evangélicos e adventistas já aceitem o espiritismo, embora ainda existam radicais e que estes não têm o conhecimento do que seja o espiritismo. No seu entender, o maior problema do espiritismo são as relações entre os colaboradores voluntários do próprio espiritismo. As disputas pelo destaque na comunidade, a administração dos egos e das vaidades. Declara não tolerar esse tipo de comportamento, entendendo que falta a esses voluntários a humildade necessária e prescrita pela doutrina. Afirma ter tido um problema de comunicação e de relacionamento com uma companheira voluntária, em um dos momentos críticos de sua vida, por ocasião de sua separação e que ficou muito magoada.

Mas afirma ter presenciado situações de intolerância com outras religiões no ambiente da prática que ela frequenta. Relata um caso em que, durante um trabalho de desobsessão, uma médium que havia vindo da umbanda, invocou espíritos dessa religião para a participação em uma sessão e, uma das médiuns presentes à sessão, levantou-se e se retirou, nunca mais retornando. Cita: “É, então, assim, se a gente pensa que o preconceito está só fora da Casa, nas outras religiões, e tem dentro da nossa própria Casa, nossa própria religião tem. Têm voluntários mais antigos, mais conservadores, que se você falar num Preto Velho, ele se levanta, ele acha um absurdo.”

Maria Serena vai duas vezes por semana ao centro espírita. Um dia ela colabora em grupos de passes e, aos sábados à tarde ajuda como secretária no curso de Médiuns que está em andamento, sendo encarregada de convidar os expositores para a apresentação das aulas.

8.4 Entrevista 4 – José Ribeiro

— mundo. (Fonte: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>). Acesso em 02/04/2018, às 16h26.

Qualquer religião que faça o mal para o próximo, que prejudique a vida do semelhante, eu não aceito...

José Ribeiro

José Ribeiro, 69 anos, casado, aposentado, tem instrução secundária completa. Lembra que sua mãe o levava à Igreja Católica e... ao centro espírita também! A mãe de José era benzedeira e, como “ela benzia muito, ela recebia muita energia negativa, então uma hora ela ia na Igreja Católica, outra hora ela ia no centro espírita.” A mãe de José não cobrava nada pelos benzimentos e isso atraía muita gente que vinha de longe, de carro. Ela tinha o “dom” de curar e essa cura não era aceita pela Igreja Católica. Então, não havia muito envolvimento com o catolicismo. Aos doze anos, teve um problema no joelho (inchou e infeccionou) e foi internado na Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro, durante dois meses. Nesse período teve contato com as Irmãs de Caridade que ajudavam a cuidar dos doentes e foi através dessas mulheres que ele fez a sua Primeira Comunhão¹¹⁶. Afirma que não era frequentador assíduo da Igreja e que na Igreja da Vila das Belezas, bairro perto de onde morava, os adolescentes que iam a Igreja, ganhavam convites para irem ao cinema do bairro. “Então, garoto... se interessava muito porque tinha matinê e... e foi ali então que eu iniciei minha vida religiosa. Eu não ia muito na igreja não. Eu nunca fui de frequentar muito a igreja, talvez devido à minha própria mãe, de não ser assim muito assídua na igreja, eu não cheguei a ser assíduo.” José nunca se interessou por outras religiões, mas foi convidado várias vezes para ir às igrejas evangélicas do bairro. Foi algumas vezes por curiosidade e por que na adolescência, “... quando é jovem, né, às vezes vê uma menina bonitinha e vai lá frequentar, mas nunca [...] me chamou a atenção, a igreja evangélica.”

Aos 17/18 anos foi acometido de tuberculose e voltou a ficar internado, dessa vez em um hospital de Catanduva - SP, por um período de dois anos. Nesse hospital, novamente teve contato com as Irmãs de Caridade, com quem mantinha longas conversas. Admirava o trabalho dessas mulheres, entendendo que “elas geralmente são da Igreja Católica e (é) a turma que mais trabalha, que mais se doa, sem interesse nenhum. E que cuida de qualquer tipo de doença.” Pelo tempo que ficou no hospital, José adquiriu mais liberdade e conversava bastante com elas. Declara que não

¹¹⁶ Rito de iniciação e admissão individual do fiel à Igreja Católica, normalmente se realizando por volta dos sete anos de idade.

gostava da confissão da Igreja Católica: “Porque já quando eu era novo, jovem já, eu não aceitava aquele pensamento porque a gente teve muita experiência de ouvir pessoas que abusavam de menina.” Segundo ele, “os homens conheciam a moça, pediam em namoro, engravidava e as abandonava com os filhos. Então eles iam na Igreja, se confessavam e os pecados eram perdoados. E, naquela época, os pais eram muito ‘duros’ com as filhas. Em casos assim, os pais não aceitavam e as punha nas ruas... com os filhos”.

Então eu sempre tive essa visão relacionada à confissão. Uma coisa que eu nunca concordei é... com a confissão é a pessoa ser absolvida daquilo que ele fez de errado. Você confessa, você vai lá, reza o que você tem de rezar, o que o padre manda, né? Porque qualquer coisinha que você fazia, isso eu me lembro quando eu era garoto, eu ia confessar e... eu aprontava “mil e umas” e depois chegava lá e o padre me mandava ler, rezar cinquenta (oração da) Ave Maria, né, e estava tudo certo. Aí eu ia fazer coisa errada de novo. Então, uma forma da Igreja que eu nunca aceitei foi essa.

Quando terminou o tratamento em Catanduva, José voltou para São Paulo e, começou a frequentar um centro espírita que a mãe ia, na Chácara Santo Antonio. Era o centro de seu “fulano”. Ele ajudava as pessoas com problema de coluna, mas gostava de brincar com as pessoas, “era um cara que tirava o sarro das pessoas, fazia chacota” e ele não gostava desse tipo de brincadeira. Nem na escola, onde havia tanto disso ele gostava, quanto mais em um centro espírita. Mas ele era o “dono” do centro. Lá tinha uma mesa branca onde se sentavam os médiuns e estes recebiam as mensagens dos espíritos. Depois da mensagem, os médiuns davam os passes e as pessoas iam embora. Outro local que ia também, era em um benzedor que morava perto de sua casa, o Sr. Laurindo, “... eu gostava muito dele, que era um ‘senhor de cor’, que eu lembro que ele tinha o altar (em homenagem) da Nossa Senhora Aparecida. E minha mãe também ia lá para se benzer, para poder se tranquilizar um pouco.”

José afirma que sua mãe curou muitas pessoas de várias doenças, entre elas, “a doença do macaco, que é a simioto¹¹⁷, [...] que é uma doença que a pessoa fica... a criança, ela dá muito em criança. A criança não come mais. Ela fica fraca, raquítica, fica ‘pele e osso’, por isso se chama doença do macaco.”

¹¹⁷ Embora não seja necessariamente uma doença, o Mal de Simioto (ou Simiot) está relacionado a casos de desnutrição aguda, ocorrendo geralmente na infância. Fonte: <https://saude.umcomo.com.br/artigo/como-tratar-o-mal-de-simioto-23774.html>

Eu me lembro que ela curava dessa doença, pegava a criança, ela colocava dentro de um baú, ela tinha um baú antigo. Esses baús antigos da... que o pessoal da época, do século XV levava a roupa para aquelas mulheres grã-finas, né, que onde elas iam viajar iam com aquele baú. E até hoje eu me lembro do baú. [...] ela pegava a criança, colocava lá dentro, benzia. Benzia sete dias. Com sete dias, a criança já estava recuperada. E era desenganada por qualquer médico, essa doença. Essa doença, na época, a medicina não tinha cura.

A mãe de José curava “mal jeito” na coluna que dava dor de cabeça e erisipela.

Nós tínhamos o fogão de lenha, ela usava... cinza. Então ela pegava um prato, colocava aquele copo d'água cheio, colocava as cinzas em volta e virava aquele copo lá. Na primeira vez que a pessoa ia, ela benzia aquela água sumia todinha (de) dentro do copo. No segundo dia, o copo ficava pela metade de água, não descia mais que aquilo. No terceiro dia, não caía um pingo de água. Aí a pessoa estava curada. E o simioto também, ela tinha um benzimento mais ou menos idêntico. É o... quer dizer, quando quebrava, destroncava.

Para ele, era um “dom” que Deus havia dado a ela e ele admirava a mãe por que ela não cobrava nada e nem aceitava nada de ninguém, apesar de serem muito humildes. Sua mãe lhe dizia: “Se eu receber alguma coisa, eu perco a minha força, isso é dado por Deus”.

Quando começou a namorar com a esposa, Nayara, por volta de 1968, voltou a frequentar a Igreja Católica, por que a namorada ia. Ia à Igreja do Jardim São Luiz, onde o responsável era o padre Eduardo. Casou-se nessa igreja, mas brigou com o padre no dia do casamento. O padre não queria permitir que o fotógrafo fosse outro que o credenciado por aquela igreja.

Quando eu fui me casar, eu cheguei lá e falei para ele que eu tinha o meu fotógrafo e ele não aceitou. Ele falou que tinha de ser o fotógrafo da Igreja. Eu falei: “Não, não senhor, eu tenho o meu fotógrafo”, “Então o seu fotógrafo não vai poder circular igual ao meu que anda para trás do altar”, aí eu falei para ele: “Ó, eu estou me casando aqui na igreja por causa da minha esposa, do meu pai e minha mãe. Mas isso aqui, a Igreja Católica é um comércio. Vocês só pensam em dinheiro. Vocês não respeitam o pensamento das pessoas”. E nós tivemos uma discussão feia e quase que ele não me casou.

Outra coisa com a qual José não concordava na Igreja, e que também estava relacionada ao casamento, era quanto à decoração do local (enfeites) para o dia do casamento. Havia quatro ou cinco casamentos no mesmo dia e, vários pagavam os enfeites. Aquele que não pagava não usava o espaço enfeitado, porque a decoração era retirada. “Eu sempre achei que a igreja, se ela fosse enfeitada por alguém que podia, tudo bem, mas aquele enfeite tinha de ficar para todo mundo.” Relata outra

situação que envolveu o padre Eduardo. Ele fora chamado para fazer uma oração em um velório no cemitério do Jardim São Luiz e lá chegando, em vez de “respeitar o corpo” ele se aproximou do caixão, mas começou a brigar com outra pessoa que estava presente: “Você não vai mais na igreja! Está pensando o quê?” Eu achei uma falta de respeito.”

Após o casamento, a esposa Nayara se voltou ao espiritismo. Ia a um centro espírita só de mulheres. Segundo José, a esposa tinha necessidade de frequentar o centro espírita. “Se ela não trabalhasse, ela passava mal.” Logo a mulher que dirigia este centro faleceu e o centro fechou. Foram morar em Paraguaçu Paulista - SP, e Nayara passou a frequentar um centro dessa cidade, e certo dia convidou José para ir. Ele aceitou. Nessa primeira ida, assim que terminaram os trabalhos espirituais, um senhor distribuiu uns livros entre os presentes e deu-lhe um: *O Livro dos Espíritos*. À época José era dono de um bar na cidade e o movimento de fregueses era pouco. Conta ele:

Aí eu peguei esse livro, comecei a ler ele, porque o bar era sossegado, era tranquilo e foi quando eu comecei a me interessar pela Doutrina porque ali batia tudo de acordo com o que eu pensava da vida. Porque eu ficava pensando por que que uma criança nascia aleijada, né? Eu não encontrava resposta de... “é porque Deus quer”. Eu nunca concordei com essas coisas de “Deus quer”. Eu via uma pessoa que era preta, outra era branca, a pessoa que não tinha condição social boa, a outra tinha demais, outra tinha de menos, né? Então tudo é... esses disparates que nós temos na sociedade, aquilo não entrava na minha cabeça, é... com o Deus que fizesse o ser humano vir e passar por aquilo. Eu nunca concordei com aquele pensamento.

Além dessa discordância, José menciona outro ponto de atrito (dogmático) com a Igreja Católica

Assim como nunca concordei [também] com a confissão para resolver nossos pecados, né, eu nunca concordei com essas coisas da sociedade. Desses vários problemas que as pessoas têm. Dos erros que a pessoa comete, de uma pessoa matar o outro e depois ele vai para o inferno e não vai sair mais de lá. Então o inferno, para mim nunca... abriu minha mente para aceitar o inferno. Porque eu pensava o seguinte, se eu vou para o mau caminho e eu vou para o inferno, minha mãe vai para o céu, como é que ela vai ficar? Ou meu pai, né? Eles vão ficar contentes sabendo que eu estou lá no inferno? Nunca bateu comigo isso aí. Aí foi quando eu comecei a ler o *Livro dos Espíritos* e comecei a me interessar pela Doutrina. E... nós ficamos lá, voltamos para cá, continuamos aqui, e foi quando então eu me engajei mais na Doutrina Espírita. Dali eu não... não larguei mais.

José, voltou a morar em São Paulo e passou a frequentar o Centro Espírita Cairbar Schutel – Amor e Verdade, no Jardim São Luiz, próximo à sua casa e que é

filiado a FEESP. Comparecia às palestras, participava questionando o que não entendia ou pedia mais informações sobre determinados assuntos. Sempre como assistido. Um dia, uma médium do centro falou para a esposa de José: “Olha eu vi uma *luzinha* lá na Vila das Belezas. Nós temos que montar um centro lá.” Essa “luzinha”, segundo José, era uma percepção espiritual (vidência) da médium. Reuniram um grupo de médiuns desse centro e de outro próximo e começaram a procurar um local. Certo dia um dos médiuns diz: “Olha, tem uma mulher aqui embaixo, perto desse prédio amarelo, que tem um salãozinho lá”, de cinco (metros) por três (metros), mais ou menos. Para alugar. Uma garagem.” Foram ver o local e conversaram com a dona do imóvel. A resposta da proprietária surpreendeu: “Ó, meu marido, quando era vivo, o maior sonho dele era ter um centro (espírita) aqui. Eu vou doar para vocês o salão, vocês podem se preparar”. E o novo centro começou a funcionar.

Mas o espaço pequeno só comportava cortinas como divisões entre ambientes. Ao lado, uma pizzaria volta e meia ligava um som alto e os trabalhos, mesmo com isso, se desenvolviam naturalmente. Esse barulho, segundo José, não impedia os trabalhos de acontecerem e, gerou uma observação sobre o que acontece hoje no centro em que ele é voluntário. Segundo ele, alguns médiuns reclamam hoje que as pessoas que estão aguardando para serem atendidas, na sala de preleções conversam alto e atrapalham a concentração da sala de trabalho.

Por isso que eu nunca concordei de... de a pessoa que está trabalhando em sala e ficar reclamando de barulho. Qualquer barulhinho ‘Ai, está todo mundo falando alto! Ai que não-sei-o-quê!’. E por quê? Nós trabalhávamos com ruído e os trabalhos corriam todos maravilhosamente, só com aquela cortina separada.

Logo esse local ficou pequeno para a quantidade de pessoas que afluíam. Nos fundos da propriedade havia dois cômodos grandes onde morava o filho da dona do imóvel. Ele mudou-se e o espaço foi alugado para eles. Mais espaço, longe de ruídos e os trabalhos foram melhorando e a comunidade assistida aumentando.

Logo perceberam que o centro tinha que se filiar à uma entidade representativa. Dentre os participantes do grupo havia pessoas que tinham estudado na FEESP e pessoas que tinha estudado na Aliança. Decidiram por esta última. Novos médiuns de outro centro da Aliança, o Centro Espírita Luz da Esperança, chegaram para ajudar. E, sob a supervisão da Aliança Evangélica Espírita e a tutela do Luz da Esperança, surge o Centro Espírita Beneficente Seara de Luz. Mas, o novo espaço também

começou a ficar apertado e decidiram alugar um imóvel maior e comprar um terreno para construir um centro. Alugaram um imóvel no Jardim Monte Azul e logo conseguiram trocar o terreno comprado pelo imóvel. Ajuda para a reforma chegou de todos os lados, inclusive de quem não era espírita. Mão de obra e material chegavam gratuitamente. Logo o centro ficou pronto.

José não havia feito cursos espíritas, mas ajudava em leituras evangélicas e em trabalhos burocráticos. Ninguém sabia que ele não havia feito o curso. Como estava envolvido em tudo desde o começo, pensaram que ele estava habilitado para os trabalhos espirituais. Quando chamado para ajudar, ele não se negava. Fazia o que podia e, por que não, o que precisava. Logo começaram os cursos da Aliança, mas ele só foi iniciar seus estudos na 5ª turma da EAE do Seara de Luz. Terminado o curso, começou imediatamente a assumir mais responsabilidades espirituais e passou a colaborar em todas as funções que fossem necessárias. José diz que não possui as sensibilidades mediúnicas tidas como “normais” (visão, audiência, vidência, psicofonia, premonição, psicografia etc.), mas confia que consegue captar quando uma pessoa não está bem. Quando percebe algo, aproxima-se da pessoa e começa a conversar e, logo, a pessoa relata estar com problemas e ele acaba orientando a pessoa.

Para José, não existe religião melhor que o espiritismo.

Eu gosto do espiritismo porque ele é uma doutrina completa. Eu gosto dele porque ele dá explicação para tudo. Eu gosto dele porque ele mostra a vida de Jesus como era. Eu gosto dele porque a gente ficou sabendo o que eram os apóstolos, não é aquele pescador simples, não. Os apóstolos eram pessoas inteligentes, eles eram pobres, mas eles eram inteligentes. Cada um deles foi preparado para encontrar com Jesus. Então a Doutrina Espírita nos traz tudo isso daí que a Bíblia não te traz. Por isso que eu gosto da Doutrina Espírita, ela é completa. Você sabe que você vai morrer e você vai encontrar as pessoas. Que você vai ter condição de viver uma outra vida, de ser melhor ainda do que você é. Que não existe o inferno, que não existe nada disso. Não tem como uma pessoa racional não gostar de uma doutrina. Se ele acredita em Deus, não dá para aceitar uma doutrina que seja diferente do espiritismo. Se você usar a lógica, usar a razão. Não dá para você não acreditar numa reencarnação, você sabendo, hoje em dia, que aquele corpo é destruído, que vai virar outra coisa. Não tem como voltar aquele corpo de novo. E para quê? Para chegar no último dia e mandar você para o inferno? Você vai... você está no outro dia e você vai ser jogado agora. Está você aqui, seu pai, sua mãe, só que você é uma pessoa que era ruim, matou, fez isso, você vai para o inferno? Ou vai acabar com você? Não tem jeito para acabar, você é imortal.

Não se vê em outra religião, “... nem no Budismo, que eu já li muito sobre isso e, é uma religião que se aproxima um pouco (do espiritismo)”. Aproveitei o momento e perguntei:

- *E... tem alguma religião que você não aceita de jeito nenhum?*
- Uma religião que para mim não entra na minha cabeça é aquela religião que faz mal para os outros.
- *Que religião, por exemplo?*
- Nós temos o... Candomblé. Que trabalha para o bem e para o mal.
- Porque eu acho que não tem como você trabalhar fazendo o mal. Então qualquer religião que faça o mal para o próximo, que prejudique a vida do semelhante, eu não aceito ela.
- *O senhor não toleraria?*
- Não. De jeito nenhum. Não entra na minha cabeça.
- *E que tipo de mal o senhor já ficou sabendo do... Candomblé?*
- As pessoas... não que eles às vezes consigam fazer o mal, mas a intenção. De você separar o casal, de você fazer com que uma pessoa fique doente, esse tipo de pensamento, não que vá atingir, mas o pensamento total daqueles espíritos que estão lá é esse.
- *Só pelo fato da pessoa desejar isso, e ir lá no Candomblé pedir isso, o senhor já acha que...*
- Não tem lógica. Não tem sentido para um ser humano, ele querer o mal dos outros.
- *E pelo que o senhor sabe, o Candomblé faz isso?*
- Faz. O Candomblé trabalha com os dois lados. Trabalha o lado bom e o lado ruim. E essas pessoas, todas as vezes que eu faço entrevista com pessoas que vêm dessas religiões assim, eles sofrem muito. Eles vêm no Centro, lá, acabados.
- *O senhor fala dos assistidos ou de quem era médium do Candomblé?*
- Quem era médium. Assistido, não. Assistido ainda... ele consegue... porque o assistido, de uma certa forma, ele é uma vítima, né? Agora o médium, ele tem conhecimento. Ele sabe o que ele está fazendo. Então a... a partir do momento em que você se propõe a receber um espírito que vai fazer o mal para os outros, você está condizente com aquilo.

Se fosse convidado para ir à uma sessão de Candomblé, José afirma que iria, mas apenas a título de curiosidade. Quanto a frequentar, (foi peremptório): Jamais! Narra que um dia foi a um lugar (centro espírita) com a esposa e o médium disse que o problema dele era um “trabalho” (espiritual) que havia sido feito por uma mulher que desejava separar o casal e ficar com ele (José). O médium deu até o nome da mulher: Dora. O médium disse que para “desmanchar” o trabalho, tinha que “arrumar galinha e mais não-sei-o-que”. Nunca mais voltei lá. Nunca conheci nenhuma Dora...” José acredita que o espírito que se comunicou pelo médium não tinha boas intenções. “É um absurdo [...] pode até ter uma incorporação, mas esse espírito está com má intenção. Ele quer satisfazer à vontade dele. Desejo dele de sangue. Porque eu nunca concordei com sacrifício de animal. Mesmo quando eu era criança.”

José diz que sua alimentação carnívora é normal (sic). Não come carne de animais diferentes das usuais (carne de peixe, frango, porco, boi). Se aparece uma carne diferente ele prefere não comer. Não come muita carne, mas ainda faz uso da proteína animal, em média duas vezes por semana. Cita o Livro dos Espíritos, questão 723, onde o consumo de proteína animal é considerado necessário para o organismo do ser humano.¹¹⁸ Acrescenta que às vezes recebe amigos e familiares junto da churrasqueira e, nesses momentos, abusa um pouco. O casal deixou de fumar quando sua esposa engravidou do primeiro filho. Quanto à bebida, faz uso com muita moderação. Observa a orientação do centro espírita de não comer carne e de não beber no dia de trabalho espiritual. Quanto a festividades, gosta de ver o carnaval. Já desfilou em escola de samba, mas hoje sente que não tem mais resistência para isso. A entrevista concedida por José aconteceu num sábado à tarde, em sua residência.

8.5 Entrevista 5 - Aline

Espiritismo era sinônimo de tambor, de macumba, e eles eram negros. Então eles sofriam esse preconceito mesmo sem ser [da macumba], então acredito que isso veio trazendo a ignorância, né? Porque você não conhece o que é e mesmo assim você sente o preconceito.
Aline

Aline, 43 anos, casada, terapeuta holística, formada em administração, com pós-graduação em pedagogia espírita. Recebeu-me numa quinta-feira à noite no centro espírita onde atua como voluntária, o Luz da Esperança (Luz). Seus pais eram católicos, mas não eram muito religiosos. Seu pai havia se divorciado do primeiro casamento e se casado com sua mãe que veio a falecer quando ela tinha cinco anos. Logo em seguida seu pai se casou e logo ela passou a chamar sua madrasta, Regina, de mãe, o que ocorre até hoje. Sabe que foi batizada na Igreja Católica, e sua (nova) mãe frequentava (trabalhava como médium) na Umbanda e a levava sempre que podia. Lembra que uns vizinhos da família frequentavam a igreja Testemunhas de Jeová e sempre lhe mostravam os livros e os materiais de propaganda religiosa com aquelas imagens de família feliz, de uniões alegres, de pessoas com animais, em

¹¹⁸ Questão 723. A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza? R.: “Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização.” (KARDEC, 2010)

lugares de natureza e isso encantava Aline. “Nossa, mas que bonito isso!” E a vizinha perguntava se ela tinha interesse. Ela dizia que sim, mas nunca a levaram à igreja deles. Não sabe dizer se a sua mãe (biológica) não deixara.

Como o pai havia se divorciado, o casamento dele foi realizado no centro de Umbanda, “foi uma cerimônia de Umbanda, com pai de santo, com mãe de santo e tal. ‘Meu’, isso para mim sempre foi ‘supernormal’. Eu nunca tive nenhum tipo de preconceito, nem nada.” Após o casamento o pai, ciumento, começou a restringir a participação da mãe na Umbanda: os trabalhos noturnos, às idas às matas e às praias¹¹⁹, e a mãe não podia mais trabalhar na Umbanda, passando então a frequentar centros de Umbanda como assistida. Aline conta que o pai era ateu e nunca se interessou por uma “fonte criadora”, mas lia muito sobre o poder do subconsciente.

Aline não gostava de ir na Umbanda nas festas de Cosme e Damião¹²⁰, por que os médiuns que “incorporavam” crianças e que “pegavam maria-mole, molhava no guaraná e davam para a gente comer. Eu tinha muita vontade de vomitar. (Risos). E ela (a mãe) falava: “Não, é Festa de Cosme e Damião!”, eu falei: “Mãe, mas pelo amor de Deus, vai ter maria-mole”, tanto que até hoje eu não consigo comer maria-mole por conta disso. Ai que nojo! Aquele bolo molhado naquele guaraná e essas coisas. Então eu não gostava...”, mas gostava dos rituais da Umbanda. Logo a mãe deixou de ir na Umbanda e começou a frequentar a Igreja Católica. Levando Aline e a irmã, começaram a catequese para a primeira comunhão. Ao nascer seu irmão, a sua mãe adoeceu e Aline deixou o “catecismo” indo cuidar do caçula, mas a irmã continuou. No dia da cerimônia de primeira comunhão da irmã, a mãe quis que ela “tomasse” também a hóstia. “Mãe, mas eu não estudei para isso”, ela falou assim: “Qual é o problema? Não tem problema nenhum!”. Precisava se confessar para a cerimônia. Fez isso. Disse ao padre que mentia muito para a mãe e tomou a comunhão. Depois nunca mais comungou. Depois dessa fase, a mãe também não foi mais à Igreja e voltou a frequentar centros espíritas. Desta vez, kardecistas.

Começaram a ir em um centro espírita na Vila Olímpia – diz não se lembrar o nome, nem onde era, e depois foi para um que fica no bairro do Itaim, o Luz Divina

¹¹⁹ Nas atividades da Umbanda é comum a realização de cerimônias, rituais e oferendas em locais externos ao centro espiritual.

¹²⁰ Cosme e Damião, são personagens da iconografia católica que, no sincretismo, se transformaram em personagens da Umbanda. A festa de Cosme e Damião é realizada no dia 26 de setembro pela Igreja Católica e no dia 27 pela Umbanda, ou na semana desses dias e, se distribui muitos doces para crianças e adultos. Fonte: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/verdadeira-historia-de-sao-cosme-e-sao-damiao-martires/>

(Instituição Beneficente A Luz Divina) e, numa terceira ocasião, passaram a frequentar o Irmão Alfredo (CEIA) que ficava mais próximo de onde moravam. Logo a família mudou-se para o bairro de Colônia, perto de Parelheiros, localizado no extremo sul da cidade de São Paulo. Paralelo a isso, Aline começou a frequentar a faculdade e então não dava para ir ao centro espírita. Logo que termina a faculdade, começa a trabalhar em Santo Amaro e a frequentar o Seara Bendita (Seara Bendita Instituição Espírita), no bairro do Campo Belo. Fez um “tratamento” espiritual lá, mas não sentiu que aquele centro era o lugar que procurava. Era muito grande, muita gente e não encontrou o “calor” que buscava. Descobriu que na mesma rua do escritório em que trabalhava havia um centro, o Luz da Esperança (Luz), “aí eu comecei a frequentar lá na (Rua) João de Gênova, em 1999. Aí, em 2000, eu fiz o curso, e estou aqui. Até hoje.”

Aline afirma ter ido algumas vezes a outras religiões, mas sempre como visitante ou participando de alguma cerimônia. Foi em dois casamentos, um em uma igreja que ela não lembra a religião e a segunda na Igreja Testemunha de Jeová. Achou o primeiro muito chato, demorou muito, e a preleção foi só sobre o Antigo Testamento. No segundo pensou “será que vai demorar muito? Vou ter que ouvir tudo aquilo de novo?” E, dirigindo-se ao marido: “Vamos chegar atrasados?”. Depois descobriu que “não tem jeito de chegar atrasado em um casamento evangélico” por que “eles atrasam muito, se você chegar atrasado, ainda está chegando antes da hora.” Menciona também ter tido um amigo evangélico com quem conversava bastante, mas quando o tema era conflituoso (por ela ser espírita), eles silenciavam a conversa e um respeitava o outro. Ela entende que o (adepto da) Testemunha de Jeová seja muito ortodoxo

Ele leva muito a religião ao pé da letra. O Velho Testamento ao pé da letra. Tanto que ele quase não falava de Jesus. Jesus era pouco, tinha pouco no diálogo dele. Tanto que tem lá aquele negócio que não pode doar sangue e tudo o mais, né? E o pai dele tinha um tumor no cérebro, e não operava porque ele não podia receber sangue. “Então eu acho que isso é de uma rigidez tremenda. Mas assim, a gente tinha diálogo, mas também porque eu não interpelava ele toda hora, né?”

Relata ter vivido uma situação de preconceito por parte da família do marido, mais precisamente através dos pais dele. Os sogros eram católicos e não aceitavam o espiritismo, em especial a sogra. Ela foi ao centro algumas vezes, mas nunca se interessou pela religião, ainda que colabore com as atividades assistenciais: festas juninas, sacolinhas de presentes para as crianças na época do Natal etc. Para a sogra, “espiritismo era sinônimo de tambor, de macumba, e eles eram negros. Então eles

sofriam esse preconceito mesmo sem ser [da macumba], então acredito que isso veio trazendo a ignorância, né? Porque você não conhece o que é e mesmo assim você sente o preconceito.” Ela continua seu relato, e afirma que hoje (na data da entrevista), vindo para o centro espírita de UBER¹²¹, o motorista falou: “Ah, você está indo para a Vila Cruzeiro?” Ela concordou e ele disse: “Eu moro na Vila Cruzeiro!” Durante o trajeto, ela disse que estava indo a um centro espírita e o motorista perguntou: “Ah, é aquele que nas sextas-feiras faz uns batuques?”.

- Ela: “Não, esse aí é um centro de Umbanda, você me mostra onde é que é, porque eu quero saber onde é esse centro de Umbanda aqui na Rua José Joaquim dos Reis, né?”

- Ele: “Aí passando na curva, ali à direita”. Aí ele virou e falou assim: “Ah, é, né? Tem diferença nesse negócio da Umbanda e do Espiritismo?”

- Ela: “Completamente, não tem nada a ver. Lá onde eu vou é um lugar onde a gente vai para tomar passe, onde a gente ouve palestra, não tem batuque, não tem essas coisas nem nada, né?”

- Ele: “Que interessante...”.

Aline lembra-se de duas situações de intolerância religiosa envolvendo a Igreja Católica. A primeira foi por ocasião de seu casamento. Ela gostava da igreja e queria ter um casamento católico. Procurando uma igreja, várias não aceitaram porque ela não tinha a primeira comunhão, só o batismo. Encontrou uma igreja onde não tinha “essa necessidade”. E o padre quis conversar com o casal e questionou a falta da primeira comunhão. Aline relatou o mesmo fato já citado acima: Fazia a primeira comunhão com a irmã, o irmão nasceu, a mãe adoeceu e ela parou o estudo para cuidar do irmão, perdendo muitas aulas e acabou não terminando. Então, disse que o padre olhou bem nos fundos dos olhos dela e perguntou: “Vocês não são espíritas, são? E, ela disse que acabou mentindo, “Não, imagina! Eu não fiz por que não deu mesmo.” E ele fez o meu casamento. A outra situação envolveu um batizado.

Ela já estava casada e foi convidada para batizar o sobrinho, filho da irmã dela. Só que a irmã não era casada na igreja católica. E foi preciso fazer um curso para o batismo. Durante o curso houve uma dinâmica de grupo e a irmã com o marido ficaram em um grupo e a Aline e o marido ficaram em outro grupo. Nessa dinâmica, Aline informou que fazia um trabalho na comunidade e que trabalhava com educação de adultos. Fazia encontros parecidos com aquele que estava sendo feito, onde se falava

¹²¹ UBER é um sistema de transporte particular e alternativo de pessoas, objetos e alimentos, onde o transportador é autônomo e serve à população através de solicitações realizadas por meio de aplicativos de telefones celulares. Fonte: <https://www.uber.com/pt-BR/>

muito sobre autoconhecimento, convivência familiar etc. Aline não disse que essa atividade estava ligada ao centro espírita, nem que era espírita. A irmã, que estava no outro grupo, falou a mesma coisa, “mas na inocência” ela disse que era espírita e que fazia esse trabalho em um centro espírita. Segundo Aline, “ela quase foi excomungada” e disseram: “Se você é espírita, por que que você não vai batizar o seu filho na sua religião? Por que que você está vindo aqui na Igreja Católica?” A irmã de Aline alegou que achava isso (o batizado) importante, que gostava da tradição e o batizado acabou ocorrendo. Mas Aline afirma que a irmã se sentiu bastante discriminada.

Lembra-se também de uma situação de intolerância vivida quando era dirigente de uma turma da Escola de Aprendizes do Evangelho e levou os alunos para participar da Caravana do Evangelho no bairro da Vila Constança, habitado por muitos moradores evangélicos. O grupo participante fora instruído a se apresentar como “cristãos” e não como espíritas. Bateram à porta de uma casa e perguntaram: “Podemos fazer uma oração na sua casa?” A proprietária aquiesceu. Entraram na casa e a coisa aconteceu assim:

“Olha, a gente vai ler uma parte do evangelho, mas antes disso a gente faz uma oração, tudo bem?”, “Tudo bem”. Fechamos os olhos e começamos: “Então nós vamos agradecendo nosso anjo da guarda...”, e eu geralmente, como dirigente, eu ficava de olho aberto, né? Quando a pessoa falou anjo da guarda, a mulher já abriu o olho, mas ficou na dela. “Vamos agradecendo agora à Maria, mãe de Jesus”... De repente a mulher bate com a mão na mesa: “Pode parar! Pode parar!”. Todo mundo arregalou os olhos desse tamanho, né. “Onde já se viu? Vocês não vão falar de Jesus, não?”

Prossegue o relato:

Aí os alunos, “tuuuum”, olhavam todos para mim, falei: “Não, a gente fala em Jesus, mas a gente envolve todas as divindades, né? E a gente fala de Maria primeiro, porque na escala evolutiva a Maria vem antes de Jesus e ‘não-sei-o-que-lá’”, (e a dona da casa) - “Onde já se viu? Se tem de orar, tem de orar é para Jesus! Não tem de ficar orando para nada, anjo da guarda, quem é que acredita em anjo da guarda?!”. Essa mulher ficou tão brava, tão brava e ela gritava com a gente mesmo. Acho que ela pediu para a gente ler e aí nessas eu já me liguei com a espiritualidade, né, eu falei para a espiritualidade: “Agora você vê aí o que você faz”. E aí a gente leu até uma parte do evangelho e eu não lembro o que foi que a gente leu e depois que a gente terminou de ler, a mulher passou o maior sabão na gente... Falando que as verdades... que as nossas verdades eram outras, falou que a gente ia para o inferno por que a gente adora outras coisas que não fossem Jesus, falou que as coisas que a gente fazia era tudo maquiada, era tudo mentira, que a gente se baseava em uma coisa que era uma total

inverdade, que a gente era hipócrita. Eu sei que só faltou a mulher catar a vassoura e dar na gente.

Aline diz que agradeceu à moradora pela exposição do ponto de vista dela e se retiraram. Em outra oportunidade, bateram novamente à porta daquela residência, “mas ela não abriu a porta para a gente.” Aline relata que tiveram algumas situações de moradores que fazia questão que eles voltassem. Idosos principalmente, aguardavam em casa o dia do retorno deles, para depois saírem. Alguns eram católicos.

No centro espírita, Aline coleciona algumas pérolas que ocorreram com assistidos. Certa vez, ao aplicar o passe em um rapaz que havia ido ao centro espírita, quando o médium passista disse “pensa em Jesus”, o rapaz retrucou: “Eu posso pensar em Maomé? O rapaz era muçulmano! O médium respondeu: “Pode. Eleva o seu pensamento. Em quem você vai pensar não é problema, mas eleva o teu pensamento.” Em outra ocasião, o assistido era judeu e questionou o “pensar em Jesus”. Então pediram para ele elevar o pensamento e a aplicação do passe prosseguiu. Aline afirma que, quem vai ao centro espírita, já sabe, mais ou menos o que vai encontrar. Narra também um caso isolado que ocorreu com um assistido que queria frequentar o centro para ser voluntário, para colaborar com o centro, mas questionava ter que fazer os cursos. Eis a narrativa:

A gente tem um voluntário hoje, que ele era muito “São Tomé”. Então ele veio, e ele sempre duvidou da gente. Sempre duvidou, do passe... sempre duvidou das coisas, sabe? E hoje ele é trabalhador de grupo mediúnico. Então, assim, ele começou vindo, aí a gente o mandou para a Sessão Doutrinária. Ele falou para gente que ele não ia fazer Sessão Doutrinária, que era um “pé no saco”. Mas que ele queria ver o que que era. Aí ele veio na primeira, veio na segunda, fez todas as dezoito aulas da Sessão Doutrinária. Aí a gente começou um Curso Básico, “Ah, não, não, nem quero me envolver com essas coisas... pelo amor de Deus, isso é muito chato, vocês querem fazer lavagem cerebral na gente”, “Não, Sr. Valter, imagina, a gente só vai conversar. Vem para conversar”, “Ah, eu não vou fazer, não. Mas eu vou vir para ver como é que é”. Fez todo o Curso Básico. “Olha, vai ter Escola de Aprendizes do Evangelho”, “Não... quanto?! Três anos?! Deus me livre! Isso aí é uma prisão! Não, porque eu já fui Rosa-Cruz, porque eu já fiz ‘não-sei-o-quê’, e ‘não-sei-onde’... Ah não, não quero vir, não”. Fez os três anos de Escola. “Olha, agora o senhor tem de fazer o Curso de Médiuns, né?”, “O quê? Curso de Médiuns? Mais dois anos! Vocês já me trouxeram para a Sessão Doutrinária, já fizeram o Curso Básico, já fiz três anos de Escola, agora vocês querem mais? Ah, não. Mas eu vou fazer para ver como é que é”, e está aí, hoje ele é trabalhador. E no trabalho, ele ainda questiona os casos de disciplina

que o centro espírita estabelece. Então assim, ele sempre foi muito questionador, ele sempre questionou o que a gente falava...¹²²

Aline se considera uma pessoa comportada na alimentação física. Come carne moderadamente, mas nunca nos dias de trabalho. Não bebe, nem fuma. Sente que a família do marido não vê essa prática com bons olhos, pois nas vezes em que são convidados para almoçar ou jantar juntos, na casa deles, e no dia há alguma atividade para ser desenvolvida no centro espírita, ou o casal não vai, ou quando vai não come carne. Isso incomoda os familiares, apesar de eles não demonstrarem isso abertamente. Fica uma situação incomoda, mas de maneira velada. Ela afirma que a carne é um alimento de digestão lenta e, fazendo uso dela, a pessoa fica “conversando” com ela pelo resto do dia e isso, não ajuda nos trabalhos espirituais. E, nos trabalhos espirituais, Aline afirma ser intuitiva. Não ouve, quase nada de vidência, nem psicofonia ou psicografia. Mas, não se incomoda com isso. Dedicar-se a outros tipos de atividades que independem de sensibilidade mediúnica mais ostensiva.

Quanto às outras religiões, afirma que se não fosse espírita, muito provavelmente seria católica, mas não frequentaria a Umbanda. Diz ser ligada à parte religiosa e a Umbanda não trabalha (estuda) a parte religiosa.

A Umbanda traz a parte de você resolver o problema, de você desenvolver a sua mediunidade, mas a Umbanda não faz com que você pense na melhora do seu “eu”. Embora tenha alguns centros espíritas de Umbanda, hoje, que já fazem uma preleção e leem as coisas do evangelho. Hoje, talvez sim. Mas aquelas que eu frequentei, que eu vi, não. Porque é só a utilização da mediunidade mesmo. Não tinha nada assim do processo interior, sabe? Acho que assim, o que me fez ficar mesmo aqui (no espiritismo kardecista), foi a parte do autoconhecimento. Foi a parte da escola iniciática. Talvez, se eu tivesse ido para a Federação, eu não tivesse me identificado. Federação até que tem Escola, né? Mas por exemplo, se eu tivesse continuado, por que eu não continuei na Seara Bendita? Não me identifiquei.”

- *Então você não gosta da Umbanda?*

- Não tenho nada contra a Umbanda. Meu irmão frequenta a Umbanda e conversamos muito sobre isso. Já ofereci de levar a Escola de Aprendizes do Evangelho lá no centro dele. Mas, parece que o pai de santo não gostou muito da ideia, então deixamos para lá. Mas, não tem problema nenhum: de vez em quando ele me chama para ir e quando dá eu vou. Sem preconceito.

- *Questionei: - Em qual outra religião você não iria?*

- “Olha, eu acho que na evangélica.”

¹²² O termo “trabalhador” tem o mesmo significado de “colaborador voluntário” e é preterido por associar o médium à atividade remunerada no centro espírita, podendo gerar ações judiciais envolvendo questões trabalhistas ou vínculo empregatício.

- *Provoquei: Alguma vertente especial ou a evangélica em si?*
- Se eu falasse alguma vertente especial, eu estaria julgando, né? Eu sei assim, pelas conversas que eu já tive, eu não iria para Testemunhas de Jeová, eu não iria para a Assembleia de Deus, eu não iria para a Universal, pelas coisas que eu vejo na televisão.”
- *Na IURD você não iria pelo que sai na mídia. E a Assembleia de Deus? Por que você não iria?*
- Porque eu também acho que eles são muito rígidos. E é uma rigidez punitiva. Não é uma rigidez para você educar, mas é uma rigidez para você “castrar” a pessoa. E eu não acredito que a pessoa... aí já vem um pouco daquilo que a gente lê, né? A pessoa não pode entrar em contato com a sombra dela. Porque senão ela é pecadora, sabe? Ela vai para o inferno e não é isso.
- *Quer dizer que se não tivesse Espiritismo, só tivesse a Universal e a Assembleia de Deus, você não iria frequentar nenhuma religião?*
- Não!
- *Você creria em Deus, teria sua fé e tudo, mas não frequentaria a igreja?*
- Não!
- *Em hipótese alguma?*
- Não!
- *E a Testemunhas de Jeová? Por que você não iria?*
- Eu acho que pela rigidez também. Por aquela parte da imposição que era do Velho Testamento.

Numa analogia entre as religiões evangélicas e o espiritismo, Aline não considera o espiritismo uma religião rígida. O que ela vê, são “interpretações erradas”. Entende o espiritismo como religião libertadora, quando ele postula o livre-arbítrio. “Ele me dá a oportunidade de eu fazer o que eu quiser. Na hora que eu quiser. Se, amanhã eu não quiser vir mais ao centro espírita, ele não fala para mim que eu vou queimar no mármore do inferno.”

8.6 Entrevista 6 - Marcos

Aquilo começou a derrubar o meu preconceito e comecei a perder um pouco desse receio. Mas ainda hoje eu tenho medo e eu acho que esse medo vem muito da minha infância. Marcos

Marcos, 44 anos, casado, é funcionário público, formado em administração com pós-graduação em gestão pública. A vida religiosa de Marcos começa cedo, com sua mãe levando-o para a catequese na Igreja Católica. “Desde que eu me conheço por gente, já ia na Igreja Católica”. Não se lembra ao certo, mas acredita que aos sete, oito anos, já estava no catecismo. Assume ter sido sempre questionador, em tudo e, na religião, as “coisas” na Igreja não tinham muitas respostas. Faltava alguma coisa.

Quando questionava a catequista, ela dizia que ele perguntava demais. E as respostas, quase sempre as mesmas, não o satisfaziam: “Não, ó, é assim porque isso é um mistério e a gente não sabe. Então não insista”. E ele falava para ela: “Tá bom, eu vou ficar com o que você está me dizendo, mas não concordo, eu acho que tem alguma coisa a mais e a senhora não quer falar para mim”. Foi batizado, crismado, fez catecismo e comunhão e se decepcionou porque as respostas não vinham. Aos poucos foi se afastando do catolicismo, na busca solitária de respostas para as suas dúvidas.

Certa vez, namorando uma menina que frequentava a Igreja Universal, foi com ela ao culto. Sentiu-se muito mal no culto, como poucas vezes havia se sentido mal em algum lugar. Falou para ela: “Olha, não vou... nada contra. Você pode continuar vindo e tal, mas eu não venho mais. Porque, de fato, foi algo energético que eu me lembro de ter sentido duas vezes na vida, quando entrei em templos religiosos.” Narra também que sentiu o mesmo mal-estar em um centro de Umbanda. “Outra vez, eu fui em um centro... eu não sei se era Candomblé, o que que era, e era algo que sempre me... eu cresci com medo da chamada “macumba” – porque tinha um centro de Umbanda muito perto da minha casa, e eu sempre tinha muito medo da mãe de santo lá, que era a Dona Laura, que era uma senhora “bonitona”, e eu morria de medo dela. Tinha medo de passar até na porta da casa dela. – Mas nesse dia eu fui levar uma outra pessoa que estava com problema, tal, eu fui...”. Afirma que era um centro de Candomblé e assim que entrou, teve a mesma sensação que teve quando entrou na Igreja Universal. Ficou cinco minutos e disse: “Olha, eu não vou ficar aqui, vou ficar no carro, esperando, façam o que vocês têm de fazer aqui, mas aqui eu não vou ficar”. O espaço de tempo entre os dois eventos foi de cerca de 8 anos.

Houve um hiato de uns sete anos onde não frequentou nada, na sua juventude. Tinha a sensação de que o espiritismo traria alguma resposta, mas tinha sempre muito medo. Para ele, espiritismo, macumba, candomblé era “tudo uma coisa só”. Essa separação não era clara para ele. Certo dia, uma professora lhe deu o livro *Fernão Capelo Gaivota*¹²³ e esse livro fez toda a diferença para ele: “eu li, e ele mostrava que existia um outro lado... ali abriu a mente. Eu falei: “Cara, acho que é isso aqui que eu acredito. É esse negócio aqui que eu acredito”. Existe algo além e que a gente interage com esse outro além também.” Sua namorada já frequentava a Seara Bendita com

¹²³ A *História de Fernão Capelo Gaivota*, livro do norte-americano *Richard Bach*, publicado no Brasil em 1970, pela Editora Nórdica.

uma amiga comum que sempre o convidava para ir. A princípio não quis ir, mas um dia foi sozinho. Ele passava por um problema de relações com a sogra: ela tinha muito preconceito por Marcos ser negro e ele tinha muita dificuldade para lidar com isso. Foi ao Seara Bendita e no atendimento foi muito bem recebido e orientado. Assistiu à palestra evangélica, tomou o passe e saiu de lá se sentindo muito bem. Comunicou a amiga e à namorada o que tinha acontecido e falou que frequentaria esse centro. Mas logo, percebeu que não conseguiria ir pois não conseguiu conciliar isso com o trabalho e com a faculdade.

Sua namorada foi trabalhar ao lado de um centro espírita e começou a frequentá-lo, junto com uma inseparável amiga. Marcos, bastante refratário, acompanhava a namorada ao centro espírita e tomava os passes, sem se interessar em aprofundar-se na doutrina. No trajeto para casa surgiam as discussões sobre espiritismo e ele questionava os diálogos. Essas suas idas ao centro com a namorada, que já fazia a escola de aprendizes do evangelho, foi criando uma empatia entre Marcos e os dirigentes do centro espírita, ao ponto de sempre perguntarem a ele: “Quando é que você vai fazer a Escola? E a resposta era sempre a mesma: “Calma, eu não vou fazer ainda!” Certo dia um colaborador do centro o aborda e lhe diz:

- Você vai fazer a escola! Eu já te inscrevi.
- Como assim?
- Eu te inscrevi, pode fazer, você vai seguir e vai gostar.
- Então está bom, eu faço.

Durante o curso, a dirigente foi esclarecendo os questionamentos de Marcos e de outros companheiros de turma dele. Assim, além de suas dúvidas, as de seus companheiros também iam trazendo as respostas que ele buscava, ou parte delas. E assim, foi ficando, se envolvendo com a organização da Reunião Geral da Aliança - RGA¹²⁴, fazendo os cursos de passes, de médiuns, ingressando na Fraternidade dos Discípulos de Jesus - FDJ e fazendo todos os demais cursos que são disponibilizados no programa da Aliança. Marcos frequenta esse centro há mais de quinze anos, e acredita ter uma bagagem doutrinária sólida, ainda que continue “questionador”.

Narra ter percebido alguns preconceitos por ter aderido ao espiritismo. Em uma situação, conversava sobre religião com uma moça evangélica e o assunto fluía

¹²⁴ RGA, como já mencionado, é a um encontro de voluntários da Aliança que ocorre todos os anos no domingo e na segunda-feira de carnaval e envolve a participação dos centros da Aliança do Brasil e do exterior.

naturalmente, quando ela lhe perguntou que igreja ele ia e ele respondeu que não ia em igreja, que era espírita. A moça ficou espantada e citou um trecho na bíblia,

completamente fora do contexto, não me lembro agora qual era o versículo, nem nada, em que falava alguma coisa de não poder nascer de novo, alguma coisa do gênero. Depois eu fui ler, e eu vi o que que era, eu sorri para ela e quase que eu peguei a passagem de João¹²⁵ e entreguei para ela também.

Marcos percebeu que ela havia mudado completamente e não havia disposição para continuação da conversa. Outra situação mencionada era a de um amigo no trabalho, com quem sempre conversava sobre religião. Era um católico atuante, envolvido nas atividades da diocese local e que participava ativamente na igreja do bairro. Um dia, disse a esse amigo que era espírita e a resposta do amigo o surpreendeu: “Me decepcionei com você.” Marcos retrucou: “Por que?” E o amigo respondeu: “Por que você é espírita!” Marcos disse que isso não mudava nada para ele e que eles continuavam falando das mesmas coisas (religião). Neste caso, a amizade continua até hoje, sem sobressaltos, mas os assuntos discutidos entre eles não abordam mais o espiritismo. Segundo Marcos, não se trata de omitir ou esconder, apenas uma questão de não criar situação de desconforto.

Marcos declara que não se importa em conversar sobre religião com pessoas de outras igrejas, que não o espiritismo. O que ainda persiste até hoje é o medo da Umbanda ou do Candomblé. Certa feita foi a um encontro espiritualista¹²⁶ no interior de São Paulo, e um dos expositores que se dedicava ao estudo da Umbanda começou a divulgar “pontos” da Umbanda.¹²⁷ Marcos diz que ficou “bravo” com aquilo: “Eu não vim aqui para ver (ouvir) pontos de Umbanda. Eu não tenho nada com isso! Vou levantar daqui e vou sair fora!” Marcos reconhece que tem um preconceito com relação à Umbanda. Acrescenta que neste mesmo dia teve uma “lição” da espiritualidade. Ainda bravo, percebeu que uma mulher que estava sentada ao seu lado, fungava. Pensou em ir embora de uma vez. De repente, a mulher se levantou e foi ao palco que estava montado no salão e, em transe mediúnico, sob a intervenção de um Preto Velho, transmitiu uma mensagem de alto teor evangélico. “Aquilo começou a derrubar o meu preconceito e comecei a perder um pouco desse receio.

¹²⁵ A passagem citada está em Jo 3:3-9. (BÍBLIA, 2002, p. 1847-48)

¹²⁶ Neste caso, encontro espiritualista teve a conotação mais ampla que um encontro espírita, uma vez que assuntos de várias vertentes espiritualistas foram abordadas e não somente sobre o espiritismo kardecista.

¹²⁷ Pontos de umbanda são cantigas em louvor das entidades trabalhadoras dessa religião, espécie de mantras que são utilizados, nas sessões da Umbanda, para recepcionar e para se despedir delas, além de outras finalidades. Fonte: <http://www.girasdeumbanda.com.br/pontos-cantados/>.

Mas ainda hoje eu tenho medo e eu acho que esse medo vem muito da minha infância.”

Marcos não sente esse medo no centro espírita kardecista, por entender que o ambiente lá é mais controlado energeticamente através das vibrações e orações que envolvem a atividade. Relata que, em certa ocasião, durante os trabalhos mediúnicos, sentiu um envolvimento diferente. Como nunca havia “incorporado”¹²⁸, não sabia se era isso ou não. Começou a falar coisas diferentes e sentia que tinha sido “morto a tiros”. Era uma sensação e uma situação muito estranha para ele. A dirigente do grupo se aproximou e começou a conversar com ele, só que “não era com ele”. Era um assunto que ele não conhecia, mas parece que dava as respostas de acordo com as perguntas da dirigente. Era uma situação confusa para ele. Depois, voltando a sentir-se ele mesmo, foi informado que havia “incorporado” um espírito que precisava de ajuda e que havia colaborado no auxílio àquele sofredor. Mas, isso ocorreu uma vez só.

Sobre esses casos de incorporação relata ter presenciado à distância, sem participação direta, duas situações distintas: uma foi na escola onde estudava, quando uma aluna incorporou (um espírito) de maneira violenta. A outra vez aconteceu em um barzinho na praia, quando uma pessoa incorporou e fazia gestos bruscos e violentos. Nessas ocasiões não teve medo, só ficou observando de longe. Acrescenta que, no caso da escola, a aluna morava na mesma rua que ele e frequentava o centro da Dona Laura que havia lá, do qual ele morria de medo. Logo associou: “Vai lá no centro e está desse jeito aí!” E acrescenta “depois eu fiquei sabendo que ela estava fazendo a brincadeira do copo¹²⁹ dentro da sala de aula, e aí ela simplesmente incorporou o espírito e aí foi daquele jeito...”

Marcos afirma que se não fosse espírita, procuraria uma religião que concordasse com a reencarnação, como o budismo, por exemplo. Leu alguma coisa sobre essa religião e sente empatia por ela. Crê que a reencarnação é a base para o entendimento da justiça divina. Certa vez estava dirigindo seu carro indo para a repartição e ouvindo um programa de perguntas e respostas sobre espiritismo, e o assunto era “reencarnação”. Um dos ouvintes, ao participar do programa disse assim:

Eu acredito em reencarnação porque eu não acredito em um Deus que seja tão injusto que permita que eu esteja aqui conversando com você

¹²⁸ Ver no Glossário, o termo “incorporação”.

¹²⁹ Como também é chamada a comunicação com os espíritos através do Tabuleiro Ouija, já mencionado neste trabalho.

e gente morrendo lá do outro lado de fome. Então eu só posso acreditar que aquele que está morrendo de fome, por algum motivo ele está lá e já encarnou e está reencarnando ou ele vai reencarnar aqui onde eu estou hoje para poder melhorar. Porque se não, Deus é injusto demais”. Quando ele falou isso, eu falei: Cara, é isso! É isso, é nisso que eu acredito!

Quanto às outras religiões, Marcos afirma que não frequentaria as igrejas pentecostais, principalmente a Assembleia de Deus. Disse que foi a um casamento nesta igreja e “era o pastor falando do púlpito e ele questionando baixinho lá nos fundos da igreja.” Achou muita rigidez da parte do pastor “as coisas não são tão a ferro e fogo desse jeito, não.” Questionado se iria a um centro de Umbanda, surpreendentemente disse que iria. Com um pouco de receio, mas iria. De repente lembrou-se:

Eu já fui em um centro de Umbanda, sim. [...] meu cunhado começou a frequentar e aí ele ia fazer uma passagem, talvez de um grau para um outro, alguma coisa. E ele convidou a gente. Eu fui. Então eu fui, não me senti mal, me senti bem, é... certamente percebendo que aquelas energias não são as que eu gosto de lidar, mas eu não saí mal de lá. Não, eu frequentaria sim, eu frequentaria centro de Umbanda, sem grande dificuldade.

Aproveitando o momento de adesão questionei se ele iria a um centro de Candomblé. Nesse caso Marcos afirma ter mais dificuldade, mas por desconhecimento. Acredita que o medo da infância, da época do “terreiro da Dona Laura” ainda está presente. Relata que o medo vinha dos atabaques. À noite, quando o silêncio na rua onde morava era maior, parecia que o som dos atabaques ia levar os espíritos do terreiro para o seu quarto. Nessa hora o medo dominava e ele rezava falando: “Fica lá, não vem aqui para dentro de casa, não. Fica aí no terreiro da Dona Laura. Me deixa em paz aqui, que eu não quero saber disso aí”.

Quando à sensibilidade mediúnica, Marcos diz que tem muito pouca. Às vezes ouve algo ou se depara com algumas coisas “diferentes”. Atuando numa repartição pública, ocorre as vezes de ter que trabalhar sozinho no recesso de férias, preparando o expediente para o reinício das atividades. O ambiente de trabalho abriga situações de julgamento de crimes contra a vida e é “um lugar de uma energia muito pesada”. Em algumas ocasiões, teve a convicção de que tinha algo em volta. As vezes ouvia alguém chamar e não tinha ninguém, outras vezes a porta que havia deixado aberta estava fechada ou a que havia deixado fechada estava aberta. Mas não tinha medo

(sic) e, no entanto, falava: “Não precisa aparecer! Eu acredito que vocês estão todos aqui, eu acredito... vão lá para o centro espírita. Vão lá, que lá é legal prá caramba!”.

Marcos também relata ter visto situações de intolerância em reuniões dentro do centro espírita. Num primeiro caso envolvia a participação de um colaborador do centro em outra religião. Foi ventilado na reunião que certo colaborador havia sido visto, através de uma reportagem de tv, em uma praia, trajando vestes características de frequentador da Umbanda, todo de branco, participando de um ritual em homenagem aos orixás dessa religião. E a crítica era: “Não, ele precisa decidir o que ele quer da vida. Ou ele está lá ou ele está aqui”. Marcos afirma ter se revoltado com aquilo. “Eu entro em um lugar e falam para a gente não ter preconceito nenhum, e de repente eu ouço isso? Eu acho que estou entendendo as coisas erradas...”. Para questionar a fala do integrante do grupo, adicionou:

Então quer dizer que se eu for em uma igreja, e eu vou na igreja. Às vezes eu estou no centro da cidade, e eu estou perto da Catedral da Sé, eu vou até a Catedral da Sé, faço minha prece lá, não tenho problema nenhum. Vou assistir a uma missa... quer dizer que se eu assistir a uma missa eu não sou mais espírita? Não posso mais vir aqui?

Ao que o integrante do grupo tentou articular: “Não, não é bem assim...”. Novamente Marcos prossegue: “Qual é a diferença, então?” Marcos afirma que isso o incomodou bastante: “A gente vai e prega que o Espiritismo não tem preconceito... Jura? Não tem mesmo? (Risos). E você chama isso do que, então, né? Mas, fora isso... de intolerância, assim, com outra religião, acho que esse foi o que mais me chamou a atenção.”

Quanto aos hábitos, Marcos não fuma e nunca bebeu. Aliás, faz uma crítica à Aliança. Se o médium bebe eventualmente, ele pode aplicar passes, desde que um dia antes da atividade se abstenha do álcool. No entanto, se ele fumar, não pode aplicar passes “de jeito nenhum”. Então, diz ele, “sujeito não bebe, mas um dia decide tomar algo e é visto por algum companheiro, não tem problema nenhum. Mas, se a pessoa decide um dia, por qualquer motivo, fumar, ou mesmo dar uma pequena tragada em um cigarro, a crítica vem na hora: “Que absurdo! Você está fumando e ‘não-sei-o-que’ e, em compensação, ele sai do centro e vai para o boteco tomar uma cachaça e não tem problema nenhum!” Segundo Marcos, explicaram que a química do fumo demora mais tempo para sair do organismo... Cerca de quatro meses. E a bebida é eliminada mais rapidamente: 48 horas. Ele tem dúvidas acerca dessa

explicação: “Olha, foi uma explicação que quebrou um galho... quebrou um galho, mas não resolveu. Lá dentro de mim, ainda tem... e a gente tem esse preconceito, quer dizer, para mim, é um preconceito. Contra o fumante.” Marcos afirma não ter preconceito contra fumantes, alcoolistas ou dependentes químicos. Atende-os naturalmente no centro espírita, sempre que aparecem por lá.

8.7 Entrevista 7 - Nadir

As reações eram de “chacota, afastamento achando que era coisa do diabo, porque não se falava em kardecismo, se falava em macumbeiro. A conotação era diferente [...] Então podia ser Quimbanda, Umbanda, Candomblé, kardecista, era tudo a mesma coisa.
Nadir

Nadir tem 63 anos, é casada e tem formação superior. Sua vida religiosa “tinha uma duplicidade”¹³⁰. Seus avós maternos eram católicos, extremamente católicos e a avó materna em especial, exageradamente católica. A mãe “ficava em cima do muro” e o pai, espírita. Fez todo o processo de iniciação católico e ainda frequentou o colégio católico desde pequena. Não podia se declarar espírita senão o colégio não aceitava. A mãe dizia que não tinham religião e as mães do colégio achavam isso um absurdo. Além de frequentar a escolinha de moral cristã, catecismo e uma série de atividades católicas, aos domingos pela manhã frequentava a Federação (FEESP). “Minha avó fazia questão que a gente fosse católica” – em vários momentos dessa entrevista, Nadir expressou de maneira enfática, a rigorosidade e a autoridade da avó materna, no sentido de que, tanto ela quanto os demais netos e integrantes da família fossem “católicos praticantes” – “então a gente saía de anjinho na procissão, beijava pé da imagem de Cristo na Semana Santa, saía segurando velinha... E era a maior farra. E depois a gente ia encontrar com o pessoal da FEESP.” Foi batizada na Igreja São Francisco¹³¹, “lá no largo São Francisco, ao lado da Faculdade de Direito da USP, e fez a primeira comunhão na Igreja Santo Emídio¹³², sempre por exigência da avó, italiana de berço e... católica! Suas amigadas, inclusive já do futuro marido Jordão e o marido de sua irmã, eram todas da FEESP, na época (1973) em que houve o rompimento do Comandante¹³³.

¹³⁰ Sem o saber (creio) se remete a NEGRÃO (2009) e os “dúpliques”.

¹³¹ Convento e Santuário São Francisco.

¹³² Paróquia de Santo Emídio, localizada na R. Ingaí, 67 - Vila Prudente, São Paulo – SP.

¹³³ Está se referindo a Edgard Armond, criador da Aliança Espírita Evangélica.

“Porque ele (Armond) queria normatizar e o pessoal não queria que fosse normatizado os procedimentos de passe, as Escolas, (na FEESP) então, ele atravessou a rua, foi na janela do meu pai, alugaram ali e formaram a Aliança”. Armond frequentava a casa dos pais de Nadir e nos primórdios da Aliança a mãe, que era católica, passou a ajudar nos trabalhos espirituais, fazendo verificações de fichas (grupo de análise espiritual), visitavam as casas dos necessitados, e vai citando vários nomes que ainda hoje integram o quadro diretivo e conselheiro da Aliança e que faziam parte da FEESP. O seu pai assumiu um trabalho de caravana em uma comunidade no início da (Rodovia) Fernão Dias e aos domingos, durante 40 anos, comprava legumes frescos e preparava refeições para as crianças pobres do local. “(Os ingredientes) tinham de ser naturais, não podia ser pacotinho (sopa em pó)”. Nadir conta que deixou a FEESP quando uma diretora nova assumiu o ensino cristão para a mocidade espírita e transferiu as escolas que eram de domingo para a quarta-feira à noite. Este ensino era bastante procurado, e com essa medida, as salas se esvaziaram. Quem iria na quarta-feira à noite para o centro da cidade? Essa atitude desgostou-a profundamente (magoada mesmo) e decidiu ir para o (Centro Espírita) Irmão Alfredo.

Lá chegando foi entrevistada e lhe pediram a caderneta. Ela: “Cadê... o que?” “Caderneta!”. “Não sei o que é isso?” “Para você trabalhar na casa (espírita) tem que ter a caderneta.” Foi para casa e perguntou ao pai: “Pai, que história é essa de caderneta que o pessoal da Aliança usa?” O pai abriu uma gaveta e de lá tirou duas cadernetas pretas: uma, dele, e outra da esposa. Ambas assinadas por Armond. “É isso aqui, filha. Coisas de Armond.” “E para que serve isso, pai?”¹³⁴ “A gente tem que anotar (os momentos e situações em que a gente se descontrola, analisar por que aconteceu, identificar o sentimento que está por detrás daquilo, buscar sublimá-lo e se comprometer em não fazer mais, melhorando-se moralmente.) É para nossa reforma moral.” Nadir afirma que naquela época ainda não se falava em reforma íntima. Então, voltou ao centro Irmão Alfredo e disse: “Não tem caderneta não.” A orientadora do centro disse: “Se não tem caderneta, você tem que fazer todos os

¹³⁴ Caderneta pessoal é um pequeno caderninho (uma caderneta mesmo) onde o integrante, aluno ou voluntário, deve anotar as situações, boas ou ruins, em que se envolve ou provocou, e através de autoanálise, buscar saber os motivos que o levaram aquela situação, tentar corrigir as causas que deram o motivo e comprometer-se em não mais incidir naquela ação, melhorando-se continuamente. É chamada de instrumento de reforma íntima. Fonte: Livro *Vivência do Espiritismo Religioso*, Aliança, 2014.

cursos aqui novamente.” E ela e o marido fizeram todos os cursos. Segundo ela, os cursos são similares, mas de duração mais curta que os ministrados na Federação.

Nadir afirma que nasceu em berço espírita, por causa do pai. Sempre teve uma mediunidade aflorada, principalmente vidência. Conta que o pai dela sabia como lidar com isso e a orientava: “Olha, o que você ver, você não pode falar, você não abre a boca, se te perguntarem você não sabe, nunca se intrometa na vida de ninguém, né? Se alguém vier perguntar alguma coisa para você, você não sabe, você não viu e fica quieta. O livre arbítrio é de cada um, você não tem que se intrometer e, por aí foi.” Narra que naquela época (1970) não existiam muitos centros espíritas e as reuniões – chamadas de mesa branca – eram feitas em casa. E, às vezes, aconteciam efeitos físicos (manifestações espíritas com movimento de objetos, materializações de espíritos, sumiço de objetos etc.) nessas casas. Hoje, quase inexistentes, mas antigamente eram comuns. Essa vivência espírita não criou conflito com a Igreja Católica, segundo ela. Ela não se apresentava nem como católica nem como espírita. Não havia essa coisa de rótulo. Na escola era católica, ia na igreja, tomava hóstia (a avó fazia questão), saía de anjinho na procissão. “Sou católica, tenho todos os atestados.” Não havia problemas, segundo ela.

Essa duplicidade de religião não a incomodava. “Para mim, aquilo era normal. Eu podia ser católica, podia ser judia, podia ser budista, podia ser espírita, podia ser o que eu quisesse.” Era obrigatório ir toda semana na igreja. E na FEESP gostava de ir porque havia uma reunião de jovens, de amigos e surgiam muitas atividades, encontros, passeios ao Zoológico, Horto Florestal, todos se conheciam e todos se reuniam nos fins de semana. Confessa que gostava mais do espiritismo, “porque não havia toda aquela liturgia, rituais. Na semana santa tinha aquela choradeira nas igrejas, os santos cobertos de roxo: eu não entendia aquilo. Tinha o Cristo morto e a gente tinha que beijar o pé do Cristo!” Ela questionava: “Tem que beijar mesmo? Mas tá morto!” Por outro lado, ressalta que o espiritismo deixa mais escolhas, abrindo um campo novo para as pessoas: “... Você está aqui por quê? Qual o seu objetivo de estar aqui? Você faz aqui o que você faz na sua casa?”. Sabe aquelas coisas? “Seu comportamento é o mesmo ou você vai lá, *mete o pau* (sic) na vizinha e depois você vem aqui rezar? Não é bem por aí, né?”. Então você vê uma diferença de conduta, de comportamento.” Aproveita para fazer uma crítica: “Eu presencio algumas coisas com católicos que às vezes eu acho que falta entender o que é realmente o evangelho.” Vê no catolicismo mais aparências que realidade.

Quando a avó morre, Nadir deixa de frequentar o catolicismo. Segundo ela, não havia mais sentido em frequentar a Igreja Católica. Frequentando o espiritismo com mais intensidade, percebeu que, às vezes, algumas pessoas tinham comportamentos discriminatórios ou preconceituosos contra a doutrina. As reações eram de

chacota, afastamento achando que era coisa do diabo, porque não se falava em kardecismo, se falava em macumbeiro. A conotação era diferente, eles não separavam as religiões espiritualistas. Era tudo a mesma coisa, era tudo macumbeiro. Então podia quer Quimbanda, Umbanda, Candomblé, kardecista, era tudo a mesma coisa. Tudo ali. Então não tinha essa divisão. Atualmente você diz 'Eu sou kardecista', quem está já sabe que tem uma conotação diferente de uma Quimbanda, que mata bicho, que faz aqueles rituais todos. Na nossa infância não tinha essa conotação. Era tudo macumbeiro. Então você não falava (que era espírita) para evitar isso.

E quando falavam, ela diz que não ligava. Ficava quieta, deixava falar. Para Nadir não havia problema algum. Por que ela tinha convicção de sua fé.

Volta a falar do fim da evangelização infantil e da mocidade na FEESP quando a diretora mudou o dia de domingo para quarta. Fala com tristeza e reprovação pelo término de um trabalho de quarenta e sete anos. Com o esvaziamento dessa atividade, vários expositores e preletores que perderam o campo de atuação, decidiram abrir outros centros espíritas em outros locais. Fala que seu pai tinha uma teoria:

Cada vez que um trabalho se encerra e se inicia outro, é para proliferar a Doutrina. Então, toda vez que em um Centro há uma ruptura de voluntários para se expandir, há uma expansão da Doutrina. Então vai disseminando o evangelho em todos esses lugares. Quando houve a ruptura da Federação, com o Comandante, que ele partiu para a Aliança, ele expandiu. Quando houve o problema da diretora da Federação, que ela acabou – mudou o dia e horário do curso, um monte de evangelizadores abriu centros. Entendeu?

Questionada se frequentou ou conheceu outras religiões, ela informa que somente para aumentar a margem de conhecimento sobre elas e poder, em síntese, conversar sobre elas. Cita as diferenças entre o kardecismo e a Umbanda.

Porque quando uma pessoa chega para mim e diz que é a mesma coisa, eu vou dizer para ela que não é a mesma coisa. Kardecismo é uma doutrina, de Kardec, com cinco livros codificados. A Umbanda é uma religião que veio com os africanos que também são espiritualistas, mas tem Sete Linhas de frente. Que eles trabalham com "giras", eles trabalham com entidades de proteção, eles têm esse tipo de escala. Nós sabemos que são Caboclos, Índios e Pretos Velhos, né? Exus, linhas de frente. Então são entidades e linhas de trabalhos diferenciadas.

Ela compara a atividade de um oncologista com um fisiatra: ambos na medicina, mas com especialidades diferentes. Ambas, Kardecismo e Umbanda são espiritualistas, mas são diferentes. Foi conhecer o judaísmo para tentar entender como foi a formação religiosa de Jesus. Quanto ao catolicismo, disse que não precisou estudar, por que “teve uma vivência católica.” E acrescenta “atualmente eu já não sei tanto, então eu acompanho a turma. Por exemplo, quando eu vou, quando o pessoal pede: “Vai lá”, na hora da hóstia, eu falo: “Gente, já passou da época. Não... pula a minha vez”. Porque tem missa de sétimo dia de pessoas conhecidas que eles (os trabalhadores voluntários aqui do centro), mandam fazer na Igreja Católica. Então eu acho que assim, é um respeito que você tem por eles, indo.”

Ah, não... eu sou espírita, eu não frequento...”. Não, não tem nada disso, eu vou... “A família vai?”, “Vai”, Então eu vou, por que não? Vamos lá, vamos rezar um pouquinho para eles. Então é isso. Se toda religião leva para o mesmo caminho que é fazer o bem ao próximo, então eu assino embaixo. O resto. Sabe, uma está atacando a outra, eu estou fora.

Sobre esse ataque, Nadir prossegue e cita a IURD, sobre a qual acrescenta

Ah, você sabe que o E. M. ataca diretamente a nossa formação, mas eu tenho dó, tadinho. Uma hora ele vai pagar essa conta (sic), mas ele já evoluiu também, porque você já vê que ele já está indo para o lado do judaísmo. Que ele é todo agora judeu, né? Inclusive na vestimenta, na maneira de se apresentar, na Torá que ele lê, né? Tudo o que ele está fazendo? Arrecadando fundos - porque ele descobriu que no judaísmo tem muito mais dinheiro do que do outro lado - porque judeu tem dinheiro, tem ouro. Então ele foi para esse lado. E uma maneira de atrair os fiéis é atacando alguma religião. Quando ele tentou atacar a Igreja Católica, ele não conseguiu. Entrou pelas avessas, teve de mandar o bispo dele lá para a África quando ele chutou a santa, né? Então... mandou embora por quê? Porque pegou a base de formação de um país para ofender. Não pegou legal, então ele ofende os kardecistas, os umbandistas..., mas coitado, não quero ser ele do lado de lá (quando desencarnar). Tenho dó.

E acrescenta: “(Vai ter problemas) por que infelizmente a missão dele é arrecadar tesouros, não é arrecadar rebanhos e conduzir gente para o lado do bem. [...] Tadinho, eu tenho dó. Ele está meio, você olha a fisionomia dele e você vê que ele já está extremamente perturbado, mas...”

- *Então talvez o que te incomoda lá seria mais esse ataque dele contra as religiões?*

- É, tadinho, não precisa disso, né? Faz a sua parte bem-feita, que tudo bem, não precisa ficar atacando. Não tem essa de que “a minha religião é melhor que a sua”. Está fazendo bem para você? Quantas pessoas de religiões diferentes já vieram aqui na Casa (no centro espírita) para conhecer? Quantos eu já atendi? “Ah, eu sou isso, eu

sou aquilo, eu sou budista, eu sou messiânica, sou judia...”, “É? Legal? Faz bem para você? Que ótimo!” É isso mesmo, onde você se encontrar é que você tem que seguir o seu caminho, é aí que vai a evolução, não tem uma religião melhor que a outra, são todas iguais, fazendo o bem.

Questionada sobre conhecer alguma religião que faz o mal disse que não, mas citou em especial a Quimbanda¹³⁵

...onde há sacrifícios de bichos, onde eu quero fazer mal para uma outra pessoa e vou lá, mato um cavalo, mato um cachorro, mato um bode, um galo, um galo preto, essas coisas. Eu só sei que no meu entendimento, o que eu pedir vai ficar no débito e crédito, certo?¹³⁶ Eu vou ter o crédito, mas o meu débito vai ser cobrado. Você pode ter certeza, a balança vai cobrar. Uma hora eu vou pagar aquilo que eu armei. Meu pai tinha uma frase que eu achava maravilhosa, “Toda religião é boa... até o Espiritismo! Quem não presta são os espíritas.” (Risos). Entendeu? Essa era a frase dele. Todas são boas, até o Espiritismo. O que não presta são os espíritas por que, enquanto não se reformularem...

Volta à IURD, narrando que um dia foi com o esposo participar de um culto, convidada pelo vigia da rua na área onde está localizado o centro espírita, no templo localizado na Av. João Dias (1.800 – Catedral da Fé). Já havia ido no batismo do vigia. Era um domingo e o templo estava lotado. Afirma que “fui, toda bonitinha, subindo as escadas com as minhas artroses...”. Havia uns rapazes usando gravatas na mesma cor, que ficavam olhando o público – talvez para não deixar o público sair? Para passar a “sacolinha”? Como não viram o “Seu Zé” (o vigia), fotografaram o público (para provar que foram) e saíram do culto, ficando na porta. Relata:

Não deu três minutos e já estava uma moça do nosso lado perguntando o que estava acontecendo e por que a gente tinha saído. Eu falei: “É que eu não estou me sentindo bem”, “Mas a senhora tem certeza?”, “A senhora, por favor, volte para o culto, o culto está maravilhoso”, eu falei: “Sabe o que é? Eu estou com uma enxaqueca e este som neste último volume, eu não estou aguentando”, “Não, mas a senhora não quer conhecer ‘não-sei-o-quê’?”, Aí começou a nos doutrinar. Então eu virei para o meu esposo e falei assim: “O circuito interno de TV deles vigia o que cada discípulo está fazendo lá dentro”. Que religião é essa? Se não tem nem a liberdade de sair do culto. Eu falei: “Não, moça, pode deixar, eu vou descer, eu vou ficar lá embaixo esperando”, “Não, mas a senhora vai ter que retornar, a senhora não quer entrar? Então nós vamos passar os...”, eles vendem livros, eles vendem ‘não-sei-o-quê’, eles passam sacolinha, eles cantam, e tem uma... um tipo de uns guardiões de grupo que vão monitorando o que está acontecendo lá dentro, que dizer, não é que você vai lá à vontade,

¹³⁵ A quimbanda é considerada a “esquerda” da Umbanda. Os espíritos que a frequentam são “mal-educados, despidorados, agressivos. Falam palavrões e dão estrepitosas gargalhadas.” (PRANDI, 2010, p. 146).

fala e tal. Tem um monte de coisa acontecendo. Sistema de vigilância, sistema de monitoramento. Não é para monitorar o culto, é para monitorar quem não está se agregando ao culto, entendeu? Primeira vez que eu parei lá na... como é que chama a região que tem a central deles?

Disse também ter passado em frente ao templo construído pela IURD, na região central de São Paulo,¹³⁷ e utilizou expressões como: “O que é isso?”, “Que templo é esse?” “[...] eu encostei o carro para olhar. Eu olhava, eu abaixava, eu deitava no banco (do carro) e eu não via o final (topo do prédio). ‘De quem será esse templo?’. Eu não sabia que era o dele (do E. M.). Foi logo que inaugurou... ele trouxe os presidentes, acho que a Dilma (Dilma Roussef, ex-presidente do Brasil, impedida em 2016 de continuar o segundo mandato) veio, todos (sic) os altos (representantes do povo)... estiveram presente. É o poder econômico, né?”

Entende que as religiões devem fazer o bem e, se assim o fizerem, não as diferencia. Seja pentecostal, evangélica, Umbanda, Candomblé, todas devem ser respeitadas. Sobre a Umbanda, acrescenta que, nas sessões do centro é naturalizada a presença de entidades espirituais que se apresentam como representantes dessa religião. Assim, espíritos se identificam como Pretos Velhos, Homens do Deserto, Pena Branca, Brogotá, Itaporan,

São entidades de muita luz, eu acho que eles são superimportantes, eles fazem parte do kardecismo, sim, nós temos até o livro *Estudando o Espiritismo*¹³⁸ capítulo cinco, que fala a respeito deles, que eles são nossos protetores... Eu não falo só neles, tem diversos, Oxóssi, tem várias entidades que fazem uma linha de frente que trabalham em um grau de faixa vibratória lá de baixo, e eles conseguem descer. E eles conseguem fazer resgate, trabalhos... então assim, eles se apresentam como Pretos Velhos, mas são muito mais experientes do que nós.

Na questão sobre qual religião frequentaria em substituição ao espiritismo, ela se mostra relutante em responder, alegando ser possuidora de faculdades (sensibilidades) mediúnicas e afirma que a formação dela ocorreu por ser sensível aos contatos espirituais. Sabe que podem acontecer coisas que (a) abalem, mas apela para a fé. Lembra, no entanto, que tem formação católica. Não diz, categoricamente, que voltaria a ser católica. Sobre qual religião não frequentaria, ela

¹³⁷ Refere-se ao Templo de Salomão, construído pela Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro do Brás, em São Paulo – SP, inaugurado em 2014.

¹³⁸ Nadir se refere ao livro *Entendendo o Espiritismo* da Editora Aliança que integra o Curso Básico e a referência correta é o Cap. 6, *Diferença entre o Espiritismo, Umbanda e religiões afro-indígenas*.

afirma respeitar todas, mas ressalva que a não iria para a Quimbanda por causa do “sacrifício de bichos, eu não acho certo, mas também não vou desprezar quem acredita.”

- *Insisto: Não chega a ser uma intolerância com a Quimbanda?*

- Não, nenhuma. Nem com o E. M., também não. Tenho dó dele. Tenho dó. Eu não tenho intolerância religiosa, eu não tenho mesmo. Não tenho mesmo.

Caminhando para o final da entrevista, cujo teor me pareceu bem técnico, ainda que recheada de nuances pessoais, ocorreu-me de fazer uma última pergunta sobre como ela avaliava a vida religiosa que ela tinha experienciado. E, Nadir revelou...

Eu sempre fui batalhadora, né? Eu sempre fui obreira. Então, para mim não tem problema vir aqui todo dia da semana, não tem problema... eu *não gosto de politicagem*. Sabe? “Porque o meu (?) faz isso, porque eu mando aqui, porque eu sou a diretora disso...”, “Filho, todo mundo é igual. Não tem cargo, não tem posição, não tem casa melhor uma que a outra. Então não venha disputar, porque isso eu não gosto”. Então é todo mundo igual.

-*Isso você não tolera, politicagem dentro do Centro Espírita?*

-Não. Acho que não, eu acho que eu não tenho que dizer: “Eu sou...” (batendo no peito). Arregaça a manga e vem trabalhar, filhinha. Não é? Porque tem, ué. “Porque eu sou isso, eu sou aquilo”, eu não sou nada, eu sou voluntária. Hoje mesmo eu estava dando aula, “Não, porque ela é ...”, eu falei: “Pode parar. Eu não sou nada, eu sou voluntária na casa. Eu sou uma voluntária da casa que vim dar uma aula para vocês”. Não preciso de título. Não preciso de cargo, não preciso de nada disso. Eu acho que isso é uma ideia errada de vaidade, sabe? Eu preciso me apresentar, eu preciso ter um cargo, eu preciso determinar... “Não, filho, vamos todo mundo juntos, todo mundo trabalhando igual”. Todo mundo é igual. [...] “Eu só cheguei um pouquinho antes, estudei um pouquinho na frente, mas vocês vão chegar lá. Se vocês estudarem, se vocês estiverem trabalhando, vocês vão chegar lá. Não tem essa de “eu sou melhor porque eu tenho cargo de diretoria, porque eu tenho cargo disso, porque a coordenação de não sei onde...”. “Como??? Manda vir trabalhar... só isso!”. Estou errada? Preciso ter determinação dentro da minha casa, como tem que fazer, como tem que... estou vendo as coisas acontecerem... a hora que incorpora espírito lá dentro sai todo mundo correndo. Vira e mexe dá umas incorporações diferentes, umas levitadas (sic) diferentes, o pessoal ó, (fazendo o sinal com a mão indicando que a pessoa sai correndo) “Mas gente... então não vem dizer para mim ‘que eu sou coordenação, porque eu sou direção’, porque todo mundo é igual, não tem diferença. Vem trabalhar, cara. Vem cá, arregaça a manga.”

Ao agradecer pela entrevista de quase 70 minutos, ela perguntou se era só isso: “Foi rápido! Você vai ouvir isso *tudo* de novo?” Respondi: “Sim, vou transcrever, ouvir e ouvir novamente...” A entrevista estava se encerrando e eu guardando os objetos da gravação – e isso só fui perceber em audições posteriores –

quando Nadir afirma, já se dirigindo para a saída da sala: “Eu não tenho nada contra religião nenhuma, viu Sebastião?”

8.8 Entrevista 8 – Angélica

As pessoas utilizam o poder de fala tão poderosa para, em vez de libertar, de gratificar a pessoa, limitar essa pessoa em um determinado lugar. Angélica

Maria Angélica, a partir de agora Angélica, tem 38 anos, está divorciada, é formada em Direito das Relações Sociais, trabalha em uma repartição pública e vai ao centro espírita três vezes por semana, sendo voluntária como assistente na Escola de Aprendizes e colaboradora na Mocidade Espírita, aluna no Curso de Médiuns e, também exerce atividades mediúnicas na assistência espiritual nos grupos de passes. A entrevista ocorreu na residência do pesquisador, em um dia que ela estava em atividade profissional, na região. Acredita que começou a sua vida religiosa no ambiente familiar. Seus pais eram católicos, não praticantes, indo à igreja somente em eventos sociais (batizados, casamentos e missas de sétimo dia). Ela e o irmão foram batizados, mas não fizeram nem a crisma e nem a primeira comunhão. Mas os pais eram “amplos” (e liberais) nessa questão de comunicação com Deus. Lembra que na sua casa já tinha um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que pertencia a sua mãe. Como morava na região do Capão Redondo (bairro da periferia sul de São Paulo), sempre estudou em colégios adventistas, (não sabe se era uma preocupação dos pais com a moral) tidos como instituições de ensino de qualidade. E interagiu com os ritos dessa religião. Tinha também vizinhos protestantes, além de uma vizinha, amiga de sua mãe, que era umbandista que frequentava a sua casa e as visitas eram também retribuídas, principalmente nas festas de Cosme e Damião, “onde tivesse algum caminho que pudesse me levar a Deus, ela pouco se preocupava qual era a linguagem desse caminho. Eu ia...” Participou de cultos umbandistas, protestantes, adventistas e, tudo acontecendo ao mesmo tempo.

Ir à uma festa de Cosme e Damião, ou a um encontro de jovens dos presbiterianos ou numa atividade dos adventistas não incomodava Angélica e permitia que ela fizesse reflexões acerca dessas religiões. Não concordava com a visão dos adventistas acerca da predestinação. Entendia que era excludente e isso não cabia na sua cabeça “... meu Deus não escolhe pessoas.” Ao entrar na faculdade se tornou mais “autônoma” e começou a se deslocar com mais desenvoltura pela cidade. Saindo

do Capão Redondo para ir para a PUC-SP, o bairro deixou de ser o seu mundo e encontrou dificuldade de procurar algo que realmente queria, porque sempre achou necessária uma atividade religiosa. Entendia que precisava de um suporte de pessoas que pensassem igual e isso seria em alguma religião. Nesse momento lembrou-se do espiritismo, por que este havia dado respostas às perguntas que ela tinha. O que a levou para o espiritismo foi a necessidade de uma ligação com o divino, porque conformava a sua realidade humana na materialidade e a ideia do justo que ela acredita que seja o seu criador. Ela queria estudar o espiritismo. Nesta época começou a frequentar a Seara Bendita.

O encontro de Angélica com o espiritismo não começa na Seara Bendita, mas em outra Seara. Quando estudou no Colégio Objetivo em Santo Amaro, na sua adolescência e antes de ir para a faculdade, as relações em seu “entorno” eram de amigos espíritas. As vezes havia “incorporação” mediúnica em algum amigo, outras vezes um amigo relatava acontecimentos ocorridos em sonhos. Um de seus amigos, Alex, já estudava *O Livro dos Médiuns* e *O Livro dos Espíritos* e conversava com ela sobre o assunto. Muitos amigos com interações espíritas kardecistas, mas tinha “algumas outras amigas com um ‘pezinho’ na Umbanda também.” Na faculdade, saía tarde e chegava tarde em casa. Sempre sozinha neste trajeto, resolveu procurar alguém para acompanhá-la no trajeto de volta para casa. Uma das colegas de sala, morava no Jardim Monte Azul (que fica no caminho para o Capão Redondo) e as duas começaram a voltar juntas para casa. Angélica descobriu que a nova amiga, Andréia, era espírita e que a mãe dela fazia o evangelho no lar. Quando ia visitá-la, Andréia não participava do culto, mas Angélica fazia questão de participar. E, um certo dia “ela me apresentou o Seara de Luz”. Conta que não sabia que o Seara era filiado à Aliança e o frequentou por bastante tempo. Entrando na faculdade, frequentar o Seara era mais complicado e o jeito foi frequentar a Seara Bendita. Mas essa instituição, além de ser longe, não a agradou pela dimensão física que possuía. Era muita gente e, isso provocava uma certa impessoalidade que a incomodava. Não havia ali, o espírito de comunidade que ela procurava. Ou, pelo menos ela não encontrou.

Então, ela comentou com um colega na faculdade e este colega, Fúlvio, disse: “Tenho um lugar para te indicar. É um centro menorzinho.” E quando ela foi para o (Centro Espirita) Irmão Alfredo, CEIA, foi direto para a escola (Escola de Aprendizizes do Evangelho) que este amigo ia abrir e dirigir. Não conseguiu acompanhar e passou um tempo usufruindo do centro como assistida. Logo começou uma nova turma da

EAE, ela se inscreveu e conseguiu acompanhar. Nesse tempo de estudo, Angélica eventualmente foi a outras religiões, mas como visitante e não como um lugar “seu”. Seu irmão iniciou uma busca de um lugar de pertencimento e ela o acompanhava a esses lugares, até que ele se “encantou com a Umbanda”. A trajetória do irmão foi turbulenta.

E ele se batizou no protestantismo, na época que minha mãe tinha os ritos dela de queimar as velas, essas coisas da Umbanda e a vida dele deu uma volta e daí, pela dor, ele achou a Umbanda bonita, tanto que ele odiava as minhas músicas que eu escutava, Clara Nunes, coisas que ele não suportava. E o irmão foi se encontrar nesta religião. Mas precisava arrumar um centro para frequentar. Foi no centro de Alexandre Cumino e em outro que se apresentava como “Umbanda Branca”. É um centro “igualzinho aos ritos da Umbanda, mas com muito estudo e pouco tempo (de práticas) geralmente na linha do Kardec. Ele procurou na época, mas assim: eu só acompanhava. Não era algo que me despertava.

No seu emprego conheceu uma protestante que fazia trabalhos assistenciais, ajudando nestes trabalhos e aproveitou também para participar, algumas vezes, de uma célula de estudos dessa religião. “Eles apresentavam uma restrição aos espíritas por que nunca liam a Bíblia (Antigo Testamento)”. Angélica não concorda com isso e fala que as pessoas têm que raciocinar sobre isso:

O evangelho que a gente conhece é o do Cristo, e ele não escreveu, escreveram por ele, está lá. E toda a reflexão, por exemplo, que o Emmanuel¹³⁹ fez, e tudo o mais é sobre os versículos que estão lá, então de certa maneira eu sempre tive esse contato, até na minha formação, né?

Angélica diz que não foi tratada de modo diferente pelas pessoas por ser espírita. Tanto que se casou com um adventista. E não sentia que a sua religião fosse um problema para ele ou para a família dele, também adventista. Mas relata que na crise do casamento, à época do divórcio, o assunto religião foi posto na mesa e em tom de crítica. Conta que seu pai já havia previsto essa situação quando ela lhe disse que o pretendente era adventista, perguntando-lhe: “Qual é a sua religião mesmo, filha?” Na conversa com o marido, no momento da separação, ela afirma que a conotação era que a religião era negativa. Isso ia de encontro ao que a família do marido sempre alardeou, quando diziam “que os espíritas eram sempre boas pessoas e faziam o bem.” A família do marido verbalizou essa opinião inúmeras vezes. Ela

¹³⁹ Emmanuel é o espírito que foi o mentor espiritual do médium Francisco Cândido Xavier. Ficou conhecido por ser um grande evangelizador e conhecedor profundo do Novo Testamento.

percebeu que o que ela pensava que era uma vivência familiar natural era, na realidade um jogo desigual. Entendeu que é “difícil um relacionamento (matrimonial) caminhar bem quando as ideias são muito diferentes com relação ao que você entende como conexão religiosa.” Enquanto a perspectiva de vida pós morte de um é ficar no sono, esperando Jesus voltar, embora (o marido) não tivesse uma ideia fechada acerca da predestinação e não achasse que só os adventistas seriam os eleitos e, a outro é a reencarnação. Ela entende que sabendo da lei de ação e reação (ou causa e efeito),

das possibilidades que a gente tem e tudo mais, de como a gente se coloca na vida exercendo o que a gente acredita como fundamental, é um pouco diferente. Eu acho. Eu sentia isso. *E talvez aqui eu que seja preconceituosa.* Para quem acredita que apenas acreditar no Cristo salva, essa pessoa não tem tanta consciência dos atos que ela pratica e como isso vai repercutir em tudo o mais, ela está salva. Então, o modo de você se colocar na vida é um pouco diferente. (Destaque meu)

Quanto às atividades espirituais, Angélica acredita que os sistemas da Aliança são bastantes técnicos em relação às normas de atuação dos médiuns e essa padronização faz com que as pessoas que exercem suas atividades nos centros, se percam um pouco nesta técnica. Não que isso a afete, declara, por que ela se coloca como uma pessoa se doando e entende que todo mundo tem os seus problemas e querem resolvê-los. Não sabe se, pela localização do CEIA (Brooklin – um bairro classe média alta), às vezes se sente incomodada, quando aparecem questões de política dentro do ambiente espírita. Acha que isso pode acontecer em qualquer lugar (centro espírita) “ou que, na minha ideia de que talvez, nesses ambientes, não caibam esses assuntos conflitantes.” Cita como exemplo, o fato de a caravana do evangelho escolher (em) ir a locais onde os moradores sejam economicamente mais fragilizados e, assim, essas pessoas tenham melhores condições de se manifestar. Acredita que essas caravanas teriam que ser também realizadas em outros ambientes sociais, independente da possibilidade de esses outros locais oferecerem maior dificuldade (aos caravaneiros) no acesso aos lares. O discurso de alguns participantes também a incomodou “poucas das vezes eu vejo a pessoa grata por ter tido a oportunidade de conversar e apresentar o Cristo na caravana. A conversa é sempre assim: “Porque aquela casa é simples, aquela pessoa é sem estudo, sem capital e tal, e a gente é que é acolhido e...”Enfim, a gente (ela) que crê na proposta, a finalidade da caravana não é essa.”

E prossegue

Então, quando vem esse discurso envolvendo, às vezes é muito difícil em uma escola (de aprendizes), conseguir esclarecer que a caravana não é a atividade essencial. É muito difícil, justamente por causa dessa linguagem, dessa... sei lá, típico centro econômica, cultural e tal. Cultural, assim, institucionalizar. Culturas ... Isso me incomoda na caravana, porque eu não consegui fazer Caravana na Escola, eu só fiz caravana acompanhando como secretária. [...] Eu não ia pedir para alguém fazer algo que eu não tinha feito.

Os caravaneiros que ela acompanhou, no momento da reflexão sobre os acontecimentos ocorridos na ação, não se apresentavam como “nós”, mas falavam “eles”, não se incluindo na atividade “como pode em um ambiente cristão ser tudo tão dissocializado? ‘São eles’, ‘eu não faço parte daquilo’, ‘eu estou indo lá’. Isso me incomodava muito.”

Raras vezes encontrou situações de intolerância com a caravana, por parte dos moradores visitados. Perguntavam: “De que religiões vocês são?” Alguns alunos questionaram: “Porque a orientação era para dizer que eram cristãos? Porque não posso dizer que eu sou espírita?” Ela não se lembra se haviam se declarado espírita, mas a moradora disse: “Ah, voltem outro dia que eu faço um café para vocês!” A orientação dada pelo centro às caravanas é que você se declare cristão.

Se ela não frequentasse o espiritismo, seria espiritualista. Acredita que o budismo se aproxima muito do espiritismo, pela proposta da reflexão, mas quando a personalidade deixa de existir e volta ao “todo”, que tenha a ideia de “criador”, “já não me agrada”, ainda que, na sua opinião, a questão da responsabilidade das coisas, das leis que regem, aproximem muito o budismo do kardecismo. Relata que a sua sensibilidade mediúnica está associada ao captar das energias nos ambientes. Na época da faculdade, às vezes não conseguia acompanhar as atividades dos colegas nos eventos, em função de passar mal fisicamente. Foi difícil para ela perceber que isso era mediunidade. As vezes passa mal, sente dores, só de conversar com a pessoa portadora de dor. Já foi em festas em casa de amigas e teve que ir embora por não se sentir bem no ambiente. Teve situações em que a mãe teve que ligar para a amiga umbandista (do Capão Redondo), contando o acontecido “e ela pediu para eu tomar um banho de ervas, isso sempre existiu na minha casa, esses banhos e tal... E aí eu vi o que tinha acontecido. E depois eu comentei com a quem fez a festa” e ela disse que o pai dela havia morrido na casa de maneira trágica. De outra feita, foi com

a mãe na casa dessa amiga umbandista e ficaram tomando chá na cozinha da casa. Foi para casa passando mal e ficou acamada. A mãe ligou para a amiga e esta informou que a cozinha era o local de “ponto” do terreiro.¹⁴⁰ Os mal-estares que se apresentavam incluíam vômito, dor de cabeça, dores no corpo, desânimo, tristeza etc. Lembra que em uma situação percebeu ter tido sensibilidades espirituais que ainda não haviam ocorrido com ela.

Acompanhando o irmão “em uma dessas *roubadas*” que ele ia na busca de sua religiosidade, foi a um local onde se praticava a apometria¹⁴¹. Lá, havia um curso onde se praticavam algumas dinâmicas e ela participava bastante. O irmão perguntou o que ela via e ela foi narrando o que via, mas era uma visão diferente da visão física, ao mesmo tempo em que ela mantinha a consciência de tudo, as coisas pareciam ser irracionais, “não era o meu olho de ver”. A isso eles chamaram “radiestesia”. Ela perguntou ao orientador se ele podia instruí-la naquilo e ele se negou, dizendo que ela tinha que sentir. “Quando ele se negou, quando não quis compartilhar o conhecimento dele comigo, eu já não quis mais estar nesse lugar. Não me inspirou confiança. Não fui mais naquele lugar, mas o ocorrido me despertou e vi que tinha capacidades.” Atualmente está fazendo o curso de médiuns no CEIA e, em um dos exames espirituais pelo qual passou, foi informada que possui algumas sensibilidades latentes e em desenvolvimento, como visão espiritual, doação de energias, premonição e intuição. São faculdades que ainda estão em fase de desenvolvimento.

Se ela não frequentasse o espiritismo, revelou que talvez, uma religião que não iria, pelo “desequilíbrio da reunião”, seria a pentecostal. Considera as igrejas pentecostais muito próximas do espiritismo,

por que elas reconhecem o Espírito Santo, derivado do evento bíblico Pentecostes, algo que atingiu a todos (os apóstolos) e que nada mais é que a mediunidade, que a gente acredita. Mas naquele desequilíbrio (todos falando ao mesmo tempo em tom alto), ela não conseguiria.

Ela acha que essa vibração do ambiente a impediria de entrar em reflexão “aquela coisa do Deus surdo: precisa gritar para Ele ouvir.” Angélica cita a diferença que há por exemplo, na Igreja Católica, com os carismáticos. “Eles cantam alto, mas

¹⁴⁰ Assim entendido o local onde os orixás e as entidades que interagem no terreiro de Umbanda são convocados para os trabalhos espirituais no início das sessões.

¹⁴¹ Apometria (“apo” = além e “metria” medida). Conjunto de técnicas e práticas criadas pelo médico gaúcho Dr. José Lacerda de Azevedo que consiste em amparar o médium que possui a faculdade de “sair do seu corpo físico” ou, através da clarividência, “ir ao encontro das entidades obsessoras” realizando um trabalho de desobsessão. Fonte: <http://www.casadojardim.com.br/web/dr-lacerda/>.

há uma unidade, uma vibração unificada. Nas pentecostais, é um clamor, parece que é algo meio...”

para mim, uma visão meio desequilibrada. Sem falar nessas outras que usam a igreja como uma questão mercantilista, que aí, para mim, não é nem... né? Tipo, nossa, não estou entrando nem nesse juízo das figuras que dirigem... nem isso, estou indo para culto, em qualquer lugar que, (se) tiver uma coisa mercantil... já não é mais religião!

Angélica se coloca como tolerante para com as outras religiões ou para com os fiéis de qualquer outra religião. Acredita que todas tenham o seu espaço, mas faz ressalva quando “as pessoas utilizam o poder de fala tão poderosa para, em vez de libertar, de gratificar a pessoa, limitar essa pessoa em um determinado lugar.”

Caminhando para o final da entrevista, estava agradecendo-a pelo tempo e disposição, informando-a sobre o objetivo do meu trabalho e, Angélica resolveu acrescentar uma situação que ela não consegue superar no ambiente espírita. Trata-se da “dificuldade que o colaborador espírita tem em acolher o outro colaborador no momento do atendimento.”

Você (no caso, ela) vai para uma entrevista (no centro espírita, durante o tratamento) e não é recebido em uma entrevista pelo assistente espiritual, da mesma forma como é uma pessoa que não é voluntária no centro. (É pontual, mas acontece).

Por exemplo, lá no centro, eu não vou naquele dia porque eu não quero passar por entrevista com determinada pessoa, por que ela não vai ser empática comigo, porque eu sou trabalhadora da casa. Parece que é assim: Você é trabalhador (a), você é técnico (a) e assim, parte da orientação que a pessoa transmite quando entrevista o público em geral, ela não aplica em você. “Ah, está tudo bem com você? Ah, então tudo bem!”. Você fica até às vezes inibido de dizer que não está tudo bem. Porque é diferente o (carinhoso) “Oi! Tudo bem, como vai você?”

Segundo Angélica, há uma diferença de tratamento. Parece-lhe que há um entendimento (errôneo na sua opinião) de que os trabalhadores passam por processos diferentes, que as suas crises podem ser tratadas de maneira mais objetiva, mais fria.

Talvez seja, agora me veio à mente, que a intimidade leva você a ter menos máscara? Pode ser. Dentro de casa, a gente geralmente fere mais as pessoas que estão mais próximas. Fora eu sou mais educada, sou mais cheia de toque. Dentro de casa, não. Talvez seja isso. A pessoa está ali, talvez esteja dentro de casa junto com a outra pessoa que ela não precisa ter tantos toques e tão... como ela tem que fazer com o público geral. Não há dedicação emocional.

Mas ressalta que, no seu caso, a situação é bem pontual: “Tanto que teve uma época que eu tentei procurar um outro local, tentar fazer tratamento em outro Centro. Mas eu não me achei, meu ambiente é lá mesmo. E aí eu me adequo aos dias. Quando eu sei que o dia que eu tenho mais probabilidade de ser entrevistada por alguém que é muito objetiva, eu vou outro dia.” Se não é possível ir em outro dia e ela precisa ir neste determinado dia onde ocorre esta situação e como são vários entrevistadores atuando no centro, ela fica vibrando: “Não ele (a), não ele (a), não ele (a)...” mas aí se a pessoa vem me atender... eu (acredito que) vou ter a melhor experiência possível. Conclui dizendo que já ouviu “sua verificação anual é em agosto, o que você está fazendo aqui?”¹⁴²

8.9 Entrevista 9 - Saturnino

Eu demorei porque tinham uns vizinhos na porta. Eu passei agachada para eles não verem que eu vinha na sessão espírita. Saturnino

Saturnino tem 82 anos, é casado, está aposentado e tem como atividade principal, a colaboração como voluntário no Centro Espírita Irmão Alfredo - CEIA. Não chegou a concluir o ensino secundário (atual ensino médio), por ocasião do falecimento de seu pai e grande amigo. Nessa época, estava noivo e para se casar com atual esposa, que também era espírita, tendo se conhecido no centro espírita. A avó materna era espírita e sua mãe frequentava a Federação Espírita de São Paulo - FEESP, tendo sido aluna e colaboradora de Armond. Quanto ao pai, era representante do ramo católico da família. “Católico do Vaticano” no dizer de Saturnino. Quando de seu casamento, até aceitou que a cerimônia fosse em uma Igreja Católica, mas a futura esposa e os familiares não aceitaram. Eram espíritas e não fazia sentido um cerimonial em outra religião. Após a morte do pai, a família paterna rompe com eles por causa de religião e, na família da mãe, um primo, que era padre em uma cidade do interior de São Paulo, quase os excomungou.

¹⁴² Os colaboradores do Centro Espírita Irmão Alfredo são instruídos a apresentarem suas “fichas pessoais” para avaliação espiritual uma vez por ano, em determinado mês, e realizar uma série de quatro passes, sendo um por semana, findo os quais são analisados pelo grupo de médiuns que realizam essa atividade. Essa providência irá determinar se o médium, após a análise do grupo mediúnico, possui condições espirituais de exercer a atividade no próximo período. Há casos em que a atividade é suspensa e o médium é orientado a fazer um tratamento espiritual em um dia diferente daquele em que ele exerce a sua atividade. Essa determinação decorre do fato de que, quando o colaborador for liberado para desenvolver sua atividade, mas precisa continuar em tratamento, não haverá conflito de dia ente o tratamento e a atividade.

Sua adesão ao espiritismo só foi ocorrer na sua juventude. Na sua infância e na pré-adolescência, acompanhava sua mãe às sessões espíritas, onde ela colaborava na FEESP. Participava como assistido nas sessões de passes, mas confessa que não tinha interesse em ir à Federação, mas sempre que podia, lia os livros que a mãe trazia para casa. “E assim eu fui crescendo...” Saturnino era sempre instado pela mãe para frequentar a FEESP, mas as suas atividades juvenis não lhe deixavam tempo para isso.

Quando eu fiquei moço, eu tive uma infância muito boa, uma mocidade muito boa, sabe? Eu trabalhava, tinha cargo! Quando mocinho eu trabalhava em uma firma de família, e eu jogava futebol, eu pescava, eu trabalhava no teatro amador, eu tive... nossa, eu não tinha tempo para nada.” Aí, respondia para a mãe: “Eu não vou perder tempo com isso.”

Um dia, aconteceu um acidente no jogo de futebol. Saturnino bateu a cabeça na cabeça de outro jogador e caiu no chão desacordado. Levado para o hospital, não conseguia recuperar os sentidos e entrou em pré-coma. Contava então com 18 anos. Relata que nesta situação, conheceu

...aquele túnel escuro que a turma fala. Eu participei dele. [...] é uma escuridão que você não calcula como ela é, porque ela é sobrenatural. E o silêncio é tão terrível que parece que faz barulho. Então você não vê e eu falava: “Como eu vou sair dessa?”. Aí eu vi que tinham uns outros (seres) meio brancos, falei “Bom, se é um anjo, eu estou no céu”. Era a enfermeira. Aí (vi que estava acordado) e me recuperei.¹⁴³

Percebeu que não enxergava com a vista esquerda. E a visão neste olho só se restabeleceu, depois de muitos anos. Outra sequela que teve foi na perna esquerda, ela “repuxava”, e exigiu bastante fisioterapia. A mãe sugeriu que ele fosse a um centro espírita agradecer a recuperação e fazer um tratamento espiritual. Naquela época, conta, (década de 1950) quase não havia centros espíritas. As sessões eram feitas nas residências, com orações e atendimento espiritual aos necessitados, sejam eles portadores de corpos físicos ou não. Sua mãe o levou a um centro espírita na região do Butantã (zona oeste de São Paulo) e o apresentou para a dirigente, “sempre tem

¹⁴³ Vários pesquisadores e autores espiritualistas relatam situações de quase-morte, quando a pessoa é declarada morta e, alguns minutos, horas ou dias depois, voltam a viver e, alguns relatam ter passado por um túnel, onde viam ao longe uma luz e caminhavam para ela. Os relatos são os mais variados e extensos, não cabendo, neste momento, um aprofundamento no assunto. Dentre outros, destacamos Peter Richelieu, *A viagem de uma alma* (1958); Gavin Frost e Yvonne Frost, *Viagem Astral* (1992); Rick Stack, *Viagem Astral, As aventuras fora do corpo* (1991); Robert Allen Monroe, *Viagens Além do Universo* (1985), Geraldo Medeiros Júnior, *Relatos de um Projetor Extrafísico* (1991) e, João Nunes Maia, pelo Espírito Lancelin, *Iniciação – Viagem Astral* (1987).

as dirigentes do centro, né?”, Dona Josélia. Ele recebeu tratamento e foi convidado para colaborar neste centro, atuando ao lado da dirigente que possuía, entre outras, a mediunidade de bilocação (quando o espírito sai do corpo, mantendo a consciência) e a de transporte (capacidade para trazer coisas externas à sessão, através da materialização e desmaterialização dos objetos¹⁴⁴. Foi nesse centro, através da prática semanal, que Saturnino iniciou o seu desenvolvimento espiritual, sem qualquer estudo teórico.

Saturnino permaneceu neste centro durante trinta e seis anos. Sua esposa, que também frequentava o local, depois de certo tempo, decidiu procurar outro centro, onde houvesse estudos espíritas. Ficou sabendo que mais perto de sua casa existia o Centro Espírita Irmão Alfredo – CEIA e foi conhecer. Gostou do local e o casal passou a frequentar este novo local. Na entrevista inicial, foram encaminhados para o tratamento espiritual e convidados a participar da Escola de Aprendizes do Evangelho e fazer todos os cursos disponíveis, em função dos conhecimentos práticos que já possuíam. Por essa forma de aprendizado mediúnico, primeiro a prática e depois a teoria, Saturnino se considera um espírita “tacanho”, simples e hoje se sente feliz pelo aprendizado teórico que recebeu. Considera esse centro como um primor de organização, com excelentes cursos e todos gratuitos “por que tem centro que paga para o professor ministrar aulas de espiritismo e cobra por isso”. Sua dedicação e sua evolução nos estudos permitiram que logo ele começasse a colaborar como voluntário nas atividades espíritas do CEIA. Vai ao centro regularmente por dois dias na semana e, eventualmente, aos sábados, quando convidado. Sua sensibilidade mediúnica é intuitiva, com ênfase nas preleções evangélicas e no trabalho mediúnico de psicofonia.

Acredita que o aprendizado somente pela prática não traz esclarecimento e conhecimento, além de contribuir para acontecer o animismo prejudicial.¹⁴⁵ Narra duas

¹⁴⁴ Essas “capacidades” estão descritas por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, (Kardec, 2010-A), respectivamente em Cap. VII, *Bicorporeidade e Transfiguração* e, Cap. V, *Manifestações Físicas Espontâneas – O Fenômeno do Transporte*.

¹⁴⁵ Animismo, é um fenômeno natural do ser humano, entendendo-se como tal, a expressão do próprio médium, sem a necessária interferência do espírito comunicante. Em <http://www.febnet.org.br/blog/geral/colonistas/mediunismo-e-animismo/> encontra-se: “Frequentemente, pessoas encarnadas [...] são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, *na realidade*, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam. (Destaque meu).

situações diferentes, mas ligadas ao espiritismo anímico. A primeira foi uma situação de querer servir, porém a base de apoio carecia de conhecimento sólido espiritual:

Havia um cidadão que ia lá (no centro) e a mulher dele tinha problemas mentais. Aliás, muito problema mediúnico. Então a gente dava passe nela... um belo dia, ele fala para mim, encontra comigo na sessão, ele disse assim: “Ludovico, eu vou abrir um centro. O que você acha?”, eu falei: “Você vai abrir um centro? “É, por que a minha esposa recebe Emmanuel”¹⁴⁶. Sabe o que eu falei para ele? “Eu acho que não é o Emmanuel não...” (Editado a pedido do entrevistado)

Acrescenta que espíritos mais “evoluídos moralmente” não se dispõem em locais que não sejam, notadamente, evoluídos espiritualmente. A segunda situação foi de conhecimento anímico aplicado como se fosse orientação espiritual:

Estava em uma sessão espírita e a pessoa começou a fazer a preleção e contava uma história, quando um rapaz, no meio da sessão espírita me cutucou dizendo: “Se nessa história entrar um cachorro, então é filme”. E não é que entrou um cachorro? O cara estava mistificando. Então não adianta inventar, que eu já vi tudo o que você tinha que imaginar. Que aquilo existe. Mas, esse espiritismo que existiu ainda existe. É o (espiritismo) falso. Eu não sei, será que é psicopatia? Sei lá, não sei como falar, mas a gente vê essa diferença. Então eu falei um dia lá nas aulas: “Olha, ser espírita hoje é uma beleza. No tempo da minha mãe, não digo que tinha perseguição, mas tinha alguma coisa que não achava que a gente era místico”. A minha mãe tinha apelido, “Maria Espiriteira” e eu, no campo de futebol era o “Feiticeiro”, na escalação vinha “Feiticeiro”, não vinha Saturnino.

Questionado acerca desse tratamento (hoje conhecido por *bullying*¹⁴⁷) que recebia, informou que não se sentia constrangido. Às vezes ficava triste por causa da mãe, mas por ele não. Quando ocorria alguma “chacota” pensava,

Puxa vida, como é que uma pessoa pode pensar...? Algum amigo que falava “Você vai morrer e vai puxar perna dos outros” e eu dizia: “Toma cuidado porque aí eu puxo”. “Eu brincava também. E, no jogo de futebol eu falava: “Se não botar o ‘Feiticeiro’ (prá jogar), eu vou arrumar confusão!” Essas brincadeiras... Mas graças a Deus, passou. Conta que sua mãe sempre o orientava para não dar atenção para essas pessoas. “Ela falava que a pessoa não sabia o que faz e dizia: “Jesus chegou na cruz, antes da cruz lá no alto e falou ‘Pai, perdoalhes, porque não sabem o que fazem’. Para você é só um falatório, deixa o barco correr...”

¹⁴⁶ Emmanuel ficou conhecido no espiritismo kardecista brasileiro como o mentor espiritual de Francisco Cândido Xavier, sendo considerado como evangelizador pelo conteúdo de seus livros doutrinários.

¹⁴⁷ O “*bullying*” corresponde à prática de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada vítima. Em outros termos, significa todo tipo de tortura física ou verbal que atormenta muitas vítimas no Brasil e no mundo. O termo em inglês “*bullying*” é derivado da palavra “*bully*” (tirano, brutal). Fonte: <https://www.todamateria.com.br/bullying/-Sociologia>.

Narra também que encontrou dificuldade profissional pelo fato de se declarar espírita. Relembrando situações narrou o seguinte fato:

Havia perseguições sim. Antigamente, para entrar em uma empresa, você preenchia ficha para emprego e, embaixo, todas elas colocavam: “Religião”. E eu vou até falar, vou até citar o nome da firma, chamava *Isnard* (antiga loja de departamentos de São Paulo). Tinha um rapaz que trabalhava lá e eu estava desempregado e ele me falou: ‘Eu trouxe a ficha, você preenche embaixo, põe que é católico’, eu na hora de pôr, falei “Não”, peguei e pus “Espírita”. Ele me perguntou: “E aí?” (Respondeu) “Não consegui o emprego. A gente não era perseguida, era marginalizado.”

Houve situação oposta também. Conta que trabalhando em uma empresa especializada em vidros automotivos, o dono da firma, quando recebia vendedores que sabia serem espíritas, apontava para Saturnino e dizia: “Sabe? O Saturnino é espírita!” Pessoas que trabalhavam com ele nessa empresa vinham conversar com ele sobre espiritismo e pedir ajuda para familiares e ele orientava: “Leva lá no centro espírita para tomar passes”. Outras situações que ocorriam, narra, envolviam frequentar centros espíritas escondidos dos vizinhos, na década de 70 do século passado. Porque as pessoas iam na sessão espírita e aí quando se fazia a reunião em casa de família, várias vezes a pessoa passava na frente da casa e demorava a entrar. Quando entrava dizia: “Eu demorei porque tinham uns vizinhos na porta, eu passei agachada para eles não verem que eu vinha na sessão espírita”.

E por fim, conta uma situação que o deixou bem entristecido. Quando estudava e jogava bola no colégio católico (Colégio Dante Alighieri), não podia se declarar espírita. Um dia, algum “colega” do esporte que sabia que ele era espírita, foi falar para o padre que ele era espírita e ia na missa. O colégio era administrado pela Congregação Mariana, da Igreja Católica e, na parte esportiva, quem não fosse católico não podia jogar futebol. O padre o chamou e:

Não falou muito rígido nem nada: “Então você não pode mais jogar porque você é espírita.” Eu falei: “Mas qual é a relação disso?” E o padre: “Não, não pode”, “Tá bom”. Fiquei triste e tal. Aí falei para a minha mãe e ele me disse: “Mas meu filho, você é espírita e está jogando em um time chamado Congregação Mariana. É Maria, mãe de Jesus! Naturalmente, você não pode ser aceito!”. E eu não me ‘toquei’, juro que eu pensei que era Mariana mesmo, não era Maria. Mas eu vou te contar uma coisa, depois que eu assumi que eu era espírita, depois que eu assumi minha mediunidade, jamais eu neguei a minha condição de espírita.

Quanto a ir em outras religiões, Saturnino afirma conhecer um pouco a Umbanda, porque tem um parente que frequenta um centro de Umbanda, muito

grande, que possui escola de médiuns. Chegou a ir algumas vezes, porque lá, na semana, há um “dia de kardecista”, onde as obras de Kardec são discutidas. Não consegue se “afinar” com a Umbanda por causa do “batuque”. “A gente está acostumada a se concentrar no silêncio e os umbandistas se concentram com o ‘barulho’. É diferente.” Disse também que foi em um batizado na Igreja Anglicana e gostou da homilia que o padre (sic) fez. Indagado qual religião não frequentaria em hipótese alguma, informou que “com certeza o catolicismo não seria.” E citou várias razões: primeiro por que o padre do colégio o retirou do time de futebol quando soube que ele era espírita e, além de fazer isso, o padre bebia: “Eu sempre via ele na padaria, um envelopinho, comprando pão, mas lá dentro tinha uma garrafinha”. Outra coisa com a qual não concorda é com o luxo existente nesta religião, é

muito luxo, muita pompa para uma religiosidade. Eles falam de humildade, de Jesus humilde e o cara vem todo de ouro. Para mim não combina. Mas eu não tenho nada com isso, não vou falar nada, não tem problema nenhum. Se alguém disser para mim: “Saturnino, eu preciso que você me acompanhe até uma missa, eu vou”.

E, ainda tinha o padre primo-irmão da mãe, que era muito rico e tinha um filho. Afirma também que não seria evangélico por que é “o meu Deus é isso e tem que ser assim, do outro jeito não é, não pode ser assim”. Então,

talvez (a religião) tenha caído um pouco (sic) pelo pedido constante de contribuição do dízimo.” (Sou favorável a seguir um) Mahatma Gandhi, alguma coisa indiana, um (Paramahansa) Yogananda, alguma coisa nesse sentido, mas é de... auto superação, de autoconhecimento, sabe? Uma coisa assim, superior. Não ficar ajoelhado e falando “me ajuda, me ajuda”. Sem dúvida alguma”.

Saturnino vê semelhanças entre as evangélicas. “Eu não me atreveria a responder, porque eu não ligo muito para isso. Eu acho que elas têm muita similitude.”

Tem umas que se “avantajam” (e avançam) mais pelos pastores serem mais inteligentes, de mais oratória, ter mais condição, então tem poder aquisitivo, poder econômico mais forte. A única coisa que eu acho, que eles fazem pouca caridade, com tudo que arrecada. Eles fazem templos, fazem casas. E uma vez, eu escutei um pastor falar, teve um caso de enchente em uma cidade da grande São Paulo Então perguntaram para um pastor aqui, que não interessa o nome, “Vocês não ajudam?”, e o pastor respondeu “O governo já tem a obrigação de ajudar...”. Eu vejo pessoas que deixam o dinheiro do pão, o dinheiro do transporte e dá lá o dinheiro. Agora, você tirar isso deles? Minha mãe falava assim: “Pessoa que vai lá e faz isso está com medo de morrer, está com medo de Deus”.

Aí fala: “Eu sou temente a Deus”. O meu Deus? Eu não tenho medo dele.”

Questionado sobre os trabalhos nas salas dos centros espíritas e sobre os procedimentos dos voluntários companheiros durante as sessões, afirmou que o animismo o incomodou, antes de chegar (ao centro da) Aliança e que, na sua opinião, causa dissabor à doutrina espírita. Menciona o caso de uma senhora que conheceu, que sempre falava as mesmas coisas, na mesma pontuação, no mesmo ritmo. Na sua opinião, o que ela transmitia não era mensagem espiritual, era animismo. Afirma ainda, que “todas as religiões são boas, têm o seu conceito, o problema (delas) é o religioso”. Saturnino não se vê em outra religião que não seja a espírita kardecista. Por que? Por que, na sua opinião, ela ajuda a entender sobre espiritualidade. “Quer entender espiritismo? Leia Kardec! Quer saber de alguma coisa sobre espiritismo? Leia Kardec!

8.10 Entrevista 10 - Valter

(O Evangélico diz) Eu estou salvo, e você não. Eu sou filho de Deus, e você não é. Eu vou para o céu e você vai para o inferno. Valter

Valter tem 72 anos, casado, foi auxiliar administrativo e hoje é cabeleireiro profissional atuando em estabelecimento próprio; sua instrução foi até o segundo grau, atual ensino médio. Frequenta o espiritismo kardecista desde 1985 (há 33 anos). Pernambucano do município de Paulista, conta que tem uma formação católica, por força da orientação de seus avós. Os pais eram também católicos, “como era e é comum no nordeste brasileiro”, sendo a mãe mais participativa que o pai. Seus avós eram integrantes da Terceira Ordem, da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, de Paulista - PE. Essa ordem participava de algumas missas e de cerimônias católicas, principalmente nas procissões. Seus participantes “se vestiam com um hábito muito parecido com o hábito de São Francisco. Um hábito marrom, uma veste marrom, com uma corda, tipo de uma corda amarrada na cintura...”. Havia outras congregações como as “Filhas de Maria”, com a participação exclusiva de mulheres, cuja representação era através de uma fita vermelha larga no pescoço, com uma medalha; e a Congregação Mariana, que acolhia os homens, “porque o homem não podia... logicamente não podia ser da parte das Filhas de Maria”, que usavam uma fita azul. A missa que seus pais frequentavam era a primeira do dia, às cinco horas.

“Inclusive, eu ia junto. Às vezes o galo estava ainda dormindo e a gente já tinha de estar levantando para ir para a missa.”

Isso aconteceu quando Valter tinha cerca de dez anos. Paulista era uma cidade operária por conta das fábricas de tecido que ali se instalaram. A economia da cidade era movimentada pelas tecelagens, e a maioria da sua população estava empregada nessas empresas. Além das congregações católicas internas da igreja, havia uma organização de jovens ligada à Igreja Católica, mas com sede própria fora da instituição. Tratava-se da Juventude Operária Católica, ou JOC. Esse grupo era composto por jovens (J), operários (O) e católicos (C) e ele foi convidado a participar, ainda que da sigla, só tivesse o “J”, de “jovem”, pois não era operário e nem frequentador assíduo da Igreja Católica, indo de vez em quando. O grupo se identificava através de um pequeno broche, sem iconografia católica, onde se lia as palavras JOC. Apesar do nome Juventude Operária Católica, o grupo não desenvolvia nem se envolvia com qualquer atividade política, com movimento estudantil, ou com movimentos grevistas ou reivindicatórios e, segundo Valter, nem eram tão praticantes das atividades católicas. O espaço físico era mais voltado para o lado lúdico, com jogos de salão – como dama, dominó, pingue-pongue (tênis de mesa), entre outros.

Naquela época, o consentimento dos pais para a prática de atividades externas ao lar ou para a participação em grupos de pessoas era uma necessidade imperativa. Então, Valter foi pedir a autorização de seu pai. “Pai, eu posso ser do JOC?”, Ele falou assim: “Você não vai ser jóquei, você não vai ser cavalo, você não vai ser coisíssima nenhuma”. (Risos). Relata que na época havia umas “podas” e se existiam no lado religioso, podia se pensar nas podas que haviam em outras áreas das relações humanas. Quando tinha cerca de treze anos, seu pai faleceu e Valter percebeu que teria mais liberdade e procurou a JOC. Havia uma avaliação para a admissão dos jovens e ele foi aprovado. Às vezes, o padre convocava os integrados da JOC para participar das missas e durante a celebração ficavam todos no altar. As mulheres de um lado, com saia azul marinho e camisa branca e os homens de outro lado, com calça azul marinho e camisas brancas. Todos com o “brochinho” da JOC. Quando começou a estudar à noite e logo a trabalhar durante o dia, já não sobrava tempo de frequentar a JOC e foi se desligando aos poucos. Logo foi estudar em Recife - PE e as idas à Igreja se reduziram mais ainda. A ligação com a Igreja só continuou porque o avô era muito rigoroso com a frequência à missa e sempre insistia para que ele fosse também.

Mesmo deixando de frequentar a igreja, Valter sempre se considerou “meio” místico e, sempre lia a Bíblia. Muitas vezes conversava com vizinhos e amigos “crentes”, por que naquela época “não se falava evangélico, falava crente”, e quando não conhecia a interpretação do amigo “crente”, buscava fazer a sua exegese do texto bíblico. Naquela época, as igrejas que se destacavam na cidade eram a Igreja Batista, a Igreja Assembleia de Deus, e a Igreja Deus é Amor. Muitos vizinhos e amigos seus eram evangélicos e nas conversas que mantinha com eles, foi ampliando o seu entendimento bíblico. Houve assim, um afastamento da Igreja, mas não da busca do conhecimento religioso. Desempregado, decidiu vir para São Paulo (por volta de 1969) pensando: “no meu primeiro salário eu compro uma Bíblia.” Logo começou a trabalhar em uma empresa de aço em São Caetano e o seu gerente era um ex-padre. Mesmo não indo à Igreja, mas tendo um supervisor católico, a aquisição de conhecimento religioso ia fluindo. Hoje, tem várias Bíblias, com várias traduções e sempre que pode, compara os textos, lendo outras interpretações.¹⁴⁸ Quando decidiu se casar, ele e a esposa optaram por não fazer uma cerimônia religiosa, entendendo que o casamento civil seria suficiente para oficializar a união conjugal. Quando soube disso, o seu gerente o chamou e exigiu que ele se casasse na Igreja. Preferindo não se comprometer, não por medo de qualquer retaliação patronal, mas para não desagradar, casou-se na Igreja, numa cerimônia simples, com pouquíssimos convidados.

Com o passar do tempo, por volta do início dos anos oitenta (1980), vieram algumas pessoas trabalhar com ele, na mesma empresa e elas eram espíritas. Conversando com eles sobre religião, Valter ia ouvindo outras perspectivas, ainda que a sua formação católica e bíblica o levasse a contestar muita coisa do que ouvia. Certo dia, uma dessas pessoas lhe disse: “Valter, nós vamos te dar um livro espírita para tu ler”. “Eu sempre li muito. Eu nunca fui muito de estudar, na realidade, para a vida prática. Mas assim, livros, eu sempre fui muito ligado à leitura. Talvez eles tivessem errado na escolha do livro que me deram: o *Nosso Lar*¹⁴⁹.” Quando terminou o livro, ao devolver, criticou o conteúdo citando que parecia uma obra de Júlio Verne, “era

¹⁴⁸ Num determinado momento da entrevista, Valter cita o Salmo 23 integralmente memorizado, alertando que essa formulação está de acordo com a Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, versão muito utilizada pelos evangélicos.

¹⁴⁹ *Nosso Lar* é uma obra mediúnica psicografada por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito André Luiz, sendo o primeiro livro de uma série de dezesseis volumes, narrando de forma romaneada, mas doutrinária, a vida na outra dimensão, em uma Colônia (cidade) espiritual chamada Nosso Lar.

pura fantasia. Isso é pura ficção científica.” Eles não discutiram e logo retornaram ao assunto dizendo: “Nós vamos te emprestar outro livro.” E me trouxeram *O Livro dos Espíritos*. Como bom leitor, li o livro todo. E ao final, “acendeu uma luz: Epal!”.

Porque já tinha uma coisa que, de qualquer forma, eu não tinha conversado com eles, mas intimamente eu me perguntava, porque eu pensava assim, “olha eu não consegui até hoje achar resposta para determinadas coisas da vida”. Eu falei: “A justiça divina, essa história de por exemplo o camarada nascer rico e o outro nascer pobre, um camarada nasce doente o outro nasce com tanta saúde, eu falei que brincadeira é essa que nasci um ‘cabeça chata’ de um nordestino e porque Deus não me fez nascer pelo menos nos Estados Unidos em uma situação melhor? (Risos). Que gozação é essa?”. [...]

Aí eu falei assim: “Caramba, esse livro aqui é diferente. Esse livro começou a me trazer algumas respostas”. Eu falei: “Eu gostei dessa... essa brincadeirinha aqui já me agradou um pouco mais. Isso aqui já tinha um esclarecimento melhor”. Aí cheguei para esse pessoal e falei assim: “Olha, achei interessante, eu gostei desse. Aquele outro livro era ficção, mas esse aqui a história já é outra. Ele é de perguntas e respostas, mas ele esclarece muitas coisas. Eu preciso conhecer um pouco melhor isso daqui, e eu vou conhecer, agora que me interessou eu vou atrás”.

A partir daí seu interesse pelo espiritismo kardecista passou a nortear a sua vida, fazendo que buscasse maiores informações sobre a doutrina em centros espíritas. Frequentou o Centro Espírita Irmã Clara¹⁵⁰, em São Caetano do Sul - SP, e logo iniciou o curso na Escola de Aprendizes do Evangelho. Certo dia, conta, foi informado que um tal de Jerônimo iria fazer uma palestra no centro espírita e que essa palestra seria concorridíssima: quem não chegasse cedo, não teria lugar para sentar e talvez não pudesse entrar no auditório. Segundo Valter, o auditório era imenso.

No dia que tinha essa palestra do Jerônimo, que eu não conhecia, “estão falando muito, vou eu ver”. Aí cheguei lá era bem cedinho, tinham talvez umas dez pessoas na minha frente. Aí entrei e foi a hora de começar, tudo lotado, um auditório enorme, lá vem o pessoal com uma cama com roda, com ele deitado, inclusive tem um livro que se chama *O gigante deitado*.¹⁵¹

Aí ele deitado, com o negócio de soro, uma enfermeira acompanhando, colocaram ele lá. Ele completamente inválido, deitado, só conseguia falar. Só que ele tinha, aqui no interior de São Paulo, ele mantinha um centro espírita com assistência às crianças abandonadas, ou algo mais ou menos assim, não tenho muita certeza, mas eu sei que o trabalho de Jerônimo no interior de São Paulo, uma cidade aqui do interior, é um trabalho muito grande. Então por eu já ter um pouco esse lado místico, quando o Jerônimo começou a falar e ele desse jeito e eu olhando e prestando atenção no homem falando e trazendo assim, aquela lição de otimismo. Mas olha, eu quase que me

¹⁵⁰ O Centro Espírita Irmã Clara é afiliado à Federação Espírita do Estado de São Paulo – FEESP.

¹⁵¹ *O Gigante Deitado*, Vida e Obra de Jerônimo Mendonça, de Jane Martins Vilela, Casa Editora O Clarim, Matão - SP

abaixo na cadeira e falei: “Pelo amor de Deus, eu estou com vergonha de mim mesmo. O que esse homem está falando aí, o camarada só fala, ele não...”, até na época ele falou assim: “Se uma mosca sentar no meu rosto, eu não tenho condição de tirar, alguém tem que tirar, não eu”. Eu falei: “Nossa, eu estou com vergonha. Eu estou com vergonha. Está me agradando essa religião, eu vou fazer a escola”. Aí comecei a fazer a Escola de Aprendizes do Evangelho, nessa época, mais ou menos 1983, 84.

Logo percebeu que o centro era muito grande e o curso oferecido era muito longo. Foi-lhe indicado pelas pessoas de seu trabalho, um outro centro menor, em São Bernardo do Campo - SP (não cita o nome), também ligado à FEESP. Certo dia presenciou uma discussão entre os diretores desse centro e Valter entendeu que não devia ficar lá. Recebeu uma indicação de ir a outro centro em Rudge Ramos - SP, o Centro Espírita Obreiros do Senhor, de dimensões maiores que o (centro) Irmã Clara. Nesse centro ia com a esposa e com um filho que tinha um problema de saúde. Logo, um dos diretores do centro o convocou para colaborar nas sessões, em atividades que prescindiam de conhecimento doutrinário. Depois de certo tempo, afastou-se desse centro também. “Eu tenho essas ilhas onde eu me afastei de tudo. Aí depois eu estava bem afastado, foi quando o meu filho faleceu, ele tinha 16 anos. O dia que meu filho faleceu, nossa aquilo foi para mim uma surpresa enorme. Então o que eu fiz?”

Quando eu recebi a notícia, minha filha Paula me ligou: “Pai, o Fernando morreu”. Aquilo foi um choque tremendo. Aí no outro dia fui, ele foi enterrado aqui no (Cemitério) São Luiz, mas eu estava tão derrubado, tão derrubado, quando eu cheguei em casa à tarde, depois do enterro, eu falei: “Hoje eu não aguento. Eu preciso tomar um passe, eu preciso ir em algum lugar. Fazia muitos anos que eu estava afastado do Espiritismo. Aí eu fui nesse lugar que hoje eu nem saberia ir, um lugar que se chama Casa Transitória de Fabiano.

Se antes a busca nos centros espíritas era para conhecimento, o seu retorno, desta vez, foi impingido pela dor da perda. Frequentando esse centro durante certo tempo, Valter decidiu fazer o curso, mas logo percebeu que o curso também era longo demais para ele. Foi quando alguém lhe indicou o Centro Espírita Luz da Esperança – o Luz. Ainda indeciso, pois não havia sentido simpatia pela instituição, foi convidado para fazer o curso da Escola de Aprendizes do Evangelho, não assistiu à primeira aula. Na segunda aula decidiu ir. Lá chegando, percebeu que as cadeiras estavam dispostas em círculo e como era muito tímido, aquilo mexeu com ele. Toda vez que fosse falar, todos estaria olhando para ele.

“Caramba, é o camarada falar alguma coisa e todo mundo já presta atenção”, e eu nunca gostei, nesse tempo eu não queria nem que uma

pessoa prestasse atenção no que eu estava falando. Ao chegar, “Boa noite, pessoal.” Nossa, Deus me livre.” Eu falei: “Nossa, esse negócio em círculo não vai dar certo para mim”.

Com o decorrer das aulas, decidiu usar aquele formato para vencer a sua timidez e se propôs a fazer uma pergunta em todas as aulas. “Um dia eu estava assim com os óculos e eu senti que o meu rosto ficou tão quente que os óculos “enfumaçaram”. Eu tive que tirar os óculos que eu não estava enxergando nada.” E, com essa técnica, Valter foi vencendo a timidez. Fez todos os cursos que o Luz ofereceu, começou a fazer as preleções evangélicas nos dias de assistência espiritual, ainda que nas primeiras vezes, o fizesse cheio de temores.

Colaborou em salas de passes, salas de tratamento mediúnico, foi dirigente de Escola de Aprendizes do Evangelho, coordenou atividades mediúnicas e foi assistente (dirigente) dos trabalhos em dias de assistência espiritual à comunidade. As preleções evangélicas, no entanto, eram as atividades que mais sentia prazer em apresentar. Logo, passou a atuar em outro centro espírita, o Seara de Luz, por ser mais perto de sua casa. Desenvolvia atividades às terças, quartas, quintas e sextas-feiras. E, às sextas feiras, sendo dirigente da noite, tinha mais reponsabilidades em organizar os trabalhos, o que fazia com que se dedicasse mais. Adepto da organização prévia, Valter costuma recusar convites para atividades que não foram programadas com antecedência, detestando as situações de improviso.

Apresenta várias situações de crítica às situações de discriminação que percebe, no trato com os seus companheiros de mediunidade. Uma delas, é o que talvez se possa chamar de “centrismo”. Conta que em uma confraternização de “amigo secreto” no Seara, a pessoa que o escolheu, mediante sorteio, deu-lhe um livro. Mas ao entregar o presente disse: “Olha, a pessoa que eu tirei veio de outro centro...” Deu-lhe a impressão de ser um estranho naquele lugar, uma sensação de não pertencimento. De outra feita, uma de suas alunas na Escola de Aprendizes do Evangelho estava sendo cogitada para colaborar como secretária em uma turma de EAE que se iniciava e, a dirigente dessa nova turma, perguntou-lhe se conhecia a pessoa. Diante da resposta, a futura dirigente disse que encaminharia a ficha (caderneta pessoal) para certa pessoa analisar. “Oras, disse Valter, se eu sou o dirigente da provável colaboradora, por que não passar para mim?” Essa mesma dirigente lhe perguntou certa vez: “Valter, você dá aulas?” Se essa pessoa viu a caderneta de uma aluna dele e, se ele foi dirigente de turma, claro que ele dava aula.

Mas, respondeu que “estou estudando um pouco, no dia que eu aprender alguma coisa, eu dou uma aula na sua turma. Deixa eu estudar primeiro, eu estou aprendendo”. Em outra situação, afirma que, pessoas que o secretariaram quando ele era dirigente de turma, e que hoje já dirigem outras turmas, nunca se lembraram dele para expor aulas nessas novas turmas. Declara que não se sente magoado com isso, e talvez nem se sinta preparado para expor aulas, mas a ausência da lembrança ou do convite, parece incomodar um pouco.

A falta de definição prévia dos temas a serem expostos nos dias de atendimento espiritual é um motivo de crítica de sua parte. Temas definidos com antecedência permitem ao expositor se preparar para que a mensagem evangélica seja transmitida com maior clareza e competência. Como exerce atividade em dois centros espíritas, Valter se ressentido de atuar em um centro onde essa prática não seja adotada. A supressão de oferta de atividades espirituais aos assistidos é outro motivo de crítica. Conta que, certa feita, uma atividade denominada “sessão doutrinária”, foi suprimida em um centro por falta de voluntários para o trabalho. Entendeu ele que, na realidade a supressão da atividade ocorreu por falta de “otimização” nos trabalhos. Segundo ele, o mesmo médium que apresentaria a sessão, poderia encerrar um pouco mais cedo e ser voluntário, também nas salas de passes. Essa proposta gerou fortes polêmicas nas reuniões onde foi discutida, mas acabou sendo aprovada e alguns trabalhos suspensos voltaram a ser oferecidos. Afirma não tolerar quando ocorrem situações de imposição de ideia unilateral.

Depois você vê que como, mesmo dentro de centros espíritas, uma das coisas que eu olho, e isso é aqui e é em qualquer lugar, é que tem pessoas que se enquadram dentro de determinadas coisas. Eu lembro que ele não deixa nunca de querer que a opinião dele seja a última palavra. E essas coisas eu não concordo nem aqui, nem lá, nem em lugar nenhum.”

Pode-se dizer que Valter não tolera mesmo, dada a veemência com que isso foi dito.

Quanto a frequentar outras religiões, além das mencionadas, Valter conta nunca ter ido como frequentador, mas que já foi em algumas igrejas evangélicas como Assembleia de Deus e a Deus é Amor. Questionado se não fosse espírita, qual religião frequentaria, declarou que tem atração pela Umbanda. Mais especificamente pelos rituais da Umbanda. “Mas eu acho assim, aquilo bonito. Acho o ritual dos batuques. Eles, os batuques, me atraem. Acho que se eu estivesse pensando em um ambiente, não voltado para o lado de magia negra, não enquadraria dentro disso, porque aí

estaria fazendo o mal”. Questionado se achava que na Umbanda havia magia negra, declara:

Eu acho que tem, não sei se a Umbanda. Porque como eu não conheço muito ela, para dizer se é o Candomblé, qual é desses cultos afros, qual é a que tem a magia negra. Mas nesses trabalhos que fazem para prejudicar a pessoa. Aí nisso eu nunca me enquadraria, porque eu sei que ali eu iria encontrar espíritos não evoluídos. Aí, já com o conhecimento que eu tenho, como é que eu faria uma coisa dessas, né? Eu estaria regredindo. Mas se fosse uma coisa para o bem, aí eu acho que eu até iria, se eu hoje sáísse do Espiritismo. Mas pode ser também que eu não me ligasse a nada. Eu sempre pensei em não me ligar a nada.

E acrescenta:

Eu sei que tudo isso hoje está ligado à vida e não ligado à religião. Então se dissesse assim: “Valter, mas você se afastou do Luz. Você não está sentindo, na sua consciência, um peso em você se afastar?” Eu diria com toda a tranquilidade que não, eu não me preocuparia de sair daqui e não vir mais aqui na casa, se eu achar uma coisa que não me agrade aqui, eu não me preocupo de deixar. É melhor que eu não esteja do que eu vir me desagradando. Porque eu sei que minha vida, em termos de tudo aquilo que eu preciso fazer da minha vida, está lá fora e não aqui dentro. Porque aqui eu posso chegar e “Ah, o Valter faz uma boa preleção”, mas quem de fato é o Valter? Como é que está o Valter, na vida dele, em casa, com a família, dentro do respeito que eu tenha com as outras pessoas... a religião é lá. Aqui eu coloco uma máscara de religioso, posso colocar essa máscara aqui...

Questionado em qual religião não iria, Valter diz que não iria em algumas religiões por questão de preconceito. Para ele, o evangélico

Se coloca dentro daquela condição de dizer assim: “Eu estou salvo, você não. Eu sou filho de Deus, você não é. Eu vou para o céu e você vai para o inferno” [...] por exemplo, a (Igreja) Deus é Amor... Ela é muito preconceituosa dentro dos padrões de regimento interno dela, que isso eu sei, assim, de determinadas coisas que parecem que todas as outras estão erradas. Então quando eu vejo qualquer coisa que forma uma determinada linha de preconceito, “ah, eu estou salvo porque eu frequento uma igreja, então eu estou salvo”, eu inclusive hoje, estou dentro de uma condição de dizer assim que eu não venho aqui para adquirir coisíssima nenhuma. Se eu tiver de frequentar, é porque eu estou gostando e se eu não tiver gostando, eu não venho porque para mim é indiferente isso daí. Porque eu não venho afim de dizer assim: “Ah, eu tenho de vir no Centro porque eu não quero ir para o umbral, eu tenho que trabalhar aqui porque eu vou adquirir a condição, em cima do meu trabalho, para ter uma condição espiritual melhor”. Não! Porque eu vou adquirir uma condição espiritual melhor quando eu me melhorar. Não é aqui dentro da casa. É através das minhas boas obras, em termos daquilo que Jesus falava, que eu vou colher meus frutos, não vai ser aqui (no centro espírita).

Valter conclui a entrevista citando o livro *A Vida Além da Sepultura*, psicografia do médium Hercílio Maes, onde o autor espiritual Ramatis¹⁵², convida Atanagildo, um espírito que teve sua última encarnação no Brasil, a falar sobre religiões e ele afirma que “conhecia muitas religiões, mas que ele não era ligado à nenhuma, ele era ligado a um conhecimento, a uma forma de conhecimento onde a pessoa [...] pode se preparar para essas mudanças”, e o “espiritismo me trouxe essa noção daquilo que eu tenho que saber e o que eu sou e reconheço ser ainda, inclusive em coisas que eu preciso me preparar melhor e me fortalecer, mas eu sei que tudo isso hoje está ligado à vida e não ligado à religião.”

8.11 Uma entrevista especial

A proposta desse trabalho previa realizar as entrevistas somente com colaboradores voluntários de centros espíritas kardecistas filiados à Aliança Espírita Evangélica e, em especial, apenas nos três centros espíritas mencionados. Todas as entrevistas programadas, em número de dez, foram realizadas de maneira satisfatória e esse trabalho, ouvindo as pessoas e buscando as situações de tolerância e de intolerância religiosa nos centros espíritas poderia ser considerado encerrado. Mas, no decorrer das pesquisas, surgiu um fato novo, ímpar e, talvez se possa dizer, muito interessante. A dúvida que se instalou foi se esse fato poderia contribuir para o que aqui se propunha. Analisadas as condições de conveniência e, a forma como o fato surgiu, acreditei que a inserção do evento neste trabalho não o prejudicaria, mas pelo contrário, traria um vigor maior, na medida em que, o depoimento obtido viria acrescer qualidade etnográfica ao que ora se apresenta.

Por intermédio de minha orientadora, Prof. Dra. Margarida Maria Moura, fui apresentado à uma senhora que havia sido secretária de Cairbar Schutel, um dos grandes espíritas kardecistas do Brasil. Hoje, próximo de completar 95 anos de idade, muito lúcida, extremamente amável e amorosa, Dona Adalgisa Antunes Rosito¹⁵³, conhecida pelos amigos como “Dona Ziza”, ou simplesmente “Ziza”, concedeu-me parcela importante de seu tempo, ao me receber em sua residência no bairro de

¹⁵² Aqui vemos o apoio da Aliança às obras de Ramatis, quando um colaborador voluntário menciona a leitura de sua obra. Tanto na Livraria da Aliança, como nas livrarias instaladas nos centros espíritas afiliados é possível encontrar obras desse autor espiritual.

¹⁵³ Esse é o nome real da entrevistada, mencionado neste trabalho sob sua expressa autorização. Seu nome e imagem, já citados em outros meios, fazem parte do acervo do Memorial Cairbar Schutel, em Matão. Apesar do sobrenome “Antunes” ser comum entre entrevistada e entrevistador, foi discutida a possibilidade de um parentesco próximo, logo descartado, dado o desconhecimento de ambos sobre as próprias genealogias.

Mirandópolis, em São Paulo, em três oportunidades. Nas duas primeiras vezes as conversas foram sobre amenidades e assuntos do cotidiano, até que lhe perguntei se concordaria em conceder uma entrevista falando de sua vida religiosa, de sua “iniciação” no espiritismo kardecista e sobre o espírita Cairbar Schutel. A qualidade deste depoimento, bem resumido, dado por uma testemunha ocular à época (1935-1938), não só sobre o espiritismo kardecista, mas sobre esse importante *persona*, vem ilustrar não só a legitimação do espiritismo, como adicionar mais uma perspectiva “independente e voluntária” sobre as escolhas religiosas e modo pela qual ocorrem.

Duvidar quem há de.
Adaptação ao poema de Luiz Guimarães,
citado por Dona Ziza.

Dona Ziza, ou “Ziza”, disse que “apesar da longevidade, tenho uma vida comum.” Nasceu em 1923 na Fazenda Palmares, que ficava a três quilômetros de Matão - SP, onde o pai era administrador. Foi a décima filha entre onze irmãos. Conta que naquela época, a vida era mais simples, mais pura, mais saudável. Afirma ter tido uma mãe amorosa e espírita desde cedo e, um pai maravilhoso “que não nos deixava faltar nada”. Pai que não era espírita, mas que veio a se tornar depois. Lembra que, quando perguntado pela esposa se ela havia ido ao centro espírita, o pai respondia: “Ela foi à Maçonaria!”. Cedo foi à escola, no Grupo Escolar de Matão, hoje, Escola Estadual José Inocêncio da Costa. Conta que às vezes ia para a escola a pé, outras vezes de charrete e outras a cavalo. Logo a família se muda para a cidade e a ida a escola fica facilitada. Conta que seu pai aprendeu a ler e a escrever sozinho e ensinou à sua mãe.

Seu pai foi juiz de paz no cartório de Matão e político ativo, filiado ao extinto PRP, Partido Republicano Paulista (extinto em 1937). Sua mãe sempre se dedicou a cuidar do lar e em especial dos filhos. Logo que concluiu o quarto ano, não havia como prosseguir os estudos em Matão, por que não havia outra escola e, o seu pai já custeava os estudos da irmã em São Carlos - SP – apesar de o estudo ser gratuito, havia as despesas de estada, alimentação e outras inerentes à atividade escolar –, e Ziza decidiu fazer um curso de secretariado em uma escola particular bem modesta da cidade. Nesse curso, entre outras orientações, aprendeu datilografia e taquigrafia, “a arte de escrever por sinais”. Na conclusão do curso, a professora pediu aos alunos que indicassem uma pessoa que pudesse fazer um discurso ou uma oração para os

alunos taquigrafarem e esse trabalho seria a prova de conclusão do curso. Conta que perguntou à professora se podia indicar o Sr. Schutel e a professora aceitou. Convidado, “ele atendeu prontamente por que ele não sabia dizer não para ninguém. Fosse qual fosse o assunto, ele estava sempre ajudando.”

O Sr. Schutel era, nada mais nada menos que Cairbar de Souza Schutel, um dos expoentes espíritas do Brasil, já citado neste trabalho. Ele foi político e primeiro prefeito de Matão - SP, cidade que ajudou a emancipar de Araraquara - SP. Também era farmacêutico, de cujo estabelecimento saiam medicamentos gratuitos para quem precisava, escritor, fundador e editor da revista e do jornal O Clarim e, da Revista Internacional do Espiritismo, editada até os dias de hoje, além de espírita atuante. Fundou também o “Centro Espírita Amantes da Pobreza”, nome que foi mudado após a sua morte, para “Centro Espírita O Clarim”, sob a alegação de que não existiam “amantes da pobreza”. Para o espírita kardecista, Cairbar Schutel e, para Dona Ziza, Sr. Schutel. Logo após a sua formatura, Ziza foi convidada pelo Sr. Schutel para trabalhar na redação de O Clarim, passando a conviver em ambiente mais espiritualizado, uma vez que na redação do jornal, se respirava espiritismo.

Ziza conta que sua crença no espiritismo começou cedo. Seu pai havia cedido uma casa na fazenda para um pai, cuja filha tinha desequilíbrio mental – “na época se dizia loucura” – e precisava de isolamento social, além de cuidados especiais. E essa jovem foi piorando, até que chamaram, sem que ela soubesse, um grupo de espíritas para orarem por ela nessa casa. Um dos integrantes desse grupo era o Sr. Schutel. Logo que a jovem avistou o grupo vindo pela estrada começou a balançar a cabeça para os lados, agitando os longos cabelos e a gritar: “Não quero o espiritismo, não quero o espiritismo...” Segundo Ziza, “ela não sabia quem eram, nem sabia que iam lá.” De outra feita, narra que na casa em que morava na fazenda, a família costumava ficar na varanda conversando, após o jantar. E, do nada, pedras eram atiradas nesta varanda, mas com dois interessantes detalhes: 1) jamais as pedras atingiram alguém e, 2) as pedras chegavam aquecidas, não importando a temperatura da noite. Nesta mesma varanda, certo dia, um casal de visitantes ingleses que estava hospedado na fazenda, participava da conversa e o marido presenciando o fato, pegou um capacete que havia sido utilizado pelo irmão de Ziza na guerra (Revolução Constitucionalista) de 1932, colocou-o na cabeça “e zombando ele falou: “Quero ver se alguém mexe comigo.” Quando ele falou isso, ele sentiu alguém bater no capacete e o capacete

caiu no chão. Então ó... só podia ser espírito.” Nunca descobriram de onde vinham essas pedras e atribuíram os fatos aos espíritos.

Conta também o caso que aconteceu com uma cunhada sua, professora, que estava passando uns dias na fazenda. Atrás da porta de entrada havia um telefone, daqueles antigos de parede, à manivela, e a sua cunhada falava com alguém, quando de repente gritou: “Me deram um beliscão!” Conclui Ziza “então, era alguém, ou brincadeira, sei lá né? E, por causa disso tudo é que eu comecei a me interessar pelo espiritismo...”. Não só se interessar, mas também a acreditar, não mais duvidar: “Eu tive provas tão lindas na minha vida... tem uma poesia que diz “Resistir quem há de”¹⁵⁴ e eu digo “Duvidar quem há de”, depois das provas que eu tive....”.

Trabalhando em O Clarim, passou a frequentar o Centro Espírita Amantes da Pobreza, que a sua mãe já frequentava e, passou a ter o próprio Sr. Schutel como seu orientador espiritual. Ziza esteve com o Sr. Schutel por cerca de quatro anos e em seguida veio para São Paulo. Aqui casou-se e constituiu família, tendo um casal de filhos e hoje já tem seis netos e quatro bisnetos. “Então, já está grande a família.” Seu marido, a princípio não aceitava o espiritismo, mas depois de passar por uma situação de debilidade física, acabou frequentando o centro espírita com ela.

Quanto à intolerância religiosa, Ziza afirma que não tem nada contra nenhuma “Eu costumo dizer prá todo mundo que... eu sou espírita, mas não condeno nenhuma religião, desde que tenha Deus acima de tudo, que acredite em Jesus, que pratique o bem. Se a religião agir assim eu não condeno, por que a gente pede pela união das religiões.” Menciona que, certa vez fez, a convite de uma amiga, um tratamento em um centro de Umbanda. Conta que seu marido estava com um problema de saúde e vivia com muitas dores. “Uma amiga nossa que era médium e tinha um centro, mas era de Umbanda. Ela nos chamou e foi feito um trabalho e nós recebemos uma graça, através de um espírito índio que se chamava Cacique Tupaíba. Eu tenho admiração por indígenas.”

Lembra, porém, que certa vez foi para uma casa de seu irmão na praia, em Bertioga - SP e, na casa vizinha à noite havia muito barulho

Eu ouvia um vozerio ou barulho, uma coisa esquisita e foi me dando um mal-estar e o meu irmão dizia: “É uma religião que faz esse barulho todo”. E me fez mal. E aquela noite (eu não tenho medo de nada) meu irmão disse: “Você vai dormir no nosso quarto.” Dele e da mulher dele. Eu me senti mal e meu irmão: “Você quer ir embora prá São Paulo?”

¹⁵⁴ Poesia de Luiz Guimarães, “*Visita a Casa Paterna*”.

Então eu acho que nós temos muita influência boa e influência ruim também. Ambiente ruim.

E, sobre ter passado por alguma situação de intolerância por ela ser espírita, afirma ter passado por uma situação assim. Narra que uma amiga que frequentava a sua casa, ia sempre acompanhada por outra mulher, amiga de sua amiga. Quando sua amiga faleceu, esta mulher amiga de sua amiga falecida, passou frequentar a sua casa, todos os dias. Certo dia, Ziza disse que era espírita e que frequentava um centro espírita. Nesta ocasião, Ziza presenteou a mulher com um objeto, colocando-o dentro de uma sacola. No dia seguinte, encontrou a sacola devolvida, no portão de sua casa. A mulher havia devolvido o presente e nunca mais veio em sua casa. Embora tenha se encontrado com ela em outras ocasiões, o assunto da devolução do presente não foi comentado. Ziza atribui a devolução do presente ao fato de ela ter se declarado espírita.

Ziza nunca fez cursos de espiritismo e não manifesta vontade de frequentar outra religião. Frequentou vários centros espíritas kardecistas em São Paulo, mas todos como assistida. Ouvia as preleções evangélicas, tomava passes e fazia tratamentos. Aprendeu a fazer o culto do evangelho no lar e o faz semanalmente. Diz que isso foi lhe pedido há muitos anos atrás. Afirma que ainda quer voltar a frequentar o centro espírita, “eu tenho vontade de voltar a frequentar, por que é uma força que a gente recebe e a gente foi deixando de ir por que, por negligência, fui deixando, estava tudo bem e, aqui na Rua Demóstenes (Seara Bendita) é ótimo e é perto. Mas eu acho que ainda volto...”.

9 Pontos e Contrapontos

A receptividade do pesquisador por parte dos entrevistados, em todas as situações, é algo que precisa ser sempre lembrada. A disposição, por parte dos entrevistados, em participar da pesquisa e deste trabalho se fez presente em todos e a todo instante. Não foi percebida qualquer indisposição, estranhamento ou impaciência, tanto para com o entrevistador, quanto para as questões colocadas. Houve sim, momentos de emoção, de ambas as partes, nos relatos vividos, onde vozes embargadas ou olhos marejados se apresentaram. Algumas recordações, felizes ou dolorosas, emergiram de tempos distantes, evocadas pelos esforços mnemônicos dos sujeitos, lembrando-os da necessidade de rever esses fantasmas. Outras situações revividas e resolvidas foram trazidas à baila com sentimentos de satisfação. Como mencionado, as pausas, reticências e os silêncios foram muito importantes na análise das entrevistas. Muitas vezes disseram mais que as falas, mais que os discursos. A minha perspectiva de que seria difícil para os entrevistados admitir sua intolerância para com outras religiões ou para com outros fiéis não se confirmou na realidade. As intolerâncias surgiram com naturalidade e os preconceitos admitidos como situações que necessitam de atenção. As tolerâncias também se fizeram presentes.

Os resultados obtidos através das entrevistas realizadas não podem ser entendidos como absolutos e sim, relativizados, em função do recorte realizado dentro do universo espírita kardecista. Os entrevistados e os centros escolhidos representam uma parcela mínima do espiritismo kardecista brasileiro, que embora tenham servido de embasamento para este trabalho, de forma alguma devem ser considerados como um demonstrativo irrefutável das realidades vividas nos centros espíritas. Os relatos aqui sintetizados refletem tão somente o discurso dos entrevistados e a análise, ainda que “de perto e de dentro”, carrega a subjetividade do pesquisador, por mais que este tenha procurado se manter “de fora e de longe”. Dentre as narrativas destaquei algumas afirmativas que denotaram a existência de intolerâncias vivenciadas pelos espíritas, mas ao mesmo tempo, contrabalançando essas existências com as inexistências declaradas.

Assim é que, enquanto as esposas de Adriano e Marcos e Maria Serena relataram situações onde evangélicos demonstraram intolerâncias para com o espiritismo kardecista, outros entrevistados, como Aline e Saturnino, mencionaram

terem vivenciado momentos de intolerância de representantes da Igreja Católica para com a religião que abraçaram. Outros ainda, como Beatriz, José Ribeiro, Nadir, Angélica e Walter, não mencionaram experiências desse tipo. Na situação inversa, quando os entrevistados declararam intolerâncias para com outras religiões, o destaque vai para as religiões de matriz africana. A Umbanda, o Candomblé e a Quimbanda foram religiões citadas nominalmente, e as causas principais foram o sacrifício de animais e a “possibilidade de fazer o mal para as pessoas”¹⁵⁵. Essas foram as posições de Beatriz, José Ribeiro e Nadir. Já Aline apresenta um pequeno “senão” – ainda que hilário – à Umbanda: “detesta a festa de Cosme e Damião”, ao ponto de não comer o doce maria-mole de jeito nenhum! Entretanto, ao contrário de Aline, Angélica sempre gostou de participar dessa festa e se diz “tranquila” com relação a essa religião. Embora Marcos afirme que pode ir, como já foi em oportunidade anterior, a um terreiro de Umbanda, isso para ele ainda é motivo de medo. As declarações de Adriano também vão no sentido de não se sentir bem nos ambientes das religiões de matriz africana, onde ainda se faz o uso do fumo e de bebidas alcólicas durante as sessões. Valter, entretanto, afirma que poderia vir a frequentar a Umbanda porque se sente atraído pelos seus rituais.

As igrejas evangélicas ou pentecostais também foram objeto de animosidade – se é que se pode usar esse termo – por parte de alguns entrevistados. Maria Serena, Aline, Marcos e Angélica declararam que em hipótese alguma frequentariam algumas dessas religiões. Seja pela pregação evangélica arcaica, baseada no Antigo Testamento, ou pelo excesso de coibições impostas aos fiéis; seja pela forma de arrecadação do dízimo; ou ainda pela “suposta superioridade religiosa ou pela posse única e exclusiva da verdade salvadora”: para estes, essas religiões possuem mais repelentes que atrativos. Mas o fator que aglutinou todos os entrevistados foi a rejeição a estas igrejas. Embora todos concordem que possam frequentá-las enquanto convidados, a possibilidade de virem a adotá-las na qualidade de fiéis foi, de maneira unânime, rechaçada. Alguns fatos ocorridos nas relações com os evangélicos se apresentaram como cruciais. O primeiro foi o preconceito exalado pelos familiares agregados – como sogros e sogras, cunhadas e até parentes diretos como avô ou avós e, maridos e esposas. Já é difícil aceitar discriminação religiosa de

¹⁵⁵ Importante ressaltar neste momento que, enquanto entrevistador, não me preocupei em esclarecer ou contestar qualquer afirmação do entrevistado e, muito menos concordar ou discordar das declarações emitidas. Dediquei-me a ouvir os relatos, transcrevendo-os na maior integralidade possível.

amigos e outras pessoas de nossos relacionamentos sociais, então, quando esse preconceito se instala nas pessoas do trato familiar, as situações de censura e recriminações se tornam realmente angustiantes.

Outro fator que se apresentou de maneira sólida e surpreendente foi a dificuldade que o espírita kardecista tem em “conviver” harmoniosamente com o seu companheiro colaborador nas atividades realizadas nos centros espíritas – sejam de caráter técnico, quando o voluntário age de maneira diferente à preconizada pela estrutura metodológica do centro espírita; seja pela postura heterodoxa do médium, quando ele aceita situações e procedimentos externos à doutrina; ou pela ortodoxia, quando ele não aceita nada que não esteja determinado nos escritos kardecistas; seja pelo não “entendimento” do que seja a doutrina espírita e o que ela exige do seu seguidor; seja pela observação “rigorosa” do que é exigido pela doutrina; seja pela não observação dos horários estabelecidos; ou seja pela disciplina da observação dos horários determinados. Como se vê, os paradoxos se fizeram presentes em todos os ambientes. A grande surpresa das entrevistas foi essa existência de intolerâncias, no ambiente de práticas para com os próprios companheiros de doutrina. Declarações como “não tolero”, “não aceito”, “não posso admitir” foram recorrentes nas entrevistas. Como citou Saturnino, “Todas as religiões são boas, têm o seu conceito, o problema é o religioso.” E, o pai de Nadir estreita mais ainda: “toda religião é boa... até o espiritismo, quem não presta são os espíritas.”

Ainda que não mencionados por todos, a tecnicidade da estrutura da Aliança e a sua rigurosidade disciplinar foi objeto de observação por parte de alguns entrevistados. A atividade externa orientada – caravana do evangelho – e a particularidade da anotação das situações vivenciadas na caderneta pessoal – numa percepção de que invade a privacidade do voluntário, além se assemelhar-se muito ao sistema confessional da Igreja Católica - também foram motivos de críticas. Por outro lado, essa mesma estrutura foi elogiada por diversas vezes, na medida em que, disciplinando os trabalhos, o atendimento ao assistido passa a ser feito de maneira homogênea e com “maior qualidade”.

Embora esse trabalho tenha buscado verificar a existência das tolerâncias e das intolerâncias dentro dos centros espíritas kardecistas, o que se encontrou em quantidade suficiente para ser destacado foi o preconceito. E de diversas formas. Beatriz destacou o preconceito da família católica do esposo para com o espiritismo e para com ela, ao mesmo tempo que, ao explicar para a sogra sobre o local que

frequentava afirmou: “Não é macumba, não é nada gente... é uma casa de Deus, também!”; Adriano ouve a discriminação religiosa de sua futura esposa no dia que a pede em namoro: “Mas eu sou evangélica e você é espírita...” e rebate: “ nossos irmãos evangélicos não aceitam o que não seja da religião deles” ; Maria Serena é discriminada pelas cunhadas evangélicas, que se afastam e cortam as relações; a cunhada de Aline foi discriminada pela representante da Igreja Católica quando se preparava para batizar o filho na instituição e teve que dizer que não era espírita para poder realizar a cerimônia de seu casamento; Marcos teve dificuldade em manter uma amizade e percebeu a mudança no relacionamento com uma amiga quando eles souberam de sua opção religiosa. Nadir se colocou numa posição de não discutir religião com ninguém, sob orientação paterna, mas o faz nas suas atividades espíritas e quando solicitada para isso, enquanto Saturnino passou por três fases de entendimento: optou por receber as provocações como brincadeira na sua juventude, sentir-se entristecido na fase adulta e, na atualidade, não dar atenção ao fato. Angélica não relata situações de preconceito religioso e Valter prefere não se declarar espírita, quando não instado a isto. Cabe ainda mencionar que, tanto Aline quanto Angélica citaram a instituição Seara Bendita como boa, mas “muito grande”, o que torna o atendimento “um pouco impessoal, frio”

Após esses destaques, acredito ser o momento de concluir essa dissertação, entendendo também que todo o trabalho dispendido nesses três anos, refletiu muito mais que as intolerâncias e as tolerâncias passíveis de serem encontradas dos centros espíritas kardecistas. Refletiu a “alma” humana naquilo que, *para aquela que crê*, espelha o que de mais precioso ela possui: “a busca do divino” a sua “religação” com o Criador. Estar nessa caminhada tentando buscar a melhor conexão com a divindade ou, no dizer kardecista, com a “Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas”¹⁵⁶ já é uma situação que coloca o fiel numa posição de angústia, enquanto ele entender que não encontrou o lugar onde expressar a sua fé. Se para Valter, que não vai ao centro “para adquirir coisíssima nenhuma”, mas vai “por que está gostando”, para outros muitos, o espiritismo é uma coisa necessária. Nessa necessidade estão a esposa do José Ribeiro, a Beatriz, a Angélica e tantos outros. E, por vários motivos...

¹⁵⁶ O Livro dos Espíritos, Livro Primeiro, As Causas Primárias, Capítulo 1, Deus, I – Deus e o Infinito, Q. 1.

10 Conclusões

As tolerâncias e intolerâncias fazem parte da personalidade social (e muitas vezes cultural) do ser humano. Vez ou outra estaremos em uma situação que envolva uma delas, ou ambas, ainda que não percebamos essa dualidade e possamos com elas conviver naturalmente. No ambiente religioso não é diferente. Às vezes, disfarçada de preconceito, a intolerância se instala, podendo permanecer latente ou ir crescendo até o limite do insuportável, quando então pode se transformar em intolerância. Frases como “nada contra a Umbanda, mas não concordo com o ‘barulho’ dos atabaques”; “o que me incomoda é o uso do fumo e do álcool”; “o médium não pode ficar reclamando que as pessoas que aguardam estão conversando demais”; “o médium vai fazer oferenda na Umbanda e depois vem trabalhar no centro espírita”; “aquele médium é cheio de animismo, ali não tem espírito”; ou “aquela religião pensa que é dona da verdade e só quem está lá vai ser salvo” podem ser o prenúncio de uma intolerância que se instala.

Como se tentou demonstrar no recorte realizado, encontra-se intolerâncias de fiéis de outras religiões para com os frequentadores dos centros espíritas, sejam eles assistidos ou voluntários, e dos dirigentes ou representantes dessas outras religiões para com o espiritismo kardecista. A exceção, em virtude de não ter sido mencionada por nenhum dos entrevistados – e somente por isso –, parece estar nas relações entre as religiões de matriz africana (Umbanda e Candomblé) e o espiritismo kardecista. A única observação feita, foi sobre a oferta de se levar uma escola de aprendizes do evangelho para o terreiro e o “Pai de Santo parece que não gostou muito da ideia.” Católicos e evangélicos formaram o caldo de opositores e intolerantes para com o espiritismo e, estes últimos, de maneira mais veemente. Restrições de conversas, fim de amizades e de relações de parentesco foram observações recorrentes nas declarações dos entrevistados. Alguns expressaram a situação com pesar. Não pude distinguir se o pesar foi pela perda do contato e da amizade ou pela não aceitação da opção religiosa do entrevistado.

As intolerâncias também se fizeram presentes através das declarações dos espíritas kardecistas que colaboram como voluntários nos centros espíritas. Enquanto alguns se declararam portadores de intolerância contra algumas religiões – e as motivações já foram destacadas –, outros afirmam serem tolerantes para qualquer tipo de religião, ainda que se arrogassem o direito de não concordar com elas. Embora

afirmassem que poderiam ir a qualquer outra religião como visitante ou convidado, declararam que não frequentariam essas religiões na qualidade de fiel – uns não iriam em hipótese alguma a outra congregação religiosa. Alguns espíritas declararam não concordar com as práticas e rituais de outras religiões, mas insistiram que não se tratava de intolerância. Para estes, todas as religiões têm o seu espaço e os seus seguidores, e não concordar com o formato das práticas não significa, no entendimento de alguns, que isso possa ser considerado intolerância, ou seja, *tolerar não significa concordar*. Outros se declararam favoráveis e simpatizantes às práticas e rituais das outras religiões, e que estas seriam o mais forte atrativo existente nelas e que influiriam, se fosse o caso, na sua escolha como uma outra provável religião.

As intolerâncias dos espíritas para com outras religiões ou para com os seus seguidores foi bastante atenuada em relação à intolerância que o espírita carrega contra os próprios espíritas colaboradores voluntários do centro espírita, companheiros seus de atividades, ainda que estas situações sejam pontuais e, portanto, não devam ser generalizadas. Talvez, essa intolerância esteja consignada à convivência sempre constante do grupo de trabalho mediúnico, como citado por uma das entrevistadas “a intimidade leva você a ter menos máscara? Pode ser. Dentro de casa, a gente geralmente fere mais as pessoas que estão mais próximas. Fora eu sou mais educada, sou mais cheia de “toque”. Dentro de casa, não. Talvez seja isso...”

A observação pode nos induzir a pensar que as eventuais desarmonias que ocorrem entre os espíritas kardecistas possam estar ligadas às dificuldades relacionais geradas pelo convívio constante, mas os apontamentos dos entrevistados caminham em outra direção, mesmo porque os grupos reúnem seus integrantes muito pouco: uma ou duas vezes por semana e pelo espaço de, no máximo, duas horas. As motivações que levam à essa intolerância podem estar relacionadas à várias situações, entre elas, a quebra da disciplina estipulada – tais como atrasos ou a preocupação com o horário de término dos trabalhos e o conseqüente retorno ao lar; a preocupação com os cargos que o médium pode ocupar na hierarquia do centro, o que pode proporcionar determinado, mas limitado poder, ou ainda, as disputas por cargos ou posições que possam alimentar o ego, denotando falta de humildade e excesso de orgulho; a falta de dedicação e comprometimento de alguns médiuns para com as atividades mediúnicas através das faltas seguidas; os questionamentos motivados pela falta de estudos e de conhecimento da doutrina; a adoção de práticas de outras religiões nas sessões mediúnicas; a não observação das técnicas de passes

orientadas, implementando outros movimentos estranhos à estrutura; o médium reclamar de fatos que não estão ao alcance do grupo ou da instituição resolver e até, numa situação de relacionamento entre médiuns, quando este estiver na condição de assistido, não haver recebido o mesmo tratamento que é dispensado aos demais, não colaboradores. Muitas podem ser as causas dessas pequenas querelas.

Mas as tolerâncias também se fizeram presentes. Muitos entrevistados veem as outras religiões como caminhos que os semelhantes estão trilhando na busca do seu encontro com Deus. Entendem que cada um está onde devia estar. Assim como Angélica e Aline entenderam que a Seara Bendita, apesar de ser uma boa instituição espírita, não ofereceu ou, elas não encontraram ali, o acolhimento que buscavam e continuaram na sua busca em outros centros espíritas. A busca compreende, como se pode perceber, e ainda dentro do espiritismo kardecista, encontrar o centro espírita considerado ideal, onde o fiel se sente mais acolhido. Para muitos, se as religiões fazem o bem, falam em Deus e ajudam os homens e, por extensão as mulheres, então são boas. Não importa ao espírita kardecista se determinada religião possa ser considerada melhor que outra, mesmo por que é consenso que não existe uma religião melhor que outra. Existe sim, aquela em que você se sente bem. Como disse Nadir “Faz bem para você? Você gosta? Você se sente feliz?” [...] “Está bom!” Essa linha de pensamento parece ser uma orientação doutrinária do espiritismo kardecista: é encontrada no discurso de muitos espíritas.

Não há a pretensão, neste trabalho, de “medir” o que está em maior quantidade: a intolerância ou a tolerância nos centros espíritas. Saber se há mais tolerância ou mais intolerância não acrescenta nada ao fato de termos identificado que as duas podem coexistir no mesmo espaço, no mesmo momento e, por que não, nas mesmas mentes. Não precisam ser complementares e nem serem oposição, uma da outra. São, antes, momentos ou estágios vivenciais onde o espírita kardecista busca, através de sua melhoria moral e ética, aceitar o seu semelhante também na sua opção religiosa, na sua busca particular do divino. Se a orientação institucional dos centros e doutrinária do espiritismo kardecistas é o respeito a todas as religiões, o espírita kardecista precisa observar isso. Se a doutrina espírita adota a moral cristã e esta tem como uma das orientações principais o “amar ao próximo como a si mesmo”, esta máxima ainda precisa ser assimilada em toda a sua extensão, em todo o seu entendimento e em toda a sua verdade, por aqueles que se apresentam como cristãos. Ou que se queiram rotular como tais.

Há intolerâncias e há tolerâncias nos centros espíritas que são os ambientes de práticas do espiritismo kardecista. No entanto, essas situações não foram encontradas ou relatadas como existentes nos momentos de acolhimento aos assistidos. Como mencionou Aline ao dar um passe em um muçulmano, orientou-o a pensar em Jesus e ele disse: “Posso pensar em Maomé?” E ela respondeu “Sim, pode!” Os relatos são unânimes neste sentido: os atendimentos se destinam a todos, sem qualquer distinção de cor, ideologia política, nacionalidade, sexo (e gênero) e religião. Assim, se as situações de intolerância e de tolerância não aparecem na superfície do atendimento social das ações espíritas, isso não quer dizer que possam estar nos subterrâneos dos centros. Mas podemos dizer que aparecem, em determinadas situações e em alguns momentos, de maneira pontual, visto não ser geral nas situações de práticas espíritas. Nestes casos, o desmerecedor não é o centro espírita, mas a falta de entendimento e compreensão, por parte do colaborador voluntário que ainda não se conscientizou do que é ser espírita. Do que é ser um verdadeiro espírita. E, para Kardec, “reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações.”

Rita Amaral afirma que “é preciso desenvolver e estimular a cooperação e o respeito mútuo entre as religiões” (SILVA, 2007, orelha da contracapa) e, por extensão, entre os próprios integrantes das religiões. Assim, pode ser que um dos caminhos para se reduzir e até mesmo eliminar as intolerâncias dentro dos centros espíritas e, quiçá, dentro do próprio espiritismo kardecista, seja a aplicação prática, por parte do espírita kardecista, do respeito (amor) ao próximo, aceitando-o nas suas escolhas; nos esforços próprios de autotransformação moral e no domínio de suas más inclinações e, no acolhimento fraternal ao companheiro das atividades espíritas. Essa orientação é doutrinária e, assim sendo, ser espírita é abraçar as orientações da religião que se escolheu. Que esse abraço aconteça breve. Que esse abraço seja grande. A humanidade precisa disso.

REFERÊNCIAS

ARMOND, Edgard. Passes e Radiações. **Métodos Espíritas de Cura**. São Paulo: Aliança, 1997.

_____. **Métodos Espíritas de Cura, Psiquismo e Cromoterapia**. São Paulo: Aliança, 1999.

ARRIBAS, C. G. **Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. São Paulo: Alameda, 2010.

ASSUNÇÃO, Luiz. **A transgressão no religioso: Exus e mestres nos rituais da umbanda**. Revista Antropológicas, ano 14, vol.21(1): 157-183, PPGA-UFPE. Recife: UFPR. 2010.

AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2009.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Algumas propriedades do campo**. In Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp/Ed. 34, 2000.

CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo. (Org.) **O Espiritismo de A a Z**. Rio de Janeiro, FEB, 2008.

CARVALHO, José Sérgio. **Educação Liberal e Tolerância Intelectual: Notas de uma palestra na FEUSP**. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur15/zesg.htm> .

CONCEIÇÃO FERNANDES, Paulo César da. **As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)**. Dissertação de Mestrado. Brasília, DF: UnB, 2008.

CUNHA, Jorge Luiz da e RÖWER, Joana Elisa. **Ensinar o que não se sabe: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto)biográficos**. Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 27-38, jan./abr. 2014 Periódico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria: UFSM, 2014.

DAMAZIO, Sylvia. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**. São Paulo: Planeta, 2014.

DOYLE, Arthur Conan. **A História do Espiritismo**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa – O sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: UNESP, 2010.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRIGERIO, Alejandro. **O paradigma da escolha racional: mercado regulado e pluralismo religioso**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. V.20, nº 2. São Paulo: USP, 2008.

GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, Adriana. **Entre a fé e a polícia: o espiritismo no Rio de Janeiro (1890-1909)**. Teses. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

GUERRA, Zuleica Romay. **Cepos de la memoria**. Cuba: Ediciones Matanzas, 2015.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita Jornal de Assuntos Psicológicos**. 1868. Traduzida por Júlio Abreu Filho. Sobradinho DF: EDICEL, 2007A.

_____. **Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos**. Outubro/1869. Trad. Júlio Abreu Filho. Sobradinho DF: EDICEL, S/DATA.

_____. **Obras Póstumas**. [1890] Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

_____. **O Que é o Espiritismo**. [1859] Trad. Salvador Gentile. Araras. IDE, 1999.

_____. **A Gênese**. [1868] Trad. Victor Tollendal Pacheco 22ª Edição. São Paulo: LAKE, 2000.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. [1863] Trad. J. Herculano Pires, Lake, 2007.

_____. **O Livro dos Espíritos**. [1857] Trad. J. Herculano Pires. São Paulo. LAKE, 2010.

_____. **O Livro dos Médiuns**. [1861] Trad. J. Herculano Pires. São Paulo, Lake, 2010A.

KLEIN FILHO, Luciano. **Bezerra de Menezes: fatos e documentos**. Bragança Paulista - SP: Lachâtre, 2012.

LOPES, José Sérgio Leite. 1978. **O Vapor do Diabo; O Trabalho dos Operários do Açúcar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Bragança Paulista - SP: Lachâtre, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.17, n.49, pp.11-29. São Paulo, junho/2002.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: O Caso da Igreja Universal**. Rev. Estudos Avançados, v. 18, n. 52. São Paulo: IEA-USP, 2004.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASSELA, Alexandre Braga. **Durkheim: 150 anos**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

MOURA, Margarida Maria. **Os Deserdados da Terra: A lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no Sertão de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Coleção Corpo e Alma do Brasil), 1988.

MOURA, Marta Antunes de. **O atendimento espiritual pelo passe**. Brasília: FEB, 2013.

NEGRÃO, Lísias Nogueira (Org.). **Novas tramas do sagrado: Trajetórias e Multiplicidades**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Coração de Pombagira**. Revista Esboços, vol.17, Nº 23, pp. 141-149 — UFSC. Santa Catarina: UFSC, 2010

_____. **Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo**. São Paulo: Três Fronteiras, 2012.

QUEIROZ, R. S. **Caipiras Negros No Vale do Ribeira: Um Estudo de Antropologia Econômica**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

RODRIGUES, Júlia Maria de Souza. **Max Weber: Uma leitura da sociologia da religião**. Dissertação de Mestrado. IFCH-Unicamp. Campinas: 2000.

SCHUBERT, Suely Caldas. **Dimensões Espirituais do centro espírita**. Brasília: FEB, 2015.

SILVA JR., Edelson da. **No tempo do Comandante**. São Paulo: Editora Espírita Radhu, 2010.

SILVA V. G. da. **O Antropólogo e sua magia**. Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre religiões Afro-Brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, V. G. da. (Org.). **Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro**. Ari Pedro Oro ...et all. São Paulo: Edusp, 2007.

STUMM, R. V. C. **Revisão Bibliográfica sobre o uso do reiki no SUS**. Monografia. Universidade Federal de Santa Maria. São Francisco de Paula: UFSS, 2012.

TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Transes em Trânsito: Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VALLE, Daniel Simões do. **Intelectuais, espíritas e abolição da escravidão: os projetos de reforma na imprensa espírita (1867-1888)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

VOLTAIRE (François Marie Arouet). **Tratado sobre a Tolerância: a propósito da morte de Jean Calas**. Trad. Paulo Neves, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WANTUIL, Zêus. **Grandes Espíritas do Brasil**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1969.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, (Edição revisada) 2013.

WOLFF, Robert Paul; MOORE, Barrington Jr & MARCUSE, Herbert. **Crítica da Tolerância Pura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

XAVIER, Francisco Cândido. **Fonte Viva** (Espírito Emmanuel). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. **Caminho, Verdade e Vida**. (Espírito Emmanuel). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. **Estude e Viva**. (Emmanuel e André Luiz) 10ª Ed. Janeiro: FEB, 2005.

Estatutos

SEARA - Centro Espírita Beneficente Seara de Luz, 1993.

CEIA - Centro Espírita Irmão Alfredo, 1976.

CELE - Centro Espírita Luz da Esperança, 1986.

ALIANÇA – Aliança Espírita Evangélica

FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo

USE-SP – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Livros Doutrinários e Institucionais

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Vivência do Espiritismo Religioso/Conselho de Grupos Integrados. São Paulo: Editora Aliança, 2014.

Entendendo o Espiritismo. São Paulo: Editora Aliança, 2010.

Iniciação Espírita. Autores diversos. São Paulo: Editora Aliança, 2000.

Outras fontes - INTERNET

Sites Governamentais

Câmara Legislativa Brasileira

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-32699-publicacaooriginal-15017-pl.html>

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal1-pe.html>

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-5156-8-marco-1904-517631-publicacaooriginal-1-pe.html>

Senado Brasileiro

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf

Presidência da República

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11635.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1

Banco Central do Brasil

<http://www.bcb.gov.br/htms/museu-spacos/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>

Instituições de Ensino, Informativos Acadêmicos e Educativos

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/polimero-pva.htm>

<http://www.historiabrasileira.com/biografias/rodrigues-alves/>

<https://www.todamateria.com.br/bullying/-Sociologia>.

<https://guiadoestudante.abril.com.br/pos-graduacao>.

<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028/11600>- Acessado em 20/06/2018 - 13h30

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao.html> - Acesso em 21/06/2018 - 15h27

Mídia e Periódicos – Notícias

<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/chute-na-imagem-da-padroeira-do-brasil-choca-pais-e-reprovado-por-religiosos-17738478>

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>. Acesso em 07/03/2018 – 16h50.

<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/menina-apedrejada-fanatismo-e-intolerancia-religiosa-no-rio-de-janeiro.html>.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2017-08-20/idoso-agredido-rio.html>.

<http://vientosur.info/spip.php?article13367>

<http://www.hottopos.com/videtur15/zesg.htm>

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/11/06/intolerancia-religiosa-e-o-tema-da-redacao-do-enem-2016.htm>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/11/06/denuncias-de-intolerancia-religiosa-crescem-3706-nos-ultimos-5-anos.htm>. Acesso em 16/05/2018 – 12h02.

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/10/conheca-verdadeira-origem-do-tabuleiro-ouija.html>

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/06/25/interna_gerais,878873/reportagem-especial-a-heranca-de-chico-xavier.shtml

Espíritas e Religiosos

http://alianca.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Casas_site_set_15.pdf. Atualizado em junho/2018.

<http://aliancalivraria.segurancanacompra.com.br/>.

[http://bvespirita.com/As%20Fraternidades%20do%20Espaco%20\(autoria%20desconhecida\).pdf](http://bvespirita.com/As%20Fraternidades%20do%20Espaco%20(autoria%20desconhecida).pdf)

<http://usesp.org.br/a-use/>

<http://www.ceaesantana.com.br/calendario-de-eventos/perguntas-frequentes/>

<http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/mediunismo-e-animismo/>

<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/missao/>

http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/06/ficha_voluntariado.pdf

<http://www.irmaoalfredo.org.br/index.php>

<http://www.usesp.org.br/Associacao/Departamentos>

<https://espírito.org.br/artigos/as-federacoes-e-seu-papel-no-movimento-espirita-2/>

<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>

<https://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/verdadeira-historia-de-sao-cosme-e-sao-damiao-martires/>

<http://www.girasdeumbanda.com.br/pontos-cantados/> .

<http://www.casadojardim.com.br/web/dr-lacerda/>.

<http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/mediunismo-e-animismo/>

<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/origens/>

Filosóficos

<http://www.sni.org.br/oque.asp>

<https://www.amorc.org.br/quemsomos/>

Outros

http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=120&descricao=Adolpho+Bezerra+de+Menezes+Cavalcanti

<https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia>

<https://www.tecmundo.com.br/audio/7945-saiba-quais-sao-as-principais-diferencas-entre-formatos-de-audio.htm>

<https://saude.umcomo.com.br/artigo/como-tratar-o-mal-de-simioto-23774.html>

Blogs

<https://dirceurabelo.wordpress.com/2011/12/09/chico-xavier-obra-completa-em-ordem-cronologica/>

GLOSSÁRIO

A terminologia espírita frequentemente faz uso de palavras que, embora tenham significados detalhados pela norma culta do vernáculo, em algumas ocasiões esses significados estão alterados tanto nas publicações doutrinárias quanto nas comunicações orais. Na tentativa de evitar interpretações errôneas e se aproximar o máximo possível desse universo doutrinário, apresentamos algumas definições dos termos mencionados nos textos desta dissertação, em sua grande maioria extraídos de “O Espiritismo de A a Z”, editado pela FEB – Federação Espírita Brasileira, sob a coordenação de Geraldo Campetti Sobrinho, devidamente referenciado. Logo após a explicação, está indicada a página da obra. Quando o termo for pesquisado em obra diferente desta, a fonte será mencionada após o seu respectivo significado.

- Agênere** (s.2g) A palavra foi cunhada pela *Société Parisienne des Études Spirities*, e já pertence igualmente ao nosso idioma. O Dicionário de Laudelino Freire define-a assim: “S. f. Espiritismo. Aparição tangível, em que o espírito assume a forma de pessoas vivas”.
- Encarnação** (s.f.) Existência corporal do espírito, compreendendo as fases de nascimento e vida. Por extensão, desencarnação e o ato de sair da carne. Reencarnação é o mesmo que tornar a vir ao corpo físico. (KARDEC [1857], 2010).
- Encarnar** (v.) Quando o espírito se faz carne. O mesmo que nascer. Por extensão, desencarnar significa morrer, mas a morte do corpo físico. Reencarnar é o mesmo que nascer de novo. Encarnado é quando o espírito está em um corpo físico. (KARDEC [1857], 2010).
- Espírita** (s. 2g.) Adepto do espiritismo. Embora incomum, a forma “espiritista” tem o mesmo significado. O mesmo que kardecista. (KARDEC [1857], 2010).

- Espiritismo** (s.m.) Vocábulo criado por Allan Kardec para designar uma filosofia espiritualista que se apresenta como filosofia, ciência e religião. (KARDEC [1857], 2010).
- Espírito** (s.m.) O Espírito é o princípio inteligente do universo. Pode se encontrar em duas situações: errático, quando não possui um corpo físico e, encarnado, quando está ou possui um corpo físico. (KARDEC [1857], 2010).
- Fluido** (s.m.) O estado da matéria em que ela é mais rarefeita do que no estado conhecido sob o nome de gás. Agente e meio de ação do mundo invisível constituindo uma das forças e potências da natureza. Um corpo cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção, ou separando-se, quando entregues a si mesmas. Fluídico diz-se, por exemplo, do estado da matéria: matéria fluídica.(p. 379).
- Fraternidade** (s.f.) Lei fundamental da natureza, cuja ação se exerce em todos os planos da evolução humana, assim no ponto de vista físico como no espiritual, no visível como no invisível. [...] A lei de assistência mútua e da solidariedade comum, sem a qual todo progresso, no planeta, seria praticamente impossível. (p. 392/393).
- Incorporação** (s.f.) Expressão mais utilizada na Umbanda para indicar que o médium está sob a influência de um espírito e se comportando, na maneira de falar e de agir, como se esse espírito fosse. “Tomada do corpo de um médium por um guia ou espírito; transe mediúnico.” (FERREIRA, 1986, p. 933)
- Kardecismo** (s.m.) O mesmo que espiritismo. (FERREIRA, 1986, p. 998).
- Kardecista** (s. 2g.) O mesmo que espírita ou espiritista (FERREIRA, 1986, p. 998).

- Levitadas (s.f)** De levitação: Quando uma mesa se ergue no ar ou acontece o mesmo a um médium; suspensão dos corpos, contrária em aparência, à lei de gravidade. (p. 504).
- Médium (s.2g.)** A palavra se origina de “meio”, o que fica entre. Médium é a pessoa que tem a sensibilidade ou faculdade para perceber os espíritos em qualquer nível e com eles manter contato. (KARDEC [1861], 2010).
- Não praticantes** Não praticantes é como são chamados os fiéis de uma religião que declaram pertencer a ela, mas só vão aos cultos esporadicamente, em dias ou em celebrações especiais. Na católica, por exemplo, só vão em casamentos, batizados, missas de sétimo dia, missa do Galo etc. É um termo informal e corrente entre as religiões, muito utilizado pelos entrevistados nesta dissertação. .
- Psicofonia (s.f.)** É a faculdade que permite aos Espíritos, utilizando os órgãos vocais do encarnado (médium) transmitirem a palavra audível a todos que presentes de encontrem. (p. 733).
- Obsessão (s.f.)** Ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. [...] Em todos os casos de obsessão há sempre um estado mórbido a combater. Por extensão, desobsessão é a atividade que pode proporcionar o término na influência. (p. 625).
- Reencarnação (s.f.)** Cada uma das muitas vidas sucessivas. É a volta da alma ou espírito à vida corpórea, mas em outro corpo formado para ele (e por ele) e que nada tem de comum com o anterior. De “*reencarnar*: (o espírito) reassumir a forma material. Tornar a encarnar.” (FERREIRA, 1986, p. 1469).

- Tolerância** (s.f.) Fruto da caridade que constitui a base da Doutrina Espírita, lhe impõe como um dever respeitar todas as crenças. [...] A indulgência, a condescendência em relação a outrem, seja de referência às suas opiniões ou comportamento, ao direito de crer no que lhe aprouver, pautando as suas atitudes nas linhas que lhe pareçam mais compatíveis ao modo de ser, desde que não firam os sentimentos alheios, nem atentem contra as regras da dignidade humana ou do Estado, constitui a tolerância. [...] A tolerância, em razão disso, constitui aquisição do conhecimento decifrador das aparentes incógnitas da vida. Quanto mais o homem sabe melhor compreende os comportamentos humanos, desarmando-se de ideias preconcebidas, da censura sistemática, dos prejuízos de raças, de castas, de crenças de grupos. Por extensão, intolerância é ausência de. (p.858).
- Vibração** (s.f.) Emissões mentais harmonizadas com desejos de amor fraternal, apoiadas pela espiritualidade superior que, direcionadas às regiões, situações, e necessitados, são as energias dissolventes da vingança, da indisciplina, da vaidade e do egoísmo que atormentam a experiência humana. (p. 890).

APÊNDICE A – Os acontecimentos de Hydesville

Os fatos acontecidos em Hydesville foram considerados como o marco inicial das comunicações espirituais por muitos estudiosos do espiritismo. Uma das melhores descrições foi realizada por um autor que não o considera o marco inicial: Sir Arthur Conan DOYLE. Em sua obra *História do Espiritismo (The History of Spiritualism, 1926)*, DOYLE dedica todo o capítulo IV a descrever o ocorrido com um desdobramento do assunto no capítulo V. Narra DOYLE que, no final de 1847, a família Fox – formada pelo casal Sr. John D. Fox e Sra. Margareth Fox e duas de suas filhas Margaret, de catorze anos e Kate de onze anos – alugou uma pequena casinha no vilarejo de Hydesville, no Estado de New York e lá foi residir. DOYLE afirma que o local era um vilarejo típico americano, “com uma população primitiva, certamente semieducada, mas provavelmente como os demais pequenos centros de vida americanos, mais livres de preconceitos e mais receptivos a novas ideias que qualquer outro povo da época.” (DOYLE, 2013, p. 73). A casa, muito simples, já fora objeto de fatos estranhos ocorridos anteriormente, o que levou DOYLE a declarar que a casa não gozava de boa reputação. No início do ano seguinte (1848), ruídos passaram a ser ouvidos pelos novos inquilinos, no princípio, semelhantes a ruídos de arranhões que logo evoluíram para batidas e outras vezes soavam como se fossem o arrastar de móveis.

A intensidade passou a ser mais contínua e as vibrações produzidas faziam com que as camas tremessem. Várias tentativas para achar a causa foram tentadas, mas todas se revelaram infrutíferas. Na noite de 31 de março, a intensidade e o volume do barulho aumentaram inexplicavelmente, proporcionando a cena que viria se notabilizar como o princípio da possibilidade da comunicação psíquica com seres espirituais. Kate Fox, a mais nova das irmãs, desafiou “a força invisível a repetir as batidas que ela dava com os dedos [...] Conquanto o desafio da mocinha tivesse sido feito em palavras brandas, foi imediatamente respondido. Cada pedido era respondido por um golpe. Posto que humildes os operadores de ambos os lados, a telegrafia espiritual estava funcionando.” (DOYLE, 2013, p. 75).

As comunicações foram se sucedendo e as respostas, as vezes dadas em números, surpreendiam pelo conhecimento que a “força invisível” demonstrava ter sobre fatos da vida deles. Uma das questões foi a de quantos filhos a matriarca dos Fox havia tido, ao que a “força” respondeu ter tido ela sete filhos, quando na realidade

tinha apenas seis filhos. Lembrou-se ela então que havia tido um filho que morrera em tenra idade. Vizinhos logo acorreram para se inteirar e participar dos fatos, até que surgiu uma espécie de comissão de investigação com uma série de perguntas. Um vizinho dos Fox, Sr. Duesler, usou um alfabeto para, através dos arranhões nas letras, obter respostas. O que se apurou foi que a “força invisível” declarou ser um Espírito “que tinha sido assassinado naquela casa; indicou o nome do antigo inquilino que o matara; tinha então – cinco anos passados – trinta e um anos de idade; fora assassinado por dinheiro; tinha sido enterrado numa adega a dez pés de profundidade”. Foi possível identificar o morto como Charles B. Rosma. Essa sinopse relata os acontecimentos de Hydesville, que tiveram ainda outros desdobramentos cujos relatos são dispensáveis para o escopo deste trabalho.

APÊNDICE B – O catolicismo hegemônico no Brasil (1500-1891)

A hegemonia do catolicismo no Brasil se instala com a chegada dos portugueses ao país em 1500. A primeira missa católica rezada em solo brasileiro ocorreu em 26 de janeiro de 1500, numa espécie de batismo da então Pindorama (nome indígena) como Ilha de Vera Cruz. A Constituição Imperial de 1824, “em nome da Santíssima Trindade”, define em seu Art. V que “a Religião Católica Apostólica Romana *continuará* a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo.” (Destaque meu).

O Brasil só se secularizará na Constituição Republicana de 1891 quando, sem citar Deus e de uma só penada, em seu artigo 72, estabelece a liberdade de culto: “todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.” (Parágrafo 3º); reconhece como legítimo apenas os casamentos realizados em cartório e lhes concede a gratuidade: “a República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita. (Parágrafo 4º); transfere a administração dos cemitérios para os órgãos municipais: “os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.” (Parágrafo 5º) e, dissocia o ensino público da religião em seu parágrafo 6º: “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.” A liberdade de culto veio associada a liberdade de nascimento, de casamento e de falecimento: essas três coisas poderiam ser realizadas pelos adeptos de outras religiões, mas o mais importante mesmo, foi a possibilidade de escolha livre de qualquer religião e a sua adoção. Ou de nenhuma. Com exceção da Constituição “polaca” de 1937, as demais constituições (1934: “pondo a nossa confiança em Deus”; 1946: “sob a proteção de Deus”; 1967 e 1969: “invocando a proteção de Deus” e 1988: “sob a proteção de Deus”, se apresentam como carta magna de um país laico e garantidor da liberdade de crença e do livre exercício dos cultos religiosos, garantindo-se ainda a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.¹⁵⁷

¹⁵⁷ Fontes: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2010/08/religiao-e-religiosidade-no-brasil.html>; https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf; leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-32699-publicacaooriginal-15017-pl.html

APÊNDICE C – Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti
Uma biografia resumida

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu em 1831 em Riacho do Sangue - CE. Parte de sua infância é vivida no interior do Rio Grande do Norte e, posteriormente, em Fortaleza - CE. Em 1851 segue para o Rio de Janeiro para estudar medicina. Em 1856 doutora-se em medicina e em 1858 ingressa no Corpo de Saúde do Exército, assumindo a condição de segundo cirurgião-tenente. Foi redator dos Anais Brasilienses de Medicina e, em 1861, assumiu a vereança na Câmara Municipal do Rio de Janeiro pelo Partido Liberal, onde se reelegeu, permanecendo até 1868, saindo para ocupar o cargo de deputado geral pelo mesmo estado.

Em 1875, através de Joaquim Carlos Travassos, recebe um exemplar de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Suas atividades políticas vão até 1885 e, no ano seguinte, pronuncia eloquente discurso em defesa do espiritismo, declarando-se convertido a essa religião, perante mil e quinhentas pessoas. Em 1887, começa a escrever nos periódicos Jornal do Brasil (1895) e Gazeta de Notícias (1895 a 1897) artigos sobre o espiritismo sob o pseudônimo de “Max”. Em 1889, chega à presidência da Casa de Ismael (Federação Espírita Brasileira – FEB), onde introduz o estudo semanal das obras de Kardec. Faleceu nesta mesma cidade em abril de 1900. Fonte: Bezerra de Menezes Fatos e Documentos, organizado por Luciano Klein Filho.

APÊNDICE D – Edgard Armond – Uma biografia resumida

Edgard Armond nasceu em 14 de julho de 1894, em Guaratinguetá - SP. Aos 21 anos ingressou na Força Pública do Estado de São Paulo (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo), subindo rapidamente na hierarquia dessa corporação, conquistando o cargo de 2º Tenente em 1919. Em 1925, é capitão e comandante das tropas nas cidades de Santos, São João da Boa Vista e Amparo. Participou das Revoluções de 1922, 1924 e 1930. Em 1921, se inicia na Maçonaria na cidade de Amparo, época em que já trabalhava na tradução de Os Vedas (livros sagrados hindus) e iniciava a sua caminhada espiritualista conhecendo o pensamento de vários líderes esoteristas, ocultistas e espíritas como Krishnamurti, Krum Heller, Jenerajadasa, Raul Silva e Carmine Mirabelli. Em 1936, conheceu Canuto de Abreu e começou a participar de sessões espíritas.

Em 1938, sofreu um acidente automobilístico e após passar por várias cirurgias com insucesso, foi licenciado em 1939, terminando por ser reformado em 1940. Nesse período, teve contato com o espiritismo ao visitar a “Casa dos Espíritas do Brasil”, como se identificava a Federação Espírita do Estado de São Paulo – FEESP. Em conversas, fica sabendo das dificuldades da entidade, em especial, a carência de público. Uma semana depois, retorna com um plano de trabalho para organizar e expandir as atividades. Tempos depois, por volta dos anos 1970, vê recusado o seu plano normatizar as práticas espíritas na FEESP. Desgostoso, retira-se da instituição e funda a Aliança Espírita Evangélica. O espiritismo faz a sua reengenharia religiosa e volta a trilhar o caminho da religiosidade. Fonte: Edelson da Silva Junior, No Tempo do Comandante, da Editorial Espírita Radhu, de 2010.

ANEXO A – Questionário da Pesquisa

DIVERSITAS – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH****Universidade de São Paulo – USP****PESQUISA DE OPINIÃO: RELIGIÃO**

APRESENTAÇÃO: Esta é uma pesquisa sobre religiosidade no âmbito das práticas do Espiritismo Kardecista (Centros Espíritas) da Zona Sul da Cidade de São Paulo-SP. O tempo estimado para resposta é de cerca de 15 minutos.

Data: ____/____/____ Dia da Semana: _____

Horário: ____:____

Seu primeiro nome: _____ Sexo: M () ou F () Idade: _____

Centro Espírita: _____

Bairro: _____

Termo de consentimento – Leitura integral obrigatória

Antes de começar, gostaria de informar três coisas: 1º. Que as suas respostas não serão identificadas, elas vão ser somadas com as das outras pessoas que estamos entrevistando nos demais centros espíritas; 2º. Que, sempre que preferir, você pode não responder as perguntas feitas, é só passar para a pergunta seguinte, 3º. Que nenhuma pergunta tem resposta certa ou errada, o que vale é a sua opinião, o que você pensa sobre cada coisa que for perguntada e que esses dados só serão divulgados como pesquisa acadêmica.

O mais importante, então, é que você seja sincero(a). Você aceita participar dessa pesquisa?

Um pouco sobre você

(Pesquisa socioeconômica=Assinale sua opção com um "X")

1. Qual é o seu grau de instrução?

a) Fundamental incompleto: _____ b) Fundamental completo: _____

b) Ensino Médio incompleto: _____ d) Ensino Médio completo: _____

e) Ensino Superior incompleto: _____ f) Ensino Superior completo: _____

g) Mestrado: ___ h) Doutorado: ___ i) Pós-doc: ___ j) Outros: _____

2. Atualmente você mora:

a) Só: ___ b) Com cônjuge: ___ c) Com cônjuge e filhos: ___

d) Com pai e/ou mãe: ___ e) Com irmãos f) Outros: _____

3. Sua renda mensal familiar estaria: (em salários mínimos R\$880,00)

a) Até 1: ___ b) Entre 1 e 3: ___ c) Entre 3 e 6: ___ Mais de 6: ___

Vamos falar de Religião
(Assinale sua opção com um "X")

4. Além do espiritismo, atualmente, você frequenta outras religiões?

a) Não: _____ b) Sim: _____

b) Quais: _____

5. Há quanto tempo você frequenta o Centro Espírita?

a) Até 3 anos: _____

b) Entre 3 e 6 anos: _____

c) Entre 6 e 10 anos: _____

d) Mais de 10 anos: _____

6. Você colabora como voluntário no Centro Espírita há quanto tempo?

a) Até 5 anos: _____

b) Entre 5 e 10 anos: _____

c) Mais de 10 anos: _____

7. Qual a intensidade que você comparece ao Centro Espírita?

a) Uma vez por semana: _____

b) Duas vezes por semana: _____

c) Três vezes por semana: _____

d) Mais que três vezes por semana: _____

7A. Antes de ser espírita kardecista você frequentava:

a) Igreja católica

b) Igreja Evangélica

c) Igreja Pentecostal

d) Umbanda

e) Candomblé

f) Nenhuma.

g) Outra(s) religião(ões):

8. Em algum momento de sua vida, a partir do instante em que você passou a frequentar o Espiritismo Kardecista, você percebeu ou sentiu ter sido discriminado ou que teria sofrido algum tipo de intolerância religiosa, por se declarar espírita?

a) Sim: _____

b) Não: _____

c) Não sei: _____

9. Em algum momento de sua vida você percebeu que a sua religião, o espiritismo, sofreu discriminação ou percebeu sinais de intolerância contra ela?

a) Sim: _____

b) Não: _____

c) Não sei: _____

10. Você já se sentiu ou se sente desconfortável perante outra religião ou dos fiéis dessa religião?

a) Sim: _____ b) Não: _____ c) Não sei: _____

11. Você não se sente à vontade ou se sente constrangido em compartilhar espaços mais reservados com pessoas declaradamente adeptas de alguma outra religião?

a) Não: _____

b) Sim: _____

12. No caso de haver sentido (ou sentir) desconforto, você poderia dizer para qual(is) religião(ões) foi?

a) _____

13. Se, em hipótese, não houvesse mais espiritismo ou centros espíritas e você tivesse que optar por outra religião, qual você escolheria:

a) Católica

b) Evangélica

c) Pentecostal

d) Umbanda

e) Candomblé

f) Nenhuma

g) Outra religião(ões):

14. Na mesma hipótese da questão anterior, qual religião ou quais religiões você não escolheria em hipótese alguma:

Porque? _____

15. Considerando que todos nós somos, em alguma medida, intolerantes com alguma coisa, você se considera, ainda que um pouco só, intolerante para com alguma religião ou para com algum dos seguidores de alguma religião?

a) Não: _____

b) Sim: _____ Qual (is):

Observação:

É possível que essa pesquisa venha a ser confirmada para a verificação da veracidade do trabalho. Neste caso, e somente para este caso, você se importaria em fornecer um telefone ou o seu e-mail?

Tel: _____ E-mail: _____

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO B – Ficha de Assistência Espiritual - Passes
Anverso e Verso

Centro Espírita IRMÃO ALFREDO

R. Ribeiro do Vale, 120 - Brooklin Paulista - São Paulo - SP CEP 04568-000

Ficha de Assistência Espiritual

<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Data	Nº
<i>Código</i>	<i>Série</i>	<i>Entrevistador</i>	/ /	1
			/ /	2
			/ /	3
			/ /	4

Nome _____
Dia _____ Horário _____ : _____ h.
OBS.: _____

No livro "O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO" você encontrará as respostas para muitos dos seus problemas.

Ao término deste cartão, favor devolvê-lo para nova entrevista,

A assistência ESPIRITUAL, não dispensa o tratamento médico.

ANEXO D – Lei nº 9608 de 18/-2/1988

CÂMARA DOS DEPUTADOS
Centro de Documentação e Informação

LEI Nº 9.608, DE 18 DE FEVEREIRO DE 1998

Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte

Lei:

Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa. **("Caput" do artigo com redação dada pela Lei nº 13.297, de 16/6/2016)**

Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.

Art. 2º O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.
Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art. 3º-A **(Revogado pela Lei nº 11.692, de 10/6/2008, a partir de 1/1/2008)**

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 18 de fevereiro de 1998; 177º da Independência e 110º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Paulo Paiva

ANEXO E – Termo de Adesão ao Serviço Voluntário

Termo de Adesão ao Serviço Voluntário

Nome _____ Nacionalidade: _____

Estado Civil: _____ Identidade: _____ CPF _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cep: _____ Telefone: _____

Por intermédio do presente TERMO DE ADESÃO regido pela Lei no. 9608 de 18/02/98, comprometo-me a prestar serviços de natureza voluntária em favor do _____, entidade de fins

filantrópicos, CGCMF _____, que consistirão em:

1. Objeto: Toda e qualquer atividade realizada pelo _____, nas suas dependências ou fora delas.

2. Condições: Os serviços serão prestados em horários estabelecidos de comum acordo e sem controle de frequência, por prazo indeterminado, ficando as partes dispensadas de qualquer pré-aviso formal, que implique em qualquer espécie de indenização em caso de desinteresse na continuidade de relação advinda do presente Termo.

3. O voluntário, abaixo assinado, declara que:

- a) dentro das condições acima estipuladas possui disponibilidade de tempo e capacidade física e emocional para o desempenho das atividades com as quais ora se compromete;
- b) está ciente de que os serviços acima serão prestados de forma voluntária, sem percepção de remuneração, bem como da inexistência de vínculo empregatício, nem obrigações de natureza trabalhista, previdenciária ou afim;
- c) está ciente de que o ressarcimento de eventuais despesas, realizadas em razão do desempenho das atividades, somente será feito se as mesmas forem expressamente autorizadas por escrito, pela entidade beneficiada dos serviços, nos limites dessa autorização e mediante prestação de contas;
- d) na hipótese de o desempenho das atividades ora compromissadas vierem a acarretar danos a terceiros, se decorrentes do dolo ou culpa, manifesta ciência de que poderá ficar sujeito a arcar com os conseqüentes prejuízos.

4. Local onde o voluntário vai prestar o serviço:

(_____) _____

Cidade, _____ de _____ de _____

Assinatura do voluntário

Nome do responsável (voluntário menor de idade)

Responsável pela instituição

Assinatura do responsável pelo menor

Cargo

Testemunhas:

1. _____

2. _____